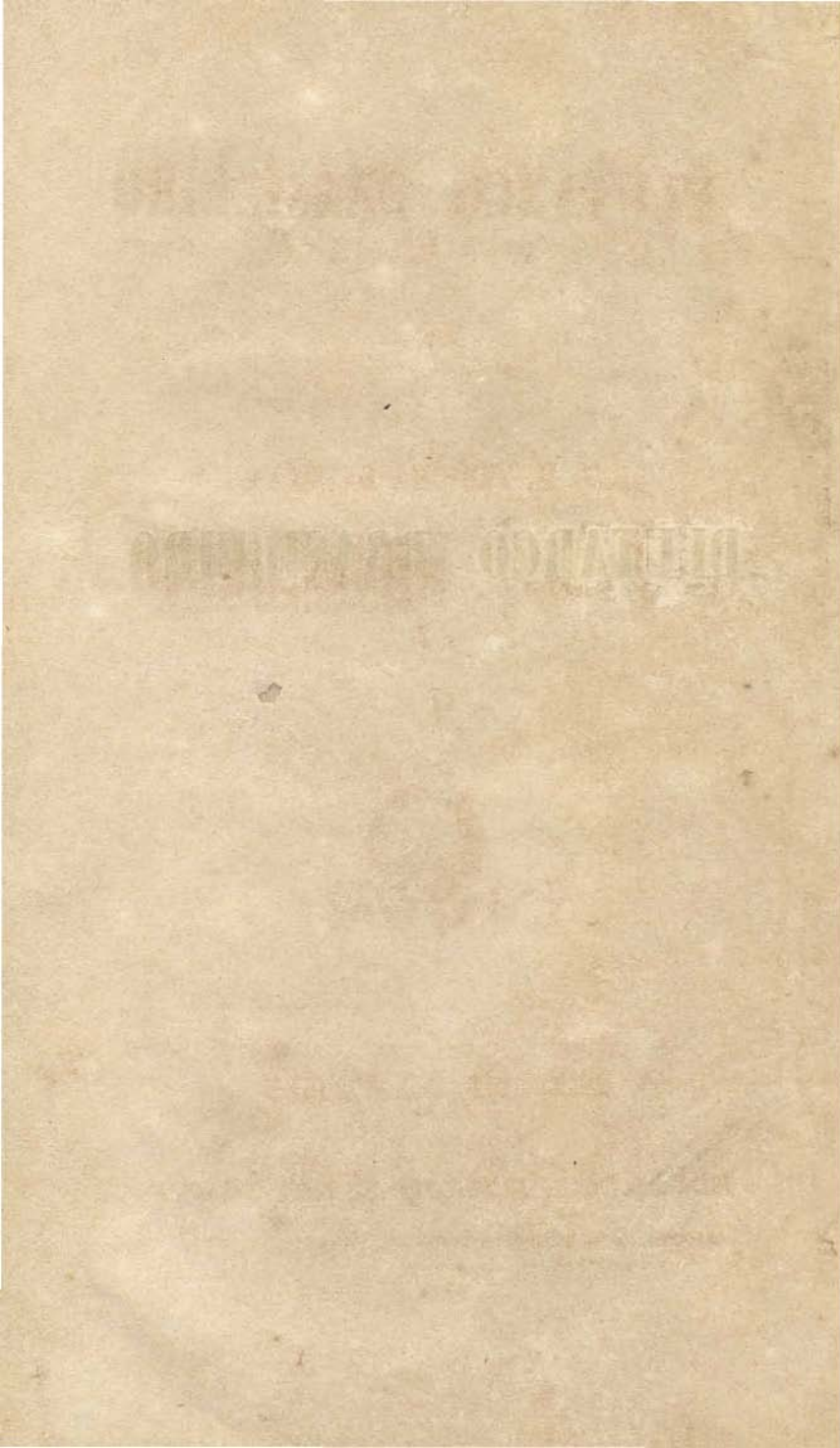






PLUTARCO BRASILEIRO

I



PLUTARCO BRASILEIRO

POR

J. M. PEREIRA DA SILVA

I



Livraria Sta. Thereza

Livros Novos e Usados

Rua do Arcebispo n.º 9

BAHIA

RIO DE JANEIRO

EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

RUA DA QUITANDA, N.º 77

1847

TIPOGR. UNIV. DE LAEMMERT
Rua do Lavradio, n.º 55.

A S. M. I.

O SENHOR DOM PEDRO SEGUNDO

©. D. e C.

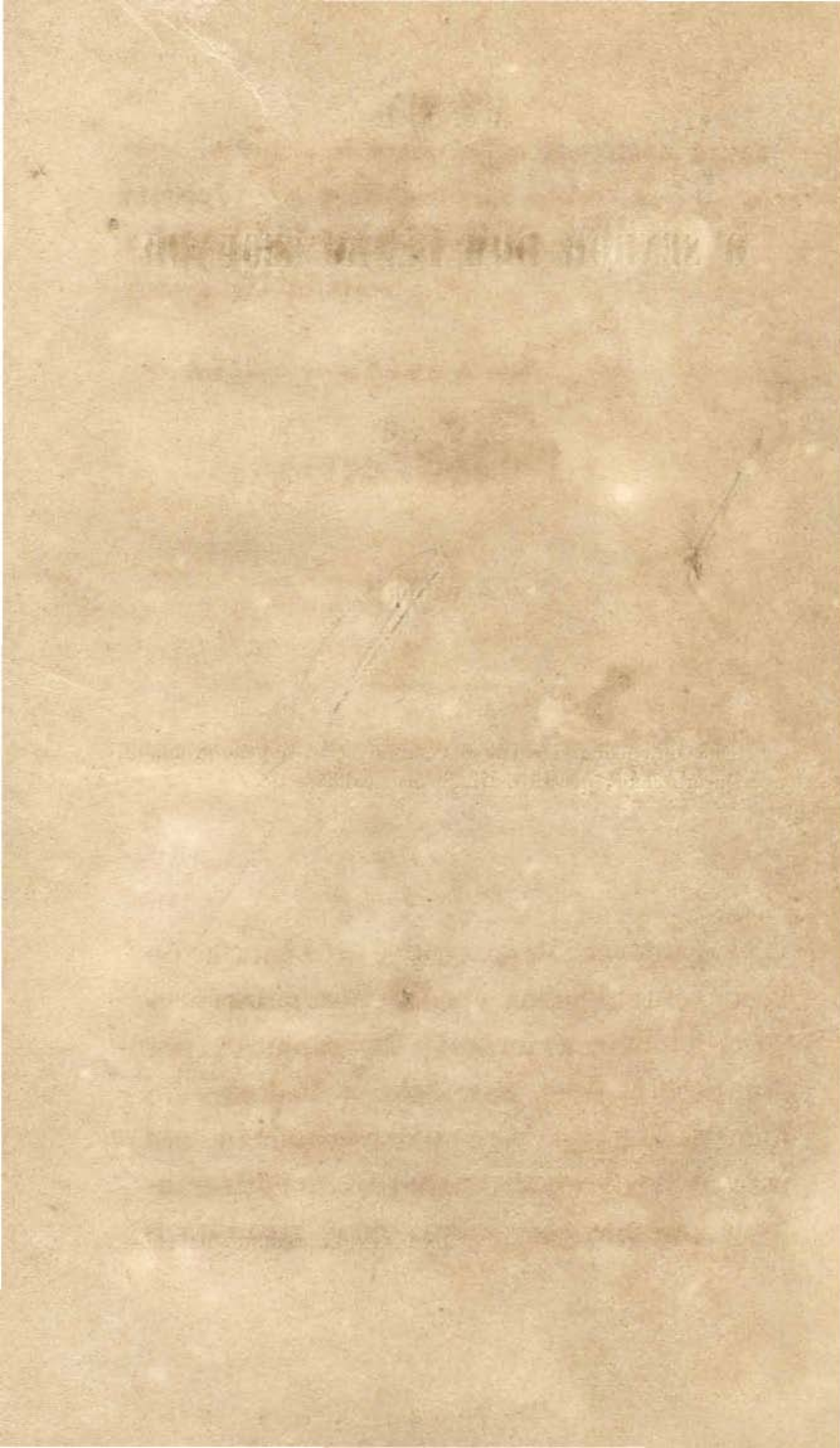
O AUCTOR

Esta Obra, como signal de alta consideração, respeito profundo,
e sincero amor, que LHE tributa na qualidade de

z. Subdito humilissimo

Rio de Janeiro, 1.º de Outubro de 1846.

JOÃO MANUEL PEREIRA DA SILVA.



PREFACIO.

O PLUTARCO BRAZILEIRO é a historia
Brazil em algumas épochas; o autor pre-
feriu adoptar a formula biographica, por
lhe parecer que narrando a historia dos
homens illustres do seu paiz conjuntamente
com as dos grandes successos, que tiveram
logar durante suas vidas, mais agradava a

seus leitores, e mais folgas lhe dava á sua
attenção: a novidade da obra parece-lhe
motivo sufficiente para merecer a indul-
gencia do publico.

Rio de Janeiro, 4.º de Outubro de 1846.

2.10
Bahia

PLUTARCO BRASILEIRO

I

JORGE DE ALBUQUERQUE COELHO

Em 23 de Abril de 1539, e em Olinda de Pernambuco, nasceu Jorge de Albuquerque Coelho, filho de Duarte Coelho Pereira, e de D. Brites de Albuquerque: era seu pai descendente da antiga linhagem portugueza dos Coelhos; pertencia sua mãe á familia illustre dos Albuquerque.

Duarte Coelho Pereira militára valorosamente na India, assistira ao combate e tomada de Malacca, e regressára á sua patria, em 1527, coberto de cicatrizes e de gloria. Para premio e recompensa de seus relevantes serviços, El-Rei D. João III, na distribuição das terras do Brazil, o aquinhoou com toda a costa circumscripta entre os rios de S. Francisco e de Santa Cruz de Iguaçu, por carta de doação datada de 10 de Abril de 1535, e foral de 24 de Outubro do mesmo anno.

Como aos demais donatarios, entre que se dividira o territorio do Brazil, era de sua obrigação cultivá-lo, povoá-lo, e conquistar as terras do

interior sobre os seus indigenas; tinha direito de nomear officiaes de justiça, de prover todos os empregos, e de usar das reaes regalias, menos em certos casos de morte, em cunhar moeda, e em negociar o páu Brazil; pagando no entretanto diversas imposições á corôa.

Duarte Coelho Pereira esquipou huma frota, n'ella embarcou-se com sua mulher e parentes, e deixou Lisboa, levando para a colonisação do seu feudo grande copia de casaes, e todos os precisos utensis para as explorações, e cultivo do terreno: estabeleceu sua capital em um levantado outeiro, coberto de verduras, e de frondoso arvoredos, no centro de uma extensa e alvadia praia, que se perde com o oceano, como — nos braços de seus amores: Olinda foi o nome, com que chamou a nova colonia, porque linda, e muito linda é a sua situaçào.

Não foi no emtanto tão facil sustentar-se no seu povoado, como o fôra no estabelecimento d'elle: os gentios Caethés acommetteram-no com desusada furia: valeram aos companheiros de Duarte Coelho Pereira a tactica e pericia do chefe, e a resignação e obediencia dos subordinados. Olinda cercou-se de muros de páu, que se transporiam difficulosamente; e todo o poder dos indigenas quebrava-se n'essa industria valorosa dos Portuguezes.

A victoria sorriu então aos gentios pelo assedio rigoroso, e elles o applicaram, que de mantimentos e de aguada não era abastecida a povoação: o

abbade Diogo Barboza Machado, na sua Bibliotheca Lusitana, Frey Antonio de Santa Maria Jaboatão, no seu Orbe Seraphico, e Frey Vicente do Salvador, em seu manuscripto sobre cousas de Pernambuco, de dacta de 1719, referem que foram salvos os Portuguezes pelo engenho de um Vasco Fernandes Lucena, que existindo ha muitos annos entre os indigenas, havendo escapado de um naufragio, e adoptado a vida errante dos seus hospedes (*), soube insinuar amores ás gentias pelos Portuguezes, e ellas, ás escondidas e de noite, levavam alimentos e vasos de agua aos sitiados de Olinda, passando-lhos pelos muros com que se defendiam.

Duarte Coelho venceu por fim os indigenas, e pôde gozar livremente do terreno, e estabelecer povoações e engenhos em derredor de Olinda: para completar sua obra, fez ainda cruzar seus navios pela costa da sua donataria, á fim de dificultar communições entre indigenas e Francezes, e cortar todo e qualquer alimento de zizania e intriga: por modo, que já com a força das armas, já pelos meios de brandura, obrigou os gentios á paz, e á conciliação.

(*) Como este facto é o de Diogo Alvares, conhecido por Caramurú, e que se salvou na Bahia; em a antiga capitania de S. Vicente, hoje S. Paulo, um semelhante acontecimento refere Frey Gaspar da Madre de Deus, nas suas Memorias, com outro Portuguez: Gabriel Soares, no seu Roteiro do Brasil — 1.^a part., cap. 9 — declara que tambem no Porto dos Busios fôra achado um Hespanhol por nome Diogo Paes, tão perfeitamente ligado com os gentios, que trazia furados os beiços, e adoptára outros costumes d'elles.

Por esse tempo lhe nasceram dous filhos, Duarte Coelho de Albuquerque, em 1537, e Jorge de Albuquerque Coelho, na época que já mencionamos: ambos em tenra idade foram mandados para Portugal, á fim de lá serem educados nas cousas que faziam então a educação de personagens nobres.

Duarte Coelho Pereira falleceu em Olinda em 7 de Agosto de 1554, tendo gozado da ventura de presenciar continuamente o engrandecimento e prosperidade de seus dominios: sua viuva tomou o governo da capitania; mas debeis eram suas forças de mulher para as immensas difficuldades da administração: os Caethés, já mortificados pelos máus tratamentos dos Portuguezes durante a administração da regente, já desareciosos d'aquelles a quem faltava o valoroso chefe, tornaram-se de novamente inimigos; foi a guerra tão cruenta, que em eminente perigo se achava a todo o instante a capital; de necessidade mandou-se buscar soccorros á Europa.

Acompanhados de força, que lhes prestou a Regente D. Catharina, que governava Portugal, na menoridade de seu filho D. Sebastião, partiram de Lisboa, em 1560, Duarte de Albuquerque Coelho, e Jorge de Albuquerque Coelho: ambos officiaes, e valorosos: Olinda existia como que em assedio; o terror se apoderava dos espiritos de todos os seus habitantes; o desanimo era geral. Duarte de Albuquerque cedeu a seu irmão o commando da força, porque os brios no

peito do mais moço dos irmãos eram já conhecidos e apreciados; e não foi errado calculo, porque Jorge de Albuquerque Coelho não só desbaratou completamente as hordas dos audaciosos indigenas, senão tambem estendeu os dominios, que pertenciam a seu irmão mais velho, por direito hereditario da fidalguia, muito além dos terrenos aonde chegára seu pai: entranhou-se pelos espessos sertões, subio o fermoso rio de S. Francisco, reconheceu e apoderou-se das suas margens, e durante cinco annos de guerra, acoçou os gentios, derrotou-os sempre, e com triumphos tão assinalados, ao passo que os reduzio ao temor dos Portuguezes, firmou de uma vez para sempre a segurança e paz da capitania.

Cumprida sua missão, regressou Jorge de Albuquerque Coelho, em 1565, para Lisboa, deixando o novo donatario na posse tranquilla do seu feudo: foi a viagem bem tormentosa; a náu Santo Antonio, em a qual se embarcára Jorge de Albuquerque, soffreu insulto dos mares, aprisionamentos e roubos dos Francezes, estragos das tempestades; por vezes viram submergida a náu no profundo pelago, contra o qual não podia ella resistir; por vezes sobre caxopos escapou de se despedaçar; e para complemento de males, a sêde e a fome apertaram os infelizes navegantes tanto, que já se nutriam com restos de pannos velhos; a constancia, o zelo, e o animo de Jorge de Albuquerque poupou lamentaveis desastres, que uns desesperados tentavam matar-se, e outros enlou-

quecidos pretendiam commetter barbaridades; Deus ouviu as vozes d'aquelles desgraçados; Deus os salvou, e a náu lá se foi encalhar nos baixios de Cascaes e proximidades do Tejo, e atirou em terra com gente, que parecia antes cadaveres do que homens vivos (*).

Jorge de Albuquerque Coelho entregou-se em Portugal ao exercicio das armas, como usavam os nobres d'essa época cavalheirosa; chegou ao posto de general; teve entradas no paço; fazia-se na côrte considerar tanto pelo seu valor, ardidez e sangue, como pela generosidade e franqueza do seu character: o povo o respeitava pelas suas acções caritativas, e seus briosos procedimentos: asseveram as chronicas da época, que elle recusára a El-Rei D. Sebastião, quando já maior, e dirigindo por si os negocios do reino, um lindo cavallo ruço, que obtivera em a cidade Evora, por elevado preço, declarando a El-Rei, que conservava o cavallo para o seu real serviço, e assim se não podia desapossar d'elle, sendo o unico que tinha, emquanto que El-Rei conseguiria tantos quantos lindos cavallos fossem de sua vontade (**).

Corria então memoravel e lugubre época para

(*) A *Hist. trag. Marit.* — Tomo 2.º — commemora minuciosamente toda esta desgraçada viagem da náu S. Antonio. — Um poeta brasileiro, Bento Teixeira Pinto, nascido em Pernambuco em 1560, e que ia a bordo, descreveu-a em versos e em prosa.

(**) Este acontecimento da recusa do cavallo ruço é minuciosamente recontado pelo Abbade Barboza, e Frey Antonio de St.ª Maria Jaboatão.

Portugal; o monarcha, a quem errada educação insinuára brios de procurar e affrontar perigos, e de perseguir a todos que não adoptavam e abraçavam o catholicismo, premeditou a conquista d'África, arrancando-a á crença do Profeta. Os maiores preparativos se fizeram para a expedição; os nobres Portuguezes ardiam de quebrar elmos de Agarenos, e de conquistar terras de infieis; Duarte de Albuquerque Coelho deixou Pernambuco, confiando a administração a seu tio Jeronymo de Albuquerque: unio-se á flôr da fidalguia, que devia acompanhar a seu Rei. Jorge de Albuquerque Coelho foi nomeado enfermeiro mór do exercito, e commandante de uma columna de cavallaria, ás ordens immediatas de D. Diogo de Souza.

Completos os preparativos, embarcou-se, em 1578, El-Rei, a nobreza e o exercito; Portugal ficou entregué a cinco governadores, o arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida, Pero de Alcaçova, Francisco de Sá, e D. João Mascarenhas: depois de tormentosa viagem, aportou a frota em Tangere.

Não cabe aqui descrever miudamente todos os graves acontecimentos, que tiveram lugar n'esta expedição famosa, que causou a ruína de uma das primeiras monarchias europeas; nós mesmos já a esboçámos em largos traços, mas fieis, na Chronica de Jeronymo Côrte-Real, que publicámos em 1840; uma ou outra pequena circumstancia apenas relevaremos, para completarmos

os successos da vida do illustre Brasileiro, que tão brilhantemente n'ella figurou.

A batalha foi no dia 4 de Agosto de 1578, nos campos de Alcacer-Quivir, entre as tropas portuguezas e o innumeravel exercito de Muley Moluco, rei de Fez, Marrocós e Trudante. O sol dardejava abrasadores raios, que pareciam incendiar a terra: D. Sebastião perdeu o cavallo atravessado pela bala inimiga: n'essa triste occurencia em que tanto perigo corria El-Rei, aliás bem conhecido pela côr original de suas armas, appareceu-lhe já todo ferido e ensanguentado, Jorge de Albuquerque Coelho, offereceu-lhe o bello ginete ruço, e lhe disse — que lho negára por vezes em Lisboa, para lho offerecer n'aquella crise angustiada: este caso commemorado por todos os historiadores, e especialmente por Miguel Leitão de Andrade, na sua varia historia, patenteia a grandeza d'alma e a rara fidelidade de Jorge de Albuquerque Coelho: o sacrificio foi-lhe prejudicial, porque brevemente um troço de inimigos o cercou, e o abandonou como morto no meio de um milheiro de cadaveres, que juncaram o campo da batalha: e nem com esse sacrificio se salvou o atrevido monarcha, que no combate sangui-nolento perdeu a corôa, e a vida, e a fortuna de sua patria.

O dia seguinte esclareceu espectaculo talvez mais lugubre: não era mais um combate de dous exercitos, em que se esvaía a vida no meio dos peloiros, ao tinir das armas, e exaltados os espi-

ritos de furor, vingança e entusiasmo; o campo estava coberto de cadaveres; o rio Lucco misturava de sangue suas limpidas aguas; o fetido da morte traspassava a atmosphera; e uma nuvem de salteadores atirava-se sobre esses desgraçados restos, rasgava as vestes tepidas e humidas, roubava a corpos inanimados os dinheiros e joias, que ainda guardavam, e carregava no meio dos risos infames, desapiedadas e indecifráveis alegrias, os despojos, que não a valentia e ardor dos combates lhe trouxeram, e sim a protervia e o crime ás occultas lhe conseguiram.

Felizmente que a Providencia divina faz ás vezes sahir do cumulo de males venturas inauditas: muitos individuos jaziam como mortos, que ainda o não eram, e a esperança de maiores lucros animou a essas harpias, que esvoaçavam por cima dos cadaveres, a salvar-lhes a vida e tomar d'elles cuidado, para os venderem como escravos, apenas voltados ao gozo da saude: um d'esses infelizes, que do combate e das ancias já da morte, se passou ao captiveiro de Mouros, foi Jorge de Albuquerque Coelho: que dôres, não já moraes, que essas galopavam-lhe no coração e na mente, como em turbilhão continuado, mas dôres phisicas, que resultavam-lhe das feridas que recebera! Soffreu longa e dolorosa operação nas pernas, resultando-lhe ficar aleijado, e para poder andar, foi obrigado á usar do recurso de muletas, em que se sustentasse e se amparasse.

Que vida essa a do captiveiro! E que captiveiro o de Mouros! — Foi o theatro e a pedra de toque de grandes almas de toda aquella época, em que continuada e mortifera lucta sustentavam os Portuguezes contra seus visinhos Mouros, nas terras e domínios africanos, como em vingança de haver já sido Portugal conquistado por elles, e por elles muitos annos possuido! Os campos Agarenos receberam tantas vezes copia immensa de cadaveres lusitanos, e cadaveres da flôr do reino, da mais pura nobreza, e até de sangue regio: talvez menos infeliz fosse a morte no encontro da batalha, — na ponta do gladio, — no perpassar da bala, do que — arrastar sua existencia na miseria a mais cruel e amarga, e ao som de ferros, que manietam pés e mãos, e que a cada instante estam clamando — captiveiro — captiveiro! — Ao menos, no campo da guerra, a morte vêm, — arrebatada sua presa, como o relampago, e — apoz esse momento de dôr — que é um só momento — a aureola de gloria colloca a memoria do finado no templo dos celebrisados heroes. No captiveiro porém, além dos sofrimentos physicos, além das dôres que agitam o corpo, além do peso dos ferros, do apertar das algemas, do bater dos instrumentos de castigo; além da fome e da sede que vai calando e minando a existencia; á imaginação sobem e fallam brios quebrados, orgulhos abatidos, glorias fanadas e futuro sem esperança!.. Erguem-se fantasticas reminiscencias de heroes,

que ali se finaram, e cujo prototypo é, sem contestação alguma, o infante D. Fernando, prisioneiro em 1438, e que preferio, martyr de sua patria, fenecer e morrer agrilhado entre infieis, á entregar-lhes Ceuta, conquistada pelos Portuguezes.

Com Jorge de Albuquerque Coelho foram captivos e martyres seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho, Jeronymo Côrte-Real (*), Manoel de Souza Coutinho (**), Luiz Pereira Brandão (***), e tantos outros Portuguezes illustres ou por sangue, ou por talentos e qualidades: Fez e Marrocos receberam grandes porções de christãos, que a batalha de Alcacer-Quivir atirou nas prisões e no captiveiro!

Como viveu Jorge de Albuquerque Coelho, durante o tempo de seu captiveiro, que não durou menos de dous annos, que o diga a imaginação capaz de fantazia-lo e pensa-lo: pesava-lhe o defeito physico, com que ficára marcado; mortificava-o a escravidão que soffria; e para cumulo de dôres e pezares como lembrar-se, sem que aos olhos lhe saltassem as lagrimas, não — a vida alegre, feliz e venturosa, que passára, mas — o

(*) Auctor do *Cerco de Diu* e do *Naufragio de Sepulveda*, admiráveis poemas.

(**) Conhecido pelo nome de Frey Luiz de Souza, auctor da *Vida de S. Bartholomeu dos Martyres*, e da *Chronica de S. Domingos*.

(***) Luiz Pereira Brandão, auctor do poema — *Elegiada* — em qual é esta batalha famosa perfeita e poeticamente desenhada.

desgraçado estado a que se reduziriam sua patria, e a donataria dos seus pais! como lembrar-se de que não podia mais batter-se em campo raso com inimigos, travar luctas, quebrar arnezes e ufanar-se de victorias e triumphos!

Essa afflicção, essa dôr, que não tem nome no hymno das dôres, mas que chega ao mais aperfeiçoado sôm a que se possa attingir; essas reminiscencias, que são crueis sacrificios que torturam o espirito humano, e o aniquilam completamente; essa ausencia de toda a esperanza, não — de salvar-se do captiveiro, e menos — de viver ainda, mas de — se prestar ao seu paiz, de servi-lo dedicadamente; — tudo isso emfim soffreu, na sua escravidão de Fez, o general Jorge de Albuquerque Coelho.

Resgatado, com muitos de seus companheiros de infortunio, á custa de pesadas sommas pecuniarias, que a caridade publica fornecia, e que esmolando conseguia a Ordem Religiosa, para esse sagrado fim instituida; sommas, com que se compravam entre Mouros os seus captivos; pôde Jorge de Albuquerque Coelho voltar a Portugal.

Mas que differença em Portugal! Como estava mudado!

Succedêra no throno Portuguez á D. Sebastião o sexagenario cardeal D. Henrique; 17 mezes depois expirára, deixando a corôa ambicionada por muitos pretendentes, dous dos quaes Portuguezes, a duqueza de Bragança, e D. Antonio,

prior do Crato; Felippe II, rei da Hespanha, mandou o duque d'Alva com um exercito, á assenhorear-se de Portugal, e á uni-lo á corôa Hespanhola; os Portuguezes estremeceram; bem poucos ousaram resistir á tão poderoso monarcha; a duqueza de Bragança recolheu-se ao silencio; o prior do Crato foi o unico que pegou em armas, e chamou Portuguezes ao combatte: infeliz porém foi, e Felippe II venceu; todos aquelles que, nutrido idéas de independencia, e odio ao jugo hespanhol, contra elle se declararam, ou unindo-se ao prior do Crato, ou sem desejar o governo de D. Antonio, almejando outro rei para Portugal, foram perseguidos, mortos, ou emigrados. Portugal acabára com D. Sebastião, nos campos de Alcacer-Quivir! A donataria de Pernambuco, pela morte de Duarte de Albuquerque Coelho, que lhe succedêra durante o captiveiro, veio a pertencer a Jorge de Albuquerque Coelho, em falta de descendentes directos de seu irmão; e lá os Hollandezes e Francezes causavam continuadas depredações, e se esforçavam de conquista-la!

E que podia fazer Jorge de Albuquerque Coelho? — Fôra soldado, ganhára louros em Pernambuco e na Africa; commandára exercitos; obtivera victorias! — Já essa vida não era para elle — a batalha de Alcacer-Quivir lhe não roubára a existencia, mas o deixára inhabilitado para os combates; brandir a espada não lhe cabia mais, e o

filho de Duarte Coelho, soldado afamado da Índia, podia contentar-se com a sorte do invalido?

Para consolar-se, chamou em seu auxilio a intelligencia, e ella lhe não faltou: escreveu importantes memorias das guerras do Brazil, durante as primeiras explorações, guerras, que elle dirigira, e como Cesar, desejava commentar e escrever: essas memorias, pelo juizo critico dos chronistas contemporaneos, ao passo que revelam o brilhante talento do seu autor, offereciam para aquella época as mais perfectas e verdadeiras noticias do estado do Brasil, e interessavam de bem perto aos estadistas portuguezes.

Felippe II ainda que conhecia o quanto lhe era opposto o animo de Jorge de Albuquerque, que soffria de vêr Portugal governado por monarchas estrangeiros, mostrou todavia grande apreço por essas memorias, e sollicitou do seu auctor, que continuasse a escreve-las para gloria sua, e da nação portugueza: para comprovar melhor a Jorge de Albuquerque Coelho sua regia consideração, offereceu-lhe alguma força, que elle podesse expedir para sua donataria, á fim de sustenta-la, e firma-la contra os ataques dos Hollandezes e Francezes, que a ambicionavam: Jorge de Albuquerque aceitou esse auxilio, e para o tornar mais efficaz, requereu, e obteve tambem, que com a força armada partissem religiosos menores de S. Francisco, alguns Carmelitas, e padres da Companhia de Jesus, certo de que os triumphos das

armas mais perfeitamente se consolidariam com os auxilios da religião, que chamando ao gremio da sociedade tantos gentios perdidos, augmentava o número do seu povo, e o moralisava com exemplos de virtude, e prédicas de moral.

Já que por si mesmo não podia mais, atravessando os caudalosos mares, tomar contas das redeas do governo, collocar-se á frente de seu povo, conduzi-lo á victoria, como tão gloriosamente o fizera na sua mocidade, ao menos, elle, —que tantos votos fazia pela prosperidade da terra que o viu nascer, e que vinha— doce e fantásticamente— susurrar em seus sonhos, dava-lhe de longe a melhor direcção, e satisfazia assim a seus patrioticos desejos.

E logo que á idade varonil chegou seu filho, Duarte de Albuquerque Coelho, que em Lisboa lhe nascêra, mandou-o a Pernambuco, como seu representante, como sua propria imagem, animar com sua presença seu povo, aprender a batalhar, a triumphar, a conhecer, e respeitar o solo feliz, que fôra patria de seu pai, e em que prodiga a natureza derramou tão soberbos beneficios de fertilidade de terra, de amenidade de clima, de pureza de ares, de saboroso de aguas, que o Eden dos poetas não lhe levaria as lampas.

A época do fallecimento de Jorge de Albuquerque Coelho é inteiramente ignorada; desde que regressou do captivo de Fez, não sahiu mais de Lisboa; n'essa cidade sem duvida teve lugar

a sua morte: os chronistas, que historiaram os successos de sua vida, não mencionaram o seu termo; o que se pôde saber é que ainda no anno de 1596 vivia Jorge de Albuquerque Coelho, general reformado do exercito portuguez, guerreiro coberto de cicatrizes e de gloria, litterato de talento e de erudição, e o primeiro dos Brasileiros illustres pela data de precedencia.

PADRE JOSÉ DE ANCHIETTA

§. 1.º

No seio do Oceano Atlantico, mais proximas da Africa do que da America, correndo de 26 a 30 gráus de latitude Norte, existem disseminadas, e como que symetricamente collocadas, umas vinte ilhas, de todas as dimensões, e da mais encantadora physionomia. Os Phenicios e os Romanos haviam-nas visitado; Stacio Seboso e o rey Juba tinham d'ellas perfeito conhecimento; Plinio e Ptolomeu descreveram-nas cumpridamente, dando-lhes o nome de — Ilhas Afortunadas. — Eram seus habitantes considerados descendentes dos Getulos e dos Lybios, em cujas visinhanças residiam.

Désque o Imperio Romano desmoronou-se, e desapareceu na noite dos tempos, a Europa perdeu o conhecimento d'estas ilhas; seculos e seculos decorreram, té que uns aventureiros castelhanos, pelo meiado do anno de 1395, casual-

mente as descobriram. D. Henrique III, então rey de Castella, denominou-as — Canarias —, e d'ellas fez doação a um barão da Normandia, chamado João de Bittancourt, para as gozar como feudo de sua monarchia.

João de Bittancourt teve que sustentar continuadas guerras contra os habitantes das ilhas; cansado, e exausto de forças, vendeu, pelos annos de 1416 a 1420, o seu direito e posse sobre ellas a D. Henrique de Viseu, Infante de Portugal, e filho d'El-Rey D. João I. Seguiram-se ainda luctas sanguinarias entre os conquistadores e os indigenas; mas por fim, estes completamente vencidos, se submeteram; e o archipelago das Canarias tornou-se indisputavel possessão da corôa hespanhola, reynando ainda D. Fernando e D. Isabel.

Teneriffa é uma d'essas ilhas, a maior, a mais cultivada, a mais populosa; a quarenta leguas de distancia, do centro do Oceano, quando o horizonte está sereno e puro, e nem uma nuvem mancha a claridade do dia, — atravez de uma atmosphera saudavel e limpida, — uma elevada montanha, de origem volcanica, ergue magestosamente sua cabeça, e some-a nas immensuraveis alturas aonde não alcança a vista humana; é o — pico de Teneriffa, collocado onze mil quatrocentos e vinte quatro pés acima do nivel do mar.

Quando Carlos V de Gand, neto e successor de D. Fernando e D. Isabel, tomou posse, em 1516, do throno das Hespanhas, uma sedição lavrou

em todo o reyno. Ximenes, o cardeal ministro, que, durante o preterito reinado, tanto elevára a gloria da Hespanha; Ximenes, que animára Christovão Colombo nas suas brilhantes expedições, e conseguira expellir para sempre da Europa os cavalheirosos Arabes, tomando-lhes o seu ultimo reducto de Granada; Ximenes foi exilado, proscripto, e na miseria — se finou; João de Padilha, que á testa dos Communeros ousára attacar o novo monarcha, morreu sentenciado; grande parte da nobreza emigrou da Hespanha, e refugiou-se nos visinhos estados.

Um Anchietta, de linhagem pura de Guipuzcôa, e de sangue Biscainho, veio para Teneriffa; pertencia aos communeros, e emigrava tambem da sua patria. Em Teneriffa encontrou repouso, estabeleceu-se, casou-se, e de suas passadas grandezas foi-se pouco e pouco esquecendo; as saudades e memorias são verdadeiras flôres, e — como flôres, desbotam-se e murcham.

Em 1533 nasceu José de Anchietta, fructo do matrimonio de um nobre Hespanhol e de uma indigena das Canarias.

Foi sua educação dirigida por seu pai; desde a infancia, dos labios paternos bebeu a instrucção moral e religiosa, que um homem de bons costumes sôe dar, e que um joven de indole pura sabe receber; aprendeu a ler e a fallar sua lingua com seu pai; aprendeu tambem com elle os rudimentos da lingua latina, as explicações da doutrina christã, e alguns visos longes de littera-

tura, tanta quanta possuia um nobre Hespanhol, n'aquella celebrisada época do cavalherismo.

Logo que se lhe foi desenvolvendo a intelligencia, José de Anchieta revelou grandes talentos, e prometeu as mais lisongeiras esperanças: perspicaz e engenhoso, aprendia com rara facilidade, e comprehendia perfeitamente cousas, que parecem apenas comprehensíveis em edades mais avançadas que a sua; provava assim quanta razão tinha o philosopho Schelling para dizer que — « o espirito divino dorme na planta, sonha no animal, e vive acordado no homem » — sisudo e pensador, ao passo que estudava os livros escriptos pelos homens, folgava de procurar a solidão, de entrar-se pelos penedos de sua ilha natal, de abrir o livro da natureza, que contém muito mais sublimes paginas; desdobrava uma, — seus olhos encontravam o grande e admiravel panorama do céu; voltava a outra, — em torno d'elle o oceano magestosamente se estendia, vasto e immenso, — como a eternidade.

Como não havia sua alma de harmonisar-se com a natureza, si dèsque o primeiro som da harpa da vida lhe fallou aos ouvidos, a grandeza das obras de Deus se lhe manifestou aos olhos? O céu, o mar, e a sua ilha natal pareciam-se tres irmãs, que se abraçavam e se beijavam; reuniam-se em torno d'elle todos os esplendores mysteriosos da magestade divina, desde a planta que vegeta, desde o passarinho que gorgeia os seus amores, desde a vaga que murmura sobre o rochedo,

desde a brisa que enverga os ramos das arvores, até o mais elevado phenomeno da vida.

O velho communero leu perfeitamente no coração e na intelligencia de seu filho; conheceu a fortaleza de sua alma, e a transcendencia de seu engenho; tratou de dar o necessario desenvolvimento a tão preciosas qualidades.

Já então era conhecida a universidade de Coimbra, fundada em 1290 por El-Rey D. Diniz, e amelhorada por El-Rey D. João III, que para ella chamára os sabios irmãos Gouveias, Diogo de Teyve, e Buchanã; rivalisava na sciencia com Salamanca; mas para a Hespanha não quiz Anchietta enviar seu filho, que em cambio de sciencia não desejava comprometter sua vida; dirigio-o para Coimbra. Quando José de Anchietta deixou seus pais, e sua ilha natal, tinha apenas quatorze annos de idade!

Em Coimbra José de Anchietta entregou-se inteiramente ao estudo; era sua moral a mais elevada, seus costumes os mais respeitados, e sua religião a mais profunda e sincera; seus actos universitarios attrahiram-lhe nomeada publica e estima de seus mestres: o som harmonioso de sua voz, a delicadeza de suas expressões, a agudeza de seus pensamentos, e a eloquencia de suas praticas, foram geralmente admirados.

Os Jesuitas tiveram noticia dos elevados talentos de José de Anchietta; o provincial Simão Rodrigues percebeu quanto ganharia a Companhia com a acquisição de um estudante já tão celebri-

sado. Costume já era entre os Jesuitas attrahir a seu gremio todas as intelligencias superiores, na previdencia do futuro do seu instituto. O provincial tratou de convencer, por todos os meios, a José de Anchieta, que nem uma carreira mais propria e gloriosa se lhe podia abrir, do que a da Companhia de Jesus.

Havia sido esta Companhia fundada em 1534 por Ignacio de Loyola, Hespanhol de tanto valor pessoal, como de subido engenho: em 1540, obtendo bullas apostolicas do papa Paulo III, sancionando sua instituição, deu-lhe o fundador a organização a mais feliz e admiravel. A séde, capital ou centro da Companhia, foi Roma, residencia do Geral, autoridade absoluta e illustrada; o pontifice romano era o chefe da christandade; — o Geral dos Jesuitas era o chefe da Companhia: — a christandade comprehendia a maior parte do mundo então conhecido; — a Companhia estendeu tambem sua influencia na maior parte do globo, enviando missões e fundando institutos em Fez, Congo, China, Japão, Marrocos, Portugal, Allemanha, Hespanha, França e Paizes-Baixos: — o Papa tinha o seu collegio de cardeaes; — o Geral cercava-se dos seus consultores. — O papa dividia os seus dominios em arcebispados e bispados; — o Geral fazia de cada reyno uma provincia, á testa de cada provincia collocava um chefe, com o nome de Provincial, que lhe era inteiramente subordinado; cada provincia dividia-se ainda em collegios com seus reitores, prestando obediencia

ao provincial. — O Papa costumava mandar syndicar por emissarios de sua confiança os acontecimentos da sua grey, e o comportamento de seus prelados; — o Geral nomeava tambem, e quando lhe convinha, padres visitadores, que viajavam o mundo, e lhe participavam todos os successos. — O Papa e o Geral dos Jesuitas foram então as maiores potestades da época, porque a religião catholica por toda a parte dominava, e ambos se mostravam movidos do mesmo interesse de sustenta-la e propaga-la.

Os Jesuitas recrutavam para sua companhia os maiores talentos que appareciam; abriam aulas de instrucção primaria, secundaria e superior, quer para os membros da associação, quer tambem, e gratuitamente, para o povo; soccorriam a todos os infelizes e necessitados; pregavam por toda a parte obediencia ás autoridades, respeito á lei, amor á religião; apoz as affeições, as sympathias e as gratidões, popularisava-se a reputação da Companhia, e se estendia a sua influencia.

D. João III succedêra no throno portuguez em 1522 a El-Rei D. Manoel o Afortunado: foi um dos monarchas da Europa, que mais protegeram a Companhia de Jesus; deu-lhe pensões do thesouro publico; concedeu-lhe privilegios para seu instituto; e aos seus Estados Asiaticos, Africanos e Americanos, foi-lhe ampla a liberdade de enviar suas missões, fundar seus collegios, e dirigir o culto catholico e a instrucção publica.

Era então a nação portugueza a mais pequena em territorio da Europa, porém uma das mais poderosas pelo seu commercio, navegação, riqueza e dominios coloniaes. Dêsque o infante D. Henrique de Viseu emprehendeu expedições maritimas, e já á sua custa, já a expensas do real erario, conseguiu descobrimentos importantissimos para a corôa e para o paiz; os Portuguezes se enthusiasmaram por conquistas e viagens, e não contentes com o sorrir da victoria pelas terras dos Agarenos de Fez, Marrocos e Tunis, atiraram-se denodadamente aos mares, e d'entre elles, — como feiticeiros, — levantaram novos mundos até então ignorados.

As ilhas da Madeira, Porto-Seguro, Açôres, S. Thomaz, Cabo-Verde e Annobom, toda a costa do Congo e Mina, foram por elles encontradas; muito além do Cabo Bojador, o formidavel promontorio, que Bartholomeu Dias avistára pela primeira vez, — dobrou-o Vasco da Gama, e abriu a seus compatriotas espantados o immenso e colossal commercio da India. Pedro Alvares Cabral, para completar tão gloriosa collecção de riquezas admiraveis e novas, dotou ainda seu paiz com o magnifico continente do Brazil, que aos 22 de Abril de 1500 inespe-radamente descobrira.

Por toda a parte a bandeira portugueza tremulava victoriosa; em Gôa, Sofala, Diú, Damão, Ceuta, Tangere, Ceylão, Alzira, Moçambique, Mascate, Melinda, Ormuz, Calicut, Malacca, Su-

matra, Borneo, Timor e Java, a pericia de D. Affonso de Albuquerque, a ardidez de D. Francisco de Almeida, e o valor denodado de D. Duarte Pacheco, elevaram ao apogeo de grandeza o nome, e o dominio dos Portuguezes.

E não importava que esses homens, em cujas veias parecia correr o sangue, e no espirito scintillar o fogo dos heróes de antigas eras, morressem quasi todos abandonados pela ingratição, e atirados na maior miseria; a terra de Portugal era então propria de grandes homens; — nasciam novos para substituir os antigos; como as phenix, — heróes renasciam das cinzas de outros heróes; e — se um ou outro, como Fernão de Magalhães, cansado de perseguições, corria a alistar-se sob estandartes de estranhos monarchas, sobravam os Fernãos Mendes Pinto, os Antonios Galvões, os Gonsalos Mendes Caçotos, os Joãoes de Castro, e os Luizos de Camões, para garantirem a lealdade Lusitana.

A gloria da nação Portugueza brilhava, e resplandecia por todo o mundo; e os Jesuitas, que, desde sua appareição, tomaram parte indirecta, mas activa, nos negocios publicos, e movidos de zelo apostolico, ardiam de levar aos confins do universo a propagação do christianismo, incitavam ainda o monarcha e o povo para esses immensos descobrimentos, cuja historia conserva ainda nos nossos tempos tanto de poetico quanto de grandioso. Os Jesuitas acompanhavam todas as expedições maritimas, para fundarem ao

pé da conquista da espada a conquista da religião.

Como poderia José de Anchieta, alma pura, religiosa, e entusiastica, recusar-se a pertencer a uma Companhia, cuja reputação se havia solidamente estabelecido, e cujo fim tão harmoniosamente lhe fallava ao coração? — Os Jesuitas o procuraram, — elle se entregou á Companhia; exigiram-lhe o voto de castidade, — elle o fez sem a menor repugnancia; — impuzeram-lhe o juramento de abandono do mundo e de fidelidade á instituição, — elle o prestou com toda a sinceridade de sua alma; — foi em 1551, e na idade de desoito annos, que entrou José de Anchieta para a Companhia, tomando o primeiro gráu de noviço.

Dando-se credito á chronica do padre Balthazar Telles (*), ás historias dos padres Simão de Vasconcellos (**), Eusebio de Nurembergue (***), Nicolau Orlandini (****), e Pedro Rodrigues (*****), e á vida de José de Anchieta, que do latim de Sebastião Beretario trasladou em castelhano o padre Estevam de Paternina (*****), houve um verdadeiro milagre de Deus, que convenceu e

(*) Chronica da Companhia de Jesus, por Balthazar Telles, Provincial de Portugal, e chronista da ordem. Tomo 2.º

(**) Vida do Veneravel Padre José de Anchieta, por Simão de Vasconcellos.

(***) Varões illustres da Companhia de Jesus, por Euzebio de Nurembergue.

(****) Chronicas da Companhia de Jesus, por Nicolau Orlandini.

(*****) Chronica da Companhia de Jesus, por Pedro Rodrigues.

(*****) Vida de José de Anchieta, por Estevam de Paternina.

inspirou o zelo, e fervor religioso de José de Anchieta, em occasião, em que passeava pelas alegres margens do Mondego, arrastando-o perante os altares da igreja da Companhia de Jesus, e insinuando-lhe a entrar immediatamente para ella.

§ 2.º

A Companhia de Jesus abriu seus thesouros litterarios ao noviço, que anciava instruir-se; a eloquencia, a poesia, a historia, as linguas mortas, e a theologia, tudo em pouco tempo tornou-se familiar a uma intelligencia tão perfeitamente organisada, como era a de José de Anchieta. A Companhia porém não se contentava com os dotes do espirito; exigia tambem — obras: tinha em seu seio sujeitos os mais instruidos da época; mas exigia que — elles fossem tambem homens de trabalho material; a Companhia precisava estender sua influencia, corresponder ás vistas do seu fundador, e levantar monumentos do seu poderio em todos os pontos do universo.

Á India fôra enviado o padre Francisco Xavier, que uma importante nomeada grangeou, e cuja vida, toda eivada de gloriosos feitos, escreveu tão eloquentemente o padre João de Lucena; ao Brazil, apenas El-Rey, em 1549, centralizou o

governo nas mãos de Thomé de Sousa, e o mandou tomar conta da administração de todo o continente, a Companhia expediu os padres Manuel de Nobrega, João de Aspicuelta Navarro, e alguns outros Jesuitas, para accompanharem o governador, fundarem seus collegios no novo dominio da Corôa Portugueza, e admittirem ao gremio da igreja catholica os seus indigenas, que uma bulla de 1537 do papa Paulo III declarára homens racionaes (*).

As noticias, que do resultado d'esta primeira expedição chegaram ao Provincial de Portugal, e que por elle foram transmittidas fielmente ao Geral da Companhia, enthusiasmaram os Jesuitas. Os feitos praticados por seus irmãos entre tribus nomades e errantes de gentios, que habitavam o paiz; os triumphos que alcançavam em prol da religião, attrahindo, com a influencia da palayra, e com a modestia de suas obras, a tantas ovelhas desgarradas do rebanho do verdadeiro Deus, — incitavam entre elles brios de passar-se ao Brazil, e ao mesmo tempo provavam a necessidade de dar-se á Companhia organização mais regular, e mais ampla no novo estado.

O Geral Ignacio de Loyola declarou provincia ao Brazil, e tornou-a independente da provincia

(*) Frei Agostinho de Avilla, na sua Historia do Mexico, e o bispo de Chiappa, D. Bartholomeu de Casas, são os auctores, que transcreveram esta bulla celebre.

de Portugal: nomeou o padre Manuel da Nobrega Provincial; e deu ordens para se enviarem de Portugal e da Hespanha maior numero de Jesuitas para tão importante missão.

Em 1553 partio de Lisboa D. Duarte da Costa, para substituir no governo do Brazil a Thomé de Sousa, que findára seu quatriennio, e se devia recolher a Portugal. Com o novo governador se embarcaram os Jesuitas Luiz da Grã, Braz Lourenço, Antonio Pires, e muitos ainda no gráu de irmãos, entre os quaes se contava José de Anchieta, que, ardendo de ambição de passar-se ao Brazil, conseguira dos seus superiores realisar seus desejos.

Thomé de Sousa, primeiro governador do Brazil, e esforçado cavalleiro das guerras d'África e d'Ásia, importantes serviços havia prestado á Corôa durante sua administração no Brazil: quando em 1549 chegou á Bahia, achou o paiz retalhado em pequenos feudos, com o titulo de donatarias; os donatarios, pela maior parte, haviam sido infelizes; uns perderam todas as suas riquezas, outros a sua vida, procurando, no meio de bravias nações de gentios, formar estabelecimentos, que continua e desapiedadamente soffriam de atraçoeiros combates, e inesperados assaltos dos indigenas: muitos nomes celebres da historia portugueza viram no Brazil desaparecer sua gloria, e murchar seus loiros, tão valentemente colhidos nas guerras d'Ásia e d'África. Francisco Pereira Coutinho, donatario

da Bahia (*), e Ayres da Cunha, de uma capitania do Norte (**), morreram a frechadas; Pedro do Campo Tourinho, donatario do Porto Seguro; Vasco Fernandes Coutinho, do Espirito Sancto; Pero Lopes de Sousa, de Itamaracá e Sancto Amaro; Pedro de Góes, de S. Thomé; e João de Barros, do Maranhão, perderam toda a sua fortuna (***).

Eram pequenos estados, sem força para resistir ao crecido numero de gentios, distantes uns dos outros, zelosos uns dos outros, e não se podendo mesmo mutuamente soccorrer: foi lembrança feliz de D. João III chamar esses feudos á corôa, indemnizando seus proprietarios, ou successores; centralisar o governo de todo o immenso continente de Santa Cruz nas mãos de um só homem; e assim collocar-se directamente o throno á frente da colonisação do novo Estado.

D. Duarte da Costa achou unidade e regularidade na administração; encontrou os gentios vizinhos accommodados, e em paz com os Portuguezes,

(*) Foi barbara e traidoramente assassinado a frechadas pelos Tupinambás da ilha de Itaparica.

(**) Os nomes de nove donatarios mencionam unicamente as chronicas, sendo o ultimo do Norte o celebre historiador João de Barros, cuja capitania seguia da Bahia da Traição para o Norte; o Sr. Francisco Adolpho Varnhagen, nas suas reflexões sobre a obra de Gabriel Soares, aponta os nomes de mais tres, um dos quaes é Ayres da Cunha, que teve foral de 11 de Março de 1535.

(***) Martim Affonso de Souza, donatario de S. Vicente, e Duarte Coelho de Pernambuco, são talvez os unicos donatarios que nada perderam.

e o governo habilitado para resistir aos ataques d'aquelles que lhe eram infensos; e o que é mais precioso para uma auctoridade — immensa força moral a rodeiava, e fazia-a respeitar de todas as nações Brazilicas.

E não era só devido ao valor, e á espada, esse resultado vantajoso aos interesses da monarchia Luzitana; se os soldados e os colonos bem serviam ao governador, ganhando-lhe terrenos, e estendendo o seu dominio, os feitos dos padres da Companhia de Jesus, iguaes senão superiores vantagens traziam á corôa.

Os Jesuitas viviam de esmolas, vestiam-se de algodão, andavam descalços, trabalhavam com suas proprias mãos na edificação de seus collegios, e das suas igrejas; abriam escolas gratuitas de instrucção primaria; ensinavam officios mechanicos; praticavam a medicina e a cirurgia; e consolavam e soccorriam os infelizes e afflictos colonos, nos seus transes amargurados.

E para as nações indigenas, os padres da Companhia eram considerados como Anjos: elles salvavam os gentios, quando alguns Portuguezes os pretendiam maltratar; atravessavam as virgens mattas, aonde nem o sol nem a lua advinham caminho; passavam caudalosos rios; iam pousar nas suas tabas (*); serviam-se de suas inis (**); assistiam ás suas festas, animadas pelo chocalho

(*) Aldeias.

(**) Redes de algodão.

sonoro das suas maraccas (*); praticavam com elles e esforçavam-se de arranca-los a seus barbaros costumes, de chama-los ao gremio da religião catholica, e de estabelecer paz com os Portuguezes.

Aspicuelta Navarro tinha-se dirigido para o Porto Seguro, e lá conciliava os Tupiniquins; Antonio Pires, em Pernambuco, chamava á união os sinceros Taboyaras, os ferozes Caethés, e os valentes Pittaguarés da Parahyba; no Espirito Sancto, Affonso Braz era o nucleo, que reunia os Papanases e os seus compatriotas; Leonardo Nunes, e Manoel de Paiva estabeleceram-se em S. Vicente, e ahí empregavam toda a sua actividade em abrandar os Carijós e Goyannases, vizinhos dos altivos Tamoyos do Rio de Janeiro; na Bahia, o Provincial, e os padres Francisco Pires, e Luiz da Grã, tranquillisaram os Tupinambás, que tantas queixas tinham dos Portuguezes.

E não era facil tarefa essa de fazer adormecer em animos incultos odios nascidos de affrontas, que haviam recebido; tantos mais obstaculos encontravam os Jesuitas, quanto os Portuguezes tinham entre os Brazis (**) pessima nomeada pelos seus feitos e traições.

José de Anchieta tinha vinte annos, quando abandonou a Europa, e se entregou todo ao Brazil; — até ali puro e religioso entusiasmo o

(*) Instrumentos que usavam tanto para objectos religiosos como para as festas particulares.

(**) Brazis, e não Brasileiros, dizem todas as chronicas.

animava; não conhecia gloria maior do que essa de fallar ás convicções, e de propagar o christianismo; para consegui-la, tudo deixou; primeiramente trocou o mundo pela vida trabalhosa de Jesuita; depois, — desamparou a terra civilisada pela inculta, o commercio dos homens industriosos, e instruidos, pela pratica de selvagens sem lei e sem Deus; e — acima de seu paiz, de seus pais, de seus amigos, de sua ventura terrestre, de seu repouso de corpo e de espirito, elevou — objecto para elle de mais valor — o serviço de Deus.

Que admiração não devia ser a sua, quando a seus olhos curiosos descortinou esta terra do Brazil todos os seus esplendores, e todos os seus encantos? — Não era mister imaginação poetica, como a tinha José de Anchietta; bastava olhar e gozar. — E apóz a admiração veio o amor — e elle começou a amar esta terra, que o extasiava, e por ella disse um eterno adeus á Europa, e — á sua ilha de Teneriffa.

Poucos mezes demorou-se na Bahia: já a Companhia, na antiga capital do Brazil, havia fundado um seminario de instrucção primaria; obreiros intelligentes e decididos o dirigiam; o provincial, que se achava então em S. Vicente, julgou que aproveitaria melhor os talentos de José de Anchietta, chamando-o para esta capitania, e com elle organisando, e fundando um segundo seminario de instrucção.

Bem tormentosa e difficil foi a viagem da Bahia para S. Vicente; naufragou nos Abrolhos o

navio; no Espirito Sancto, depois de inauditos padecimentos, salvaram-se os navegantes; ahi se demoraram até que outro navio os conduziu ao seu destino.

Em S. Vicente, tratou immediatamente José de Anchieta de cumprir sua missão e de corresponder ás vistas do provincial; n'esses bellos e arejados campos de Piratininga, estendidos em algumas leguas de mares de formosas planicies, povoados de elegantes arvores, e retalhados de rios os mais pictorescos, estabeleceu-se e fundou-se o segundo collegio regular do Brazil, quasi ao findar do anno de 1544: eram suas aulas de primeiras letras, de grammatica Portugueza, das linguas Castelhana, Latina e Brazilica, e de doutrina christãa, destinadas não sómente para colonos e mamelucos (*), senão tambem para os gentios que se cathequisassem, e se aldeiassem.

José de Anchieta foi um dos mestres, e quasi o unico; por falta de pessoas, que regessem todas as aulas, encarregou-se de ensinar latim, castelhano e doutrina christãa; poucos mezes depois, conhecendo-se habilitado na lingua Brazilica, a cujo estudo se dera com toda a força de sua intelligencia, abriu tambem esta aula. Era o trabalho excessivo; diariamente escrevia José de Anchieta quadernos nas quatro linguas, Portugueza, Castelhana, Latina e Brazilica, para mais facilmente levar á comprehensão de seus

(*) Mestiços.

discipulos as suas licções; obrigava-os a estudar por estes quadernos, e assim, ao passo que supria a falta que havia de livros, usava de methodo mais facil de ensino: foi de então que elle escreveu a sua grammatica da lingua Brazilica, que é ainda hoje considerada a melhor, e a mais completa (*).

A actividade de José de Anchietta foi mais longe ainda; para melhor fallar á imaginação de seus discipulos, para avivar-lhes a curiosidade, incitar-lhes o gosto, e desenvolver seu espirito religioso, — compunha versos, e cantigas, alguns sobre objectos mundanos, mas sempre baseados em um fundo de moral, e outros inteiramente religiosos, pintando os mysterios do catholicismo; e o que sobremaneira revela o seu genio poetico, é que escreveu nas linguas Brazilica e Portugueza grande numero de dialogos, a que dava o titulo de Comedias, e que fazia recitar, ou representar nas vesperas do jubileu da festa de Jesus Christo, reunindo todo o povo para presenciar o espectáculo: esses dialogos pintavam a immoralidade e vicios d'aquelles habitantes, que não tinham até ali querido reformar seus costumes; representando-os perante todos, publicando seus nomes,

(*) O Jesuita Antonio Pereira, nascido em 1641 no Maranhão, e que foi sujeito instruido, e grande missionario, tendo morrido a frexadas dos gentios do Norte, quando os procurava, para cathequiza-los, escreveu tambem tratados da lingua Brazilica, com um vocabulario, os quaes são complemento das obras de José de Anchietta.

esforçava-se o auctor de corrigi-los e emenda-los.

Pesando esses dialogos na balança da illustração moderna, de certo que outro não pôde ser seu merecimento afóra o fim religioso e moral a que se dirigiam; notando porém não só a civilisação da época, em que foram compostos, senão tambem o logar remoto, em que se escreveram, ha muito que admirar no engenho do seu auctor; a imprensa em Portugal tinha sido introduzida, pelo anno de 1460, e na cidade de Leiria; não eram numerosos ainda os auctores comicos da lingua; apenas Gil Vicente, Antonio Prestes, e Francisco Sá de Miranda, haviam escripto dramaticas composições cheias de talento, e de poesia, mas ainda muito irregulares, sendo antes reminiscencias das litteraturas grega e romana, imitações de Plauto, de Terencio, e de Menandro, do que verdadeiras composições dramaticas, nas quaes — livre deve ser a inspiração, — livre seu desenvolvimento, e — livres seus meios de acção.

E que se pôde exigir de um homem, que deixou, ainda moço, Portugal, e n'esta terra do Brazil, cercado então de selvagens indigenas, de colonos sem instrucção, existia no meio, por assim dizer, da barbaria? Procurou traçar esses dialogos, como meio de moralisar o povo; seu intuito foi realisado; e que autos sagrados, por mais engenhosamente escriptos, dos que se representavam em algumas côrtes de principes e reys da Europa d'essa época, que se pôde intitu-

lar do — renascimento das letras, eram superiores aos dialogos de José de Anchietta?

Esses autos, dialogos, ou comedias, provavam o subido engenho do seu auctor; causavam profunda sensação entre os seus ouvintes; e continham bastante originalidade, porque os autos, que se representavam nas côrtes de França, de Hespanha e de Italia, tratavam unicamente de assumptos religiosos; emquanto que os dialogos de José de Anchietta, confundindo o profano com o sagrado, os actos da vida humana com os julgamentos da potestade divina, agradavam, e moralisavam.

A fama, que de seus trabalhos lhe resultou, foi immensa; não só os Europeus o estimavam e respeitavam; não só os mamelucos o veneravam; senão tambem os gentios deixavam suas tabas e suas florestas, e corriam a ouvi-lo; e quantos prodigios, que as chronicas do tempo chamam milagres, praticou José de Anchietta por entre esses selvagens? Quantas vezes os ia elle em pessoa procurar, conversava com seus mosacaz (*), e conseguia, pela sua eloquencia, converte-los á verdadeira religião, e chama-los á vida civil?

Com o tempo, e a experiencia, conheceu José de Anchietta a necessidade de methodisar, e uniformisar a cathequização dos gentios; reunio em torno de si uma porção de discipulos, instruiu-os,

(*) Chefes das aldeias.

e á proporção que os foi conhecendo habilitados, animou-os, mandou-os entranharem-se pelo interior do paiz, procurarem as nações as mais distantes, os Purys, os Guaranys, e os Guaycurús, e converterem-nos á sociedade e á religião: foi José de Anchieta o creador do melhor systema de cathequizações; a historia d'ellas é tão importante, que merece especial estudo, e separado trabalho; alguns discipulos de José de Anchieta, como os irmãos Pedro Correia, e João de Sousa, em Cananéa, morreram ás frexadas d'estes barbaros; outros conseguiram triumphos e victorias, que espantam, trazendo apóz si innumeros gentios, que se convertiam á fé de Deus; — triumphos e victorias, que bem compensaram seus maravilhosos trabalhos, que não — o ouro, e sim unicamente o enthusiastico desejo de propagar a religião, e de salvar as perdidas almas, os animava, e satisfazia!

E para completar sua obra lembrou-se José de Anchieta de fundar um collegio, separado do seminario, em que se recolhessem e se educassem os meninos gentios, que com boas maneiras, e lisongeiras promessas, se obtivessem de seus pais: adquiriam-se assim para a religião, e serviriam depois para coadjuvar as cathequizações de suas mesmas tribus; o resultado correspondeu satisfactoriamente aos desejos do fundador; o numero augmentou-se extraordinariamente, e em breve tempo as cathequizações, na capitania de S. Vicente, foram as mais importantes

do Brazil, e serviram de exemplo para as que, em maior escala, praticaram posteriormente os Jesuitas nas suas celebrisadas missões do Uruguay, e do Paraguay.

Conseguio assim José de Anchietta, por esforços inauditos, chamar tantas tribus nomades e errantes á vida pacifica e social, aldeia-los em povoações, em torno de uma igreja, faze-los adoptar a religião catholica, e torna-los homens industriosos e trabalhadores, ligados e relacionados com os Portuguezes.

§ 3.º

Terminára seus dias El-Rey D. João III, no anno de 1557; no anno antecedente expirára tambem Ignacio de Loyola, que foi depois declarado Sancto pela Igreja; dous grandes protectores perdeu a Companhia de Jesus: já porém tamanhas eram sua importancia, e influencia, que as faltas d'elles foram immediatamente compensadas e suppridas: D. Catharina de Aragão, como tutora de seu filho D. Sebastião, tomou as redeas do governo de Portugal, e nomeou para terceiro governador do Brazil o esforçado Portuguez Mem de Sá, irmão do poeta Francisco de Sá de Miranda, de linhagem pura e nobre, de feitos conhecidos e illustrados em diversas guerras.

Guerreiro de tempera antiga, valente nas ar-

mas, e sabio nos concelhos, foi Mem de Sá; estreitou sua administração no Brazil unindo-se perfeitamente com os Jesuitas, cujos importantes serviços e valioso prestimo sabia apreciar; acabou com um terrivel abuso dos Portuguezes estabelecidos na Bahia, Porto Seguro, Ilheos, e outros pontos para o Norte, que, apoiando-se na sentença, que declarára escrava a nação dos Caethés, pelo barbaro assassinato, que, nas margens do rio de S. Miguel, das Alagoas, haviam praticado, em 1556, na pessoa do primeiro bispo do Brazil, D. Pedro Sardinha (*), confundiam de proposito Caethés com as outras nações, e a todas escravizavam: os Jesuitas protestavam contra estes abusos, que alienavam as sympathias dos indigenas, e os tornavam de novamente inimigos dos Portuguezes; revivendo odios e guerras extinctas; mas não tinham forças bastantes para faze-los cessar; Mem de Sá lavrou uma ordem declarando os indigenas homens livres, e eguaes, e assim tornou a attrahi-los a seus compatriotas, e terminou sedições que a todo o instante ameaçavam.

Em seguimento a esta ordem, tres outras publicou o governador, mostrando assim a harmonia existente entre a auctoridade civil e a auctoridade religiosa; uma prohibindo aos gentios comer carne humana, ainda mesmo a de seus ini-

(*) Francisco de Britto Freire na sua obra da — Nova Lusitania, Historia da Guerra Brazilica — narra miudamente este factio, e transcreve os fundamentos da sentença, que captivou os gentios, auctores de tão nefando assassinato.

migos, gosto, com que algumas nações muito folgavam; outra prohibindo que entre os indigenas houvessem guerras, sem previa approvação sua; e a ultima ordenando-lhes que se ajuntassem, se aldeiassem regularmente, levantassem casas e igreja, e obedecessem aos Jesuitas.

Pernambuco, Ilheos, Espirito Sancto, S. Vicente, Bahia, Porto Seguro tinham já n'essa época pvoações, e estabelecimentos seguros e fortes dos Portuguezes, colonias regularmente formadas; na Bahia e S. Vicente haviam collegios dos Jesuitas, com seminarios de instrucção, não perfectos, mas accommodados á época e a sua situação; nos mais pontos e povoações dos Portuguezes estabeleceram-se casas professas, em esca inferior aos collegios, com aulas de primeiras letras, de grammatica portugueza, e de lingua brazilica; além d'isto, em cada aldeia de gentios residia um Jesuita, que lhes servia de parochio, de medico, de juiz, e de mestre; dividiam-se ainda os Jesuitas em missionarios itinerantes, que atravessavam os desertos, expunham-se a mil perigos, e procuravam os gentios nos seus escondrijos, a fim de os convidar, e convencer da necessidade de se reunirem aos Portuguezes, — de abandonarem os seus barbaros costumes, de abraçarem a religião christãa, e de se tornarem sociaes e industriosos.

A importancia do Brazil, no entretanto, era já tão considerada, que algumas nações da Europa, ambiciosas de sua conquista, entravam em rela-

ções com os gentios, e procuravam, seduzindo-os ao seu partido, encontrar n'elles, e dentro do proprio paiz, um apoio contra os Portuguezes: os Francezes tomaram a dianteira; destemidos Normandos atiraram-se aos mares, que denodadamente atravessaram, e em alguns pontos da Parahyba do Norte, e no Rio de Janeiro, ligando-se aos Pittaguares (*) e Tamoyos (**), fundaram seus estabelecimentos. Avultava um Huguenoto, Nicolau Villegaignon, que á testa de força franceza, aproveitando-se de não estar occupada toda a costa desde o rio Cabapuana (***) até immedições de S. Vicente, praticou com os Tamoyos, abriu-lhes interessante commercio, e fundou uma fortaleza na ilha de Uruçumerim, na bahia do Rio de Janeiro (****).

Deliberou Mem de Sá expellir do solo brasileiro a todos estes invasores: armou navios, e ordenou-lhes que corressem a costa, e aprisionassem todos os barcos das outras nações que se encon-

(*) Nação que habitava na Parahyba do Norte.

(**) Nação que habitava desde o Cabo de S. Thomé até immedições de Ubatuba, ou Iperoig, na linguagem indigena.

(***) Limite entre a provincia do Rio de Janeiro e o Espirito Sancto; Heritgbá era seu nome indigena.

(****) A capitania de Martim Affonso começando de S. Vicente para o Norte devia encontrar com a de Pedro de Góes: esta se comprehendia entre o cabo de S. Thomé, perto de Macahé, e o rio Cabapuana, terreno este habitado pelos Goytacases, que destruíram completamente os estabelecimentos de Góes, e o obrigaram a abandonar sua capitania, que foi então incorporada ás terras da Corôa.

trassem nas suas proximidades : elle mesmo, no anno de 1560, concentrou bastantes forças de Portuguezes, Mamelucos, e Tupinambás da Bahia, com ellas se embarcou, aportou nos Ilheos, Porto Seguro, e Espirito Sancto, n'estes tres pontos recebeu novos auxilios, e dirigio-se para o Rio de Janeiro para combater a Villegaignon.

Não é aqui lugar de narrar miudamente os acontecimentos, e combates, que sustentou o governador; elles se acham escriptos na Chronica da Companhia de Jesus por Simão de Vasconcellos, na Historia do Brazil por Sebastião da Rocha Pitta, na — Historia da Guerra Brazilica por Francisco de Britto Freire, no Orbe Seraphico de Frey Antonio de Sancta Maria Jaboatão, e na importante obra, que na lingua latina escreveu José de Anchietta, com o titulo de — Feitos de Mem de Sá (*), na qual os chronistas seus successores beberam as melhores noções e esclarecimentos, obra que revela o seu talento de historiador, e na qual mostrou-se digno discipulo de Eannes de Azurara, de Fernão Lopes, e do historiador castelhaño Ayala. Minuciaremos unicamente, que Mem de Sá derrotou os Francezes e Tamoyos colligados, incendiou-lhes o forte do seu chefe, obrigou os primeiros a abandonarem o Rio de Janeiro, e a fugirem para a Europa, e áquelles que não puderam salvar-se, a entranharem-se com

(*) *De rebus gestis Mem de Sá*; manuscripto existente na bibliotheca publica do Rio de Janeiro.

seus alliados pelos bosques e florestas; e, caso inaudito, muitos Normandos desampararam a vida social, adoptaram a vida nomade dos Tamoyos, casaram-se, vestiram-se, e até, como os gentios, furaram os beiços, para n'elles introduzirem pedaços de pedras e ferros, de que os indigenas usavam!

Para a Bah a regressou Mem de Sá victorioso; enfurecidos porém os Tamoyos com este acontecimento, deliberaram guerrear os Portuguezes em qualquer parte em que os achassem; aprestaram grandes canôas, e navegando pela costa sul do Rio de Janeiro, encommoavam continuamente os estabelecimentos de S. Vicente e de Santo Amaro: divididos em bandos, punham em alarma as aldeias dos Goyannases, seus visinhos, e alliados dos Portuguezes, destruiam-lhes as casas, queimavam-lhes as plantações, matavam-lhes os que encontravam, e commettiam atrozes barbaridades; ousaram approximar-se de Piratininga, e assaltaram-na com desusada furia.

Os colonos, os padres, e gentios ficaram atterrados; a coragem de José de Anchieta salvou-os: de homem de paz tornou-se chefe de guerra; reuniu o povo, nomeiou capitão a Tiberyçá, gentio cathequisado e valente, animou-os á defesa, e assim conseguiu derrotar os sitiadores e expelli-los para fóra do territorio (*).

(*) Frey Gaspar da Madre de Deus, nas suas Memórias para a história da capitania de S. Vicen e, hoje chamada de S. Paulo.

Conheceu porém que exposta estava a capitania a continuados encommodos e assaltos, em quanto se não celebrassem pazes com nação tão guerreira como a dos Tamoyos. Deliberou fazer-las : procurou para esse fim ao provincial Manuel da Nobrega, que se achava em S. Vicente, e combinou arriscado mas audacioso plano, para obter o resultado, que ambicionava.

José de Anchietta e Manuel da Nobrega partiram para as aldeias dos Tamoyos mais visinhos, e que eram sitas na enseada de Ubatuba: que trabalhos não padeceram na sua viagem? — « Podiam fazer, — exprime-se o padre Simão de Vasconcellos — (*), como S. Paulo, uma perfeita ladainha de seus trabalhos, cansaços, fomes, sedes, calmas, frios, ingratidões, mãos tratamentos, affrontas, traições e perigos de vida: o exemplo d'essa gloriosa missão de se metterem entre os barbaros inimigos, postos em armas, queixosos e irritados das injustiças e agravos dos Portuguezes, é grande e maravilhoso. Que de vezes não estiveram a ponto de serem sacrificados aos dentes e gula dos barbaros? Que de vezes não sentiram o arco armado, e a massa do braço fero, sobre suas cabeças? — »

Depois de grandes trabalhos e perigos, apresentaram-se os dois padres aos chefes dos Tamoyos; não foi facil combinar pazes; — celebraram-

(*) Noticias curiosas e interessantes sobre as cousas do Brazil, pelo padre Simão de Vasconcellos.

se todavia; Manuel da Nobrega partiu só para S. Vicente, a fim de as fazer approvar pelos Portuguezes, e como refem ficou José de Anchieta entre os Tamoyos. Quem folheiar as diversas obras antigas, que tratam da vida de José de Anchieta, encontrará n'ellas um sem numero de factos, que honram a seu character e instrucção, e que passaram n'aquella época como milagrosos, augmentando-se por este modo a reputação de sancto, de que gozava. Entre elles um apparece, que por sua singularidade cumpre minuciar.

Os Tamoyos, que se foram acostumando ás palavras de José de Anchieta, notando que elle não procurava mulheres, escolheram uma, e levaram-lha. Qual não foi sua admiração, quando seu presente foi recusado, e José de Anchieta declarou-lhes o voto de castidade que fizera, entrando para a Companhia de Jezus! Subiu de ponto a veneração que lhe consagravam, e o acreditaram de origem divina; José de Anchieta aproveitou-se d'esta occurrencia para começar a sua cathequização; levantou uma capellinha entre um arvoredado coberto de elevadas palmeiras, para ahi os chamava, explicava-lhes os mysterios do christianismo, e procurava moralisa-los e converte-los á religião; tanto porém não conseguiu!

Foi durante este espaço de alguns mezes, em que viveu Anchieta entre os Tamoyos, que eaceitou o seu poema da Virgem. Não tendo papel, nem pennas, nem tinta para escrever, passeava pelas lindas, e alvadias praias, que se deslisam

amorosamente a perder de vista; ia compondo os versos, escrevia-os na areia, e confiava-os estudiosamente á memoria, guardando-os n'ella, como em deposito sagrado: assim cada dia compondo e decorando, desenvolvia a obra, e lhe dava as proporções, que anhelava.

Manuel da Nobrega voltou de S. Vicente com a accitação das pazes; assim conciliados Portuguezes e Tamoyos, haviam os dois Jesuitas completado sua missão, e regressaram tranquillamente para seus lares: José de Anchietta apenas chegou á sua querida Piratininga, deu-se a seus antigos trabalhos, e escreveu o seu Poema da Virgem, que tão cuidadosamente depositára em sua memoria.

« Eis-aqui — (diz elle na dedicação) — eis-aqui, Mãe Sanctissima, os versos, que offereci a vossos louvores, quando me vi cercado de ferozes inimigos, desarmado, e unico entre elles, tratando de celebrar pazes: tivestes de mim cuidado, e amor de mãe; e á sombra de vosso amparo, vivi seguro no corpo e n'alma. » (*)

Este poema escripto em versos latinos, revela grande erudição dos autores classicos antigos, e ao mesmo tempo intelligencia da littera-

(*) En tibi quæ voci, Mater Sanctissima, quondam

Carmine, cum sævo cingerer hoste latus,

Dum mea Tamoyas præsentia mitigat hostes,

Tractoque tranquillum pacis inermis opus:

Hic tua materno me gratia fuit amore,

Te corpus tutum, mensque regente fuit.

tura hebraica, e estudo dos padres da Igreja Christã: a dicção é pura, correcta e elegante, e os pensamentos appropriados, engenhosos e poéticos: o plano muito pécca, porque consiste em dividir a obra pelos diversos passos da Mãe de Deus, desde a concepção até sua exaltação, formando como que uma collecção de hymnos ou cantatas, dedicada cada uma á descripção do passo a que se refere. Não é a imaginação de Milton, descrevendo as primeiras scenas da vida, e os mysterios primordiaes da existencia; não é a sublimidade de Klopstock, que poetizou toda a existencia mundana do filho de Deus, e a sua admiravel resurreição; é antes uma alma pura, profundamente religiosa, que se derrama em sonoros gorgeios em honra da Sanctissima Virgem, e, com a musica dolorosa do coração, improvisa agradaveis versos, que valem o que vale um liado passarinho, ou uma bella noite matizada de fulgurantes estrellas.

Começa por um exordio.

« Fallarei ou guardarei silencio, Sanctissima Mãe de Jesus? — Cantarei te os louvores? — Agitada a mente de estimulos do teu amor, exhorta-me e arrasta-me a tecer-te encomios; mas a lingua contaminada de tantas maculas recusa proferir teu sancto nome. » (*)

(*) Eloquar? an sileam, Sanctissima Mater Jesu?

Non sileam? Laudes eloquar amè tuas?

Meus agi ata piis stimulis hortatur amoris

A conceição, o horto, a apresentação, a entrada no templo, a visitação, e o parto da Virgem, formam os primeiros canticos; e n'elles se nota a bellissima oração que dirige a Sanctissima Virgem a seu filho recém-nascido.

— «Deus omnipotente, pela portentosa maquina do mundo apregoado seu auctor, e Supremo Arbitro, que com teus esplendores enriqueces o céo de ineffavel gloria, e que na extensão do mundo não podes ser abrangido; como te quizeste encerrar no breve espaço do meu ventre, e sahindo d'elle, jazer reclinado na humilde terra, ó filho adorado, e luz de meus olhos? Não foram tuas mãos, que formaram o espaçoso orbe? Não dominas tu de um a outro polo? Porque então escolheste templo tão humilde para tua morada? Tu, a quem os céos não podem conter, que povoadas de lucidas estrellas o firmamento, que revestes os animaes, e aformoseas os prados e campinas de flôres e verdura!» — (*)

Ut dominæ cantem carmina paucae meæ.

Sed timeat impura tua promere nomina lingua,

Quæ sordet multis contemnerata malis.

(*) O Deus omnipotens, vasti quem machina mundi

Auctorem ac Dominum prædicat esse suum,

Cujus inaccessam tenet ingens gloria lucem,

Cui velut innatus lume amictus inest.

Quem requit immenso comprehendere corpore mundus

Concluserit ventris te brevis arca mei.

Egressusque meæ tener e penetralibus alvi,

O poeta continúa seus canticos, á chegada dos Reis Magos, á purificação, á fuga para o Egypto, ao regresso a Israel, á morte de Jesus Christo, e sua ressurreição: n'esta ultima parte a poesia melancolica transborda por todos os poros, e é realmente o mais bello cantico do poema esse, em que as lagrimas da Sanctissima Virgem arrastam todos os peitos á dôr, que ella parece sentir: ahi foi livre o poeta, desdobrou seu véo religioso e enthusiastico, e deslisou versos ungidos de verdadeira poesia, e do mais delicado sentimento.

«Porque, minha alma — exclama elle — dormes preguiçosa grave somno? Nem te commove o cuidado da chorosa mãe, que pranteia a barbara morte de seu unico filho? Pedernaes entranhas se endurecem á dôr d'aquella que viu, presenciou e curou tantas chagas humanas: para qualquer parte que voltares a vista, verás com teus olhos tudo banhado com o precioso sangue de Jesus: vê como em presença da Sanctissima Virgem se acha postado o sacrosancto corpo lavado em sangue; olha como vai preso, como se fôra um ladrão e malfetor, no meio da turba, atado com cordas ao pescoço e nas mãos; vê como diante

In vili recubas, lux mea, nate, solo?

Nonne tua ingentem manus inclyta condidit orbem!

Nonne polus Domino servit uterque tibi?

Cur tibi tam vilem nascenti deligis ædem?

Regia cur ortum non capit aula tuum?

Tu cælum stellis, variis animali villis.

Induis et viridi gramine pingis agros.

de Anáz lhe fere a divina face a malvada quadri-
lha armada, que o acompanha! » (*)

Depois de pintar a exaltação da Sanctissima Virgem, termina Anchietta o seu poema com hymnos alegres em seu louvor, divididos pelas horas do dia, e que fazia cantar pelos gentios aldeiados, dentro de sua Igreja, nas horas marcadas para as preces e orações: deveria ser na verdade grandioso o espectáculo de reunir todo o povo no Templo, ás matinas, ao meio dia, e ás Ave-Marias, e depois de exhorta-lo o sacerdote com conselhos e instrucção, para o encaminhar na verdadeira vereda da religião, desdobrar todo o povo ajoelhado suas diversas vozes, echoando ao mesmo tempo hymnos e preces, arrebatado de sincero enthusiasmo, respeito e temor de Deus!

Assim usavam os Jesuitas, e assim — esclareciam e moralisavam seu povo.

(*) *Mens mea, quid tanto torpes absorpta sopore?*

Quid stertis somno disídiosa gravi?

Necte cura movet lacrymabilis ulla parentis,

Funera quæ Nati flet trunculenta sui,

Viscera cui duræ tabescunt ægra dolore,

Vulnera dum præsens quæ tollit ille videt,

In quocumque oculos converteris omnia Jesu

Occurrent oculis sanguine plena tuis.

Respice, ut æterni prostrato ante ora Parentis

Sanguineus toto corpore sudor abii.

Respice, ut immanis captum quasi turba latronem

Proterit, et laqueis colla, manusque ligat.

Respice, ut ante Aunan sævus divina satelles

Duriter armata percutit ora manu.

§ 4.º

Corria o anno de 1565, quando em S. Vicente surgiu a armada do capitão-mór Estacio de Sá, sobrinho do governador Mem de Sá, e que era enviado de Portugal, pela Rainha Regente, para o fim de expellir, de uma vez para sempre, das costas do Brazil, os corsarios francezes, que continuavam a negociar com os Tamoyos, e incitavam seus odios contra os Portuguezes. Praticou Estacio de Sá com José de Anchieta, que era a pessoa de mais influencia, e de maior consideração na capitania. José de Anchieta convocou e reuniu seu povo, escolheu cerca de oitocentos homens, animou-os para a empreza do capitão-mór, e para tornar mais real e mais solido este auxilio, deliberou acompanhar a Estacio de Sá, e servi-lo durante a sua expedição do Rio de Janeiro.

Partiu a armada de S. Vicente, chegou no Rio de Janeiro, desembarcou, e estabeleceu-se no logar hoje denominado —Praia Vermelha—, entre o Pão do Assucar e Copa-Cabana; foram alli lançadas as primeiras edificações da cidade. Os Tamoyos e os Francezes colligados atacaram o exercito do capitão-mór com todas as suas forças; a numero quadruplo de combatentes oppôz Estacio de Sá a peric a do chefe, e o entusiasmo e valor dos soldados, animados continuadamente

pelas predicas, pelos conselhos, e pelas exhortações de José de Anchietta: os inimigos tiveram que retirar-se; não era todavia possível ao capitão-mór collocar-se na offensiva, porque do lado de terra annuvião de gentios o esperava; do lado do mar, náus francezas, e grande copia de formidaveis canôas de guerra dos Tamoyos continuamente o incommodavam; tinha além d'isto que resistir a ataques, que os inimigos dirigiam ás suas trincheiras, ora de dia, á luz clara, com lealdade, — ora ás noites, ás vezes escuras e tempestuosas; — de repente, ao grito de guerra solto á trahição, e no meio do descanso: o capitão-mór e José de Anchietta deliberaram não abandonar a empresa, e no entretanto seguir o segundo para a Bahia, a exigir auxilio do governador; porque só com elle se poderia terminar missão tão arriscada.

N'esta sua viagem á Bahia, deixou José de Anchietta a classe de irmão, tomou ordens, e o gráu de sacerdote na Companhia de Jesus: tão perfeitamente desempenhou sua missão, que, em Janeiro de 1567, estava de volta no Rio de Janeiro, e em sua companhia trazia o proprio governador, com grandes auxilios e reforços.

Foram crueis e longos estes combates dos Portuguezes com os Tamoyos; verdade é que foram decisivos: os Francezes de uma vez se expelliram do Brazil; os Tamoyos jámais se quizeram conciliar; vencidos, entranharam-se pelas brenhas, levando suas mulheres e filhos, desappareceram,

e — nunca mais se soube de tão guerreira tribu: sem duvida encontraram no interior do paiz novas terras, aonde estabeleceram suas tabas; os Tamoyos porém acostumados á veneração do formidavel promontorio do Cabo-Frio (*), e á magnifica bahia de Nictheroy, aonde folgavam atirar suas canôas, celebrar suas justas; e — n'essas ilhas pittorescas, que, como ramos de flôres, matisam e abrilhantam a bahia — formar seus jogos e suas dansas; de certo de quando em quando soffrem amargas saudades; são — os Arabes fugitivos de Granada, que ainda além do braço de mar que separa Africa e Hespanha, — do seio dos desertos, para onde se recolheram, confiam seus suspiros ao ar, para que o ar os transmitta ao Chenil, ao Alhambra, e ás Torres do Generalife: talvez que como — Daniel entre os leões, — suas almas no sacrificio se engrandeceram e se elevaram; e como novas descendencias e gerações se tem desenvolvido, sendo como é o arquivo de seus livros a estampa de suas memorias, de onde imprimem de pais a filhos os acontecimentos notaveis dos seculos passados, — si ainda os acompanha no seu desterro a saudade dos paizes que seus pais possuiram, tão ricos e tão encantadores, ao menos a — dourada physionomia da liberdade os ampara e sustenta

(*) Francisco de Britto Freire, e Simão de Vasconcellos asseveram que entre os gentios existia uma antiquissima tradição de haverem, em Cabo-Frio, habitado duas poderosas familias, trazidas por Tupá ou seu Deus, para povoarem a America: por isso era o promontorio de Cabo-Frio muito venerado entre elles.

nos bravios sertões, não conhecidos ainda das nações civilisadoras!

Fundou Estacio de Sá a cidade do Rio de Janeiro; mas sellou com seu sangue e sua morte a gloriosa conquista que conseguira; uma frexada de Tamoyo audaz, com seu dente envenenado, atravessou o corpo do heróe, ainda na força da idade, e no principio da carreira militar (*). Com o estabelecimento da cidade, levantou José de Anchietta casa e igreja para a Companhia de Jesus, no cabeço do morro do Castello, fazendo-se auxiliar n'esta obra pelas esmolas, e serviços do povo. Mandou vir alguns padres para o Rio de Janeiro, e depois de dar-lhes suas instrucções, retirou-se para Piratininga, procurando descansar de seus trabalhos. Não era porém ainda tempo de cessarem; — em 1569 foi nomeado Reitor do collegio de S. Vicente, cargo penoso e difficil, que desempenhou entretanto de modo exemplar.

Em 1578 foi elevado ao cargo de provincial do Brazil.

José de Anchietta comprehendeu a importancia da sua nova missão; não era já o reitorado de um collegio, menos a direcção de um seminario, que lhe cabia; fôra-lhe confiado o governo supremo de sua ordem; não tinha que occupar-se unicamente

(*) Perto do altar mór da igreja dos Jesuitas do Castello acha-se o tumulo de Estacio de Sá: na mesma igreja está enterrado o celebre Jesuita, 1.º Provincial do Brazil, Manuel da Nobrega.

com a cathequização e civilização de uma capitania; todo o territorio abraçado pelo Prata e pelo Amazonas, estava incluído na immensa tarefa que se lhe dava; não eram uma ou duas nações de gentios unicamente, eram milhares de diversos povos de differentes origens, usos e costumes.

Si já era respeitado o nome que elle conquistára, habitando apenas na capitania de S. Vicente; si seus talentos lhe haviam grangeado extensa nomeada; si lhe proviera muita gloria dos seus trabalhos, quer como mestre e chefe de um systema regular de cathequização de gentios, quer mesmo pelos seus proprios actos, atirando-se em pessoa no seio dos desertos, sem receio ou medo, confiando-se a hordas de selvagens e barbaros, e attrahindo á religião e á sociedade grande numero de gentios, que se deixavam arrastar e convencer por sua habilidosa eloquencia, e perfeitas virtudes, que — reputação equivalia á sua, para gerencia de toda a Companhia?

José de Anchieta aceitou o Provincialado, e deu-se de coração ao desempenho dos seus novos deveres e obrigações.

Os Jesuitas eram já então no Brazil em subido numero; a Companhia chamára noviços, formára irmãos, e ordenára padres; a Companhia tinha em todas as cidades e povoações a sua casa, a sua igreja, e o seu seminario de instrucção; organisára em todas as capitancias differentes aldeias de gentios cathequisados, que lhe eram inteiramente subordinados.

O provincial José de Anchieta não se poupou a trabalho algum: percorreu todas as capitánias, todas as povoações; visitou e examinou os collegios dos padres e os seminarios de instrucção; deu-lhes nova organização, reformando e melhorando; applicou a todo o Brazil o seu systema de cathequização dos gentios, formando em Pernambuco, Bahia, Espirito Sancto, e outros pontos, que visitára, escolas de missionarios; por onde ia, prégava, aconselhava, moralisava; por onde ia, corriam Portuguezes e gentios a lançar-se-lhe aos pés, acreditando-o milagroso; tanta bondade e tamanha actividade desenvolveu, que seu nome era geralmente adorado; os gentios chamavam-lhe — amarra-mãos — (*), os Portuguezes — sancto.

Não lhe bastou ainda a immensidade d'estes trabalhos; sua ambição o arrastou a emprender novos e mais extraordinarios; procurou em pessoa aquellas nações mais barbaras, com que nunca os Portuguezes se puderam conciliar; embrenhou-se pelo interior das terras dos Tupinambás, encontrou-se com os terriveis Aymorés (**), e com outras tribus não menos ferozes; apresentava-se perante ellas desarmado, fallava-lhes a linguagem da verdade e da religião, e quantas vezes conseguiu triumphos, que verdadeiramente espantam, e devidos sómente á sua eloquencia!

(*) Payé-guassú.

(**) Ou Botocudos, como lhe chamavam os Portuguezes.

Quantas vidas salvou de prisioneiros já destinados ao terrível sacrificio, já ligados ao cepo cruel pela formidável mussurána (*), e já sentindo refulgir sobre suas cabeças a pesada tacape! (**)

Foi durante o seu provincialado que nos campos para sempre memoráveis de Alcacer-Quivir perdeu a monarquia portugueza o seu joven soberano, a flôr de sua nobreza, o melhor do seu exercito, e a sua mesma independencia: das chronicas, que tratam da vida de José de Auchietta, consta que na mesma noite de 4 de Agosto de 1578, em que se completou a ruina de Portugal, e morreu D. Sebastião, foi José de Auchietta assaltado de um sonho, em que todos os pormenores da terrível carnificina de Alcacer-Quivir appareceram á sua imaginação, e se lhe pintaram sob as mesmas côres com que se realisaram! (***)

As melhores obras, e as instituições mais salutaes do Brazil, que tiveram origem n'esses tempos, são ou creadas inteiramente pela activa intelligencia do provincial José de Auchietta, ou por elle promovidas de modo efficaz; ligando-se perfeitamente com o governador Luiz de Britto e Almeida, que succedêra a Mem de Sá, fallecido

(*) Corda que amarra o prisioneiro, que deve morrer, para ser comido em banquete.

(**) Instrumento de guerra, segundo as proporções de uma massa pesada, com que se combatiam; os Americanos do Norte chamavam-lhe Toma-hawk, segundo affirma Fenimore Cooper.

(***) Além de outros auctores, Sebastião da Rocha Pitta commemora este facto.

na cidade da Bahia no segundo quadriennio de sua administração, o provincial José de Anchietta achou-se habilitado para emprender melhoramentos firmes e gloriosos para o paiz: foi quem ideou e lançou os primeiros alicerces do maggestoso collegio dos Jesuitas da Bahia, que mereceu descripção desenvolvida de Gabriel Soares, no seu *Roteiro, ou Noticia do Brazil* (*), e que o padre Manuel Ayres do Casal allega que já em seu tempo estava convertido em hospital da tropa, ainda achando-se ornadas as salas de muitos paineis, que representavam a vida de S. Estanislão Kosca (**): foi quem mandou edificar e construir na mesma cidade a casa do Recreio dos Jesuitas, em um suburbio para o nascente, e que se transformou depois, por ordem do governo portuguez, em hospital dos Lazaros.

A igreja dos Jesuitas do Rio de Janeiro, com seu outr'ora sumptuoso collegio da Companhia, é devida tambem a José de Anchietta; como na Bahia, a igreja decahiu, e perdeu sua gloria, e o collegio converteu-se em hospital militar; a pit-

(*) Impressa no 3.º vol. das *Noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas*, pela Academia Real de Sciencias de Lisboa, em 1825. Contém os mais interessantes esclarecimentos sobre a historia e geographia do Brazil, e os primeiros estabelecimentos dos Portuguezes. Está hoje provado, pelas indagações escriptas do Sr. Francisco Antonio Varnhagen, que esta obra, que por algum tempo pasára por composição de Francisco da Cunha, como entre ou ros o acreditaram os Srs. Fernando Diniz, e Martius, é composição de Gabriel Soares.

(**) *Corographia Brazilica*, tomo 2.º

toresca casa de recreio, que José de Anchieta fez tambem edificar para os lados de S. Christovam, e em vista de tantas esbeltas, e viçosas ilhas, teve egual sorte, que a sua irmã da Bahia; o governo a tomou para hospital de Lazaros.

A provincia do Espirito Sancto deve-lhe a edificação de um collegio de Jesuitas na sua capital, vasto, espaçoso, sobre a antiga casa que o padre Affonso Braz escolhêra para residir, e encetar a sua gloriosa missão de cathequisar os gentios d'aquella capitania: é actualmente a habitação dos presidentes da provincia.

E de quanto não é credor José de Anchieta da provincia de S. Paulo, outr'ora capitania de S. Vicente, aonde viveu elle os melhores annos de sua vida, e aonde imprimiu seus primeiros trabalhos, e suas primeiras fadigas? Não fôra o creador do collegio de Piratininga, que pouco e pouco cercado-se de casas de gentios cathequisados, e de colonos que procuravam os alegres ares de tão fertes campinas, foi estendendo seus braços, e como o gigante, brevemente tomou a jerarquia de cidade, e o nome do Apostolo S. Paulo, actualmente a capital da provincia toda? O provincial se não esqueceu de cuidar d'elle; amou-o sempre como querido filho, de sinceros amores; e aproveitando-se da sua elevada posição, augmentou o collegio, enriqueceu-o, e tornou-o um dos mais importantes do Brazil.

E para apogeu de sua gloria e prova de quanto foi incansavel, na qualidade de provincial do

Brazil, em fazer bem ao paiz, que adoptára, em firmar n'elle obras de eterna duração, e em crear instituições importantes, que lhe trouxessem os mais favoraveis resultados, José de Anchietta fundou, em 1582, na cidade do Rio de Janeiro, a Sancta Casa da Misericordia, que é actualmente um dos mais importantes dos seus monumentos de philantropia e beneficencia.

Em 1585 José de Anchietta, cansado, e já na idade de 52 annos, pediu dispensa do cargo de provincial.

§ 5.º

José de Anchietta, achando-se livre, e desembaraçado de trabalhos, retirou-se para o collegio do Rio de Janeiro, tencionando n'elle passar seus ultimos dias de vida: já bem debilitado estava seu corpo; e que corpo humano resiste a tantas fadigas do espirito, e a tantos trabalhos materiaes? — Empenhos porém dos seus companheiros o vieram ainda arrancar ao doirado repouso, que procurára; o collegio do Espirito Sancto, que, quando provincial, mandara elle levantar de proporções elevadas e delicado gosto, reclamava sua presença, para direcção dos obreiros, e moralisação dos espiritos; deixou o Rio de Janeiro, e tomou a administração do collegio da Victoria,

Durante o seu provincialado muito se esmerára no progresso de algumas aldeias de gentios Tupiniquins, e Papanases, que estabelecêra na provincia do Espirito Sancto. Uma d'ellas tinha o nome de Reritgbá, situada ao norte do rio Cabapuana, n'uma admiravel, e extensa veiga, entrecortada de preguiçosas aguas, e rodeiada de oitinhos elevados, que em certas épocas do anno vestiam-se de flôres amarellas, como o brilhar do ouro, e de ramos rouxos, como a côr da margarita. José de Anchieta amava seus ares puros, e sua deliciosa tranquillidade; escolheu-a para sua residencia, apenas terminou o tempo do seu reitorado do Espirito Sancto.

Pelos gentios do Brazil sacrificára sua existencia e sua vida; para moralisa-los, e trazê-los á religião catholica, deixára todos os bens do mundo; no meio dos gentios ainda quiz viver a derradeira parte da sua existencia, e descansadamente finalizar seus dias!

No silencio e descanso derradeiro escreveu ainda uma obra extensa, com o titulo de — *Vidas dos religiosos da Companhia de Jesus* — cujo manuscripto se guarda na bibliotheca publica do Rio de Janeiro: tendo-o acompanhado na vida, e precedido no sepulchro, os padres Manuel da Nobrega, Luiz da Grã, José de Aspiguella Navarro, Antonio Ignacio de Azevedo, e Ignacio de Tolosa, julgou José de Anchieta dever seu, commemorar os feitos d'elles, e, bem assim, os feitos de outros não menos celebres Jesuitas, para

transmitti-los aos vindouros, como exemplo e veneração.

Esta collecção de vidas dos Jesuitas illustres contém historia desenvolvida da Companhia de Jesus, e fiel narração de todos os successos do Brazil, das suas primeiras explorações, dos costumes, usos, e cathequização dos seus indigenas. Ella e a obra que anteriormente escrevéra sobre os fei os de Mem de Sá, são as fontes, de onde os chronistas e historiadores, quer antigos, quer modernos, tem extrahido grande copia de esclarecimentos e materiaes para a historia do Brazil.

Sua intelligencia incansavel deu vida tambem a uma dissertação sobre a historia natural do Brazil, a qual encerra tantas investigações curiosas, e importantes, que a Academia Real de Sciencias de Lisboa, em 1712, considerou-a digna de ser publicada; época essa, em que necessariamente mais adiantados e popularizados deviam estar os conhecimentos d'esta parte das sciencias humanas.

Mas a idade ia avançando, e o corpo procurava repouso na sepultura: já não podendo pessoalmente ir á Igreja, desenvolver sua maviosa eloquencia, e menos assistir ás festas, ás procissões, e aos canticos religiosos dos gentios, que rompiam com os primeiros arreboes da madrugada; como Job, escolheu — seu leito e seu quarto, e fazia vir ahi quotidianamente os indigenas para com elles praticar ainda; a casa se achava collocada sobre um pequeno oiteiro, d'onde a vista descortinava toda a campina e todo o arraial, e

lá, ao longe, sempre susurrando, o mar que se desfazia em grossas ondas sobre a praia clara e immensa, que se perdia...

Ali, deitado para se não levantar mais, deixava dormitar sonhando seu coração, como lago de vida, em que se espelhava sua alma; bebia pelos olhos e pelos ouvidos o silencio e a magnificencia da natureza, e o desdobrar dos valles alegres e cultivados, que lhe appareciam; e exaltava-se ainda com a presença do oceano, que, no limiar da vida, o saudára, e como fiel amigo, parecia querer assistir á sua despedida do mundo.

Mal se divulgou a noticia de sua grave molestia, de toda a parte accudiram os padres da Companhia; no Rio de Janeiro, na Bahia, em S. Vicente, no Porto Seguro, se embarcava grande copia de povo, que queria vêr o sancto, obter uma reliquia d'elle, e receber sua derradeira benção; tão grande era o conceito de suas virtudes e saber, que era geralmente acreditado que elle advinhava e prognosticava os mais pequenos acontecimentos do mundo.

A aldeia de Reritgbá não pôde conter o povo, que a ella concorria; o que José de Anchieta mais estimou vêr em derredor de si, foram seus antigos discipulos, que, como Elias, com tanto cuidado elle formára, e que, como Eliseus, já rivalisavam em feitos gloriosos com seu grande mestre, na grande obra da cathequização dos gentios.

Conservou constantemente o seu espirito livre,

e o seu fallar rescendendo no mesmo fogo, e estylo mavioso; o semblante nada perdeu de sua amabilidade e alegria; sua côr trigueira não desmereceu; seus olhos azulados não se abatteram: e todavia essa familia de religiosos, que o cercava continuamente, tinha talvez mais ternura do que a propria familia natural; o membro, que perdia, ella contava encontra-lo ainda, porque confiava na vida eterna; haviam lagrimas, — mas parecia que todos aspiravam á felicidade do heróe christão, que se desapegava do mundo, e — que não os deixava, — precedia-os sómente.

José Anchietta pedia de quando em quando que lhe lessem um pouco das confissões de Sancto Agostinho, e das obras de S. Basilio; extasiava-se sempre, quando chegavam á pagina, em que S. Basilio exclama entusiasmado:

— « Como os que dormem em um navio são levados ao termo de sua derrota, tambem na carreira da vida somos todos arrastados continua e insensivelmente para o nosso fim derradeiro: estás a dormir, olha que o tempo te escapa; estás a velar e a meditar, menos te não escapará a vida; diante de tudo passarás, e tudo deixarás apózt ti. » —

São Basilio e Sancto Agostinho tinham sido os padres da Igreja, cujas obras mais folgava de lêr e cujos feitos mais admirava: havia entre os primeiros apóstolos do Christianismo, e os Jesuitas, apóstolos do Brazil, uma perfeita homogeinidade; aquelles prégavam no meio de barbaros, expostos

continuamente ás perseguições, e á morte; e, com firmeza inabalavel, oppunham constancia d'alma, consciencia pura, e fé na sua missão, á corrupção geral, que minava então o mundo, que parecia desabar com o tempo: estes atiravam-se nos desertos, sós, inermes; procuravam selvagens embrutecidos, arriscavam sangue e vida, despidos de quaesquer sombras de medo: si os primeiros pré-gavam com eloquencia a necessidade de uma nova crença, que regenerasse o mundo, e fizesse desaparecer o polytheismo vergonhoso de vãos e terrestres simulacros, que phantasiára a imaginação dos antigos povos; os segundos, — não menos sabios, nem menos eloquentes que os primeiros, — menos conhecidos porém, — porque o theatro de suas acções foi mais pequeno, e a época, em que figuraram, muito differente e diversa, não menores esforços praticaram, e nem mais pequenos triumphos obtiveram, infiltrando em animos incultos convicções religiosas e sociaes, e arrancando da barbaria a homens, que para sempre pareciam perdidos.

José de Anchieta folgava de comparar os padres da Igreja grega e latina, os Basilios, Agostinhos, Jeronymos, Athanasios, Gregorios, Ambrosios, Chrysostomos, Synesios, Hilarios, e Paulinos, com os missionarios da India e do Brazil, os Nobregas, Grãas, Navarros, Pires, e Franciscos Xavier: o mesmo zelo apostolico, o mesmo entusiasmo religioso animavam a uns e a outros;

uns regeneraram o mundo velho ; outros crearam um mundo novo (*).

Foi longa a sua molestia ; a decadencia do corpo se percebia sensivelmente ; mas como a luz derradeira do sol , que ainda dura depois que se elle encobre por detraz das altanadas serranias , ou se mergulha nas distantes vagas , só pouco e pouco , e — vagarosa , e — compassadamente — foi sua vida perdendo o brilho e a claridade ; o seu adeus ao mundo foi por elle fixado com antecedencia ; seu espirito robusto ainda , e scintillando de força , o comprehendeu , previu , e prognosticou. À hora dita , José de Anchietta despediu-se dos amigos , deu a bençãam aos fieis , animou-os a continuarem na senda das virtudes , fechou os olhos , e expirou , encostando aos labios o crucifixo do Redemptor.... Era o dia 9 de Junho de 1597.

Os indigenas carregaram ás costas seu corpo até a villa do Espirito Sancto , distante quinze leguas de Reritgbá , em longa e funebre procissão de mais de trezentos : depositaram-no na capella de São Thiago da igreja dos Jesuitas , d'onde foi depois trasladado para a Bahia , e sepultado no collegio da Companhia : por ordem do Geral Claudio Aquaviva , uma reliquia foi mandada a Roma , e encetaram-se os processos da canonisa-

(*) Para plenamente se convencerem os leitores das grandiosas acções dos modernos missionarios , leiam a — *Collecção de Cartas curiosas e edificantes aos Jesuitas* — que tem sido impressa nas linguas franceza , castelhana , italiana , e portugueza.

ção, para o fim de ser pela Igreja declarado Sancto; processos, que segundo os transmittes e formalidades, que exigem as leis canonicas, não se acham ainda terminados.

III

ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS

§ 4.º

Em 29 de Outubro de 1762 rendeu-se ao general castelhano, D. Pedro Cevallos, a importante colonia do Sacramento, sita na margem esquerda do Rio da Prata, e ahi, — n'esse immenso e magestoso lago, — em que se encontram os formosos rios Paraná e Uruguay, precipitando-se de tão virgens e fertes terrenos.

Para maior consternação e perda publica, o capitão-general do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, a cujos talentos e zelo administrativo tanto devia o Brazil, expirou mortificado e apaixonado por esta dolorosa noticia.

Uma commissão composta do bispo D. Antonio do Desterro, do brigadeiro José Bernardes Pinto Alpoim, e do chanceller da Relação João Alberto Castello-Branco, tomou conta do governo da capitania, que estava a cargo do conde de Bobadella.

Occupava o throno de Portugal, D. José I, que succedêra a seu pai, D. João V, no anno de 1750. Novas tão infaustas, levaram-no a mo-

dificar o systema governativo de todo o estado do Brazil; mandou Vice-Rei para a cidade do Rio de Janeiro, como ponto que lhe pareceu mais importante, e mais proximo do theatro dos grandes acontecimentos, que interessavam sua monarchia: para este cargo importante nomeou ao conde da Cunha, fidalgo illustre e reputado, que fôra capitão-general em Angola e Mazagão: revestiu-o de plena autoridade, como representando immediatamente sua pessoa, em todo o territorio Brasileiro.

No meio d'estes graves acontecimentos nasceu Antonio Pereira de Souza Caldas, no Rio de Janeiro, aos 24 de Novembro de 1762.

Seu pai, Luiz Pereira de Souza, descendia de familia portugueza; sua mãe D. Anna Maria de Souza era oriunda de honestos colonos Açorianos: Luiz Pereira de Souza negociava, e gozava de boa reputação.

A natureza deu a Antonio Pereira de Souza Caldas fraca e debil compleição; ainda na infancia, e já as molestias o perseguiram e atormentavam. Seu pai considerou que a mudança de clima lhe faria bem, e enviou-o, na tenra idade de oito annos, para Lisboa, aonde conservava parentes, a cujos cuidados confiava o filho (*).

(*) Proprios versos seus —

Oito annos apenas eu contava,
Quando á furia do mar abandonando
A vida, em fragil lenho, e demandando
Novos climas, da Patria me ausentava.

Em Lisboa encetou sua educação litteraria; logo que terminou dezeseis annos, partiu para Coimbra, a entregar-se ao estudo da Jurisprudencia.

Por esse tempo, D. José I se finava, o Marquez de Pombal era exilado, e a rainha D. Maria I adoptava diverso systema de politica e de administração.

O nascimento de Souza Caldas fôra caracterizado pela perda da colonia do Sacramento, que para sempre ficou annexada á corôa hespanhola; a sua entrada na universidade foi contemporanea de não menor infortunio—a morte de D. José I, e com ella a ruina da direcção illustrada e energica, que tanto havia feito respeitar o governo portuguez de nacionaes e de estrangeiros, e que para o Brazil abrira a carreira do commercio, da navegação, da industria e da liberdade.

Que presagios melancolicos o acompanharam desde o berço? Como não deveria seu espirito pensador guardar duradouras estas impressões? Como taes acontecimentos não deveriam abalar as fibras de sua alma pura e elevada?—Nascido em época infausta, —ameaçado a todo o instante da morte, que na sua constituição corporal parecia descobrir prematura victima; —arrancado, ainda na infancia, aos lares e carinhos paternos, —levado a outros climas, a outras terras, —climas tão diversos, —terras tão distantes; e, quando—o pensamento lhe dizia que era tempo de conhecer-se; —quando a razão lhe foi abrindo os the-

souros da intelligencia, e pouco e pouco manifestando-os a seus avidos desejos, — ei-lo que, — em derredor de si, — vê estalar fatal e lugubre fado, que, sobre a campá do rei, que expirava, inscreve o atterrador agoiro da decadencia de um reino, que, — pequeno em territorio, — proezas tão extraordinarias praticára, que os livros, e os marmores, e os pinceis foram poucos para dignamente celebra-las.

Resultou d'estas impressões que Antonio Pereira de Souza Caldas, de coração generoso, de alma suave e perfeita, de superior intelligencia, e de primoroso engenho, teve melancolico character, foi de frio tracto, e de maneiras reservadas (*).

A poesia, porém, como o anjo de sua guarda, o veiu amparar na solidão do seu coração; seu estro elevado se lhe deu logo a conhecer; celeste inspiração, de voz altiva, de côres doiradas, de sublimes pensamentos, vecejava-lhe na mente, transbordava-lhe o espirito, perpassava-lhe os póros; ora escrevia a sua admiravel cantata do *Homem Selvagem*, entusiasmado pela lembrança dos gentios, que — sem lei, — sem religião, — sem superior, — sem relações, conhecêra entre as tribus nomades e errantes do Brazil (**); ora levando-se

(*) Proprios versos seus —

— Desde então a tristeza começava
O tenro peito a ir acostumando. —

(**) O erudito Portuguez Francisco de Borja Garção Stockler assevera nas notas, com que enriqueceu a publicação das obras de Souza Caldas, ter inspirado a cantata do — *Homem Selvagem* —

de amor pela natureza, arrancava de suas scenas, e de suas creações, as *bellissimas noites philosophicas*, dedicadas ás *Aves*, e que rivalisam, sem a menor duvida, com as melhores composições de Thomaz Gray, de Saint Lambert, de Thompson, do Abbade Delille, ou de Theocrito: ora, aprofundando o estudo da litteratura e da poesia da Grecia e de Roma, admirando os esplendores de sua mythologia, solfejava o cantico mavioso de Pygmalião, em que a dicção, a consonnancia, e a melodia do verso, luctam de armas e forças eguaes com a elevação de idéas, e a magestade do pensamento: ora, mergulhando-se na tristeza, e nas reminiscencias do seu passado, improvisava melancolicas canções, em que as saudades de seus pais e a memoria de seu paiz melodiosamente suspiravam.

E assim, entre os estudos da jurisprudencia e as inspirações da poesia, passava Antonio Pereira de Souza Caldas os annos da universidade, quando a nomeada, que lhe ganharam seus talentos, e a admiração que causavam seus versos, chamaram a attenção da suspeitosa policia de D. Maria I, que o mandou prender, e julgar pelo tribunal do Santo Officio: em attenção todavia á sua idade, pouco tempo se conservou preso, e foi, por ordens do governo, condemnado a fazer exercicios por seis mezes na Congregação dos Padres Cathequistas de Rilhafoles.

a leitura do discurso de J. J. Rousseau sobre a desigualdade dos homens.

Souza Caldas, no cumprimento da sentença, entregou-se á solidão e á leitura dos livros sagrados; captou por suas modestas maneiras, e seus elevados talentos, a benevolencia dos padres da Congregação, que, intercedendo para com o governo em seu favor, obtiveram seu perdão, e licença para que voltasse aos seus estudos.

Apenas os terminou, e recebeu os gráus academicos, Antonio Pereira de Souza Caldas começou o exercicio da advocacia, e preferio n'ella conservar-se ao despacho de Juiz de Fóra para uma das comarcas do Brazil, que alguns amigos seus lhe haviam diligenciado: a noticia da morte de seu pai, que elle tanto prezava, — arrancou-o á seus trabalhos, magoou-o profundamente, e por fim levou-o á deliberação de deixar Portugal, e de viajar pelos outros paizes da Europa.

Começou pela França, porque a França era o paiz da sua paixão, e nos livros francezes bebêra suas primeiras inspirações.

A França, n'essa época, e anno de 1785, era ainda monarchia: corria porém, e já, a passos dobrados, para os grandes acontecimentos, que tão profundamente abalaram todos os seus alicerces e fundamentos: a revolução terrivel, audaciosa, e sanguinolenta, mostrava seus primeiros impetos, como a tempestade soe prevenir o navegante, antes de apparecer; os Estados-Unidos da America Septentrional, com o soccorro da França, se haviam emancipado da metropole britannica, e constituido uma republica; enthu-

siasmo subido apparecia em França, e augmentava-se pelo desenvolvimento de exageradas doutrinas liberaes que da America se transportaram.

Luiz XVI appellidava-se ainda rei e magestade; que magestade e rei era porém elle, mais captivo e infeliz do que o minimo de seus subditos? Abandonado por sua nobreza, via escapar-se-lhe uma por uma de suas attribuições, que o povo quebrava, no meio das praças, e ao som de applausos!

Scenas tão diversas, tão variadas, tão ameaçadoras no entretanto, succediam-se todos os dias, a todos os momentos; acontecimentos imprevisitos, repentinos, e ao mesmo tempo — rapidos como o raio, resvalavam de cada palavra de improvisado tribuno, que se collocava á testa de desordeiros grupos; ninguem se entendia, e todos concorriam para a dissolução da monarchia de Henrique IV, uns ignaros do futuro, outros atterrorisados do presente, e alguns tambem suspeitosos do passado. Os despotismos populares — os furores da demagogia frenetica — as influencias de homens sem importancia, sem luzes, sem garantias — a desmoralisação, que da nobreza e do clero descêra á plebe, tudo perpassava e tudo geralmente dominava — e esses espectaculos terribéis de grupos de homens descalços, cobertos de trapos, dando a lei na praça e sendo obedecidos — tudo horrorisou profundamente a Antonio Pereira de Souza Caldas.

As idéas, que dominavam, não eram as que

ambicionava elle; os factos a que assistia não eram os que procurava; sua illusão fôra completa; — apaixonar-se pela litteratura franceza, que dominava do Newa ao Tejo; — beber pelos olhos e pelos ouvidos inspirações de escriptores, que pintavam quadros tão bellos e tão arrebatadores; — chegar á patria de Voltaire, de Bossuet, de Racine, de Montesquieu, e de Corneille — engenhos, que tanto admirava, e tanto o enthusiasmavam, e soffrer tão terrivel decepção! — como não abandonaria todas as suas primeiras impressões, e os seus primeiros amores?

Abriu-lhe então a Italia seus thesouros de marmore, e suas riquezas de reminiscencias: a Italia fallou-lhe ao coração e á mente; — ao coração, porque lhe communicava sentimentos de tudo o que ha de bello, e sentimentos, que não morrem; e á mente, porque era ella ambiciosa de conhecimentos e illustração. Desde a patria de Virgilio, até a poetica Calabria, — tudo viu, — tudo examinou, — tudo estudou. Veneza com seus canaes, suas gondolas, seu leão de S. Marcos, seu bucentauro, e seus palacios de marmore; Verona com seu circo romano, e seus tumulos dos Montechis e Capuletis; Milão com sua sé admiravel, que, como o pensamento humano, sobe até a siderea mansão de Deus; Florença com seus sumptuosos museos, e jardins encantadores; Bolonha com sua sciencia e seu cemiterio; Pizza com sua torre inclinada; Roma com a magestade de suas poderosas reminiscencias, com os restos quebrados, mas subli-

mes, de seu antigo poderio, com seus edificios, que immortalisaram Miguel Angelo, e Raphael d'Urbino; Genova com seu porto e seus palacios multicôres; Napoles com seus risos e flores, seu golfo e seu Vesuvio pittoresco; tudo—enfim d'essa terra doirada e encantadôra, arrebatou e enthusiasinou o Vate Brasileiro, que por ella peregrinava.

E não foi só a historia dos feitos antigos que exaltára a imaginação do poeta: a pompa da religião catholica, o esplendor dos templos, e a geração extraordinaria de engenhos superiores, que ainda modernamente produzira terra tão rica, empapada de immortalidade, velha como a historia, e sempre fresca e viçosa como uma ficção de fadas, avivaram-lhe e poetisaram-lhe a phantasia: de cada resto abandonado d'essas famosas ruinas viu levantar-se um suspiro, ou cantico sonoro, melodioso, melancolico, mais doce ao coração do que o fremito das vagas do oceano, ou o soido vagaroso e funebre do vento por entre os galhos levantados das esbeltas casuerinas, e dos bravios pinheiros.

Antonio Pereira de Souza Caldas amou Roma, como sôe amar um coração entusiasta; foi estimado pelo pontifice Pio VI; adquirio relações com as mais importantes pessoas, e com os sabios de maior celebridade; suas idéas mudaram de direcção; seu pensamento modificou-se; nova estrella lhe lusio no firmamento, e—apoz'ella seguiu-lhe o coração: sua sorte e sua vida decidiram-se; o advogado largou pelo Evangelho o livro da

lei, tomou ordens sacras, e entregou-se ao altar.

Desde esse tempo dirigio-se sua inspiração para a religião, e seu amor para Deus. — A terra o perdeu — e o céu o adquirio.

Produzio então as odes admiraveis da *Immortalidade d'alma*, da *Creação*, da *Existencia de Deus*, da *Virtude da religião christã*, e da *Necessidade da revelação*.

Roma o deteve por alguns annos: quando lhe foi necessario regressar para Portugal, que de saudades o acompanharam? — Em Lisboa offereram-lhe a abbadia de Lobrigos, importante em rendimentos, e a mitra episcopal do Rio de Janeiro, resplandecente de gloria; o bispado e a abbadia recusou, preferindo ás grandezas e riquezas humanas viver independente e pobre.

Entregou-se, em Portugal, durante quatro annos, que alli ainda residiu, ao exercicio de prédgador: na fermosa igreja do Coração de Jesus, e na de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, estabeleceu o seu pulpito, e n'elle, sempre rodeado de curiosa multidão de povo, que folgava de admirar seus talentos, soltava a maviosa eloquencia de sua palavra encantadora, e extasiava seus ouvintes com profunda erudição e portentoso engenho.

A reminiscencia de sua patria, e a lembrança de sua querida mãe, que ainda existia, chamaram-no ao Rio de Janeiro, pelo meiado do anno de 1801.

Que diversos e tão variados acontecimentos se tinham realisado, desde que elle, — na idade de oito

annos, deixára sua patria, — até que regressára a ella? Que immensidade de factos se não intercalára entre estas épocas tão distantes? — Ao conde da Cunha succedêra no Vice-Reinado o conde de Azambuja, a este o marquez de Lavradio; seguiram-se Luiz de Vasconcellos e Souza, e o conde de Rezende; e estava em exercicio da autoridade D. Fernando José de Portugal.

Estremecia ainda o Rio de Janeiro sob o peso da impressão dos acordãos, que a Relação em alçada havia lavrado contra os réos, que tentaram, em 1789, separar a capitania de Minas Geraes do dominio da corôa portugueza; rigorosas tinham sido as penas: os homens mais importantes do Brazil, d'aquella quadra, rojaram grilhões pesados pelos presidios de Angoche, Ambáca, e Maximba (*): o terror se apoderava de todos os animos, e ainda levantado existia o cadafalso para exemplar castigo dos espiritos pensadores (**).

Antonio Pereira de Souza Caldas tencionou organizar sociedades litterarias, crear incentivos ao genio brasileiro, abrir campo, em que livremente se desenvolvessem os dotes do espirito.

Baldados esforços! — Academias litterarias já tinham existido, e todas se dissolveram pelo

(*) Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Claudio Manoel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Domingos Vidal Barbosa, &c., &c.

(**) Joaquim José da Silva Xavier, conhecido pelo nome de Tiradentes, e considerado cabeça de movimento premeditado, morreu enforcado: leia-se mais adiante a *Vida de Thomaz Antonio Gonzaga*, que contém a historia d'esta tentativa de independencia.

medo e terror (*). — Em 1805 voltou a Portugal; começou a traducção dos Psalmos, que é um dos seus mais bellos titulos de gloria.

No entretanto caminhavam os acontecimentos da Europa de uma maneira extraordinaria; como as ondas do mar, que, em occasião de tempestade, umas ás outras se succedem mais rapidas e mais altanadas, assim elles progrediam: apoz as scenas de sangue, os espectaculos de guilhotina, e a influencia mortifera da republica franceza, que passára pela Europa qual lava do Vesuvio, quando espalha suas linguas de fogo, e tudo arasa e queima, — tinha vindo a época brilhante, e cavalheirosa do Imperio de Napoleão, com suas festas e suas victorias, mandando a toda a parte seus exercitos e suas aguias gloriosas: ainda que pequeno, e no centro da Europa mais retirado, não podia Portugal escapar á illimitada ambição do moderno Conquistador, que sómente sonhava triumphos e dominios; em 1807 um exercito francez pisou terras de Portugal, e o principe regente D. João, que estava governando durante a grave enfermidade de sua mãe D. Maria I, julgou melhor abandonar seu reino da Europa, e estabelecer provisoriamente a séde da monarchia portugueza no Brasil, do que arriscar-se á sorte de Carlos IV, rei da Hespanha, que bem caro

(*) Na *Vida de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga*, tomo 2.º, descrevem-se compridamente as associações litterarias, que existiram, por essa época, no Rio de Janeiro.

pagára na prisão de Bayona o preço de sua demasiada confiança.

Embarcou-se a rainha, o principe regente, toda a côrte, a maior parte da nobreza; com os fugitivos monarchas veio tambem para o Rio de Janeiro Antonio Pereira de Souza Caldas, desejoso de descançar seus derradeiros dias no solo patrio, e de n'elle terminar sua existencia, — tranquillo e solitario; os mesmos ares, que lhe bafejaram as faces, quando tocou o limiar da vida, — anciava respirar, no momento em que tivesse de largar o sopro ultimo d'ella: a mesma terra, que o vira nascer, — queria que recebesse seus ossos, como filho amoroso e querido: a viagem foi longa; sómente nos primeiros dias de Março de 1808 pôde a frota entrar pela bahia do Rio de Janeiro, e dar fim á sua trabalhosa derrota.

O conde dos Arcos havia sido o substituto de D. Fernando José de Portugal; fechou o circulo dos Vice-Reys do Brazil, entregando o governo ao principe D. João. O Rio de Janeiro tornou-se a capital da monarchia Lusitana, a sua metropoli, a séde de toda a côrte.

Os annos de Antonio Pereira de Souza Caldas não excediam a quarenta e seis; sua constituição porém, fragil, e delicada desde o principio de sua vida, flagellava-o, e abatia-o; assim mesmo, de corpo cançado, — jámais faltou ao pulpito; forte e reforçado de animo e de espirito, — folgava sempre de fazer echoar sua voz eloquente e poderosa no meio de seus compatriotas, e de trium-

phar, convencendo-os com o magico e mavioso accento de sua profunda e religiosa crença; a igreja de Santa Rita mereceu-lhe as honras de preferencia para n'ella prégar todos os Domingos, por ter sido aquella em que recebêra a graça baptismal; a ella concorria sempre copia immensa de povo, que se exaltava com o zelo apostolico do prégador, e sabia comprehender e admirar o seu talento subido, e os seus thesouros de sciencia.

No Rio de Janeiro terminou a sua traducção dos Psalmos, e escreveu ainda uma collecção de cartas politicas e philosophicas sobre a côrte, procurando imitar as *Cartas Persianas* de Montesquieu, e as do *Cidadão do mundo*, de Goldsmith.

Admiravel foi sua vida; — seu engenho o collocou na primeira linha dos poetas lyricos da lingua portugueza; — sua instrucção o acreditou um dos litteratos, philosophos, e prégadores de maior fama, e de mais perfeitas qualidades do seu tempo; — suas immensas obras de caridade, os soccorros, que prestava continuamente aos necessitados, aos pobres, e aos afflictos, — a moral que o inspirava em todas as suas acções, — a honradez, lisura, e desinteresse com que se portava nos mais pequenos negocios, — cercaram-no de gloriosa aureola de respeito, consideração, e veneração universal.

Como não seria geralmente sentida sua morte, que teve logar no dia 2 de Março de 1814?

Foi enterrado na casa do capitulo do convento de Santo Antonio, e seus ossos se recolheram em

uma urna, em a qual um poeta Brasileiro escreveu estes versos latinos :

- Brasiliæ splendor, verbo, sermone tonebat,
- Fulmen erat servo, verbaque fulmen erant (*).

§ 2.

Antonio Pereira de Souza Caldas compoz tragedias, hymnos, cantatas, sermões, obras de critica, de philosophia, e de religião, que seus contemporaneos conheceram, e que pela maior parte, por falta de impressão, não chegaram á nossa quadra: algumas perderam-se por mãos de quem lhes não sabia dar apreço; outras por ahi andam manuscriptas em poder de parentes seus, que se não resolvem a publica-las; muitas por elle mesmo foram lançadas ás chammas devoradoras do fogo, nos momentos em que seu zelo apostolico, e religioso fervor, lhe incitavam desejos de que nada lhe sobrevivesse afóra suas composições sagradas.

O que possuímos é apenas uma collecção de

(*) Do Brazil esplendor, da Patria gloria,
Discorrendo, ou fallando, trovejava;
O discurso, a dicção, a essencia, a fórma,
Tão veloz como o raio se enflammava.

(DE JOSÉ ELOY OTTONI.)

poesias sagradas e profanas, com a traducção dos Psalmos, publicada em dous volumes, em Pariz, em 1821, pelos cuidados de um seu curioso e illustrado sobrinho, e enriquecida de importantes commentarios do litterato Portuguez Francisco de Borja Garção Stockler; além de algumas Cartas avulsas sobre a côrte portugueza, que manifestam seu gosto litterario, e sua critica apurada.

Todavia os dous ditos volumes, pequenos e escassos no formato, são grandes e robustos nas composições, que contém, e guardam; são verdadeiros monumentos de gloria para o seu auctor.

A poesia lyrica portugueza tem duas escholas distinctas: uma maviosa, terna, doce, e musical; o metro torna-se cadente e sonôro; a rima é languida, igual, e angelica; a palavra tão appropriada, como a notta de uma bella cavatina de Rossini: a outra eschola abandona a fôrma, as vestes exteriores, desampara a lindeza do verso, e só procura pensamentos altivos, elevados, e grandiloquos. Da primeira eschola é o chefe Luiz de Camões, cuja vida de dôres e prazeres,—tormentos e amores,—é um verdadeiro poema, e—poema melancholico; são satellites brilhantes Antonio Ferreira, Thomaz Antonio Gonzaga, Manuel Maria Barbosa de Bocáge, e Pedro Antonio Correia Garção: esta familia de poetas, que dão á linguagem o privilegio da harmonia, que no estylo collocam o gosto, na palavra o som, na phrase a doçura, no verso a cadencia, e na rima a perfeição, conseguem dos seus superior renome, e entre estra-

nhos são intraduzíveis; é descendencia de Virgilio, aprimorada por Luiz de Camões, Lord Byron, Torquato Tasso, Frederico Schiller, Francisco Petrarca, e João Racine.

A segunda escola foi illustrada por Francisco Manuel do Nascimento, Antonio Pereira de Souza Caldas, Antonio Diniz da Cruz e Silva, e João Baptista de Almeida Garrett: o pensamento é mais livre, a ideia procura o ar, para desenvolver-se; a cadencia do verso e o som musical das palavras são sacrificados á inspiração do vate; como Pindaro, como Homero, como Klopstock, Milton, Goethe, ou Dante Alighieri, a aguia quebra as cadeias, ganha a liberdade, e esvoáça de altura elevada: as bellezas do pensamento pertencem a todos os tempos, e a todos os paizes; — não assim as bellezas do estylo, que tem terra, sol, e céu natal.

A poesia lyrica portugueza d'esta segunda escola nunca apresentou tão atrevidos e arrojados vôos, como nas odes de Antonio Pereira de Souza Caldas: si Francisco Manuel do Nascimento, dando-se a assumptos historicos, levantou perduraveis monumentos de gloria a Affonso de Albuquerque, aos Portuguezes, e a Vasco da Gama, mais alto subio Souza Caldas, porque foi buscar sua inspiração nos mysterios do Christianismo, elevou seu pensamento até Deus, e com materiaes tão fecundos como esses, que fallam directamente á alma do homem, quanto se não ergueria elle?

**Abram-se os versos da sua ode admiravel da
Existencia de Deus :**

A luz se faça —; e subito creada

A luz, resplandecendo

A voz ouvia, que aviventa o nada :

D'entre as trevas — se foi desenvolvendo

O cháos — que estendendo

A horrenda face, tudo confundia,

A terra, e o mar, e o céo, e a noite, e o dia.

Inda o sceptro quimerico empunhava

O nada, avassallando

Informe reino, e vão, que dominava

A seu lado o silencio venerando;

E tudo, repoisando

No seio incerto e immenso do possivel,

D'existir era apenas susceptivel.

Sómente a eternidade

Concentrada em si mesma, em si contida,

Em si gozando interminavel vida,

Perenne mocidade,

Com infinitas perfeições brilhando,

Sotopunha os futuros a seu mando.

Ao som de sua voz omnipotente

O possivel se atterra;

O nada se fecunda; e de repente

Attonitos produzem céos e terra,

E o espaço, que os encerra :

Começa então o tempo pressuroso

A curva foice a manejar iroso :

As agitadas ondas se separam

Da terra, que cobriam,

E no vasto oceano se abrigaram :

As fructíferas arvores nasciam :

De pennas se vestiam

As animadas aves ; e de vida

Animaes de grandeza desmedida.

O homem apparece,

Alçado o nobre collo, e vendo ao lado

Da mulher o semblante lindo e amado,

Por quem morrer parece :

De raios e de luz se rodeava

O sol, que almo calor a tudo dava.

.

O verme, que no campo resvalando,

Ergue a movel cabeça ;

A aguia sobre as nuvens remontando,

E do ar retalhando a massa espessa ;

A garganta travessa

Do leve rouxinol ; e o peito forte

Do leão, que esbraveja e insulta a morte ;

O mar embravecido ;

A terra de mil fructos, que a guarnecem,

Toldada, com que as forças reverdecem

Do homem atrevido ;

Tudo aponta a Suprema intelligencia,

Adoravel auctora da existencia.

.

Em nem-um paiz, e em nem-uma lingua, poesia mais rica, e mais adornada de magestosos e gigantescos pensamentos, appareceu ainda. — Ovidio, descrevendo na sua primeira metamorphose o chãos, e a criação, não reúne um complexo tão perfeito de imagens altanadas : — produz a religião a dissimilhança, que a religião de Ovidio era o Polytheismo, material e descarnado,

e a de Souza Caldas é a religião de Christo, que tanto purifica e adoça o coração; é a religião co-rouda com o mysticismo catholico, cercada das nuvens de incenso, e da pompa da cerimonia do templo sagrado, aonde entre o homem e a Divindade, para provar a distancia, que separa o peccador do Juiz Supremo, — apparece o sacerdote, não homem como — os outros homens, —mas revestido e figurando— separado da terra; —é a religião d'alma, da vida eterna, da consciencia, toda sublime, — toda mysteriosa.

A poesia de Souza Caldas é eminentemente religiosa, filha da litteratura hebraica; é producto da superior inspiração, que bafejou a Salomão, a David, a Moysés, a Asaph, a Job, a Coreo, a Samuel, e a Ezechiel: a differença consiste no tempo, e no lugar; a poesia hebraica descantava-se no meio de uma civilização infantil, com os usos e costumes dos homens pastores, — sobre os montes Sinai, — ás ribas do mar Vermelho, — ou dos rios da Babylonia; é uma poesia sublime, celestial, divina, mas doce, mas melancholica, appropriada ao povo de Israel; e de permeio, — altivos, e gigantescos canticos de David erguem-se magestosos como os cedros do Libano; de quando em quando — um ou outro gemido de Job fere o coração, como o som da harpa do deserto: — as vestes todavia são modestas, candidas, simplicies; os pensamentos sim que — são soberbos, audaces, magestosos; a inspiração sim que — sobe sempre á origem a mais pura, e a mais elevada.

Souza Caldas viveu porém em diversa época, em civilização já refinada, e entre povos de costumes bem diferentes: demais, o christianismo, e, apóz elle, o catholicismo, modificaram ainda os usos das antigas e primarias éras: por esta razão, bebendo Souza Caldas sua primorosa inspiração na poesia hebraica, apaixonando-se pelos vôos soberbos de David, desenvolveu-se no emtanto com apparato magestoso, accommodado a seu tempo; Ossian, ou para melhor dizer, Macpherson (*), não é tambem descendente da poesia hebraica, e todavia não desdobra seus canticos lugubres, e sonoros, de differente modo, e por diverso feitio? — Milton, e Klopstock não receberam da Biblia os seus suspiros melodosos, e se não alimentaram com o nectar, que d'ella decorre? Qualquer que seja a maior ou menor divergencia das vestes exteriores, a poesia de Souza Caldas é uma faisca de fogo escapada da poesia hebraica, e que leva a luz mais penetrante ao coração e á alma do homem. Todas as vezes que não póde explicar humanamente suas inspirações, não o domina a ambição de philosophicamente discuti-las, como Hegel, Vico, Kant, ou Fichte; descansa, antes como Bossuet, na convicção de Deus, tudo á sua força e poder attribue, porque em sua consciencia Deus é o pensa-

(*) É actualmente certo que Macpherson compôz estes bellos canticos, attribuidos a Ossian, como é certo que é Chatterton o auctor verdadeiro dos poemas publicados sob o nome de *Rowley*.

mento superior, que tudo resume, porque tudo tirou do nada, e tudo creou, na phrase do philosopho Mallebranche.

A cantata da *Creação*, desenvolvendo ainda mais o pensamento elevado, que deu nascimento à ode da *Existencia de Deus*, encerra tão variada pintura, e exposição tão colorida, que commove, arrasta, e ainda depois de terminada a leitura, deixa a alma suspensa, e encantado o espirito, como ainda se deslisa apóz a carreira da náu, e por algum tempo se conserva, longa esteira, que abrija seu caminho: finalisa com um hymno soberbo, cujas bellezas se não offuscam perante as mais admiraveis poesias da Biblia:

Os Céos entoam

Minha grandeza,

Os seres todos

Juntos pregoam,

Por varios modos,

Do eterno ser

O incomparavel,

Grande, ineffavel,

Alto poder!

A minha gloria,

Homem, respeita;

Rendido, aceita,

Meu mandamento.

Traze á memoria,

Que o firmamento

Por ti criei:

Que o mar, e a terra,

E o que ella encerra,

Tudo te dei.

Não ha que admirar unicamente em Antonio Pereira de Souza Caldas uma imaginação vasta, brilhante, illimitada; uma superabundancia de magestosos e magnificos pensamentos; um como que excesso, ou mesmo exaggeração da faculdade de inventar, e de produzir, que possuia em gráo subido, agglomerando por essas odes sacras, e em tão pequeno circulo, tantas, tão differentes, tão variadas, e ao mesmo tempo tão grandiosas ideias; é que fôra elle dotado com essa força preciosa, com esse raro privilegio, que se intitula — genio, e que comprehende o gosto, e a invenção; — o gosto, que é o poder de sentir e conhecer o que é bello, e — a invenção, que é o talento de imaginar, e produzir — o verdadeiro genio se não contenta com vêr e admirar, mas tem vontade ardente, e irresistivel força de exprimir. A sua linguagem, si não é maviosa e musical, como sóe compô-la a escola artistica de Camões, e de Virgilio, tem comtudo o merito da clareza, da propriedade, e da energia: ella desenha e pinta perfeitamente o quadro pomposo, que almeja o entusiasmo do poeta; e que — mais elevada expressão se pôde exigir do que a das ultimas strophes da ode sobre a *Virtude da Religião Christã*?

O' musa, que me inspiras animosa,

Novas côres ajunta ao nobre quadro,

Que soberbo desenhás:

Ouve o guerreiro estrepito, que atrôa

Os deplorados muros

Da misera Sion; vê como a cinge

Romana bellicosa soldadesca.

Já bates os arietes horrendos
 Com medonho fragor as suas torres;
 A descorada fome,
 O odio, o horror, por toda a parte a investem,
 E o venenoso vulto
 Ergue a peste lethal, medonha e fera,
 Mortaes frexas em torno arremessando.

 Que scena, ó Deus, avisto!
 Lá rasga mãe cruel o tenro peito
 Do misero filhinho!
 Já sobre ardentes brasas
 Lacerado o arroja, e deshumana
 Ceva a fome na carne, que gerára!

Jerusalem rebelde, vê alçando
 O horrído semblante no teu seio
 O crime furibundo:
 Já freme a crepitante labareda
 Em torno do teu templo:
 Em vão forcejas apaga-la, — e irado
 Um Deus a chamma abrasadora acende.

Tuas culpadas ruas estremecem:
 Por toda a parte a morte te rodeia:
 Cahida em terra jazes,
 De lividos cadaveres juncada:
 Nunca mais o teu templo
 Se erguerá; e — o teu povo vagabundo
 Será de opprobrio e dôr fatal objecto!

Quando Antonio Pereira de Souza Caldas, no entusiasmo o mais fervoroso, descrevendo a paixão de Jesus Christo, exclama:

 Quem fará em meu seio
 De lagrimas brotar inesgotavel

Compassiva torrente, e noite, e dia,
 De Judá sobre o crime
 Derramar inconsolavel pranto?
 Esconde-te, Israel; — mirrados corpos
 Surgem das frias campas;
 Treme o orbe de horror; fendem-se as pedras;
 Do templo o véo se rasga:
 Em geral lucto envolta a natureza,
 — Que fizeste, Israel? — Te está bradando. —

dir-se-ia perfeita inspiração roubada ao genio ardente e robusto de Milton, quando no canto 9.º do seu admiravel poema, Eva appresentando á Adão o prohibido fructo, e levando-o á prova-lo, o poeta pinta o terror, de que se apossou a terra, e se cobrio o céo, cahindo até da mansão etherea amargas e tristes lagrimas, que desenham perfeitamente a desesperação do primeiro homem, no instante em que conhece o seu crime, e o castigo devido, que logo apóz lhe infligiu o Creador.

Tratando da morte do Salvador do mundo, como rivalisa o seu estro com o estro de Klopstock! Que magestade quando diz! —

De sangue está banhado
 O justo, em afrontosa cruz pendente:
 O senhor do universo traspassado
 De dôr acerba, ingente:
 Tyranno povo as vestes lhe sorteiam;
 A traição o vendeu, horrenda e feia,
 Os macerados olhos lhe circumda
 Piedosa ternura,
 No coração ajunta a dôr profunda
 Os doces sentimentos, em que abunda,

E do pai só procura
 O perdão dos algozes, que o cravaram,
 E no seu sangue as impias mãos banharam.

O' Filha de Sion, no pó te assenta,
 Cobre de humilde cinza o teu culpado

E fementido rosto:
 Como ainda existís, ó Sol? ó Terra?

Um dos titulos mais gloriosos de Souza Caldas, e pelo qual a litteratura portugueza maiores louvores lhe deve, é o abandono, que elle, primeiro que todos os seus poetas, fez da technologia grega, adoptando linguagem clara, precisa, e eloquente; até então, a litteratura grega e a romana se apoderavam de todos os espiritos; o bello e o sublime não tinham veredas diversas para serem attingidos; outra inspiração não podia ser a do poeta, afóra aquella que partisse do Helicon, e do Parnaso; outra phraseologia não podia ser por elle empregada, afóra a da cansada mythologia: a poesia portugueza devia revestir-se de mantos Hellenicos, e revelar seu pensamento por meio de ajustados symbolos, e de imagens reconhecidas e accitas.

E não um ou outro poeta tentou anteriormente passar as raias do circulo de ferro, que o subjogava, e lhe cortava os vôos; a educação era latina, ou grega; as ideias descendiam d'essa origem, e com ella se confundiam; o mesmo Francisco Manuel do Nascimento, cantando herões modernos, e bravuras de nossos tempos, cobria-os como Romanos, ou Gregos, dava-lhes as armas

dos antigos combattentes, e escondia suas acções com as imagens do polytheismo; o proprio Luiz de Camões, com tanta justiça appellidado o — Principe dos Poetas das Hespanhas, — no seu memoravel poema, a par de bellezas, que nem-um poeta antigo, ou moderno, excedeu ainda, chama em seu auxilio as divindades de Platão, de Hesiodo, e de Homero, e mistura o mais sublime e pathetico com repetições enfadonhas, e pinturas desnaturaes, e desappropriadas: nada ha de mais extravagante do que vêr guerreiros Portuguezes elevarem preces aos Deuses do Olympo, em vez de recitarem canticos da Igreja Catholica; nada ha de mais extravagante do que, no meio das vagas irritadas do oceano, em procura de novos mundos, para enriquecerem sua patria, não saudarem os navegantes Lusitanos a Christo, não adorarem a Imagem da Virgem Purissima, e sim dedicarem-se ao serviço da luxuriosa Venus, da sabia Minerva, ou da soberba Juno.

Antonio Pereira de Souza Caldas rasgou o véo de semelhantes phantasmagorias; para elle a poesia devia trajar vestes proprias e nacionaes; seguir a origem de sua inspiração; perder-se nos seus braços; para elle o bello e o sublime não tinham um character unico, immutavel, eterno, cujos traços são de antemão delineados; a inspiração verdadeira e espontanea nasce da liberdade, e da religião!

Chame-se esta poesia, como alguns a appellidam, — romantica, ou dê-se-lhe qualquer outro

nome, o certo é que ella interpreta fielmente os mysterios do coração humano, e exprime perfeitamente as suas paixões, crenças e sentimentos; cada formula tem sua época; a poesia grega foi bellissima; a sua filha de Roma degenerou um pouco, mas obteve ainda gloria; ambas, porém, já terminaram seu tempo; a poesia é representação da religião e da sociedade; quando estas mudam, a poesia vaga, sem força e sem vida, até que com ellas desaparece; o christianismo e o catholicismo mudaram o mundo, e trouxeram nova poesia, e essa poesia viverá enquanto viver a religião e a sociedade que ella pinta, e que ella segue. Póde-se dizer affoitamente que é Antonio Pereira de Souza Caldas o chefe da nova escola da poesia portugueza.

§ 3.º

Ha tantas traducções poeticas dos Psalmos! A França, a Allemanha, a Italia, a Inglaterra, a Hespanha, possuem-nas em grande numero. Nem uma ha porém, por mais bella e perfeita, que possa exceder em merito litterario a que terminou Antonio Pereira de Souza Caldas; elle estudou a poesia hebraica, e a traduziu na lingua portugueza, como Phidias estudou Homero, e o traduziu com seu cinzel, ou como Miguel Angelo estudou o poema de Dante, e o traduziu na Ca-

pella Sixtina do Vaticano; a harpa do rey de Israel não perdeu nem-uma de suas harmonias, passando-se da lingua hebraica para a portugueza; não é com a elegancia graciosa e elegiaca, que empregou Luiz de Camões na traducção de dous Psalmos; não é com a rima musical e voluptuosa de André Chenier; e menos com a versificação polida, languida, e triste de Gonzaga, de Racine, de Lamartine, de Garção, de Schiller, ou Petrarca; mas com perfeito conhecimento de suas bellezas, com alma fogosa e convencida, com espirito entusiastico, — com verdade, — propriedade de termos, e magestade de expressão: Souza Caldas escreveu em portuguez, como escreveria o proprio rey David.

« Foi no tempo de David — diz Herder (*) — que a selvagem flôr dos campos, por elle trazida para a soberba Sion, brilhou com todo o esplendor de flôr real: fôra sempre musical e poetico o espirito de David; no meio dos campos e prados correram seus primeiros annos, e n'elles colheu o joven pastor as lyricas flôres, com que ornou seus Psalmos heroicos, e tambem seus Psalmos penitentes. A verdade é a base fundamental do seu character, porque sua poesia é o espelho fiel de sua vida, de suas sensações, e de sua época; é um jardim rico de graciosas flôres, e de fructos saborosos, mas que ás vezes a tempestade estraga: é a pintura do seu terno coração,

(*) Herder — *Geschichte der Hebraischer Poesie.*

e de sua alma sensível; elle soffreu todas as dôres, e gozou de todos os prazeres, e por isso ha cousas nos Psalmos, que se não podem exprimir nas modernas linguas: suas lagrimas tomam filial resignação; o Deus, que de pastor o elevou a rey, que o amparou em todos os transe e calamidades, é a sua confiança. »

Os Psalmos eram escriptos e compostos como hymnos, que precisam de acompanhamento de musica; o povo Judeu os recitava, e cantava nos templos, nas festas publicas; a poesia e a musica eram irmãs, e conjunctas; uma e outra sanctificou o rey David; e para o serviço divino, para as ceremonias do cantico e da musica, elle reuniu quatro mil Levitas, divididos em classes diversas, e chóros differentes.

É esta poesia que trasladou Souza Caldas para a lingua portugueza!

Verdade é que as qualidades lyricas do traductor admiravelmente se apropriavam á obra; havia n'elle não só a grande sciencia da comprehensão, que é o estudo profundo, serio, e acertado dos canticos hebraicos; não só a brilhante imaginação capaz de transpôr a obra, qual outro original; senão tambem uma qualidade especial apparece no genio de Souza Caldas; — e esta qualidade tornava-se — necessaria para acompanhar com poucas palavras toda a expressão da poesia dos Psalmos, que se desenvolve em diminutos termos, e — com espantosa brevidade: aproximando-se aos canticos simplicis de Moysés a lin-

guagem dos Psalmos é todavia energica; a magestade consiste tanto no elevado pensamento, como na palavra curta e apropriada; a lingua portugueza é rica e abundante; para conservar as bellas imagens, e ao mesmo tempo a fogosa expressão dos versos de David, convinha um talento excepcional, e ao mesmo tempo dotado de grande inspiração lyrica: nem — outro mais proprio do que o de Souza Caldas.

Que mais fiel traducção do que — a do bello Psalmo seguinte?

— Feliz aquelle, que os ouvidos cerra
A malvados conselhos,
E não caminha pela estrada iniqua
Do peccador infame;
Nem se encosta orgulhoso na cadeira
Pelo vicio empestada;
Mas na lei do Senhor fitando os olhos,
A revolve, e medita,
Na tenebrosa noite, e claro dia.
A fortuna, e a desgraça
Tudo parece a seu sabor moldar-se:
Elle é qual tenro arbusto,
Plantado á margem de um ribeiro ameno,
Que de virentes folhas
A erguida frente, bem depressa, ornando,
Na razão opportuna,
De fructos curva os succulentos ramos.
Não sois assim, ó impios!
Mas qual o leve pó o vento assopra,
Aos ares alevanta,
E abatte, e espalha, e com furor dissipa. —

A collecção dos Psalmos é um admiravel poema, que pinta as scenas todas do coração humano; da alegria passa á dôr, do enthusiasmo ao abatimento, da furia á piedade, da audacia á resignação: o rey David foi escrevendo suas sensações ao passo que ellas se lhe iam succedendo, e com a mais sublime eloquencia, que possam conseguir as paixões diversas do homem.

É possível, Senhor, que te não dôa
 Vêr o teu servo sem cessar pizado
 Aos pés dos impios, que crueis o affligem,
 Que feros o attribulam?
 Desde que nasce o Sol, té que se occulta
 No vermelho horisonte, se revezam,
 Insultando-me audaces, procurando
 Soberbos humilhar-me.

Na lingua franceza João Baptista Rousseau foi traductor dos Psalmos; ou fosse porém que se não prestasse a lingua franceza á expressão magestosa e sublime dos canticos hebraicos, ou porque,—o que é mais presumivel, faltassem imaginação e genio ao traductor, que, apesar da nomeada, que grangeou, de primeiro poeta lyrico da França, muito inferior nos parece a seus mesmos compatriotas Lebrun, Lamartine, e Victor Hugo, o certo é que a traducção franceza está muito áquem das traducções dos Psalmos, que possuem as demais nações da Europa, e das quaes uma das mais aperfeiçoadas é, sem duvida alguma, a de Antonio Pereira de Souza Caldas.

E não foi Antonio Pereira de Souza Caldas, o unico, que para a lingua portugueza trasladou os Psalmos, e os exprimiu em versos; Achyles Estaço da Vidigueira, e Bernardo da Fonseca ousaram faze-lo anteriormente; infructiferos esforços empregaram! Luiz de Camões traduziu dous Psalmos, mas n'aquella linguagem tenra e doçorosa, tocante e melancholica, que cabia tão perfeitamente a seu animo, e ao seu viver; linguagem todavia, que não era a dos Psalmos, grave, solemne, magestosa e altanada, como folgava de escrever o rey de Israel; Saverio Mattei mais que nem-um outro poeta aprofundou o estudo da litteratura hebraica, conheceu suas bellezas todas, fielmente interpretou os textos, que encerram tão rica e divina poesia, — poesia que ha de ser eternamente a delicia dos litteratos, e a inspiração dos poetas —; mas na traducção, que d'elles effectuou para a lingua italiana, ou porque lhe faltasse o engenho poetico, ou porque não soubesse perfeitamente manejar sua lingua vernacula, o certo é que, com quanto fiel e mais genuina, foi desgraçado o traductor.

Como comprehendeu, e exprimiu Souza Caldas o Salmo de David, fugindo á vista de seu filho Absalão? Como disse sua resignação evangelica, sua fé convicta, e sua firme esperança? — Como se apoderou da inspiração dolorosa e altiva ao mesmo tempo, do grande monarcha?

« Ah! Senhor! Que crescendo meus imigos,
Apinham-se, e me encaram furiosos!

Quantos me estão bradando :
 — Debalde espera que o seu Deus o salve ! —
 Mas tu és, ó Senhor, o meu esteio,
 E minha doce gloria ;
 O rosto entre os perigos tu me exaltas !

A Deus clamei, e — sobre o monte sancto
 Minhas vozes soaram ;
 Pesado somno me cerrou os olhos ;
 Dormi, e alegre despertei nos braços
 Do Deus, que a si tomou-me.
 Cerque-me embora numeroso exercito :
 Sem susto o arrosto ; mas é tempo, accode-me,
 Ergue-te, ó Deus, e salva-me !

Já outras vezes meus perseguidores
 Tu desfizeste, e os dentes esmagaste
 Dos ferozes malvados :
 De ti pende, Senhor, o libertar-me ;
 E da tua bençãam goze esperançoso
 O povo, que escolheste. »

Tanto cuidado pôz Antonio Pereira de Souza Caldas na traducção dos Psalmos, que parece que era sua obra de amor ; não ha um que lhe não merecesse as honras de castigado trabalho ; alguns conseguiram-lhe mesmo duas versões, como entre outros aquelle, em que o poeta, exaltando-se perante Deus, e supplicando-lhe misericordia, rompe assim seu canticó enthusiasmado :

« O' Deus immenso, todo o meu amparo !
 Das mãos ferinas, que abatter-me intentam,
 E a cada instante de furor redobram,
 Vem libertar-me :

Antes que iradas, qual leão faminto,
Me despedacem; quando já não possa
Piedoso braço, em meu favor erguido
Ser-me propicio! »

A poesia hebraica ganhou na traducção; a poesia portugueza enriqueceu-se tambem com ella; os Psalmos são pedras preciosas da litteratura dos Hebreus; são a sua corôa immortal; os Psalmos, traduzidos em portuguez por Antonio Pereira de Souza Caldas, firmam sua original e hebraica reputação, e constituem monumento glorioso para a lingua, que os recebeu.

§ 4.º

Quanto não deve sentir a litteratura portugueza a perda de tantas e diversas composições de Souza Caldas, quando para avaliar e apreciar a extensão de seu genio, e a sublimidade de sua imaginação, bastam suas admiraveis odes sacras, sua magnifica traducção dos Psalmos, e algumas poucas obras sobre assumptos varios, que completam os dous volumes publicados? — Que esperanças não promettia a cantata do — *Homem Selvagem*, revestida de côres as mais delicadas, semeada de pensamentos os mais altivos e vigorosos? — Que força de intelligencia, e que aperfeiçoado gosto não appresenta a cantata de —

Pygmalião, escripta segundo a phraseologia mythologica, e coberta de imagens frondosas?

Já da lucida Aurora sciutillava

O tremulo fulgor, e a noite fria

Nas mais remotas praias do occidente,

Entre abysmos gelados, se escondia.

Amor impaciente

Dos filhos de Morpheu se acompanhava,

E de Pygmalião a altiva mente,

Com lisongeiros sonhos affagava.

Ora de Galathéa

A estatua airosa e bella,

Obra do seu cizel, obra divina,

Se lhe avivava na amorosa idéa :

Ora cuidava vê-la

Pouco a pouco animar-se,

E a marmorea dureza transformar-se

Em suave, vital brandura, dina

D'aquella, que em Cythera,

Sobre os amores, e o prazer domina.

Na verdade, se não é o *rhythm*o tão harmonioso e musical, como o da cantata de *Dido* de Garção, as ideias lhe não são inferiores, e em pensamentos talvez lhe exceda, e muito; a poesia de Garção consiste mais na palavra sempre escolhida, sempre maviosa, sempre terna; a de Souza Caldas na elevação do pensamento: Garção assim começa:

Já no rouxo oriente branqueando

As prehes velas da troyana frota

Entre as vagas azues do mar doirado

Sobre as azas dos ventos se escondiam.

A miserrima Dido

Pelos paços reaes vaga ululando,
Co'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.

Garção parece mais artista, e mais melodioso na expressão; é da escola de Camões, e a elegia o acompanha, doce, e melancholica, como os gemidos do amante de Leonor, gemidos, que sómente se podem traduzir n'estes versos deliciosos:

Quando a rouxa manhã, doirada e bella,
Abre as portas ao Sol, e cáe o orvalho,
E torna a seus queixumes Philomella:
D'esta arte me figura a phantasia
A vida com quem morro, desterrado
Do bem, que em outro tempo possuia:
Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará pela memoria
De quem o traz na mente debuxado.

Souza Caldas aneia porém antes despeçar ideias novas, exaltadas, peripecias soberbas, pensamentos grandiosos; sua alma parece arder em labareda, e a poesia rebentar espontanea, livre, e pomposa do seu cerebro: esta é a differença entre uma e a outra cantata, entre uma e a outra poesia.

E quanto entusiasmo patriotico não encerrou tambem o coração de Antonio Pereira de Souza Caldas? — A religião o dominava; levantava-lhe seus altares; a gloria de Deus lhe apparecia, tecia-lhe louvores magestosos; mas a patria lhe fallava tambem; — de quando em quando a patria

lhe susurrava aos ouvidos, e lhe chamava a inspiração: no meio dos admiráveis versos de sua — *Noite melancholica*, dedicada ás *Aves*, que escreveu quando estudante de Coimbra, e cuja composição fôra uma das causas por que soffrêra os amargores da prisão, e dos exercicios de Rilhafoles, escapam-lhe queixumes patrioticos, que lhe fazem honra: estes queixumes denunciavam o fogo sagrado, — que lhe vecejava n'alma; — e este fogo manifestava o vivo e corajoso patriotismo, por que se exaltava o poeta, e que, mau grado de perigos da época, folgava de arrancar do peito, traduzir em rica poesia, e atirar ao publico; que ousadia era a sua de, ainda estudante, sob o governo de D. Maria I, na influencia de ideias inteiramente avessas ás suas ideias, produzir, e mostrar estes versos:

Nem tua crúa indole se abranda
 Nos climas do Brazil, onde Amor vive
 De exquisitos deleites, de finezas,
 E de ternas meiguices rodeiado:
 Paiz, aonde as Musas, que risonhas
 Carinhosas o berço me emballaram,
 Outra Hipocrêne rebentar fariam,
 Outro Parnaso excelso, e sublimado,
 Aos Céos levantariam, si ao ruído
 De pesados grillhões jámais podessem
 As filhas da memoria accostumar-se.
 Ali a terra com perenne vida
 Do seio liberal desferrolha
 Riquezas mil, que o Lusitano aváro
 Ou mal conhece, ou mal aproveitando,

Esconde com ciúme ao mundo inteiro.
Ali . . . ó dôr! ó minha patria amada!
A ignorancia firmou seu rude assento,
E com halito inerte tudo damna,
Os erros difundindo, e da verdade
O clarão offuscando luminoso.
Ali servil temor, e abatimento
Os corações briosos amortece,
E enquanto a natureza desenhava
De outro Eden as campinas deleitosas,
A estúpida ambição com mão mesquinha
Transtornou seu magnifico projecto,
E só parece apparelhar abrigo
Ás aves, que do dia se arreceiam,
E procuram da noite a sombra triste.
Por isso, ó Nictimêne, te acolheste
Do Brazil aos rochedos e ás florestas,
Aonde o Indio, em seu fallar singelo,
Jacurutú chamou-te, e te conhece
Não só pelas feições, com que na Europa
O bufo das mais aves se apartára;
Mas pela varia côr de branco e fusco,
E de amarello, que te tinge as pennas.

São bellas as descripções, primorosas as côres, e delicado o pensamento do poeta; mas superior ás descripções, ás côres, ao pensamento, e á poesia do cantico das *Aves*, é a ideia do patriota, é a dôr do homem de bem, que pairam, e assoberbam a composição toda, como sóe a aguia real pairar e assoberbar a terra; n'este cantico, a patria fallou linguagem mais do coração do que a musa a mais sublime: estas saudades da patria, e o carpir magoado pelo estado, em que a pinta,

tão docemente se espraíam nos seus versos, tão energicamente se exprimem pelas palavras, que não a imaginação — mas a alma — e a alma pura, ainda que extremosa, — toma o primeiro lugar; e o poeta vê-se unicamente apóz o homem de engenho: entretanto que rica, e elevada poesia transpira em todas estas composições!

Antonio Pereira de Souza Caldas, além de poeta lyrico, gozou de fama de profundo litterato, e de orador sagrado da primeira força; a litteratura portugueza conta alguns grandes pré-gadores; em primeiro lugar, e sem rival, o Jesuita Antonio Vieira; logo apóz Antonio de Sá, Antonio Pereira de Souza Caldas, Frey Francisco de São Carlos, Diogo de Paiva de Andrade, e Luiz de Granada; e como que a natureza querendo provar a magnificencia d'esta terra do Brazil, fez com que, já que lhe escapára a gloria de ser a patria do padre Antonio Vieira, ao menos no Brazil fosse elle educado, e no Brazil residisse a maior parte de sua vida.

Quem porém pôde conhecer hoje os escriptos philosophicos, litterarios, e religiosos de Souza Caldas, que não viram a luz da publicidade? — Que é dos seus admiraveis sermões, tão reputados em Lisboa, e no Rio de Janeiro? Que é d'essas emoções, que o povo na igreja recebia, e que todos admiravam, e que a todos commoviam? Fatal foi a sua perda, e como tão fóra do seu lugar, e do seu tempo, poderemos nós pintar o orador, com sua magica eloquencia, com a maviosidade

de sua palavra, com a fluidez de sua dicção, que eram os encantos dos ouvintes?

Como poeta, achámos monumentos, que transmittiráõ aos seculos a grandeza do seu genio, e a fertilidade da sua imaginação; como litterato, consideramo-lo de importancia, porque seus proprios versos revelam sua instrucção, e seu gosto; como orador, jurámos na tradicção, que o collocou honrosamente na primeira linha, e que d'elle guarda indelevel lembrança.

IV

FREY FRANCISCO DE SÃO CARLOS

§ 1.º

De uma excellente e honrada familia estabelecida no Rio de Janeiro descende Frey Francisco de São Carlos, nascido a 13 de Agosto de 1763: na sua mesma patria recebeu a educação: na idade de 13 annos entrou para a Ordem Seraphica da Immaculada Conceição, estabelecida no Rio de Janeiro; cursou as aulas, que possuia a Ordem, e que eram dirigidas pelos maiores talentos, que existiam em seu seio: comquanto, novamente creada, cabia-lhe já a gloria de haver produzido grandes theologos, e prégadores excellentes, cuja fama repercutia em toda a parte, e cujos nomes as chronicas da Ordem, e as diversas historias religiosas, salvaram, e transmittiram aos seculos vindouros.

A Ordem Seraphica da Immaculada Conceição do Rio de Janeiro appresentava os gloriosos no-

mes de Frey Miguel de São Francisco (*), de Frey Antonio de Santa Maria (**), de Frey Christovam da Madre de Deus (***), de Frey Patricio de Santa Maria (****), e de Frey Manuel do Desterro (*****), nomes de grandes talentos, que ao passo que crearam para si fama, estabeleceram e firmaram o credito da sua Ordem.

Frey Francisco de São Carlos mostrou desde a

(*) Frey Miguel de S. Francisco nasceu no Rio de Janeiro em 1698; foi theologo e prégador de fama em Portugal, na Hespanha, e no Brazil; na *Bibliotheca Lusitana* vem descripta a sua vida, e especificados alguns dos seus sermões.

(**) Frey Antonio de Santa Maria nascêra no Rio de Janeiro em 1700. — Frey Apolinario da Conceição na sua *Primazia Seraphica*, cap. 3.º — falla de uma importante obra sua, com o titulo de *Sermonario de varias Festividades*, que merecêra elogios de todos os litteratos da época. — Foi lente de theologia na Bahia, e formado em canones pela universidade de Coimbra; seu nome vem tambem honrosamente commemorado por Diogo Barboza, na sua *Bibliotheca Lusitana*.

(***) Frey Christovam da Madre de Deus é nascido no Rio de Janeiro em 1650; foi o primeiro visitador e provincial da Ordem da Immaculada Conceição, mandado de Lisboa para exercer esse cargo, estando lá procurador geral dos Franciscanos. O abbade Diogo Barboza trata de diversas obras muito noticiosas do Brazil, que elle escreveu, e que mereceram grande aceitação no seu tempo.

(****) Frey Patricio de Santa Maria, nascido em Santos, em 1690, é um dos irmãos de Alexandre de Gusmão. Frey Patricio estudou na Italia, formou-se em Pizza, viajou a Asia, esteve em Jerusalem, publicou suas viagens em latim, em 1742, em Lisboa, e algumas varias obras de controversia religiosa.

(*****) Frey Manuel do Desterro nasceu em 1652 na Bahia; foi grande prégador, e lente de theologia; morreu no convento de S. Boaventura, da Ordem, na villa de Macacú, em 1706: o abbade Barboza falla de seus talentos com elogio.

infancia vocação para o isolamento, e para o estudo; o espirito religioso estava tão solidamente edificado com sua existencia, que se pôde pre-dizer desde sua puericia, que as tempestades do mundo não poderiam abalar seus fundamentos, e menos modificar suas crenças profundas, e sinceras: o convento lhe serviu, como o lugar mais apropriado a seu genio, e a seus desejos; o convento o recebeu, de braços abertos, e já parecendo prever a aureola de gloria, que lhe resultaria, com a aquisição do joven engenho, que convencido o procurava.

Seus estudos foram taes, que os mestres conheceram immediatamente a copiosa intelligencia, que animava o discipulo: na idade de 19 annos foi mandado para o convento de São Boaventura, na villa de Macacú, o qual pertencia á Ordem Seraphica: era então esta villa a primeira, e a mais importante da capitania do Rio de Janeiro; situada ás margens do feroso rio, que tanta riqueza e fertilidade communica á terra com suas aguas, que n'ella se entranham, continha a villa grandes edificios, numerosas casas, commercio em larga escala, e povo em abundancia: tudo se foi, e se perdeu, com a epidemia febril, que grassou por aquelles logares, e que reduziu a populosa villa a deserto arruinado, figurando uma d'essas cidades da Asia, sobre que passára a colera de Deus, ou parecendo uma necropolis do Egypto, cuja vista é tão dolorosa ao viajante!

Alguns annos residiu em Macacú Frey Francisco

de São Carlos, dedicado aos deveres da religião, e á assidua leitura de todas as obras litterarias, quer antigas, quer modernas, aprofundando os conhecimentos de theologia e philosophia, e preparando sua voz, e seus talentos para o tempo em que lhe fosse permittido desenvolvê-los: já lhe murmurava o pensamento, apontando-lhe o pulpito, como o logar da sua gloria; já lhe folgueiava a imaginação, insinuando-lhe que a poesia era o Anjo, com quem se devia abraçar, como seu companheiro, amigo, e fiel patrono: suas alegrias, seus prazeres, suas esperanças, — eram todas internas, todas da intelligencia, — da alma, e do coração, fontes mais puras de perennes delicias, do que os objectos physicos, e exteriores.

Frey Francisco de São Carlos folgava de lêr não só as obras dos padres da Igreja Latina, Grega, e Oriental, senão tambem os escriptos de Homero, Demosthenes, Platão, Sophocles, Eschylo, Aristoteles, e Lucrecio; conversava com os auctores profanos dos tempos mythologicos, e com os profetas do christianismo, e os escriptores do catholicismo: os modernos philosophos, Mallebranche, e Descartes, e os poetas Dante Alighieri, e Milton, tornaram-se-lhe tão familiares, como São João Chrysostomo, e Santo Agostinho, como a Biblia, e os novos Testamentos.

Regressando ao Rio de Janeiro começou a prégar: seu nome ganhou logo popularidade; a Ordem Seraphica encheu-se de orgulho, assistin-

do ao desenvolvimento de seu filho; — o povo correu em multidão á igreja para ouvir essa voz melodiosa e encantadora, esses gestos perfeitos, e nobres, essa expressão limpida, corrente, e risoa, como o sorriso da Aurora, e essa eloquencia nobre, e apaixonada, que revelou a immensidade do seu genio, a extensão de suas luzes, e o sincero e religioso entusiasmo, que o animava, e sanctificava.

Era sua figura bella, e vistosa; sua physionomia elegante, e expressiva, assemelhava-se á de São Basilio, como no-lo pintam as antigas gravuras, e no-lo descrevem as velhas chronicas: dous olhos grandes e negros patenteavam o fogo, que dentro n'alma lhe ardia; bocca rasgada e fermosa deixava sahir um som como que musical, que deslisava perfeito e acabado organ.

Em 1801 foi nomeado pela sua Ordem professor de eloquencia sagrada, confiando ella que das lições de tão grande orador nasceriam outros engenhos, que lhe fariam honra, e gloria.

Em 1809 chegando ao Rio de Janeiro a rainha, o principe Regente, e toda a cõrte portugueza, fugindo á furia do vencedor de Austerlitz, e mudando a séde da monarchia lusitana, foi Frey Francisco de São Carlos escolhido para prégar em presença das augustas personagens: ficou por tal maneira o principe Regente D. João encantado de sua prodigiosa eloquencia, que confessou não haver ouvido igual, e nomeou immediata-

mente à Frey Francisco de São Carlos prégador da capella real, como prova do apreço, que sabia dar a seus subidos talentos.

Frey Francisco de São Carlos passou o resto de sua vida no isolamento e solidão do claustro: logo que conheceu que lhe iam faltando suas forças, parou nos seus exercicios do pulpito, encerrou-se na sua cella, e descansou na paz, e na fé do Senhor, os ultimos annos que lhe restavam da existencia terrestre.

Nascido no Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro falleceu em 6 de Maio de 1829, sendo sepultado na igreja do convento de Santo Antonio.

§ 2.º

Muitas e variadas poesias escreveu Frey Francisco de São Carlos, e de tantas composições, que commemora a tradição, e que não viram desgraçadamente a luz da imprensa, nada poderemos dizer, senão que é fama que patenteavam o grande engenho poetico do seu auctor; apenas de suas obras poeticas chegou ao nosso tempo, unica de tantas publicada, um poema dedicado á *Assumpção da Santissima Virgem*. Frey Francisco de São Carlos aprimorou esta composição com todo o disvelo, carinho, e amor de um filho dedicado; e mais como expressão de sua alma, e signal de

sua gratidão, do que para o fim de conseguir-lhe fama, e renome, consentiu que fosse impressa, e publicada.

O enthusiasmo, o amor, e a adoração da Sanctissima Virgem foram os creadores d'este bello e admiravel poema, que é uma das obras mais originaes e religiosas, que tem produzido o espirito humano. Eis as proprias palavras de Frey Francisco de São Carlos, e que lhe servem de prologo :

— « A ligeira producção, que enceto, não é mais que um brinco da minha phantasia, sobre a maior solemnidade da Sancta Virgem, á qual solemnidade, desde os primeiros annos, consagrei especial affecto. Porém, para mais espaçar, e lisongear melhor a minha devoção, procurei dar-lhe um arremedo, ou sombra de poema epico, admittindo invocação, narração, e episodios. » —

Á primeira vista parece arido o objecto, que pretende o auctor cantar, em vista de milhões de obras, que se tem escripto em louvor e gloria da Sanctissima Virgem (*): percorra-se, porém, com ligeira vista d'olhos o poema, e ver-se-ha metamorphosear-se esse terreno, que affigurava secco e arido, em jardim matisado das mais encantado-

(*) José Pires de Carvalho e Albuquerque, nascido na Bahia em 1701, de familia nobre, bacharel em canones, alcaide mór de Maragogipe, secretario d'estado e guerra do governo no Brazil, e poeta estimado, publicou, em 1757, um poema á *Conceição de N. Senhora*, que contém algumas bellas dignas de notar-se.

ras flôres, e dos fructos os mais saborosos : ondas de poesia, e de poesia magestosa e sublime, digna do elevado objecto, por quem invoca o poeta a sua lyra de oiro, derramarem-se sobre esse oceano, que parecia immovel : a fé, a consciencia, e o enthusiasmo, ligarem-se á imaginação de Frey Francisco de São Carlos, revolverem-lhe as delicadas fibras, desprenderem-lhe os sublimados vôos, e como a aguia, que fere os ares, e soberba paira em nuvem gigantesca, além, — muito além do espaço, que alcança a vista do homem — o poeta descantar hymnos, e esses hymnos serem bellos e magnificos!

O poema divide-se em oito cantos : abre o primeiro a invocação, que o poeta dirige á Virgem, a cuja presença aneia elevar seus versos.

« Oh ! tu, grande signal, raro portento
 Dos sec'los, e do ethereo firmamento,
 Nova ideia brilhante, a mais perfeita,
 Do archetypo exemplar; e tão aceita,
 Que chegaste a ser d'elle, — ó maravilha! —
 Boa mãe, linda esposa, e cara filha :
 Aspira os votos meus, e que meu canto
 Cause á terra prazer, e ao Orco espanto.
 Aspira, ó Virgem, por que cante e diga
 Quanto a verdade, e a devoção, me obriga!
 Pulchros celicultores, que os assentos
 Occupaes dos sidereos aposentos;
 Rubins, d'onde refracta a fermosura,
 Desde o berço da luz, da luz mais pura :
 Vós, que, mil vezes, n'esta sancta empresa
 Medistes-vos co'a barbara feresa

Do cháos; e de seus monstros, e tyrannos
 Frustrastes as traições, e negros planos:
 Si por mim celebrada se sublima
 Vossa Augusta Princeza, em doce rima;
 Dai tambem novo ardor ao canto nosso
 Que sendo por quem é, tambem é vosso!
 E tu, Igreja, tu, nunca invocada,
 Musa do Céu d'estrellas coroada;
 N'esta via escabrosa, e tão confusa,
 Ah! — digna-te de seres minha Musa!

Descreve então o poeta a partida da Virgem de Epheso para o céu, e o recebimento, que lhe fazem os Apostolos, por ordem do Eterno, sahindo-lhe ao encontro, e saudando-a com hymnos de amor e de alegria: a Virgem collocada no carro de triumpho, cercada de emblemas sagrados, e no meio dos mais lindos anjinhos, é pintada perfeitamente.

« Sobre um globo de estranha architectura
 Ia a unica Phenix, Virgem pura:
 Lêda no gosto, angelica, serena,
 E da celeste unção tão rica e plena,
 Que bem mostrava ser mimosa filha
 D'Aquelle Pai, que é todo maravilha.
 Dos olhos columbinos, onde a graça
 Thesouros ajuntára em nada escaça,
 Mil reverbéros vivos reflectiam,
 Que do seu doce culto o orbe enchiam.
 O Zephiro, que alguma vez alçava
 O véo aváro e rico, que occultava
 Da annelada madeixa os fios d'oiro,
 Ria de gosto a expôr tanto thesoiro!

.

Eis d'oiro um Cherubim mostrava alçada
 Na dextra vingadôra flammêa espada,
 Ameaçando os colonos aggressores
 De vir colher no vacuo Eden as flôres.

• • • • •
 Também se via a angelica pombinha,
 Emblema do alto espirito, que tinha
 No bico d'oiro um raio, que tocava
 Da Virgem o peito, e a Virgem fecundava,
 Sem que a prole do Céu, não vista empreza,
 Desbote a flôr da virginal pureza.

• • • • •
 Nunca o prisma ante os olhos applicado
 Em lindas côres foi tão variado:
 Nunca do velho Cháos a longa idade
 Viu formosura tal, tal magestade;
 Nem o trino poder a produzira,
 Quando do nada as aguas extraíra. »

No segundo canto, o Príncipe das trévas, invejoso da gloria, e do triumpho da Virgem, enquanto os anjos a vão levando ao paraíso, tenta armar terrível conjuração em infernal conciliabulo, mas é vencido pelo Archanjo São Miguel, que corre a destruir-lhe as ciladas: o terceiro canto esboça o quadro do paraíso: no emprego das côres as mais fermosas e delicadas, no desenho das scenas as mais brilhantes e pittorescas, revela-se a inspiração de um poeta dos tropicos, lançado no meio d'este jardim do mundo, que se chama Brazil, aonde nada são as obras do homem, e é tudo a natureza: os versos não se

enfeitam com as ficções do Pindo, e do Parnaso; em cada phrase, em cada palavra se manifesta um talento original; a imagem do Brazil apparece descripta e copiada nos quadros, que esboça o auctor; e que paiz lhe poderia melhor manifestar a ideia do Paraíso, do que esse, em que elle nasceu, em que elle viveu, e em que elle morreu?

« Ha no seio do Immenso uma paragem
Escondida aos mortaes, do Céu imagem;

Logar sancto, ditoso, sem pezares,

Onde os prazeres gyram a milhares.

Habitação da paz, solar do riso,

E com razão chamado — Paraíso.

Acolá se entrelaça com a hera

Co'o rico outono a olente primavera,

Frescos sempre os matizes da campanha

De perenne verdôr, de graça estranha;

Não adulam a vista n'estes prados

Arvoredos por ordem alinhados :

Nem marmoreas columnas soberanas

De varias ordens Gregas, ou Toscanas.

Nem maquinas hydraulicas, que as puras

Águas deitam por varias mil figuras.

Só reina a natural simplicidade,

Que excede a arte sempre em magestade.

.....
A doce manga, e em cheiro soberana,

Que imita o coração, e no galho ufana.

De um lado a crocêa côr e fulvêa exalta

Do luzente metal.

.....

.....

.....

De outro lado porém retrata aquella
 Que o pudôr chama ás faces da donzella.
 Pendendo estão dos ramos verdejantes
 Os cajús, á saude tão prestantes;
 Uns amarellos, e outros encarnados,
 Das gostosas castanhas coroados:
 Do limão virginal, da aurea laranja,
 Pomos d'oiro, talvez, que em vossa granja
 Hesperides zelaveis

 Tal a tua, ananaz, rasteiro e baixo,
 Mas que tens por corôa alto penaixo,
 E vestido de escamas, qual guerreiro,
 Um halito bafejas lisongeiro. »

A Sanctissima Virgem narra no quarto, e no quinto canto, a prégação gloriosa dos Apostolos, e a perseguição, que dos hereges soffreu a Igreja nos seus primeiros tempos; uma alma pura, que se enthusiasma pelos grandes feitos, e se exalta pelas acções heroicas dos primeiros esteios da Christandade; uma erudicção vasta e profunda da historia dos seculos, que se seguiram á nova religião, que se sellou com o sangue martyr e divino de Jesus Christo; denunciam-se, e evidenciam-se n'esses dous tão historicos quanto poeticos cantos.

E para episodios, em que repouse a attenção do leitor, e ao mesmo tempo se desperte sua curiosidade, ahi está a vida sublime, e dolorosa morte de Jesus Christo, revestidas de admiravel pathetico, e de verdadeiro sentimento de dôr; ahi está no sexto canto a descripção da cidade

do Rio de Janeiro, convertida em um dos emblemas, que doiram o magestoso quadro, e que attrahem os olhos e o pensamento.

« A cidade, que ali vêdes traçada,
 É que a mente vos traz tão occupada,
 Será nobre colonia, rica, e forte,
 Fecunda em genios, que assi o quiz a sorte.
 Será, pelo seu porto desmarcado,
 A feira do oiro, o emporio frequentado,
 Aptissimo ao commercio; pois profundo
 Póde as frotas conter de todo o mundo.
 Será de um povo excelso germe airoso,
 Lá de Lysia o lugar mais venturoso;
 Pois dos Lusos-Brazilicos um dia
 O centro deve ser da monarchia.
 Alçarão outras no porvir da idade
 Os tropheos, que tiverem por vaidade;
 Umás nas artes levarão a palma
 De aos marmores dar vida, aos bronzes alma;
 Outras irão beber sua nobresa
 Nos tratos mercantis: tal que se presa
 De vêr nas suas scenas e tribunas
 Maior brazão, mais inclytas columnas;
 Aquellas dos Timantes o extremo
 Pincel com estro imitará fogoso.
 Muitas serão mais dexteras no compasso,
 Que as linhas méde do Celeste espaço:
 Mas cuidar do seu rei, ser sua eôrte,
 Dar ás outras a lei — eis d'esta a sorte.

.

 Vêdes na fôz aquelle, que apparece,
 Ponti-agudo e escarpado? — Pois parece,
 Que deu-lhe a providente natureza,
 — Além das obras d'arte — por defeza

Na derrocáda penha transformado
Nubigêna membrudo, sempre armado,
De face negra e torva; e mais si o c'róa
Neve, e trovões, e raios, com que atrôa :
Que co'a fronte no Céu, no mar os rastros
Atrevido ameaça o pégo, e os astros ;
Si os delirios da vã mythologia
Na terra inda vagassem, — dir-se-ia
Que era um d'esses Alcides gigante,
Que intentou escalar o Céu brilhante;
Que das Deusas do Olympo enamorado,
Foi no mar por audaz precipitado :
E as Deusas por acinte lá de cima
Lhe enxovalham de neve a catadura.
Do seio pois das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar té o horisonte,
Mal que espereita surgir lenho inimigo,
Prompto avisa, e previne-se o perigo. »

Segunda sublevação dos espiritos infernaes é descripta no setimo canto; segunda victoria alcança São Miguel, á frente dos anjos, e dos Apostolos; de uma vez se perdem os máus espiritos, e os negros abysmos se abrem para os devorar.

No oitavo e ultimo canto entra a Virgem victoriosamente na cidade de Deus, e Jesus Christo a recebe nos seus divinos braços : hymnos de prazer, e canticos de alegria, resoam por todas as abobedas; as constellações, o mar, a terra, tudo se curva, e se prostra aos pés da Sanctissima Virgem, tudo reconhece seu poderio.

Si bem que peque o plano do poema pela monotonia e simplicidade da concepção, e na linguagem e metrificacão appareçam defeito, devi-

dos ao desejo immoderado da rima, não é menos este poema um verdadeiro trophéo de gloria levantado á litteratura, e á patria: o pensamento geral não foi sempre igual, e sempre altanado; scenas ha porém, que João Milton, e Frederico Klopstock não duvidariam chamar suas, e que o proprio Dante Alighieri não recusaria admirar; — já quando se desenham as alegrias de anjos, — já quando se fórma a descripção fiel, energica, e terrível do Cháos. — Nas primeiras deixa-se ir o poeta pela doce melodia de sua musa, pinta com engraçada e multicôr palheta risos prasenteios, esparge poeticas flôres em amenos e fermosos campos; tudo são encantos, — tudo delicias; o Paraiso tem fontes de oiro, crystallinas aguas, palacios encantados, arvores frondosas, delicados fructos, e pittorescas aves: na descripção do Cháos, cobre-se o poeta com as vestes do feroz Florentino, toma as armas do soldado de Cromwell, tinge os pinceis nos horrores de Miguel Angelo, — invoca a tuba altanada de Frederico Klopstock, — e esboça quadros, que não podem ser excedidos em concepção, desenho, e colorido.

« N'uma horrível prisão, que fez o Eterno
 Na mais interna furna lá do inferno,
 Onde em recto Juiz sopra inflexível
 Contra os reprobos chamma inextinguível,
 Habita Lucifer: sentindo o peso
 De Deus, que ali o supplanta em ira acceso.
 É um monstro hediondo e tão disforme,
 Na massa colonal do vulto enorme,
 Que, si o doce repouso e a paz gozára,

Deitado duas geiras occupára,
De tão sombria e horrenda catadura,
Que faz pavor á mesma Estyge escura.
No reprobó semblante retratado
Vê-se todo o rancor de um condemnado;
Os olhos se affiguram dous cometas,
Que ardem entre duas nuvens pretas:
A bocca era, si abria, internamente
Estuante fornalha. Quando ardente
Do peito o ar pestífero bafeja,
De vivas brazas turbilhões dardeja,
Assim do Ethna o gigante, si respira,
Lavras de enxofre acceso a Jove atira;
Todo o monte convulso, si á outro lado
Revira o enorme corpo.
Não é tão feia, não, a noite umbrosa,
Que apanha o viajor em matta idosa,
Perdido entre fusis, raios frequentes,
Uivos de tigres, silvos de serpentes,
Como este monstro singular, e incrível,
Quasi sem forma, quasi indefinível.»

É para admirar, talvez, e especialmente nos nossos tempos, que Frey Francisco de São Carlos esgotasse tanta poesia, e tão brilhante imaginação, em um poema puramente religioso, e entretanto tão longo: hoje, que predomina a mais odiosa indiferença em assumptos religiosos; hoje que todos os systemas de philosophia estão mortos, afóra o do mais desesperado materialismo; hoje que os calculos do egoismo estão na primeira plana, e nem enthusiasmo ha por Deus, e nem pela patria, como se póde comprehender a sublime e mystica inspiração de um poeta por cousas

sagradas, espirituaes, e mysteriosas? Como entender-se — o puro extáse de uma alma candida e elevada, que se arroba de entusiasmo, em frente dos dogmas, que nos ensina a religião catholica?

§ 3.º

O Brazil conta muitos oradores sagrados no numero dos filhos, que o illustraram; a *Bibliotheca Lusitana* do abbade Diogo Barboza Machado aponta os nomes de Jesuitas, e religiosos nascidos no Brazil, e que obtiveram em Portugal, na Hespanha, e na mesma Italia, extraordinarios triumphos de eloquencia do pulpito. E não só na *Bibliotheca Lusitana*, senão também nas *Chronicas* das diversas ordens monasticas de Portugal, se citam muitos Brasileiros celebres pela eloquencia: era aonde podiam então attingir seus talentos; era a carreira do pulpito a mais livre, que se lhes abria: examinando com cuidado estas obras, conhece-se quanto foi rica esta terra de Santa Cruz de talentos oratorios: o Brazil, no numero dos prégadores Portuguezes dos seculos xvii e xviii, entra com pouco menos de ametade, e n'este numero figuram os primeiros engenhos. Apóz o celebre Jesuita Antonio Vieira, que, comquanto nascido em Lisboa, respirou infante, e moço, os ares abençoados do Brazil, no Brazil se inspirou

em muitos dos seus melhores sermões, e no Brazil morreu, e se sepultou; apóz o padre Antonio Vieira, que é sem rival o primeiro prégador da lingua portugueza, o Bossuet dos sacerdotes Lusitanos, brilhou contemporaneo outro Jesuita, o padre Antonio de Sá, nascido no Rio de Janeiro em 1627, appellidado em Portugal — Principe da Oratoria Ecclesiastica, — com tanta mais razão quanta o mesmo padre Vieira costumava dizer, que não era sensível sua ausencia, quando prégava Antonio de Sá: são estes os dous mais celebres e mais antigos oradores sagrados, que conta a lingua portugueza; oradores, que Roma admirou, e a Italia applaudiu; entre os modernos dous gozaram tambem das honras da primeira linha; dous são tidos em conta de se poderem aproximar do padre Antonio Vieira, cuja classica reputação, no entretanto, affugenta comparações e parallelos; são o padre Antonio Pereira de Souza Caldas, e Frey Francisco de São Carlos, ambos tambem naturaes do Rio de Janeiro (*).

(*) Todos os mais prégadores da lingua portugueza não são superiores aos quatro especificados; entretanto convem dizer, que os Brasileiros devem ainda lembrar-se com orgulho dos nomes do bispo de Ceuta e Angra, D. Agostinho Ribeiro, nascido na Bahia em 1610; de Frey Matheus da Encarnação Pina, nascido no Rio de Janeiro em 1687, da Congregação dos Bentos; de Frey Theotónio da Ascensão, nascido no Rio de Janeiro em 1631, e conego regrante de S.^{to} Agostinho de Coimbra; de Frey José da Natividade, provincial do mosteiro de S. Sebastião da Bahia, e nascido tambem no Rio de Janeiro em 1646; do Jesuita Caetano Lopes Pereira, nascido no Rio de Janeiro em 1721; de Frey João de Seixas, dos Bentos, nascido em 1681

O padre Souza Caldas foi um prodigio no pultito, segundo a geral tradicção; o padre Souza

no Rio de Janeiro, e que brilhou em Roma pelos seus talentos, e foi nomeado pelo S. Papa Clemente XII bispo de Arcopoli; do Dr. Ignacio Manuel da Costa Mascarenhas, vigario da freguezia da Candellaria do Rio de Janeiro, e ali nascido em 1705; dos quatro celebres irmãos de Alexandre de Gusmão — Frey Patricio de Santa Maria, Frey José Alvares de Santa Maria, padre Ignacio Rodrigues, e Bartholomeu Lourenço de Gusmão, nascidos em Santos; — de Frey Roberto de Jesus, Pernambucano, e da Congregação dos Bentos, nascido em 1644; de Frey Luiz Botelho do Rosario, nascido em 1695 no Recife, e Carmelita; de Frey Manuel de Macedo, nascido em Olinda em 1603, prégador da duqueza de Mantua, cujo partido seguira, até que feita a revolução de 1640, foi preso, condemnado, e morreu exilado nos desertos d' Africa; de Frey João da Apresentação Campelli, nascido no Recife em 1690, qualificador do Santo Officio, e monge de S. Francisco; do Carmelita Frey Feliciano de Mello, nascido em Iguarassú, em 1679; do padre Manuel Rodrigues Correia de Lacerda, nascido em Olinda em 1719, doutor em canones e theologia; — do Paraense Carmelita e grande philosopho Frey Ignacio da Conceição, nascido em 1706; — e dos Bahianos, Jesuitas Antonio Pereira da Camara, nascido em 1697. Gaetano Dias de Figueiredo, nascido em 1697; Antonio da Costa, nascido em 1716, José Borges de Barros, poeta e theologo profundo, vigario geral em Lisboa, e desembargador da Relação Ecclesiastica, nascido em 1659; José de Oliveira Serpa, nascido em 1696; Antonio da Silva, nascido em 1639; Angelo dos Reys, nascido em 1664 e discipulo do Padre Antonio Vieira; Miguel Luiz Teixeira, nascido em 1716; Domingos Ramos, nascido em 1653; Francisco de Almeida, nascido na Caxoeira em 1706; João Honorato, nascido em 1690; — dos Carmelitas Frey Antonio de N. Sra. do Carmo, nascido em 1689; Frey Eusebio de Mattos, nascido em 1712; Frey Sebastião de Moreira Godoy, nascido em 1691; Frey Antonio da Piedade, nascido em 1660; Frey Manuel Angelo de Almeida, nascido em 1697; Frey Manuel da Madre de Deus Bulhões, nascido em 1653, e Frey Ignacio Ramos, nascido em 1658; — dos Franciscanos Frey José dos Santos Cosme e Damião, nascido em 1704; Frey Vicente do Salvador,

Caldas, porém, não gozou da fortuna de legar á posteridade um só dos seus sermões, porque os escrevia e prégava, e depois abandonava-os, sem que lhe merecessem a publicação. Frey Francisco

chronista importante, um dos maiores litteratos Brasileiros, e theologo profundo, e nascido em 1685; Frey Francisco Xavier de Santa Thereza, nascido em 1686, da Ordem Seraphica da Bahia, poeta, theologo, e pregador, sobre cujos feitos mais nos estendemos em uma notta á vida de Alexandre de Gusmão, — e dos seculares Vasco Fernandes de Azevedo, nascido em Maragogipe no anno de 1690; o desembargador Sebastião do Valle Pontes, nascido em 1663; Lourenço Ribeiro, nascido em 1648, vigario em Portugal e auctor de varias obras scientificas; desembargador João Calmon, nascido em 1668, filho do Capitão de Mar e Guerra João Calmon, que fôra Superintendente das fortificações de Pernambuco, varão illustre, e distincto militar; e João Alvares Soares da Franca, nascido em 1676, poeta de muito engenho, e irmão de Antonio Soares da Franca, tambem Bahiano, que foi Mestre de Campo, e militar de merito; e do Mineiro Antonio Caetano Villas Boas da Gama, irmão de José Basilio da Gama, e vigario de S. João d'El-Rey, nascido em S. Jose em 1738; além dos religio-sos da Ordem Seraphica da Immaculada Conceição, dos quaes tratámos em outra nota; e de outros muitos, cujos nomes se não podem aqui incluir: entre os modernos, o Fluminense Frey Francisco de Montalverne, sabio, e profundo philosopho, que ainda vive na solidão e isolamento da Ordem Seraphica da Conceição do Rio de Janeiro, o Pernambucano padre Manuel Joaquim de Almeida Castro, que foi condemnado e executado na Bahia, por haver participado nos movimentos revolucionarios de 1817, e o Fluminense Frey Francisco de Sampaio, nascido em 1778, pregador da primeira força, e fallecido em 1830, da Ordem Seraphica da Conceição, merecem muito especial menção. Frey Manoel de Macedo, de quem fallamos acima, teve nomeada tão extensa na sua epocha, que o Conde de Ericcira — *Portugal Restaurado*, tom. 1.º, liv. 1.º — faz estrondosos elogios de seus sermões, e talentos elevados, e o Padre Francisco de Almeida, de quem tambem tratamos, era poeta latino de gosto e apurada erudição.

de S. Carlos deu egual sorte á muitos dos seus sermões; outros improvisava no pulpito, que não podia reduzir á escripto, porque com as palavras desapareciam as emoções, e passado o momento da predica, o orador se esquecia do seu discurso: alguns porém imprimiram-se, chegaram á nosso tempo, e são dignos de uma analyse, e dignos da fama do seu auctor.

Quão diversos porém devem parecer estes sermões escriptos, e lidos agora na paz do gabinete! É a mesma linguagem, o mesmo pensamento, as mesmas ideias; mas que é do pulpito, que resoava com a voz harmoniosa de Frey Francisco de São Carlos, voz, que os conemporaneos appellidavam de — Syrene —? Que é d'essas abobadas das igrejas, que repercutiam o som de seus magicos e eloquentes arrebatamentos? — Como pintar os gestos e as vozes, que traduziam os accentos de puro enthusiasmo, e religioso fervor, que espontaneamente lhe escapavam? Como descrever essa passagem das ideias do pregador para a intelligencia do povo, essas emoções, que extasiavam os ouvintes, esses effeitos maravilhosos, que sómente pôde obter a verdadeira eloquencia, e eloquencia convencida? — O orador é dos homens de genio o mais infeliz; a melhor parte do seu talento morre com elle, com seu corpo baixa á sepultura; o que lhe sobrevive é pallida copia, que não dá perfeita ideia da sua grandeza; o orador, para poder apreciar-se, necessita da illusão da scena, do

movimento do povo, e das impressões do momento, como do incenso, que sobe do thuribulo ao céo!

De inspiração sincera, de fé profunda, de verdadeiras crenças, e de vastos conhecimentos, quantos admiráveis sermões não improvisou Frey Francisco de São Carlos? E como d'elles dar ao menos a minima ideia? A multidão, que o cercava, de ouvi-lo anciosa; a presença das sagradas imagens, que elle adorava; os seus compassados e ternos do organ; as decorações que ornavam a igreja; as luzes que, como as vozes do peccador, parecem pedir perdão, levantando-se respeitosa-mente; todo este espectáculo, emfim, que apresenta um templo para celebrar a gloria de Deus, — bastava para inspirar-lhe os mais bellos pensamentos, as mais vivas imagens, e a mais vibradora e pathetica eloquencia. A palavra se lhe não negava, não lhe faltavam expressões, e sua tão rica e poderosa imaginação não o abandonou uma só vez!

Corria natural e abundante a sua pratica, e o som agradável e limpido, que lhe escapava dos labios, electrifava a multidão; unia e ligava perfeitamente a espontaneidade do genio com as exigencias da arte; ora levava detida e enfrejada sua inspiração, e moderado, pacifico e elegante, agradava e extasiava; ora deixava-lhe os vôos, dava-lhe liberdade; e o brilhantismo da expressão combinava com o pathetico elevado do pensamento, e o auditorio commovido, — impressio-

nado, e — arrebatado — curvava-se ao pregador, acompanhava-o a seus acenos, chorava, — si elle o mandava chorar.

Não ha um canto do seu espirito, uma partícula da sua alma, que a eloquencia não possua, e não transborde; não ha uma fibra do seu coração, que ella não vibre. A eloquencia para elle é a vida, existe no seu sangue, mescla-se com sua substancia, penetra-o, inunda-o todo; suas paixões, suas crenças, suas ideias são eloquentes: do alto do pulpito, ou estigmatizasse os vicios dos homens, ou cantasse a gloria de Deus, ou descrevesse as vidas dos sanctos da igreja, o povo atonito o admirava, qual outro Athanasio, no meio dos habitantes de Alexandria.

Para se conhecer ainda hoje, fóra do seu natural e necessario theatro, a immensidade do engenho oratorio, de que fora dotado Frey Francisco de São Carlos, basta ler-se um dos seus sermões impressos, aquella funebre oração pelas exequias da rainha D. Maria I.^a Massillon e São Gregorio não são mais patheticos, Bossuet, Antonio Vieira e São Basilio não são mais sublimes, Santo Agostinho e São Jeronymo não exaltam mais seu auditorio.

Todo este sermão é admiravel; os pensamentos superiores, a elegancia da phrase, a eloquencia das ideias, e a vivacidade do estylo, se reúnem e se combinam em proporções eguaes: a alma do pregador expande-se maravilhosamente; seu coração falla em todas as palavras; sua intelli-

gencia apparece em todas as expressões; Frey Francisco de São Carlos com este sermão funebre toma lugar entre os mais reputados e conhecidos prégadores de todas as modernas nações.

O exordio é completo, a narração poetica, e a peroração cobre-se de um aspecto melancolico, mas não d'essa melancolia sem allivio, e sem esperança—negra e horrivel como o —somno do moribundo. Não se diz ao peccador, que treme, que aneia, e que se curva, como exclamava o poeta Florentino—Deixai toda a esperança (*). — Pelo contrario, uma como que atmospheria de dôr dentro n'alma deposita succulenta consolação—sentimento inexprimivel de pathetico, que arranca lagrimas dos olhos—mas que as deixa largamente correr, sem lhes seccar a fonte. — Ha esperança em Deus, fé na sua justiça e misericordia, e convicção intima do pregador: o que comparar-se a esta exclamação final?

— « Agora que organisados os nossos exercitos, os Portuguezes despertavam do seu lethargo, e começavam a mostrar que não tinham degenerado dos Pachecos, dos Albuquerque, e dos Castros, nem d'aquelles atrevidos argonautas, que arrancavam das mãos do gigante das tormentas as chaves, com que fechavam as portas da aurora, e que o vestido de gloria, que os trajava no seculo xvi, ainda se não tinha rompido no seculo xix; agora

(*) *Lasciate ogni speranza, voi chi entrate* —

Veiso de Dante Alighieri no canto 1.º do seu *Inferno*.

que não tendo mais com quem combater dentro do reyno, levaram sobre seus hombros a imagem da victoria em soccorro dos alliados visinhos; agora que marchando até as portas do usurpador (*), derribaram seu throno regicida, e lhe dictaram ley na sua mesma capital; parece que assim como foi necessario que todo o mundo se apaziguasse para nascer o seu redemptor para a terra, foi tambem necessario que se apaziguasse toda a Europa para ella (**) nascer para o céu. Ella viu formar-se a revolução no seu reynado, sempre intacta no sagrado de sua pessoa; assim como a sancta igreja vê nascer e morrer em seu seio as heresias, sempre a mesma, e illesa nos seus dogmas. — Assim viviamos, quando... E direi eu, Portuguezes, aquelle susurro triste e pavoroso, que vossos corações presagos regeitavam, como ave de máu agoiro?... Aquella voz surda, que sahia pela boca do povo, e que dizia, como em segredo — Nossa Rainha está mal. — Nossa Rainha perece — morre! — Oxalá que não fora! Verificou-se! — Morreu! Aqui a tendes morta! — Morta? — Eu me reporto — não — viva, porque os justos não morrem! — Era necessario que se rompesse este muro de divisão, que impediu-lhe ver o seu Deus sem enigmas: era necessario que olhos, que foram sempre inundados de lagrimas, estancassem o pranto, e vissem

(*) Napoleão.

(**) D. Maria I.ª

aquella fermosura sempre antiga, e sempre nova, como diz Santo Agostinho. Bate pois as azas, ó pomba, solta-te das prisões terrestres, do peso da casa de barro! Hoje é o dia dos teus triumphos! Ergue o co'lo altivo; remonta os vôos, atravessa as portas dos tabernaculos eternos, abysma-te no coração do teu Jesus, cujas ingratições nos peccadores tanto magoaram o teu. Recebe o sceptro, que elle te ha preparado: mas que sceptro? — Uma vara arrancada de uma arvore, despojada de suas folhas, privada de fazer sombra, a quem o artista dando-lhe um verniz de oiro, não lhe tirou a condição de corromper-se? — Não. — É este sceptro da virtude de Deus, que o Senhor envia de Sião para dominar sobre seus inimigos. Arrecada o reyno, em que teu Deus te mette de posse: mas que reyno? — O de Portugal, que foi fundado em rios de sangue, nos campos de Ourique, que no quarto seculo de sua fundação esteve em perigo de ser a herança dos extranhos, que no sexto gemeu na viuvez, e que agora um atrevido repartia sem ser o dono? — Não — É este reyno, que não tem fim; *et regni ejus non erit finis* — Recolhe enfim a corôa, que te é reservada pelo justo juiz — Que corôa? — D'isto, que se chama oiro, a quem um falso brilhantismo dá o merecimento, e a avareza o preço? — D'estas pedras chamadas ricas, que brilham com a claridade emprestada do sol, e para dizer tudo, terra e mais terra? — Não: a

recompensa e a corôa é o mesmo Deus recom-
pensador! » —

Eis-aqui verdadeira e magica eloquencia! —
Eis-aqui pensamentos dignos dos padres primi-
tivos da igreja christã! Eis-aqui ideias, que se
não perdem como o sopro, que não fogem como
a palavra, mas que germinam, que dão fructos,
que se conservam eternamente!

V

JOSÉ BASILIO DA GAMA

§ 4.º

Uma das expedições, que nos ultimos annos do seculo decimo setimo dirigiram os Paulistas e Taubatenos nos immensos certões, que formavam então o interior da capitania de S. Vicente, e que são parte actualmente da provincia de Minas Geraes, estabeleceu-se nas margens do rio das Mortes, dirigida pelo industrioso João de Serqueira Affonso: pelo anno de 1718 foi elevado seu arraial, e povoação aos foros e categoria de Villa, com o nome de S. José, precedendo apenas de dous annos á criação da nova capitania de Minas Geraes: esta villa, nada tem de notavel, afora de possuir a matriz a mais bella e a mais magestosa de toda a provincia, no dizer dos chronistas (*), e de lhe caber a gloria de, dentro nos seus muros, nascer José Basilio da Gama, no anno de 1740.

(*) Manuel Ayres do Casal — Tom. 2.º da *Corographia Brazilica*, e monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizarro — Tom. 8.º, 2.ª parte de suas *Memorias Historicas*.

Quem fôra seu pai? — D'onde procedêra? — Nem um biographo no-lo diz: ha quem affirme ter seu pai fallecido pouco tempo depois do seu nascimento, e descender elle de pobres certanejos, companheiros de João de Serqueira Affonso, grande copia dos quaes eram Portuguezes, que procuravam fortuna; assevera-se tambem que ficára o infeliz infante entregue aos cuidados de sua desgraçada mãe, que nem meios tinha de subsistencia para si, quanto mais para crear e educar um filho!

O que parece certo é, que um religioso Franciscano, passando casualmente por aquella villa em viagem, que trazia para o Rio de Janeiro, recebêra o infante, e em sua companhia o conduzira; que no Rio de Janeiro fôra elle entregue á piedade do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, que o fez admittir no gremio da Companhia de Jesus, á fim de cursar suas aulas, e de se applicar a estudos litterarios.

Quatro annos havia, que José Basilio da Gama se conservava no collegio dos Jesuitas, quando em 1759 chegaram ao Rio de Janeiro as ordens do ministro marquez de Pombal para se executar nos dominios do Brazil o decreto real, que desnaturalisava e bania de todo o territorio da monarchia portugueza os membros da Companhia de Jesus. Os Jesuitas professos, e aquelles noviços e irraãos, que se não desligaram da Companhia, foram lançados por ordem do governo a bordo de navios, e mandados para os

portos da Italia. José Basilio da Gama, que não passava ainda do grau de noviço, preferio abandonar o habito e continuar seus estudos no seminario episcopal de S. José, creado por provisão do bispo Antonio de Guadelupe, datada de 3 de Fevereiro de 1739. Seus valiosos estudos, seus talentos que ja faziam dia, e um comportamento brioso e digno, attrahiram-lhe amizades, das quaes em toda a sua vida se mostrou lembrado e agradecido; Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, governador e capitão general das capitancias do Rio de Janeiro e do Sul do Brazil, estimava-o e auxiliava-o; o bispo D. Antonio do Desterro, que succedêra na mitra a D. Antonio de Guadelupe, manifestava-lhe amizade; o brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim continuava a dar-lhe provas de decidida protecção.

Um fatal acontecimento veio porém perturbar esta vida pacifica, serena e estudiosa; Gomes Freire de Andrade, mortificado com os desastrosos successos da colonia do Sacramento, que fôra sitiada e tomada pelos Hespanhoes, baixou á sepultura no 1.º de Janeiro de 1763: José Basilio da Gama tributava-lhe a maior affeição e sincera amizade; este golpe enluctou-o, e com quanto no governo interino da capitania entrassem dous dos seus outros protectores, José Basilio da Gama implorou d'elles a graça de o deixarem partir para Lisboa, de la proseguir seus estudos, e procurar destino.

Dirigio-se com effeito para a capital da monar-

quia Lusitana; apesar das recommendações que a seu respeito mandaram seus protectores do Rio de Janeiro, viveu em miseria e abandono: consideravam-no como Jesuita, embora houvesse largado o habito; e era a marcha das cousas, que a celeuma levantada contra esta famosa Companhia, e que causára sua abolição, continuava em ardor da sua marcha, não sendo chegada ainda a época da reacção: os animos se haviam contra a Companhia predisposto e exaltado a ponto de se arreceiarem aquelles, que não abraçavam as idéas do momento, e o abrasado fogo da perseguição, que lavrava, de tomar parte qualquer, mesmo indirecta, de oppôr-se á tendencia dos acontecimentos, ou de salvar os indiciados de cumplicidade, ou accusados de sympathia pelos Jesuitas expellidos dos dominios de Portugal.

Era um joven José Basilio da Gama, mas joven, que já solára e desdobrára magestosos vãos ppeuticos, quer em elogio á seus protectores do Rio de Janeiro, quer nas exequias faustosas do conde de Babadella, quer sobre assumptos varios da vida; era um joven cheio de esperanças, cheio de futuro; como a flôr em botão já rescendendo aroma, aquelle talento, aquelle celeste engenho, murmurava já deliciosas obras, e entre-abria as frestas, de onde se poderia divisar porvir de magestoso plaueta.

Dizem as chronicas dos Jesuitas, que foram elles que o arrancaram da miseria e abandono que soffria em Lisboa, para o levarem á Roma, aonde

tinham ainda forças e influencia: verdade é que na capital do mundo catholico foi elle empregado em um seminario de instrucção publica, abriu relações com pessoas gradas, gozou de fama, e obteve entrar, sob o nome de Termino Sepilio, na Arcadia de Roma, que fôra fundada em 1690 por João Garvina, Mario Crescimbeni, e Vicente Felliciaia, para aperfeiçoamento do gosto litterario e exclusão da poesia bastarda, que o Napolitano João Baptista Marini espalhára na Italia.

Seu espirito se não accomodava no entretanto com a monotonia, e uniformidade da vida, que passava: tinha visto Roma; admirado seus portentosos monumentos; beijado o pó immortal de tão sagrada e heroica terra; descido ás catacumbas, ou antes, ao templo glorioso dos primeiros christãos, martyres de sua fé; provado da agua triste e escura do solitario, e outr'ora tão celebrisado rio, que banha os pés do Capitolio, e da rocha Tarpeia, que humedece o castello de Santo Angelo, e vê de longe susurrar dê um lado o templo de S. Pedro ligado ao palacio do Vaticano, e do outro o Colyseo, os arcos de triumpho, e essa famosa praça, aonde a voz de Cicero, de Crasso e de Cotta, echoavam com toda a força, e todo o entusiasmo dos antigos Romanos; havia assistido ás festas sumptuosas, que costumava dar o pontifice Veneziano Clemente XIII, que succedêra em 1758, na thiára romana, ao papa Benedicto XIV; e presenciado enfim a elevação do cardeal João Vicente Ganganelli ao throno ponti-

fical, no dia 19 de Maio de 1769! Que desejos, que ambição era a sua, encerrado nos trabalhos d'esse seminário, quando a imaginação lhe ardia de produzir cousas, que o immortalizassem, e quando, distante da pátria, e longe de Portugal, não se lhe abria livremente a carreira da gloria?

Preferiu abandonar Roma, e para se não tornar suspeito, dirigio-se a Napoles, e ahi se embarcou para Portugal, aonde se demorou pouco tempo, por lhe faltarem os meios de subsistencia, regressando immediatamente para o Rio de Janeiro.

Constituia então o Brazil um governo homogeneo e centralizado, á cuja testa estava o marquez de Lavradio, com o titulo de Vice-Rei, sendo o 3.º em numero, que de tão grandes honras gozava na cidade do Rio de Janeiro, elevada á capital de todo o Estado Portuguez da America.

Com a protecção que o pontifice antecessor de Clemente XIV dera aos Jesuitas, mais se havia exacerbado o governo do marquez de Pombal, que os expellira dos dominios portuguezes; ordens muito terminantes existiam por toda a parte contra os restos dispersos da illustre Companhia: José Basilio da Gama, desembarcando no Rio de Janeiro, e não encontrando mais seus antigos protectores, foi denunciado como Jesuita, preso immediatamente, re-embarcado á bordo de um navio de guerra, e remettido para Portugal.

Como a vida, desde a sua infancia, lhe corrêra desgraçada! Quantos trabalhos, quantos encommodos, quantos soffrimentos, o acompanhavam

por toda a parte aonde se dirigiam seus passos! — Como é diversa esta existencia humana! — Como differente em cada creatura! — Aquelle sorri a vida entre jardins de flôres, á este o negro fantasma da desgraça, e o atro veneno da miseria, seguem e carcomem desapiedadamente!

Chegando preso a Lisboa, viu-se obrigado, para ser solto e livre, a assignar no tribunal da Inconfidencia termo de ir, dentro do praso de seis mezes, para Angola, de onde não poderia sahir sem ordem do governo.

Era todo poderoso o ministro marquez de Pombal; D. José I reinava, mas não governava; sua indole e a sua intelligencia se haviam acostumado a direcção energica e illustrada, que, vinte tres haviam, dava aos negocios publicos o seu secretario d'estado, e o seu amigo. O habito governa o homem: D. José I de Portugal representava Luiz XIII de França, o marqu'z de Pombal reflectia a imagem do cardeal de Richelieu: mas que beneficios não deviam os dominios portuguezes ao ministro, que — fizera surgir sobre as ruinas de uma Lisboa velha e decrepita outra Lisboa nova e bella, e que olhavava com olhos eguaes para as terras da America, não as differenciando, pela sua situação, d'aquellas que a monarchia possuia na Europa? Quanto lhe não era obrigado o commercio, de cujos braços arrancára as algemas que o manietavam ao nascente colosso da Inglaterra?

Corria então o anno de 1773, e havia chegado

á Lisboa a noticia, que por bulla pontifical de 21 de Julho do mesmo anno, acquiescêra emfim o papa Clemente XIV ás exigencias de Portugal, França e Hespanha, e aboliu os Jesuitas! O ministro trepidou de alegre, vendo realizados seus esforços.

A José Basilio da Gama luzio idéa feliz de salvar-se do seu exilio d'Africa; para que o aquinhoára a natureza com doirada imaginação? E que objecto mais inspirador do que o espectáculo do reyno, que se levantava á voz do ministro, como as aguas do mar Vermelho haviam obedecido ao mando de Moysés? Compôz poetico epithalamio dirigido á filha do ministro, pelo feliz consorcio que ella celebrára, e no cantico, de envolta com elogios aos dotes da noiva, pintava a grandeza e heroismo do pai, e só agoirando para a familia e para Portugal venturas e delicias, terminava exclamando:

— « Eu não verei passar teus doces annos,
Alma de amor e de piedade cheia;
Esperam-me os desertos Africanos,
Aspera, inculta, e monstruosa areia....
Ah! tu faze cessar os tristes damnos,
Que eu já na tempestade escura e feia....
Mas diviso, e me serve de conforto
A branca mão, que me conduz ao porto! » —

O marquez de Pombal leu estes versos, ouviu as vozes do requerente, e desejou vê-lo: tanto de seus talentos se agradou, que lhe perdoou o exilio, e lhe deu em Lisboa o logar de official supranu-

merario da secretaria d'estado dos negocios do reyno, e por vezes, durante o seu emprego, lhe fez a honra de o chamar para trabalhos do seu gabinete.

Volveu pacifica sua existencia, garantida pelos ordenados do seu emprego: elle agradeceu a seu novo protector, dedicando-lhe grande parte de suas poeticas composições; entre os trabalhos que lhe tocavam, e as inspirações, que lhe offerecia a sua dourada musa, dividiu seu tempo: escreveu algumas tragedias, que se não imprimiram; um poema intitulado — *Quitubia* — em louvor de um chefe Africano, que em auxilio dos Portuguezes fizera actos de valentia contra os Holandezes, quando estes povos invadiram os dominios coloniaes de Portugal n'Africa; um cantico aos Campos Elysios, em que o poeta elogia em doces e faceiros versos a união da familia dos Condes da Redinha com a familia do Marquez de Pombal: foi debaixo da influencia e amizade d'este ministro, a quem tanto devia José Basilio da Gama, que elle começou e terminou o seu poema de — *Uruguay*. —

Em 1777 morreu D. José I.º, e sua filha e successora D. Maria I.ª demittiu dos seus empregos ao Marquez de Pombal, que se retirou á solidão de sua quinta, para que o deixassem viver; chamou á sua real confiança os inimigos do preterito governo, e nova, muito differente direcção deu á administração publica. José Basilio da Gama não abandonou o seu culto; como guar-

dára indelevel lembrança dos seus primeiros protectores Gomes Freyre de Andrade, e José Fernandes Pinto Alpoim, conservou illesa e pura a memoria do Marquez de Pombal; ousou mesmo affrontar a reacção que começava, escrevendo versos em seu elogio, no momento, em que crime era attribuir beneficios ao homem respeitavel, e ao consumado estadista, que dera em Portugal gigantesco impulso ás artes, ás sciencias, e ás letras; e que abrira novos desenvolvimentos ao commercio, e riqueza publica, protegendo e animando a agricultura, e a industria.

Foi preciso abandonar seu emprego, e como Jacob, recommençar a escada dos seus trabalhos: então ao seu poema do Uruguay, que, alguns annos haviam, se publicára, appareceram respostas ditas dos Jesuitas, que appellidavam o poeta de ingrato e traidor; quando para desvanecer semelhantes epithetos bastava o seu brioso comportamento em relação ao illustre desterrado, que nome dera, e nome immortal, ao reynado de D. José I.º:—bastava sentir palpitar dentro no peito de José Basilio da Gama o agradecido coração, que, no meio dos transes arriscados, e em perigosas crises, jamais deixou de tributar respeito e saudade a seus bemfeitores: que importa que censurasse o comportamento dos Jesuitas do Paraguay, quando elle tratava da direcção, que a companhia dava á missão, que n'aquelle ponto estabelecêra e fundára? Não podia elle estimar particularmente aquelles padres, que o abriga-

ram no Rio de Janeiro, e de quem apprendêra os primeiros rudimentos litterarios; mesmo aquelles que em Roma o protegeram; e entretanto reprovaram alguns actos da Companhia, e as suas modernas tendencias ao exclusivo dominio, tendencias, que iam de encontro ao fim e intenções beneficicas e religiosas do seu fundador, e dos seus primeiros directores?

José Basilio da Gama, alvo de intrigas e de odios, julgou prudente retirar-se para o Rio de Janeiro, e residir n'esta cidade.

Luiz de Vasconcellos e Souza era então o vice-rey do estado do Brazil; D. José Joaquim Justiannianno Mascarenhas Castello Branco era o bispo do Rio de Janeiro (*); convém dizer que ambos acolheram com distincção a José Basilio da Gama, que sob tão valiosa protecção de alguma tranquillidade gozou ainda: ligou-se José Basilio da Gama em estreita amizade com Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, lente de rhetorica no Rio de Janeiro, e muito estimado do vice-rey, poeta illustre como elle, e como elle litterato consciencioso, e instruido, — ambos nascidos na capitania

(*) Nasceu o Bispo Castello Branco no Rio de Janeiro em 1731; falleceu em 1805, depois de 32 annos do exercicio do bispado; era sobrinho do vigario Ignacio Manuel da Costa Mascarenhas, de quem fallámos em uma nota á vida de Frey Francisco de São Carlos: foi doutor em canones, varão de grande erudição e talentos; antes de ser bispo do Rio de Janeiro, era-o de Tipassa, e tinha immensa nomeada: prestou numerosos serviços á Igreja e ao povo Fluminense, e é um dos Brasileiros illustres que se honra o Brazil de haver produzido.

de Minas Geraes, em villas collocadas na distancia de duas leguas uma da outra; — levados de igual enthusiasmo, e de purissimas intenções, instituiram ambos uma academia litteraria no Rio de Janeiro, modelada segundo as formas da Arcadia Romana, e contendo no seu seio as pessoas mais illustres e engenhosas (*).

A Luiz de Vasconcellos e Souza substituiu em 1790 o suspeito vice-rey Conde de Rezende: a tempestade não tinha serenado para José Basilio da Gama; não estava ainda deliberado nos arcanos indecifráveis da Providencia, que seus trabalhos tivessem termo.

Seu viver foi continuo combate contra a adversidade; desde o nascimento o marcou o destino: que importa, que em um ou outro anno, em um ou outro periodo, estivesse o oceano em bonança, as ondas dormindo, e os ventos encadeiados? — Loucura fôra fiar-se n'esse fallaz descanso, em que calma a superficie, já borbulhavam as entranhas, para de novamente romper a desgraça e proseguir sua carreira!

Ha vidas bem tormentosas! A de José Basilio da Gama mereceria occupar logar na obra affamada de Israeli (**), ou na chronica de Valeriano Bolzano (***), as quaes ambas tratam dos litteratos

(*) A historia d'esta academia acha-se no tomo 2.º na — Vida de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga.

(**) The calamities of authors by D'Israeli — London — 1834.

(***) De litteratorum infelicitate — Valeriano Bolzano — 1782 — Roma. —

e poetas illustres, desgraçados na sua existencia terrestre: é uma serie de infelicidades, interrompida apenas, uma ou outra vez, como que para dar algum repouso ao corpo, e consentir-lhe reganhar forças, com que possa resistir aos novos successos, que lhe estão ainda preparados.

O Conde de Rezende temeu que a academia litteraria se não metamorphoseasse em associação politica; da capitania de Minas tinham chegado os indiciados do crime de rebellião, que alli se tentára, para o fim de emancipar-se a colonia do jugo metropolitano: entre estes accusados figuravam engenhos, como Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, e Domingos Vidal Barboza: os poetas causavam sustos ao Conde de Rezende; parecia-lhe que esses abrazados espiritos se não accommodavam ao viver e sentir socegados das exigencias sociaes; lavrou ordem, dissolvendo a academia litteraria; e como notou bastante descontentamento em alguns, que eram socios d'ella, determinou que se prendessem aquelles, que ousavam censurar seu acto, entre os quaes se contava o Dr. Manuel Ignacio da Silva Alvarenga.

José Basilio da Gama entendeu que não devia conservar-se por mais tempo no Rio de Janeiro; perigos o rodejavam por toda a parte; e aonde iria a triste e peregrina ovelha que não encomodasse com seus balidos e presença? — Aonde descansaria os ultimos dias de vida, que não

tivesse mais trabalhos e mais encommodos? — Foragido de um lado para outro, não lhe era permittido repouisar a cabeça até que a morte o viesse buscar para a eternidade! Bem poderia rogar que sobre a campa de sua sepultura se não inscrevesse mais que a simples palavra — *miserrimus!* — porque exprimia em curto espaço toda a historia de sua existencia: na bella Sé de Worcester encontra-se um tumulo solitario, com este simples epitaphio — Talvez esse, que alli dorme, não fosse tão infeliz, como o auctor do Uruguay!

Pensou que Lisboa o poderia ainda acolher na velhice, e para Lisboa dirigiu-se novamente.

Que destino foi então o seu, é cousa inteiramente ignorada. — Aonde, e quando trocou a vida de dôres, trabalhos e soffrimentos pela da eternidade, e da paz celeste, tambem nos não chegou ao conhecimento. O que nos parece é que sua morte teve logar no anno de 1795, porque nos Almanaks da Academia das Sciencias de Lisboa, do anno de 1796 em diante, não apparece mais mencionado seu nome, entre os dos seus membros vivos.

§ 2.º

José Basilio da Gama é auctor de muitas e diversas poesias, de canticos primorosos, de doces e ternos sonetos, e de epistolas engenhosas;

compoz versos alexandrinos longos e compridos; versos heroicos nobres e alegres, melancolicos, e risonhos; versos octosyllabos correntes, e faceiros; e o que quasi parece incrivel, primou em todos os generos!

O que porém estabeleceu sua reputação, e firmou sua gloria, foi o poema intitulado — Uruguay — dividido em cinco cantos, escripto em versos heroicos livres, e que, desde que foi publicado, attrahiu ao seu auctor encomios de todos os litteratos: e com razão: este poema, ou antes este romance em verso denota o mais completo engenho, o mais elevado estro, e a mais pura inspiração de verdadeira poesia: e quando um poeta escreve obra de tamanho valor, para que occuparmo-nos com as suas outras poesias?

Portugal e Hespanha, ou pela maviosidade e riqueza das linguas, ou pelo clima feliz, que as bafeja, de alguns seculos a esta parte tem produzido grande numero de poemas em verso, sobre aventuras particulares, factos ou acontecimentos publicos, ou nacionaes, vidas de homens illustres e celebres; não são poemas epicos da grandeza da Jerusalém libertada, da Eneyda, da Iliada, da Odysea, ou dos Luziadas; não pertencem ao mundo imaginario e phantastico que o Oriente transmittiu a Ariosto, a Luiz Pulci, a Matheus Boiardo, ou a Christovam Wieland: o poema epico é cosmopolita, e são raros, e especialmente organisados os engenhos, que os produzem; o poema phantastico é oriental de origem,

costumes, e vestes orientaes: o genero porém dos poemas, de que tratamos, se bem que as formulas exteriores sejam epicas, são todavia differentes de uns e de outros, já na materia intrinseca, e já nos seus elementos constitutivos; as linguas Portugueza e Castelhana possuem d'elles os mais bellos e completos: alguns poetas de outras nações inauditos esforços tem empregado para aclimatar nos seus lares patrios este genero que admite toda a escala da poesia, desde o sublime, e elevado pathetico, até a doce e agradavel pintura dos prazeres domesticos, ou das delicias campestres; genero que tange o ataúde do bardo, a harpa do trovador, a lyra do profeta, e a gaita faceira do pastor.

Ha sido porém planta exotica; nem os viveiros, e quentes estufas tem podido faze-lo medrar na fria Escossia, na nebulosa Allemanha, na alegre França, ou na carrancúda Inglaterra; nem os subidos talentos de Walter Scott, e o genio encyclopedico de Voltaire, obtiveram dar, não perfeita, não copia rival, — mas approximada pintura, que ao menos se assemelhasse ás vistas da optica.

Entretanto é de confessar que muitos d'estes poemas-romances Portuguezes e Hespanhoes, ao passo que trazem o character nacional perfeitamente sellado, contém bellezas da primeira ordem.

O — Araucana — de Alonzo de Ercilla, as — Navas de Tolosa — de Christovam de Meza, a —

Numantina — de Francisco de Mosquera, a — Invenção da Cruz — de Lopes de Zarate, o — Leão de Hespanha — de Pedro Vizella, a — Sagontina — de Lourenço Zamora, e a — Mathéa — de Hypolito Sanz, que valor não tem nas letras, e na poesia? O — Cerco de Diu, — e o — Naufragio de Sepulveda — de Jeronymo Corte-Real, a — Elegiada — de Luiz Pereira, a — Zargueida — de Medina de Vasconcellos, a — Ulyssea — de Pereira de Castro, o — Affonso Africano — de Mouzinho Quevedo, a — Conquista de Malaca — de Sá de Menezes, o — Condestabre — de Rodrigues Robo, o — Caramurú — de Santa Ritta Durão, o — Camões — de Almeida Garrett, e o — Uruguay — de José Basilio da Gama, quantas bellezas da primeira ordem não encerram?

— É o poema de José Basilio da Gama a historia das guerras sanguinolentas, que os Portuguezes commandados pelo general Gomes Freyre de Andrade sustentaram, em 1756, contra os povos indigenas do Paraguay; os padres da Companhia de Jesus não desejavam que os gentios cathequisados com seus trabalhos e fadigas, instruidos e moralizados com suas lições e conselhos; possuindo vastos campos, fertes terrenos, bellos climas, e rios magestosos; defendidos pela immensidade de terras despovoadas, que os dividiam dos estabelecimentos europeos; se sujeitassem ao tratado de 13 de Janeiro de 1750 estipulado entre as corôas portugueza e hespanhola.

Os padres da Companhia animaram os gentios

à resistencia, e d'esta resistencia resultou lucta porfiada e sanguinosa, que nem-um resultado trouxe, e nem siquer fez conseguir a execução do tratado estipulado.—

José Basilio da Gama aproveita perfeitamente para o seu poema todos estes graves acontecimentos; enriquecendo-o de pinturas delicadas, e de interessantes episodios, entretêm a curiosidade do leitor, e torna-o uma das modernas composições, em que mais avulta e brilha o espirito nacional Americano, e mais sobresaem as eloquentes descripções d'este mundo, ainda tão ignorado, e que a fortuna de Pedro Alvares Cabral lhe mostrou em caminho, para levar seu nome á immortalidade!

O poema começa por cinco versos admiraveis; cinco versos, que dão logo a entender o engenhoso, e nobre entusiasmo do auctor, cinco versos, que são como o portico do edificio, cuja perspectiva encanta, e presagia superiores bellezas.

— « Fumam ainda nas desertas praías
Lagos de sangue, tepidos, e impuros,
Em que ondeiam cadaveres despídos,
Pasto de corvos. Dura ainda nos valles
O ronco som da irada artilharia » —

O primeiro canto reconta as causas da guerra, que se prepara contra os gentios das Missões, que se não querem sujeitar ao tratado de 1750, pelo qual a Hespanha cedeu a Portugal algumas povoações do Paraguay, e do Uruguay em troca

da colonia do Sacramento; descreve a revista das tropas portuguezas, seu bellico ardor, e seu heroico enthusiasmo; pinta o character cavalheiroso do general portuguez, Gomes Freyre de Andrade, a quem paga José Basilio da Gama tributo de amizade e gratidão, tributo, que uma alma pura e agradecida soe dedicar, e que um coração bem formado sabe apreciar perfeitamente: um por um nomeia os chefes inferiores, historia os feitos de sua vida, commemora suas acções de gloria; entre elles figuram honrosamente aquelles amigos a quem o poeta devia obrigações, e de quem recebera nos seus primeiros annos, no Rio de Janeiro, provas de amizade, e protecção; poesia abundante, phrases sonoras, delicado gosto, pleno conhecimento de todos os acontecimentos, revestem este primeiro canto de todo o brilho, e de toda a belleza: que quadros bem assombreados, e povoados desenha José Basilio da Gama! Que descripções quer de guerreiros, quer de sitios, tão pittorescas, tão bem acabadas?

— « N'aquelle velho vigoroso, e forte,
 Que de branco e amarello, e de oiro ornado,
 Vêm os seus artilheiros conduzindo,
 — Vês o grande Alpoim (*). Este o primeiro
 Ensinou entre nós, por que caminho
 Se eleva aos Céos a curva e grave bomba
 Prenhe de fogo; e com que força do alto

(*) O brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, um dos primeiros protectores de José Basilio da Gama.

Abate os tectos da cidade, e lança
 Do roto seio envolta em fumo a morte.
 Seguiam juntos o paterno exemplo,
 Dignos do grande pai, ambos os filhos.
 Justos céos! E é forçoso, illustre Vasco, (*)
 Que te preparem as soberbas ondas,
 Longe de mim, a morte, e a sepultura?
 Nymphas do mar, que vistes, si — é que vistes —
 O rosto esmorecido, e os frios braços,
 Sobre os olhos soltai as verdes transas:
 Triste objecto de magoa e de saudade,
 Como em meu coração, vive em meus versos!

.

Porém o rio, e a forma do terreno
 Nos faz não vista, não usada guerra.
 Sae furioso do seu seio, e toda
 Vai alagando com o desmedido
 Peso das aguas a planicie immensa.

.
 Tece o emmanhadissimo arvoredado
 Verdes, irregulares, e torcidas
 Ruas e praças de uma e de outra banda,
 Crusadas de canôas: taes podemos
 Co'a mistura das luzes e das sombras
 Ver por meio de um vidro transplantados
 Ao seio d'Adria os nobres edificios,
 E os jardins, que produz outro elemento,
 E battida do remo, e navegaveis
 As ruas da maritima Venesa. —

O exercito portuguez reune-se sob o commando

(*) Vasco Fernandes Pinto Alpoim, filho do brigadeiro Alpoim, amigo de José Basilio da Gama, da sua mesma idade, e que morreu em um naufragio.

de Gomes Freyre de Andrade, e marcha n'essas desertas, e sombrias, e virgens mattas; os gentios enviam dous d'entre si, astutos chefes, a negociar com os Europeus: Cacambo, um d'elles, dirige admiravel falla ao general.

— « O' general famco,
 Tu tens á vista quanta gente bebe
 Do soberbo Uraguay a esquerda margem. —
 Bem que os nossos avós fossem despojo
 Da perfidia da Europa, e d'aqui mesmo
 Co'os não vingados ossos dos parentes
 Se vejam branquejar de longe os valles:
 Eu desarmado, e só, buscar-te venho.
 Tanto espero de ti. E em quanto as armas
 Dão logar á rasão, Senhor, vejamos
 Se se póde salvar a vida, e o sangue
 De tantos desgraçados. Muito tempo
 Póde inda tardar-nos o recurso
 Com o largo oceano de permeio,
 Em que os suspiros dos vexados povos
 Perdem o alento. O dilatar-se a entrega
 Está nas nossas mãos, até que um dia
 Informados os reys nos restituam
 A doce antiga paz. Se o rey da Hespanha
 Ao teu rey quer dar terras com mão larga,
 Que lhe dê Buenos-Ayres, e Correntes,
 E outras, que tem por estes vastos climas;
 Porém não póde dar-lhe os nossos povos.
 E inda no caso que pudesse dal-os,
 Eu não sei se o teu rey sabe o que troca;
 Porém tenho receio que não saiba.
 Eu já vi a colonia portugueza
 Na tenra idade dos primeiros annos,
 Quando o meu velho pai co'os nossos arcos

As sitiadoras tropas castelhanas
Deu soccorro, e mediu comvosco as armas ;
E quererão deixar os portuguezes
A praça que avassalla, e que domina
O gigante das aguas, e com ella
Toda a navegação do largo rio,
Que parece que poz a natureza
Para servir-nos de limite, e raia?
Será? mas não o creio. E depois disto,
As campinas, que vês, e a nossa terra,
Sem o nosso suor, e os nossos braços,
De que servem ao teu rey? Aqui não temos
Nem altas minas, nem os caudalosos
Rios de aréas d'ouro. Esta riqueza
Que cobre os templos dos bemitos padres,
Fructo da sua industria, e do commercio
Da folha, e pelles, á riqueza sua
Com o arbitrio dos corpos e das almas
O Céu lh'a deu em sorte. A nós sómente
Nos toca arar e cultivar a terra,
Sem outra paga mais, que o repartido
Por mãos escassas misero sustento ;
Pobres choupanas e algodões tecidos,
E o arco, e as settas, e as vistosas pennas
São as nossas fantasticas riquezas. » —

O general admirado da nobreza d'esta lingua-
gem, do orgulho cavalheiroso de tão digno
guerreiro, não pôde conter sua emoção; procura
embalde chama-lo a si, e sente não conseguir
levar a rasão a coração tão magnanimo, á alma
tão elevada: nem-uma conciliação podendo effe-
ctuar-se, volvem aos seus lares os ardilosos che-
fes, carregando ricos presentes, com que os mi-
moseou o general portuguez, presentes que lhes

ganharam a estima, mas lhes não quebraram os brios altanados. O combate é inevitavel; pela primeira vez o som do tambor europeu echoou por aquelles montes e valles; pela primeira vez as bandeiras portuguezas desenrolaram-se aos folgedos dos ventos, que susurravam pelas margens do Uruguay: os dous exercitos avistam-se, o signal do combate resoa por toda a parte; e que riquissima pintura faz o poeta dos gentios?

— « Saem das grutas, pelo chão cavadas,
 Em que até alli de industria se escondiam,
 Nuvens de indios, e a vista duvidava
 Se do terreno os barbaros nasciam.
 Qual já no tempo antigo, o errante Cadmo
 Dizem que vira da fecunda terra
 Brotar a cruellissima seára.
 Erguem todos um barbaro alarido,
 E sobre os nossos cada qual encurva
 Mil vezes, e mil vezes solta o arco
 Um chuvaire de settas despedindo. » —

O quadro do combate é desenhado em fortes e indeleveis traços: a victoria declara-se pelos Portuguezes; mas o coração acompanha o gentil Baldeta, caracolando sobre seu pintado e afogueiado cavallo; mas os olhos não deixam as façanhas do valente Tatu-Guassú, mettido em uma pelle de enorme jacaré, e povoando o campo de victimas europeas, que não escapam á destreza de seu braço; mas as lagrimas não saltam aos olhos, senão pelo infeliz e valeroso Cepé, quando depois de lucta heroica, e tormentosa, exhala o

ultimo suspiro da vida no meio de sangue, e de cadaveres.

Apóz esse segundo canto vem o terceiro, que é tudo o que ha de mais regular e de mais perfeito, no genero descriptivo; analysa-lo é roubar-lhe bellezas; historia-lo é arrancar-lhe o sentimento e a vida: o exercito Europeu carregado de trophéos da victoria, continúa sua marcha :

— « até que um dia
 Fizeram alto, e se accamparam onde
 Incultas varzeas por espaço immenso
 Enfadonhas, e estercis acompanham
 Ambas as margens de um profundo rio.
 Todas estas vastissimas campinas
 Cobrem palustres, e tecidas cannas,
 E leves juncos do calor tostados,
 Prompta materia de voraz incendio :
 O Indio habitador, de quando em quando,
 Com estranha cultura entrega ao fogo
 Muitas leguas de campo: o incendio dura,
 Em quanto dura, e o favorece o vento;
 Da herva, que renasce, se apascenta
 O immenso gado, que dos montes desce;
 E renovando incendios d'esta sorte
 A arte emenda a natureza, e podem
 Ter sempre nedio o gado, e o campo verde.
 Mas agora sabendo por espias
 As nossas marchas, conservavam sempre
 Seccas as torradissimas campinas,
 Nem consentiam, por fazer-nos guerra,
 Que a chamma bemfeitora, e a cinza fria
 Fertilizasse o arido terreno.
 O cavallo até alli forte, e brioso,
 E costumado a não ter mais sustento,

N'aquelles climas, do que a verde relva
 Da mimosa campina, desfallece.
 Nem mais, se o seu senhor o affaga, encurva
 Os pés, cava o chão co'as mãos, e o valle
 Rinchando atroa, e açouta o ar co'as clinas.
 Era alta noite, e arrancando, e triste
 Negava o Céu envolto em pobre manto
 A luz ao mundo, e murmurar-se ouvia
 Ao longe o rio, e meneiar-se o vento. » —

Passa-se a uma scena, que não acha superiores nas mais bellas composições modernas; nem Alexandre Manzoni, nem Fenimore Cooper, nem Adão Mickievicz, nem Walter Scott, nem Jeronymo Corte-Real, nem Mousinho Quevedo, nem Alonzo Ercilla, nem Jorge Trissino, imaginaram em seus sonhos quadro mais admiravel: é longo citar-se, mas quem pôde pintar ao vivo a magica scena que desenha Basilio da Gama, e que tanto caracteriza o heroe d'ella, o Indio Cacambo?

— « Acorda o Indio valeroso, e salta
 Longe da curva rede, e sem demora,
 O arco, e as settas arrebatá, e fere
 O chão com o pé: quer sobre o largo rio
 Ir peito a peito a contrastar co'a morte.
 Tem diante dos olhos a figura
 Do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.
 Pendura a um verde tronco as varias pennas,
 E o arco, e as settas, e a sonora aljava;
 E onde mais manso, e mais quieto o rio
 Se estende, e espraia sobre a ruiva arêia,
 Pensativo, e turbado entra; com agua
 Já por cima do peito as mãos e os olhos
 Levanta ao Céu, que elle não via, e ás ondas

O corpo entrega. Já sabia em tanto
A nova empreza na limosa gruta
O patrio rio, e dando um geito a urna,
Fez que as aguas corressem mais serenas,
E o Indio afortunado a praia opposta
Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta
Da margem guarnecida, e mansamente
Pelo silencio vai da noite escura
Buscando a parte d'onde vinha o vento.
Lá como é uso do paiz, roçando
Dous lenhos entre si, desperta a chamma,
Que já se ateia nas ligeiras palhas
E velozmente se propaga. Ao vento
Deixa Cacambo o resto, e foge, á tempo,
Da perigosa luz: porém na margem
Do rio, quando a chamma abrasadora
Começa a alumiar a noite escura,
Já sentido dos guardas não se assusta;
E temeraria e venturosamente
Fiando a vida aos animosos braços,
De um alto precipicio ás negras ondas
Outra vez se lançou, e foi de um salto
Ao fundo rio a visitar a areia.
Debalde gritam, e debalde ás margens
Corre a gente apressada: elle entretanto
Saccode as pernas, e os nervosos braços;
Rompe as espumas assoprando, e a um tempo
Suspendido nas mãos, voltando o rosto,
Via nas aguas tremulas a imagem
Do arrebatado incendio, e se alegrava!
Não de outra sorte o cauteloso Ulysses
Vaidoso da ruina, que causára,
Viu abraçar de Troya os altos muros,
E a perjura cidade, envolta em fumo,
Encostar-se no chão, e pouco a pouco
Desmaiár sobre as cinzas. » —

Cacambo orgulhoso corre aos braços da sua bella Lindoya, a receber o premio do seu feito audacioso: em vez de amores encontra a prisão, e a morte!

O exercito Europeu approxima-se á principal tába dos indios, e no quarto canto outro episodio ha, que, como o de Ignez de Castro, dos—Lusiadas—, como o de Lianor do—Naufragio de Sepulveda—, como o de—Francisca de Rimini—da—Divina Comedia—, como o de—Olinda e Sophronio—da Jerusalem libertada, viverá em quanto houver gosto litterario; desapareça embora a lingua portugueza; perca este episodio o seu mais bello aroma, transplantando-se para qualquer outro idioma; traduzido ainda, — o pathetico, que encerra, as sentimentaes pinturas, que o adornam, a poesia, que o cobre, o farão eternamente admirar!

— « Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo,
E a irmã por entre as sombras do arvoredó
Busca co'a vista, e teme de encontra-la.
Entram emfim na mais remota, e interna
Parte de antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmíns, e rosas.
Este logar delicioso, e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido,
Para morrer, a misera Lindoya.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva, e nas mimosas flôres;

Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um funebre cypreste, que espalhava
Melancholica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge
PESCOÇO e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chama-la, e temem
Que desperte assustada, e irrite o monstro,
E fuja, e apresse no fugir a morte.
Porém o dextro Caitutú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a ira, e o temor... Emfim sacode
O arco, e faz voar a aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpente na testa, e a boca, e os dentes
Deixou cravados no visinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda,
O irado monstro, é em tortuosos gyros
Se enrosca no cypreste, e verte envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao desperta-la
Conhece, — com que dôr? — no frio rosto
Os signaes do veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que amor reinava um dia,
Cheios de morte; e muda aquella lingua,
Que a surdo vento, e aos échos tantas vezes
Contou a larga historia de seus males.
Nos olhos Caitutú não sofre o pranto,
E rompe em profundissimos suspiros,
Sendo na testa da fronteira gruta

De sua mão já tremula gravado
O alheio crime, e a voluntaria morte....
Inda conserva o pallido semblante
Um não sei que de magoado, e triste,
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte! —

O quinto e ultimo canto appresenta as pinturas dos usos e costumes dos gentios, a descripção do governo dos Jesuitas, dentro da sua capital; e a entrada n'ella das tropas Europeas entoando canticos de triumpho.

Esta rapida e imperfeita analyse basta todavia para de modo ligeiro, e em breve esboço, patentearem as inapreciaveis bellezas, de que abunda este admiravel poema, que merece ser considerado — um dos monumentos de gloria litteraria, que possui a lingua portugueza, e — uma das composições mais nacionaes, que tem o Brasil; antes que Fenimore Cooper espantasse a Europa com a historia dos gentios americanos, já José Basilio da Gama descrevêra admiraveis e verdadeiras scenas d'essas nações livres e errantes, que offercem á poesia inspirações as mais ternas, as mais melancolicas, as mais sublimes, e as mais proprias de um Americano.

Parece que José Basilio da Gama previa que a posteridade faria justiça a seu engenho, e que seu poema seria lido e admirado no futuro; como acreditar que elle ignorava seu proprio valor,

quando os ultimos versos do — Uruguay — o denunciam?

— « Serás lido, Uruguay! Cubra os meus ossos
Embora um dia a escura noite eterna,
Tu vive, e goza a luz serena e pura.
Vai aos bosques da Arcadia; e não receies
Chegar desconhecido áquella areia.
Ali, de fresco, entre as sombrias murtas,
Urna triste a Mireu não todo encerra.
Leva d'estranho céo, sobre ella espalha,
Co'a peregrina mão, barbaras flôres:
E busca o successor, que te encaminhe
Ao teu lugar, que ha muito que te espera!

VI

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

§ 1.º

Em 9 de Julho de 1790 recebeu o Conde de Rezende, das mãos de Luiz de Vasconcellos e Souza, o governo do Estado do Brazil : um anno não tinha ainda decorrido, quando uma bella fragata portugueza, de nome *Golphinho*, entrou no porto do Rio de Janeiro, trazendo a seu bordo os desembargadores Antonio Gomes Ribeiro, e Antonio Diniz da Cruz e Silva, nomeados pela Rainha D. Maria I, para que, unidos com o chanceller da Relação, Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, e outros magistrados da escolha do Vice-Rey, julgassem, em alçada extraordinaria, e summarissimamente, os indiciados no crime de rebellião, que se tentára na capitania de Minas Geraes, segundo que haviam communicado a S. M. o Vice-Rey Luiz de Vasconcellos, e o governador e capitão general de Minas, Visconde de Barbacena.

Transportaram-se da cadeia do Oiro Preto,

então Villa-Rica, trinta e dous infelizes, indicia-dos d'este crime, e pertencentes ás principaes familias d'aquella época. A longa viagem, que não durou menos de trinta e oito dias, o peso das algemas, que lhes ligavam os braços, os máos tratamentos, que supportaram no caminho, e a grande nomeada de muitos d'entre elles, tudo concorria para chamar em seu favor a sympathia publica: recolheram-se á cadeia do Rio de Janeiro, que era o edificio, que hoje serve ás sessões da Camara dos Deputados.

Um d'elles era o chefe, ou cabeça, na lingua-gem juridica; chamava-se Joaquim José da Silva Xavier (*): fôra quem primeiro, voltando de uma viagem á Europa, e aos Estados-Unidos da America Septentrional, cheio de entusiasmo pelo espectaculo de um povo livre e independente, e dotado de força e brios militares, imaginára a possibilidade de realisar no Brazil os mesmos acontecimentos. Seguindo para Minas, que fôra logar de seu nascimento, e era residencia de seus pais, communicou seus designios a José Alves Maciel, de S. João d'El-Rey, outro entusiasta da liberdade, e que viajára tambem na Europa, e de lá trouxera ideias republicanas: chamaram a seus planos o commandante da força publica de Villa-Rica, Francisco de Paula Freire

(*) Conhecido mais pelo appellido de—Tiradentes. Nasceu Silva Xavier em 1757; era de familia honesta, e abastada de Minas; fôra alferes da cavallaria, e a natureza o dotára de bastantes talentos.

de Andrade, o tenente coronel de milicias da Campanha do Rio Verde, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, o de Diamantina, Domingos de Abreu Vieira, o doutor em medicina Domingos Vidal Barboza, o ouvidor da comarca, Thomaz Antonio Gonzaga, o ex-secretario do governo, Claudio Manuel da Costa, e algumas outras pessoas de influencia e riqueza.

Foi combinado crear-se na capitania de Minas uma republica, á que se aggregassem as capitancias visinhas, que quizessem seguir seu exemplo, e sua sorte; usar-se de uma bandeira independente, com a insignia de um genio quebrando algemas; franquear-se o districto prohibido dos diamantés; eximir-se de direitos o oiro, e as pedras preciosas; dar-se plena quitação de todas as quantias, que os particulares deviam á fazenda publica; estabelecer-se em Villa-Rica universidade de estudos, e escholas de manufacturas, e industrias necessarias; e mudar-se emfim a capital para a villa de S. João d'El-Rey.

Para se ganhar o povo espalhou-se que havia resolvido o governo de Lisboa, a fim de enfraquecer o Brazil, de quem se temia, promulgar lei, prohibindo a propriedade e posse de mais de dez escravos por um subdito; que, montando a divida dos moradores da provincia para com o governo, pelo imposto da derrama, que se substituíra ao da capitação, na importancia de mais de setecentas arrobas de oiro, que se não haviam arrecadado pela decadencia do producto nos ul-

timos annos, tencionava o governo, com o lançamento do novo anno, cobrar toda esta enorme somma, que se calculou egual á todo o oiro não arrecadado, que circulava então em Minas, e dupla de todo quanto oiro gyrava nas capitánias do interior, o meio então circulante.

Qualquer d'estas duas noticias bastava para excitar e levantar a maior parte dos habitantes; ambas reuniram em favor da conjuração a população inteira.

Certos assim os revolucionarios, concordaram aproveitar a publicação da lista da derrama, e enthusiasmando o povo, romper em Villa-Rica ao grito da liberdade, e prender o governador; diziam uns, para ser remettido para Lisboa, por via da Bahia; asseguravam outros, para ser assassinado, e servir sua cabeça de exemplo, e segurança dos revoltados.

Thomaz Antonio Gonzaga recebeu n'este entretanto carta de nomeiação de desembargador para a Relação da cidade da Bahia, e ordem de partir: apressou-se á aconselhar ao intendente, e á junta da fazenda, que exigissem o pagamento dos atrasados conjunctamente com a importancia da derrama do anno, de combinação, como é de suppôr, com os revolucionarios, a fim de augmentar a odiosidade publica contra o governo, e de validar a noticia espalhada adréde pelos conjurados: verdade é que elle no seu interrogatorio negou sempre cumplicidade no crime, e protestou por sua innocencia; assegurando que déra

este conselho para o fim de perfeitamente conhecer o governo que era tal cobrança impossivel, e por este conhecimento deliberar-se a Rainha á perdoar aos devedores.

Os conjurados porém não souberam guardar segredo, e menos escolher seus cumplices; fallavam francamente por toda a parte; promettia Joaquim José da Silva Xavier grandes successos no Rio de Janeiro, aonde negociantes de importancia, e pessoas de consideração abraçavam suas ideias, e almejavam a independencia do Brazil; affiançavam José Alves Maciel e Domingos Vidal Barboza soccorros serios e decididos de potencias estrangeiras, e especialmente da França, e dos Estados-Unidos; a maior publicidade tiveram logo as intenções de semelhantes conspiradores.

O coronel Joaquim Silverio dos Reys denunciou todos os planos ao governador: homem prudente e bondadoso era o Visconde de Barbacena; persuadiu-se que a causa unica do descontentamento seria a pretendida cobrança dos atrasados, e o lançamento immediato da derrama; suspendeu uma e outra cousa, e com este acto tirou aos conjurados o principal pretexto, e arrancou-lhes grande numero de pessoas, com que contavam.

José Alves Maciel, e Thomaz Antonio Gonzaga, foram de opinião, que se abandonasse o plano da revolução, porque perceberam que o animo do povo não estava preparado, e tempo não era

por enquanto de commetter cousas, que não abraçassem e quizessem todos. Joaquim José da Silva Xavier, animoso, e intrepido, considerou fraqueza recuar, e conseguiu repellir esta ideia, compromettendo-se a ir ao Rio de Janeiro, e a trabalhar em reunir n'esta cidade força, e sympathias publicas, que lhes ajudassem o intento.

Loucura de conjurados! — Passavam-se estes acontecimentos pelo anno de 1789, e ainda era Vice-Rey Luiz de Vasconcellos : uma denuncia foi-lhe dada no Rio de Janeiro pelo coronel Basilio de Britto Malheiros, e Ignacio Correia Pamplona, em occasião, em que ahi estava aliciando povo o cabeça dos revolucionarios. O Vice-Rey ordenou sua prisão, e a de todos os indiciados, mandando ao governador de Minas, que os remetteste para o Rio de Janeiro, e lhe dêsse contas do seu comportamento. O Visconde de Barbacena fez então partir pela Bahia para Lisboa uma antidactada participação minuciosa da denuncia que lhe dera o coronel Reys, e organisou um processo com anterior autuação, com o fim de defender-se, e ressalvar-se.

Claudio Manuel da Costa, apenas preso, não pôde resistir á dôr, que o accommetteu; suicidou-se na cadeia de Villa-Rica; os outros seus companheiros de infortunio foram remettidos para o Rio de Janeiro. Instaurou-se o processo : nos interrogatorios quasi todos os réos confessaram seus intentos, e durante seu andamento, alguns se finaram na prisão. Quando, em 18 de

Abril de 1792, foi á cadeia o official de justiça intimar aos presos o Accordam da Relação, pelo qual onze haviam sido condemnados á morte, cinco á degredos perpetuos para presidios d'Africa, e os mais todos á degredos temporarios, já bem diminuido estava seu numero, e nem todas as penas se poderiam cumprir!

E o que foi barbaria inqualificavel; — as penas não attingiram sómente as pessoas dos condemnados, — dirigiram-se tambem á seus descendentes, aos quaes o Accordam declarou infames, ordenando mais que fossem confiscados — os seus bens, arrasadas as suas casas, e propriedades, salgados os logares em que se achavam edificadas, e prohibido para todo o sempre o cultivo ou aproveitamento do terreno.

Felizmente que d'estes onze, destinados ao cadafalso pelos juizes, á quem o terror do governo arrastou á tamanha severidade, só um por todos pagou — com a vida —, que os mais receberam commutação de pena, e foram parar pelas desertas costas d'Africa Oriental e Occidental, e pelos aridos penedos de Sanctiago e Bissáu.

O povo do Rio de Janeiro accreditava na iniquidade das suas condemnações; sentiu profundamente, quando viu levantar-se o cadafalso ali — que é hoje a praça da Constituição — então deserto campo, aonde finda a nova rua dos Ciganos; — cercar-se o logar da execução de immensa força armada; — chegar o paciente Joaquim José da Silva Xavier, unico que não mereceu commu-

tação, por ser considerado cabeça, e não mostrár arrependimento de seus feitos; e — padecer com espantosa coragem affrontosa morte, em presença de tantos expectadores, que até se apinhavam a vêr pela aba do morro de Santo Antonio, que descahe para a banda da Lampadosa. As aucto-ridades tinham tomado todas as providencias, receiosas de um levante do povo, em favor do condemnado.

Mezes depois a mesma bella fragata, que de Lisboa trouxera os dous magistrados, que tinham julgado o processo, regressou á Lisboa levando os condemnados sacerdotes, e mais o doutor Domingos Vidal Barboza, José de Rezende Costa, pai, e filho, e outros degradados, que de lá seguiram para seus destinos de Sanctiago, e Cabo Verde.

E um brigue de guerra, pelo mesmo tempo, recebeu á seu bordo todos os mais condemnados, entre os quaes se contavam Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Francisco de Paula Freire de Andrade, e José Alves Maciel, e os foi descarregando pelos presidios, a que eram reservados, como Ambaca, Benguela, Massangano, Cambambe, Pedras de Angoche, Moçambique, Macúa, rios de Senna, Inhambane, e Maximba.

Assim os homens mais reputados, e mais illustres d'aquella época, foram arrancados aos braços de suas familias, lançados nas masmorras — condemnados, e condemnados seus filhos inno-

centes — e além do oceano — longe da patria — aqui e ali dispersos — cada um isolado — ou tragaram soffrimentos atrozes até que lhes chegou o dia venturoso de regressarem ao Brazil, — fortuna que coube apenas a tres ou quatro de tantos — ou n'esses pestilentos climas, no meio de insalubres aguas, e de terras ressequidas — por entre os negros selvagens e barbaros — viram acabar seus dias, sem que á hora derradeira da existencia — uma voz amiga os consolasse á cabeceira.

Admiravel contraste formam estas cousas do mundo! No mesmo anno de 1792, emquanto os republicanos de França julgavam, e condemnavam os monarchistas, os monarchistas de Portugal julgavam tambem, e igualmente condemnavam os republicanos do Brazil; no mesmo anno de 1793, em que subia ao cadafalso o monarcha descendente do glorioso S. Luiz, igual sorte padecia o republicano Joaquim José da Silva Xavier.

Tudo porém tem seu systema de compensações.

§ 2.º

Era Thomaz Antonio Gonzaga de estatura pequena, cheio de corpo: tinha physionomia clara e espirituosa, animada por dous olhos azues, vivos, e penetrantes; encantava com sua conversação alegre, jovial, e engraçada; suas maneiras delicadas e polidas attrahiam-lhe todos os corações.

— Aonde nasceu? — Eis uma questão suscitada, debatida com toda a força, e até agora indecisa entre os litteratos. É uma das suas glorias, que, depois de sua morte, tanto o Brazil como Portugal disputaram, e pleiteiaram a honra de haver sido seu berço; os sabios de ambos os paizes invidaram suas forças, procurando revender para sua nação o nascimento de Gonzaga.

Um documento extrahido ultimamente do livro das matriculas da Universidade de Coimbra, de folhas 201, e do anno lectivo de 1763, attesta que Thomaz Antonio Gonzaga, matriculando-se no 1.º de Outubro, se declarára natural do Porto (*).

Seu pai, João Bernardo Gonzaga, era natural do Rio de Janeiro; exerceu logares de juiz de fôra em Angola, Cabo Verde, e em Pernambuco; no anno de 1745 foi provido no emprego de ouvidor na cidade do Porto; em 1749 foi despachado desembargador da Relação da Bahia, que em 1609 creára Felippe III, fôra supprimida em 1626, e de novamente restabelecida em 1652; é certo que a infancia de Thomaz Antonio Gonzaga passou-se na Bahia, porque elle mesmo em seus versos o declára (**): seria portanto no tempo,

(*) Este documento foi conseguido pelo litterato Brasileiro o Sr. Dr. José Maria do Amaral, e pára no archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

(**) Lêem-se os seguintes versos seus:

Pintam que os mares sulco da Bahia,
Onde passei a flôr da minha idade.

em que n'esta cidade exercêra seu pai a magistratura; Thomaz Antonio Gonzaga nasceu em 1747; combina perfeitamente com os factos a declaração da matricula da universidade, e esclarece-se assim este ponto historico da sua vida.

Apenas chegou Thomaz Antonio Gonzaga á idade de seguir os estudos universitarios, deixou o Brazil, dirigiu-se para Coimbra, formou-se em leys, e conseguindo reputação — de talentoso, obteve, depois de por alguns annos exercer logares de Juiz de Fôra, em termos pequenos de Portugal, ser despachado ouvidor para Villa-Rica, para onde se passou, e aonde residiu sempre, até o momento em que foi preso, como indiciado na tentativa de revolução, de que era cabeça Joaquim José da Silva Xavier.

Que importa pois que um acaso, e puro acaso, o fizesse nascer em Portugal? A sua gloria é gloria do Brazil, porque foi o Brazil terra de seu pai; porque no Brazil viveu Thomaz Antonio Gonzaga sua infancia, e quasi toda a sua vida; e porque pelo Brazil padeceu, e penou quando se ligou com outros Brazilleiros anciosos de libertarem sua patria do jugo portuguez, e de a declararem independente.

Não nasceram os dous Cheniers em Constantinopla, e a França se não gloria com seus nomes, por que fôra seu pai Francez? — A luz do dia não appareceu a Benjamin Constant na Suissa, e não entra no Pantheon dos escriptores francezes? O Duque de Palmela, diplomata e estadista re-

putado de Portugal, não é natural da cidade de Turim?

Thomaz Antonio Gonzaga, como ouvidor de Villa-Rica, gozou de reputação illibada; seus talentos eram geralmente apreciados, sua instrução reconhecida; por todos os governadores, com quem serviu, era consultado nos mais espinhosos e complicados negocios da publica administração.

Seus collegas, e antigos companheiros de estudos, quando trataram de o julgar, sacrificaram ao dever e ao medo os sentimentos da amizade; o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, como elle, predilecto das Musas, não vacillou no voto contra o seu amigo da universidade, e o seu irmão em poesia: Thomaz Antonio Gonzaga confessou ter sciencia da premeditada revolução, mas que a considerára hypothetica; negou porém ter aconselhado ao intendente que lançasse a derrama do oiro, e cobrasse as atrasadas dividas, de accordo com os conjurados, e para o fim de excitar descontentamento no povo contra a administração; declarou mesmo, que não concordára, e menos fôra cúmplice dos planos dos descontentes.

O que perdeu porém a Gonzaga foi a sua reputação de talentos e luzes, e a amizade, que o prendia a Ignacio José de Alvarenga Peixoto, e a Claudio Manuel da Costa, dous dos principaes revolucionarios: suas declarações não foram acceitas, apesar mesmo de serem roboradas por

depoimentos contestes de alguns conjurados : os juizes preferiram dar valor aos indicios, que se levantavam contra elle.

Eis, a seu respeito, as proprias palavras do accordam da Relação lavrado no processo :

— « Quanto ao réo Thomaz Antonio Gonzaga, que por todos os mais réos conteúdos n'estas devassas era geralmente reputado por chefe da conjuração, como o mais capaz de dirigi-la, e de encarregar-se do estabelecimento da nova republica; e supposto que esta voz geral, que corria entre os conjurados, nascesse principalmente das asseverações dos réos Carlos Correia de Toledo, e do alferes Tiradentes, e ambos negassem nos appensos n.º 1.º e 5.º, que o réo entrasse na conjuração, ou assistisse a algum dos conventiculos, que se fizeram em casa dos réos Francisco de Paula, e Domingos de Abreu, acrescentando o padre Correia que dizia aos socios da conjuração, que este réo entrava n'ella, para os animar, sabendo que entrava na acção um homem de luzes e talentos, capaz de os dirigir, e o réo Tiradentes que não negaria o que soubesse para o inhibir da culpa, sendo seu inimigo por causa de uma queixa, que d'elle fez ao governador Luiz da Cunha Menezes, e egual retractação fizesse o réo Alvarenga na acareação do appenso n.º 7.º, pois tendo declarado no appenso n.º 4.º que este réo estivera em um dos conventiculos, que se

fizeram em casa do réo Francisco de Paula, e que n'elle o encarregára da factura das leis para a nova republica, na dita acareação não sustentou o que tinha declarado, dizendo que bem podia enganar-se; e todos os mais réos sustentem com firmeza, que nunca este réo assistira, nem entrara em algum dos ditos abominaveis conventiculos, comtudo não pôde o réo considerar-se livre de culpa pelos fortes indicios, que contra elle resultam; por quanto, 1.º mostra-se que sendo a base do levante ajustado entre os réos o lançamento da derrama, pelo descontentamento, que suppunham que causaria no povo, este réo foi acerrimo perseguidor do intendente procurador da fazenda para que requeresse a dita derrama, e parecendo-lhe talvez que nã bastaria para inquietar o povo o lançamento pela divida de um anno, instava com o mesmo intendente para que requeresse por toda a divida, por que então seia evidente, que ella nã poderia pagar-se, e a junta da fazenda daria contas a dita Senhora, como diz no appenso n.º 7.º; comtudo d'esta mesma razão se conhece a cavilacão do animo d'este réo, pois para se saber que a divida toda era tão avulada, que o povo não podia paga-la, e dar a junta da fazenda conta á dita Senhora, não era necessario que o intendente requeresse a derrama, porém do requerimento do mesmo intendente é que verosimilmente esperavam os réos, que principiasse a inquietação logo no povo, e pelo menos os conjurados reputavam as instancias que o réo

fazia, para ter logar a rebellião, como jura a testemunha de fl 29 da devassa de Minas. — 2.º mostra-se mais dos appensos n.º 4.º e 8.º, que jantando o réo um dia em casa do réo Claudio Manuel da Costa com o conego Luiz Vieira, o intendente, e o réo Alvarenga, foram todos ao depois de jantar para uma varanda, excepto o intendente, que ficou passeando em uma sala immediata, e principiando na dita varanda entre os réos a pratica sobre a rebellião, advertiu o réo Alvarenga, que se não continuasse a fallar na materia, porque poderia perceber o dito intendente; mas não houve duvida em principiar a pratica, nem tambem a havia na presença d'este réo, signal evidente de que estavam os réos certos, que a pratica não era nova para o réo, nem temiam que elle os denunciasse, assim como se temeram, e acautelaram do intendente, tendo o mesmo réo ja dado a mesma prova, de que sabia o que estava ajustado entre os conjurados, quando em sua propria casa, estando presente o réo Alvarenga, perguntou o conego Luiz Vieira pelo levante, e o réo lhe respondeu, que a occasião se tinha perdido pela suspensão do lançamento da derrama, não lhe fazendo novidade que houvesse ideia de se fazer levante, e que elle estava ajustado para a occasião, em que se lançasse a derrama: e ultimamente — 3.º mostra-se pelo appenso n.º 4.º das perguntas feitas ao réo Claudio Manuel da Costa, ainda que n'estas houve defeito de se lhe não dar o juramento pelo que respecta

a terceiro, que muitas vezes fallavam com o réo sobre o levante, o que o réo não se atreveu a negar nas perguntas, que se lhe fizeram no ap-penso n.º 7.º, confessando depois, que algumas vezes fallara e ouvira fallar a alguns dos réos hypotheticamente sobre o levante, sendo incrível que um homem letrado e de instrucção deixasse de advertir que o animo, com que se proferem as palavras, é occulto aos homens, que semelhante pratica não podia deixar de ser criminosa, especialmente na occasião em que o réo suppunha que o povo se desgostaria com a derrama; e que ainda quando o réo fallasse hypotheticamente, o que é inaveriguavel, esse seria um dos modos de aconselhar aos conjurados; porque dos embarços, ou meios que o réo hypotheticamente ponderasse para o levante, podiam resultar luzes para que elle se executasse por quem tivesse esse animo, que o réo sabia, que não faltaria em muitos se lançasse a derrama. » —

Thomaz Antonio Gonzaga foi condemnado pelo accordam de 18 de Abril de 1792 a degredo perpetuo para as Pedras de Angoche; este accordam modificou-se por outro de 2 de Maio, que reduziu o tempo a dez annos, e trocava Pedras de Angoche por Moçambique.

Seria empreza impossivel descrever as dôres e os tormentos, que soffreu Gonzaga na sua prisão; o homem que occupava emprego elevado, e po-

sição honrosa na sociedade; que acabava de ser despachado desembargador para a Bahia, — de repente preso, — carregado de ferros, — confundido com toda a casta de criminosos; arrancado á Villa Rica, aonde, segundo revelam seus versos, tinha seus amores (*), e — amores, que á tanto tempo o occupavam, — amores, que lhe haviam inspirado tão bellas, tão maviosas canções, — amores, que se tornaram tão celebrisados, como os de Hero e Leandro, os de Heloisa e Abeilard, os de Laura e Petrarca, e — amores, que o acompanharam á cadeia do Rio de Janeiro, ahi ainda animaram seu poetico pensamento, e lhe arrancaram versos de belleza incomparavel, de rythmo o mais melodioso...

Quando se lhe leu a sentença de degredo, quando soube que baqueiára sua innocencia, e que era preciso deixar a terra amada, e abandonar a adorada Marilia, — as dôres de seu coração, a desesperação de sua alma, não tiveram limites; até então vagava-lhe ainda no pensamento a esperança de salvação, que felizmente para o homem o ampara nas mais arriscadas crises da existencia; e elle da escura masmorra pedia ao seu sonoro passarinho, que atravessasse as

(*) D. Maria Joaquina Dorotheia Seixas Brandão, de uma familia honrada, com quem se contractara casar-se Thomaz Antonio Gonzaga, não tendo sido realisado o casamento por haver elle sido preso, conforme declaram seus versos: esta Senhora ainda vive na epocha, em que escrevemos estas linhas.

serras da Estrella, e fosse a Villa Rica levar suas saudades á

N'uma palavra, a que vires
 Entre todas mais fermoza :
 Chega então ao seu ouvido,
 Dize que sou quem te mando,
 Que vivo n'esta masmorra,
 Mas sem allivio pensando... (*)

A sentença fatal seccou-lhe a esperança que ainda o alimentava: os ultimos canticos deslizaram-se no seu adeus; — foi a vez do cysne, no termo da agonia: — amarga desesperação o inspirou, e lhe revolveu todo o pensamento.

Viveu quinze annos em Moçambique; mas esse viver foi antes vegetação animal: seu pensamento jaseu engolphado sempre em negra melancolia; os ares do exilio trouxeram-lhe ao principio grave enfermidade; esteve decidido e desenganado de que se lhe acabava a vida!...

Melhor fôra talvez isso! — Quando o corpo reganhou forças, o espirito desamparou-o: nem Marilia, nem o Brazil, nem a poesia lhe correram mais a lembrança: casou-se, e esta nova existencia o não trouxe á vida real, e ao pleno e perfeito gozo d'ella: de quando em quando, com a mudança das estações, cahia em accessos de furia, chorava, gritava, maltratava-se, feria-se com as unhas, com os dentes... — Estava louco.

No anno de 1809 expirou, e foi enterrado na Sé de Moçambique.

(*) Lyras de Gouzaga com o titulo de — Marilia de Dirceu.

§. 3.º

Como a vida de Thomaz Antonio Gonzaga tem suas poesias duas phases, bem diversas, e bem definidas: qualquer d'ellas explica-se, desenha-se perfeitamente nas suas lyras admiraveis. A primeira época de sua vida chega á da sua prisão em 1789; é toda de prazeres, de risos, de divertimentos, de alegrias, e de amores; espelha-se nos seus versos faccis e languidos, limpidos, e facciros; reflecte-se, como em cristallina fonte, n'essas lyras suaves e melodiosas, em que elle transformado em pastor, passa os dias a tecer grinaldas, e ornar corôas, para offerecer á sua bella Marilia, a saudar o seu casal, a solfejar suas delicias, e a admirar suas brancas ovelhinhas, extasiado com a sua sorte.

Assemelhava-se aos — menestreis da idade media, para quem a vida se cifrava em — descantar amores, — sem que uma nuvem de tristeza lhes embargasse a menor alegria, e — a quem pouco importava o mundo com suas transmutações, a existencia com suas scenas variadas, e o futuro, ainda que ennegrecido e ameaçador; suas poesias d'esta época são anacreonticas, bucolicas, amorosas, joviaes, e pastoris.

Irás á divertir-te na floresta.

Sustentada, Marilia, no meu braço;

Alli descansarei a quente sesta,
 Dormindo um leve somno em teu regaço.
 Em quanto a lucta jogam os pastores,
 E emparelhados correm nas campinas,
 Toucarei teus cabellos de boninas,
 Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marilia bella,
 Graças á minha estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
 O rio sobre os campos levantado;
 Acabe, acabe a peste matadora
 Sem deixar uma rez o medio gado;
 Já d'estes bens, Marilia, não preciso;
 Não me cega a paixão, que o mundo arrasta;
 Para viver feliz, Marilia, basta,
 Que os olhos movas, e me dês um riso!

Graças, Maria bella,
 Graças á minha estrella!

Mas tendo tantos doles de ventura,
 Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
 Depois que o teu affecto me segura,
 Que queres do que tenho ser senhora.
 É bom, minha Marilia, é bom ser dono
 De um rebanho, que cubra monte e prado;
 Porém, gentil pastora, o teu agrado,
 Vale mais que um rebanho, e mais que um throno!

Graças, Marilia bella
 Graças á minha estrella!

Ha n'essas pequenas lyras, que elle denominou de Dirceu á Marilia, tanta cousa linda, e encantadora, que ellas rivalisam sem temor ou receio com as mais puras e delicadas canções de Francisco Petrarca.

Verdade é que muita semelhança ha na vida, e nas obras d'estes dous poetas; Francisco Petrarca cantava seus alegres amores nos braços de sua bella Laura, pelos prados de Avinhão, e nas solitarias torrentes de Vaclusa; quando Laura o inspirava, o mundo era para elle Laura, tudo se cifrava, e se resu nia n'ella; Thomaz Antonio Gonzaga solfejava suas deliciosas melodias, em honra de sua Marilia, nos amenos valles de Villarica, e quando o preoccupavam seus amores, elle só sabia a linguagem da paixão, e só conhecia os suspiros da sua amada. Quantos retratos um e outro faziam continuamente? Quantas divinas descripções mereceu a fermosa Laura? Quantas pinturas sublimes obteve a bella Marilia?

I.

Á pintar as negras transas,
 Peço que mais te desveles
 Pinta chusmas de amorinhos,
 Pelos seus fios trepando;
 Uns tecendo cordas d'elles,
 Outros com elles brincando.

Para pintares ao vivo
 As suas faces mimosas,
 A discreta natureza
 Que providencia não teve!
 Creou no jardim as rosas,
 Fez o lyrio, e fez a neve!

Para pintares, Glauceste,
 Os seus beijos preciosos,
 Entre as flôres tens o cravo,

Entre as pedras a granada,
 E para os olhos fermosos,
 A estrella da madrugada.

II.

Os seus cumpridos cabellos,
 Que sobre as costas ondeiam,
 São que os d'Apollo mais bellos;
 Mas de loura côr não são,
 Tem a côr da negra noite;
 E com o branco do rosto
 Fazem, meu bem, um composto
 Da mais fermosa união.

Tem redonda, e lisa a testa,
 Arqueadas sobranceiras;
 A voz meiga, a vista honesta,
 E seus olhos são uns sóes.
 Aqui vence amor no Céu,
 Que no dia luminoso
 O Céu tem um sol fermoso,
 E o travesso amor dous sóes.

Na sua face mimosa,
 Meu bem, estão misturadas
 Pupureas folhas de rosa,
 Brancas folhas de jasmim,
 Dos rubins mais preciosos,
 Os seus beiços são formados;
 Os seus dentes delicados
 São pedaços de marfim.

III.

O vento, quando parte em largas fitas
 As folhas, que meneia com brandura;
 A fonte cristallina

Que sobre a pedra cahe d'immensa altura ;
Não forma um som tão doce , como forma
A tua voz divina.

As abelhas nas azas suspendidas
Tirão, Marília, os succos saborosos
Das orvalhadas flôres :
Pendentes dos teus beiços graciosos
O mel não chupam . chupam ambrosias
Nunca fartos amores.

Em torno dos teus peitos . que palpitam,
Exhalam mil suspiros desvelados
Enxames de desejos ;
Si encontram os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropellem , voam , chegam ;
E dão furtivos beijos.

O cisne , quando corta o manso lago ,
Erguendo as brancas azas , e o pescoço ;
A nau , que ao longe passa ,
Quando o vento lhe infuna o pano grosso ,
O teu garbo não tem , minha Marília ,
Não tem a tua graça.

IV.

A minha bella Marília
Tem de seu um bom thesouro ;
Não é, doce Alceo , formado
Do buscado
Metal louro.

É feito de uns alvos dentes ,
É feito de uns olhos bellos ,
De umas faces graciosas ,
De crespos , fiuos cabellos ,
E de outras graças maiores ,

Que a natureza lhe deu :
 Bens que valem sobre a terra,
 E que tem valor no Céu.

Eu posso remper os montes,
 Dar ás correntes desvios,
 Por cercados espaçosos
 Nos caudosos
 Turvos rios.

Posso emendar a ventura
 Ganhando astute a riqueza ;
 Mas, ah! caro Alceo, quem póde
 Ganhar uma só belleza
 Das bellezas, que Marília
 No seu thesouro metteu ?
 Bens que valem sobre a terra,
 E que tem valor no Céu.

Si Petrarca perdeu a sua Laura, que como anjo batteu suas brancas azas, e deixou este mundo desgraçado, Gonzaga mais infeliz ainda, foi que o arrastaram grilhões para longe da sua Marília. Um e outro na sua dôr se inspiraram tão admiravelmente, — como nos seus prazeres; nas canções amorosas, e no sentimento das saudades podem-se dizer rivaes; Petrarca porém é superior á Gonzaga, porque das inspirações enamoradas soube elevar as vezes os sons de sua lyra a objectos magestosos e grandiloquos, e cantar a patria com admiravel e sublime poesia. Não rebaixa porém esta circumstancia o talento de Gonzaga, porque Gonzaga não tinha patria, e tanto que procurou crear uma, separando o Brazil de Portugal. Á Italia, no seculo de Petrarca,

ainda que retalhada e dividida, estava animada do mais fervoroso patriotismo; o Brazil, — que era a patria, que Gonzaga chamava sua, — porque apenas nascera e estudara em Portugal, e por isso não o considerava sua terra, — como o diz nos seus mesmos versos (*), — era colonia, a quem não se permittia o pensar, e o fallar, porque o pensamento e a falla levaram ao cadafalso, e aos presidios d' Africa, os mais animosos Brazileiros.

Cumpre todavia dizer que no meio das canções amorosas da primeira época de Gonzaga, apparecem admiravelmente tratados assumptos de importancia superior: o que se pôde appresentar de mais perfeito do que estes versos descriptivos?

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharão os granetes d'ouro
No fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens mattos,
Queimar as capoeiras ainda novas.
Servir de adubo á terra a fertil cinza,
Lançar os grãos nas covas.

(*) Nos seus adeuses ao Brazil — diz elle —

Por deixar os patrios lares

Não me pesa o sentimento!

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo ;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

O mesmo Horacio não ousaria repudiar sua paternidade, tão bem collocadas são as palavras, tão insinuante o verso, tão lindamente sotopostas as phrases, e tão brilhantes e elevados os seus poeticos pensamentos.

Thomaz Antonio Gonzaga merece o nome de poeta musical; excede na harmonia do rythmo, na doçura da palavra, na cadencia do verso; e esse mesmo rythmo, essa cadencia de expressões, essa magia do verso, ganharam-lhe estrondosa popularidade, e o tornaram um dos mais queridos e lidos poetas de Portugal e do Brazil; verdade é que muitas vezes nos seus versos a belleza do pensamento, a originalidade e sublimidade da ideia, são sacrificadas á sonora, doce e musical consonancia do verso, e que a inspiração brilhante do poeta curva-se, sujeita-se, e succumbe enfim sob a escolha apurada da palavra, e sob a harmonia da dicção; é um defeito, e grave em todos os poetas, em quem o amor da arte, e da versificação é excessivo; o povo, em geral, porém folga mais de ouvir e ler versos maviosos, e doces, porque logo lhes comprehende o pensamento; e por isso, ordinariamente, é maior a popularidade dos poetas artistas.

Quem em Portugal ou no Brazil não sabe de

cór, e não repete a todos os instantes estes versos de Gonzaga?

Acaso são estes
Os sitios fermosos,
Aonde passava
Os annos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Em quanto pastava
O gordo rebanho,
Que Alceo me deixou?

São estes os sitios?
São estes; — mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

D'aquelle penhasco
Um rio corria;
Ao som do susurro,
Que vezes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas:
Parece que o rio
O curso voltou!

São estes os sitios?
São estes; — mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Marilia, teus olhos
São réos e culpados,

Que sofra, e que beije
Os ferros pesados
De injusto Senhor.

Marilia, escuta
Um triste pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingua prendeu-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a còr.

Marilia, escuta
Um triste pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizeram a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda e maior.

Marilia, escuta
Um triste pastor.

Marilia, de que te queixas?
De que te roubou Dirceu
O sincero coração?
Não te deu tambem o seu?
E tu, Marilia, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?

Todos amam; só Marilia
D'esta lei da natureza
Queria ter isenção?

Em torno das castas pombas,
Não rulam ternos pombinhos?
E rulam, Marilia, em vão?

Não se afagam co'os biquinhos?

E ás provas de mais ternura

Não os arrasta a paixão?

Todos amam; só Marília

D'esta lei da natureza

Queria ter isenção?

§ 4.º

Os versos alegres, e faceiros, fluidos, e harmoniosos, da primeira época da vida de Thomaz Antonio Gonzaga, foram os que maior fama lhe conseguiram; para nós porém temos, que o seu mais bello florão de gloria são os canticos, que lhe arrancaram os tormentos da dura prisão, que soffreu, as saudades de seus passados e felizes annos, a auzencia do objecto adorado, á quem dedicava toda a sua poesia, toda a sua existencia; são emfim as lyras da segunda parte da sua vida, e que foram por elle escriptas, — carregado de ferros, — de mistura com os criminosos, — no seio de perseguições, — na auzencia de todos os elementos de inspiração; — usando da ponta de uma laranja, em lugar de pena, servindo-se do suor da parede ao fogo, e fumaça da candeia, para substituir a tinta; e de quaesquer pedaços rotos de papel, que encontrava, e as vezes da mesma parede, aonde imprimia seus versos, para lhes confiar os fructos de sua imaginação, e as dôres

de sua alma (*). É n'esses canticos amargurados, que o harmonioso poeta, desprendendo sublimado vôo, se ergue a desmesurada altura, e não encontra superioridade em poeta algum moderno ou antigo.

Já me vai, Marilia, branquejando
Louro cabello que circula a testa,
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
E pouco ja me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza de meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Si quero levantar-me, as costas vergam:
As forças dos meus membros já se gastam:
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés, e arrastam.

(*) Assim se exprime uma lyra sua :

Já não cinjo de loiro a minha testa,
Nem sonoras canções o Deus me inspira :
Ah ! que nem me resta
Uma já quebrada
Mal sonora lyra !

A fumaça, Marilia, da candeia,
Que a molhada parede ou suja ou pinta,
Bem que tosca e feia,
Agora me pode ministrar a tinta.

Os mais preparos o discurso apronta ;
Elle me diz que faça do pé de uma
Má laranja ponta,
E d'elle me sirva,
Em logar de pluma.

Si algum dia me vires d'esta sorte
Vê que assim me não poz a mão dos annos.
Os trabalhos, Marilia, es sentimentos
Fazem os mesmos damnos.

Succede, Marilia bella,
Á medonha noite o dia:
A estação chuvosa e fria
Á quente secca estação:
Muda-se a sorte dos tempos,
Só a minha sorte não.

Os troncos nas primaveras
Brotam em flôres viçosos;
Nos invernos escabrosos
Largam as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos tempos,
Só a minha sorte não.

Aos brutos, Marilia, cortam
Armadas redes os passos,
Rompem depois os seus lassos,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos,
Só a minha sorte não.

Nem-um dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vêm gosto,
Depois do gosto afflicção.
Muda-se a sorte dos homens,
Só a minha sorte não.

Que diversas que são, Marília, as horas,
Que passo na masmorra immunda, e feia,
D'essas horas felices, já passadas
Na tua patria aldeia!

Então eu me ajuntava com Glauceste,
E, á sombra d'alto cedro na campina,
Eu versos te compunha, e elle os compunha
Á sua cára Eulina.

A noite te escrevia na cabana
Os versos, que de tarde havia feito,
Mal t'os dava, e os lias, os guardava
No casto e branco peito.

Por morto, Marília,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão!
Mas ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prisão?
Mas ah! que não treme,
Não treme de medo
O meu coração!

Minha Marilia,
O passarinho,
Á quem roubaram
Ovos e ninho,
Mil vezes pouso
No seu raminho;
Piando finge
Que anda á chorar.
Mas logo vòo
Pela espessura,
Nem mais procura
Este logar.

O voraz tempo,
Que o ferro come,
Que aos mesmos reinos
Devora o nome,
Tambem, Marilia,
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pesar.
Ah! que não póde
Ao meu tormento
Por um momento
Allivio dar!

Não é a doce melancholia de Job, com a sua piedosa resignação, tudo desculpando, e tudo attribuindo á vistas bondadosas e justiceiras de Deus: não é a aristocratica dôr de Lamartine, com a perda de sua cara Julia, parecendo ainda o poeta lembrar-se que fica na terra, e n'ella se conservará; não é a tristeza de Petrarca, á quem, morta Laura, sobra a patria, sobra a sciencia

para companheiras; não são os arrufos sarcásticos de Byron, exclamando:

Não me afflige a saudade dos passados
Prazeres, ou perigos, que alegravam;
Punge-me a dôr de nada ter deixado
Que uma lagrima só deva alcançar-me. (*)

Nada d'isto se assemelha á desesperação de Gonzaga, que tira origem de fataes desgraças, que lhe envenenaram para sempre a existencia. Young é facticio, monotono, e mais lugubre que melancholico; a dôr de Tibullo tem origem no character do poeta, e não nos seus infortunios; Gilbert nunca gozou de viver sereno, tranquillo, estrellado de delicias e de prazeres; não soffria saudades, e saudades, que curtem o coração, ferem as ultimas fibras d'alma; por isso Gilbert é sceptico, e amaldiçoa os homens, como causas de suas infelicidades. Ugo Foscolo, foragido da Italia, arrancado das honras para a miseria, é o unico poeta, cuja dôr se parece com a de Gonzaga; cujos versos descendem da mesma origem; a differença está em que Ugo Foscolo perde a patria, e salva a vida; apenas de longe pela patria desdobra saudosos hymnos de amor; e Thomaz Antonio Gonzaga está encarcerado, assustado do futuro, e lembrado do passado, e o que é mais, do passado todo cheio de seus amores!

(*) For pleasures past I do not grieve,
Nor perils gathering near;
My greatest grief is that I leave
No thing, that claims a tear.

Que dôr, que profundo sentimento não causa
no coração a leitura d'estes versos?

Morri, ó minha bella;
Não foi a Parca impia,
Que na tremenda roca,
Sem ter descanso, fia:
Não foi, digo, não foi a morte feia,
Quem o ferro moveu, e abriu no peito
A palpitante veia.

Eu, Marilia, respiro:
Mas o mal, que supporto,
É tão tyranno e forte,
Que já me dou por morto:
A insolente calúnnia depravada
Ergueu-se contra mim, vibrou da lingua
A venenosa espada.

Inda, ó bella, não vejo
Cadafalso enluctado,
Nem de torpe verdugo
Braço de ferro armado;
Mas vivo n'este mundo, ó sorte impia,
E d'elle só me mostra a estreita fresta
O quando é noite, ou dia.

Olhos baços e sumidos,
Macilento e descarnado,
Barba crescida, e hirsuta,
Cabello desgrenhado;
Ah! que imagem tão digna de piedade!
Mas é, minha Marilia, como vive,
Um réo de magestade!

Venha o processo, venha;
Na innocencia me fundo;
Mas não morreram outros,

Que davam honra ao mundo?
 O tormento, minha alma, não recuses;
 À quem sabio cumpro as leis sagradas
 Servem de solio as cruces.

Todas estas lyras de sua prisão são riquissimas de sentimento, admiraveis de poesia, e maviosas de metrificacão: ás vezes a desesperaçãõ arranca o poeta ás suas saudades, e aos seus gemidos, e o faz exclamar:

As furias infernaes, rangendo os dentes,
 Com a mão escarnada, não me applicam
 As raivosas serpentes;

Mas cercam-me outros monstros mais irados:
 Mordem-me sem cessar as bravas serpes
 De mil e mil cuidados,

Eu não gasto, Marilia, a vida toda,
 Em lançar o penedo da montanha,
 Ou em mover a roda;

Mas tenho ainda mais cruel tormento;
 Por causas, que me affligem, roda e gyra
 Cansado o pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
 As tepidas entranhas não me come
 Um abutre esfaimado;

Mas sinto de outro monstro a crueldade:
 Devora o coração, que mal palpita
 O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo
 Que de mim se retiram, quando busco
 Fartar o meu desejo;

Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato
 Que lograr-te não possa, estando vendo
 N'esta alma o teu retrato.

Desce ao reino profundo,
Ajunta ahí os venenos,
Que nunca visse o mundo ;
Traz o negro licôr, que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos,
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que poz a natureza
Dentro no mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta ;
Bem que uma onda e outra onda
Sobre elle em flôr rebenta.

Arvore, que na terra
As robustas raizes,
Buscando o centro, aferra,
Não teme o furacão mais violento ;
E menos si se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco, e rocha, ó bella,
Que açoita o Sul, que brama,
E o mar, que se encapella ;
Não temas, que do rosto a côr se mude ;
Vence as rochas e os troncos
A solida virtude.

A maior desventura
É sempre a que nos lança
No horror da sepultura ;
O covarde á morrer tambem caminha ;
Com que males não póde
Uma alma como a minha ?

A alma de Sapho não se expande com mais
encantos, com mais ternura, com mais paixão,

com mais melancolia, do que a Gonzaga, quando a lyra lhe aviva o hymno da saudade:

Á estas horas

Eu procurava

Os meus amores :

Tinham-me inveja

Os mais pastores.

A porta abria ,

Inda esfregando

Os olhos bellos ,

Sem flôr , nem fita

Nos seus cabellos.

Ah! que assim mesmo

Sem compostura

É mais fermoza ,

Que a estrella d'alva ,

Que a fresca rosa !

Mal eu a via ,

Um ar mais leve ,

— Que doce effeito! —

Já respirava

Meu terno peito.

Do cerco apenas

Soltava o gado ,

Que lhe amimava

Aquella ovelha ,

Que mais amava.

Dava-lhe sempre

No rio e fonte ,

No prado e selva ,

Agua mais clara ,

Mais branda relva.

Ah! quantas vezes,
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas roccas,
Em que fiava!

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente sesta
D'ella defronte
Eu me entretinha,
Movendo o ferro
Da sanfoninha!

Assim vivia!!...
Hoje em suspiros,
O canto mudo!
Assim, Marilia,
Se acaba tudo!

Entretanto o mesmo engenho, que produzira tão sublimes canções, não teve inspirações, durante seu exilio, em Moçambique. — Algumas vezes, lembrando-se de sua gloria, pretendeu Gonzaga afinar as cordas de sua lyra, e tange-la! Os lucidos intervallos eram poucos, e fracos fructos produsiram; um poemetto, sobre o naufragio da náu portugueza *Marialva*, não parece sahido de seu estro tão divino; um cantico á Conceição de Nossa Senhora contém um ou outro verso, um ou outro pensamento poetico, bello, elevado; revela porém a desordem do seu espi-

rito, o enfranquecimento de sua intelligencia; porque um ou outro pensamento bello, que contém, não é mais que — uma reminiscencia heroica — que morre como a pedra preciosa nas areias do oceano (*).

Si é verdadeiro o pensamento de Frederico Schiller, quando descreve o poeta como uma alma pura e leal, que passa, e canta no meio do mundo, ás vezes titubeando entre as phases do passado, os paroxismos do presente, e os arcanos do futuro, — ás vezes perdido, — como a harpa do deserto, — mirando-se no grande livro da natureza, ninguem com mais rasão do que Thomaz Antonio Gonzaga merece o titulo de poeta.

Sua poesia é a flôr d'alma, como as flôres são a poesia da terra: prende, encanta, captiva, e arrasta, ao som de uma melodia, que se não pôde definir; nosso pensamento accompanha a inspiração do poeta, ignorando aonde vai, satisfeito porém de segui-lo, porque é terno como o gorgêo do sabiá canoro, arrebatador como a torrente do deserto, melancolico como a musica de Bellini, e as flôres do chorão, sublime como a grandeza do oceano, e a voz de Deus!

(*) Ha quem tambem attribua á Thomaz Antonio Gonzaga o poema satyrico das — *Cartas Chilenas* —, que appareceu, pelo seu tempo, na capitania de Minas Geraes, e que contém passagens bem escriptas e desenhadas; nós porém, combinando-o com as poesias de Gonzaga, considerámos não ser tal poema composição sua.

VII

ALEXANDRE DE GUSMÃO.

São Vicente foi o primeiro estabelecimento regular dos Portuguezes no Brazil; Martim Affonso de Souza possui a gloria da sua fundação. Bem perto de São Vicente está Santos, povoação menos antiga, e muito mais importante hoje; Santos foi o berço de Alexandre de Gusmão.

Doze filhos teve, em Santos, o cirurgião mór do Presidio, Francisco Lourenço de Gusmão, seis varões, todos illustres e conhecidos no mundo litterario, o jesuita Simão Alvares (*), o Dr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão (**), o Francis-

(*) Nasceu em 1682; prégador de merecimento.

(**) Nasceu em 1685; grande prégador, litterato profundo, theologo reputado, mathematico conhecido; um dos primeiros socios da Academia Real de Historia Portugueza; escreveu obras importantissimas sobre os meios de se esgotarem os navios, e varios discursos academicos de muito preço; publicou sermões de valor; e foi o inventor dos Areostatos, do que lhe veio o nome de Voador, quer em Portugal, quer em sua terra; o eruditissimo litterato Brasileiro, o Sr. Visconde de São Leopoldo, compoz uma preciosa vida d'este illustre Brasileiro, na qual prova com documentos irrefragaveis que se lhe deve este descobrimento; os sabios inglezes o conhecem pelo nome de — *Friar Gusman* —, e assim vem elle citado

cano Frey Patricio de Santa Maria (*), o Dr. Alexandre de Gusmão (**), o jesuita Ignacio Rodrigues (***), e o Carmelita Frey João Alvares de Santa Maria (****); e seis filhas, quatro, que se casaram honradamente, e duas, que professaram no convento de Santa Clara de Santarém.

Apenas Alexandre de Gusmão pôde seguir os estudos, foi por seu pai mandado cursar as aulas dos jesuitas, que eram as mais bem regidas, e affamadas: estavam ellas no immenso edificio, que em Santos possuia a Companhia, e que foi destruido, depois da desnaturalisação e expulsão dos jesuitas, em 1759; ainda actualmente, servindo de hospital de tropas, denuncia este edificio a sua passada grandeza.

Pelo anno de 1710, D. João V, que reinara em Portugal desde 1706, época em que succedera

na *Encyclopædia Britannica* — na *Encyclopædia Edinensis* — e na *Encyclopædia Americana*: a excellente compilação portugueza intitulada — Panorama — contém diversos artigos sobre Bartholomeu Lourenço. O Sr. Francisco Freyre de Carvalho, em uma memoria impressa em 1843, no tomo 1.º, 2.º serie das Memorias da Academia de Sciencias, demonstra os grandes descobrimentos scientificos d'este illustre Brasileiro; ignora-se a época da sua morte.

(*) Nasceu em 1690; d'elle já fallámos em uma nota, que annexámos á vida de Frey Francisco de São Carlos.

(**) Nasceu em 1695.

(***) Nasceu em 1700; grande theologo, poeta de merecimento, formado em theologia, e prégador illustre; publicou quatro volumes de sermões em 1746 em Lisboa, aonde residia.

(****) Nasceu em 1703; foi prégador de fama, e lente de theologia; publicou em 1739 em Lisboa um excellente sermão de São Nicoláu, e varias obras religiosas.

a seu pai. D. Pedro II, comprou e incorporou aos bens da corôa a capitania de Santo Amaro, que corria para o sul, e que, em 1534, fôra doada a Pero Lopes de Souza, e a porção da capitania de São Vicente, que tinha passado a herdeiros de Martim Affonso de Souza; uniu-as, formando uma só capitania, a que deu o nome de São Paulo, e estabelecendo a séde ou capital na antiga Piratininga dos jesuitas, consagrada ao sancto d'este nome, e elevada á categoria de cidade; deu-lhe administração especial, subordinada no entanto ao governador do Rio de Janeiro; e nomeou para dirigi-la a Antonio de Albuquerque Coelho, com o titulo de Governador e Capitão General.

Esta deliberação proveitosa á colonia agradou a todos os seus habitantes; conta-se que os talentos de Alexandre de Gusmão se deram então a conhecer, e que sendo elle ainda estudante, e, achando-se na idade de quinze annos, dirigiu bellos versos ao Monarcha, elogiando-o, e agradecendo-lhe, em nome de sua patria; Francisco Lourenço de Gusmão aproveitou esta oportunidade, e o credito, e estimação, que sabia, gozava na côrte de Lisboa, seu filho Bartholomeu Lourenço de Gusmão, para mandar para sua companhia a Alexandre de Gusmão, na intenção de dedica-lo inteiramente á carreira das letras.

Foi um bem para Alexandre de Gusmão: guiado por seu irmão, aproveitou seu tempo; mil thesouros do engenho se lhe foram abrindo dia; intelligencia copiosa e varia se lhe patenteou; e

à applicação do estudo serio e aturado reunindo espirito, que madrugava com fortaleza, adquiriu tão extensa fama de saber, que já por ella, já pelo favor e consideração de Bartholomeu Lourenço, conseguiu, na idade de 19 annos, ser despachado secretario da embaixada portugueza, em que ia, como chefe, para a côrte de Luiz XIV de França, o Conde da Ribeira Grande.

Si bem que as mais graves complicações, em que se achára Portugal, e a Europa quasi toda, que tomára as armas na questão da successão do throno da Hespanha, estivessem já materialmente terminadas; — si bem mesmo, que a paz, que succêdera á violenta e sanguinaria guerra, tivesse sido sanccionada já pelo tratado de 29 de Janeiro de 1712 de Utrecht (*), já pelos tratados parciaes subsequentes; quer da França com Inglaterra, Republica dos Paizes Baixos, Portugal, Saboya, e Prussia, em dacta de 11 de Agosto de 1713; quer da Hespanha com Inglaterra e Saboya, de 13 de Julho de 1713, e com Portugal e Paizes Baixos, de 26 de Junho de 1714 (**); já enfim pelo tratado de Rastadt, de Março de 1714, definitivamente aceito e approvado pela convenção de Baden, de 7 de Setembro de 1714, entre o

(*) Actes, mémoires, et autres pièces authentiques concernant la paix d'Utrecht. — Paris — 1714 — 4 vols.

Letters and correspondence of the R. H. Lord Visc. Bolingbrock. — London — 1798 — 4 vols.

(**) Klinkhamer, de bello propter successionem regni Hispani gesto, — Amsterdam — 1829.

imperio da Austria, e as mais potencias belligerantes (*); todavia, e comquanto fosse esta embaixada, que mandava El-Rey de Portugal a El-Rey de França, mais de amizade, consideração, e apparatus, do que para tratar ainda negocios serios e graves, — tornava-se necessaria uma optima escolha do seu pessoal, tanto nas elevadas jerarquias, como na sua pericia, e habilidade, por isso que ainda a situação das côrtes não era normal, e ressentiam-se todas da longa e complicada lucta, de que haviam sahido; convinha considerar-se ainda criticas as circumstancias, e obrar-se com prudencia, tacto e madureza.

A embaixada portugueza entrou em Pariz poucos mezes antes do fallecimento do Monarcha, que vinha saudar, e que supposto não visse coroada sua velhice de louros e triumphos, tinha-os em tanta copia adquirido na sua mocidade, que o nome de Luiz XIV de França deu fama ao seculo, em que vivêra: parece que a longa guerra da successão da Hespanha não só cansára as nações europeas, sorvera-lhes o melhor sangue, exaurira-lhes seus mais preciosos thesouros, senão tambem causára-lhes a morte dos soberanos, que maior influencia e affoiteza atrairam nos combates; José I.º d'Austria expirára em 1711, Anna de Inglaterra em 1714, e Luiz XIV de França em 1715!

(*) Histoire du Congrès et de la paix d'Utrecht, comme aussi celle de Rastadt et de Bade. — Utrecht — 1716.

Assistiu a embaixada portugueza ás exequias do soberano; Alexandre de Gusmão, achando-se n'este mundo novo, e requintado de Pariz, pretendeu aproveitar seu tempo; frequentou a faculdade de Direito Civil, Romano, e Ecclesiastico, como fôra reformada pelo Decreto de 8 de Janeiro de 1680, e tomou n'ella o gráu de Doutor; ao mesmo tempo estudou com todo o fervor e zelo as obras dos publicistas, as collecções de Tratados Europeos, e os precedentes diplomaticos; fortaleceu sua intelligencia com erudição escolhida, assisada, positiva e superior; aprofundou a historia politica das nações europeas; e tornou-se assim dono de um cabedal sufficiente, que por si mesmo, e pelo contacto dos homens abalisados, poderia desenvolver a arbitrio.

Regressando a embaixada para Portugal, em 1720, em que fora mandada recolher ao reyno, Alexandre de Gusmão mereceu elogios e condecorações d'El-Rey, e foi empregado na secretaria d'estado do reyno, encarregado de alguns despachos relativos á administração interna, e de outros tendentes a negociações estrangeiras.

Portugal com a França restabelecêra perfeitamente sua harmonia; pelo tratado de 11 de Agosto de 1713, complementario do de Utrecht de 29 de Janeiro do preterito anno, a França reconheceu a corôa portugueza unica proprietaria de todo o territorio situado entre o rio Amazonas, e o rio Vicente Pinson, na America Meridional.

Portugal estava em paz; El-Rey era homem

religioso, e ao mesmo tempo cheio de caprichos; estas duas circumstancias levantaram porém entre elle e a Curia Romana desintelligencias, cuja solução se demorou por longo tempo: D. João V queria para si, por apreciar muito, o titulo de Fidelissimo; ardia tambem de desejos que se creasse um patriarchado em Lisboa; por outro lado exigia que o papa nomeasse cardeal ao abbade Bicchi, que viera nuncio para Portugal; sustentava todas estas pretensões na indemaiação que lhe devia Roma pela frota commandada pelo conde do Rio Grande, que, em 1716, mandára em soccorro de Sua Santidade (*), para o fim de lhe provar que nunca desamparára o successor de São Pedro.

Para conseguir seus intentos, e sanar as desintelligencias, que haviam apparecido, partiu para Roma Bartholomeu Lourenço de Gusmão, no anno de 1721, na qualidade de enviado de D. João V, durante o pontificado de Clemente XI: passaudose dous annos, sem que se conseguissem os intentos de El-Rey, annexou elle á missão

(*) Nesta frota foi capellão um grande prégador Brasileiro, e poeta de merecimento, Frey Francisco Xavier de Santa Thereza, nascido em 1686 na Bahia, e Franciscano: o capellão foi ferido de uma bala de artilheria, que lhe levou uma perna, no combate do Archipelago de 13 de Julho de 1717: foi depois penitenciaro geral da sua Ordem, examinador das tres ordens miliares, e do grande priorato do Crato, consultor da Bulla da Crusada, Academico da Real Academia de Historia Portugueza, e dos Arcades de Roma: morreu em Lisboa em 1737 deixando publicados muitos excellentes sermões, diversos poemas em latina e portuguez, e uma tragedia do martyrio de Santa Felicidade e seus filhos.

de Bartholomeu Lourenço seu irmão Alexandre de Gusmão : convém dizer que Bartholomeu Lourenço, si bem que varão respeitavel, e de vastos conhecimentos scientificos, não era traquejado nos tortuosos, e mudaveis enredos da diplomacia; entretanto que seu irmão folgava de emmaranhar sua intelligencia em uma grave negociação, de formar-lhe, tecer-lhe, e desfazer-lhe os fios; de segui-la com aquella perspicacia e pericia, que convém unica á obtenção de seus resultados; e de provar assim sua capacidade entre os homens habeis e reputados. Bartholomeu Lourenço foi logo depois chamado a Lisboa. Alexandre de Gusmão ficou unico em Roma; teve que luctar com imprevistos acontecimentos, quaes a curta existencia dos pontifices, succedendo a Clemente XI em 1721 Innocencio XIII, em 1725 Benedicto XIII, e em 1730 Clemente XII: estas mudanças do chefe complicavam as negociações, mudavam-lhes as direcções, annullavam-lhes os effeitos já conseguidos; era um recommençar de lucta continuado: além d'isto oppoz-se a Alexandre de Gusmão a sciencia profunda de alguns cardeaes, que gozavam de influencia, e eram dotados de fino tacto, e de luzes e experiencia diplomatica: — sete annos conservou-se em Roma, — que tanto lhe foi preciso; mas obteve progressivamente, quer durante sua missão, quer posteriormente a ella, como consequencia porém de suas negociações, — para El-Rey de Portugal o titulo de fidelissimo, de que usam ainda

actualmente os Monarchas Lusitanos; — para a cidade de Lisboa a divisão do arcebispado, elevando-se a capella Real ás honras de Patriarchal, e Metropolitana (*); e como lhe fosse necessario abandonar a pretensão do capello cardinalicio para o abbade Bicchi, suscitou novos direitos da corôa Portugueza, que se reservaram para futura solução, e que eram verdadeiras complicações para a Curia Romana.

Alexandre de Gusmão, pelos fins do anno de 1730, retirou-se para Portugal, deixando em Roma numerosos amigos, e grandes admiradores de seus talentos. Miguel Martins de Araujo (**) affirma que o papa Benedicto XIII offereceu-lhe a dignidade de Principe Romano; que Alexandre de Gusmão não querendo aceita-la sem o beneplacito do seu rey, pedira licença a D. João V, e, que D. João V denegando-lha, Alexandre de Gusmão continuou a servi-lo com o mesmo zelo, quando podia abandona-lo, ficar-se em Roma, e gozar das elevadas honras, que lhe dava aquella dignidade, si ambição e não lealdade o dirigisse. Restituído a Portugal, foi chamado para a administração dos negocios exteriores, e encarregado tambem de alguns negocios internos.

(*) Até 1394 o bispado de Lisboa dependeu do arcebispado de Compostella; no Reynado de D. Joao I subiu á metropole. Veja-se o Ensaio sobre a Historia da Legislação, por Coelho da Rocha.

(**) Memorias da Academia Real de Lisboa. — Elogio historico de Alexandre de Gusmão, por Miguel Martires de Araujo. — Lisboa — 1754.

D'esta dacta em diante apparecem nas collecções diversas cartas de gabinete assignadas por elle, e de ordem de El-Rey; muitos avisos explicativos de pontos de legislação; e varias ordens a algumas auctoridades e corporações, regulando-lhes a acção, e attribuições.

Respectivamente a negocios exteriores cabem-lhe verdadeiros triumphos; supposto que não tenha sido executor de todas as medidas, foi comtudo a intelligencia que dirigiu as mais importantes; a elle pertence de direito toda a gloria das negociações d'essa época: a verdadeira influencia para El-Rey era o cardeal da Motta, mas o cardeal da Motta era de espirito apoucado, e muitas vezes sujeitava-se ás insinuações de Alexandre de Gusmão.

Um dos direitos que suscitou, durante sua missão perante a Curia Romana, foi reivindicar para o Monarcha Portuguez o arbitrio de apresentar os candidatos aos bispados vagos do seu reyno, abolindo-se o estilo de se proverem *ad supplicationem*. A Curia Romana, de ha muito tempo, que estabelecêra este estylo; D. João IV pretendeu destrui-lo; ás criticas e apuradas circumstancias porém do seu reynado lhe fizeram recuar o proposito; exemplos houveram, em Portugal, de bispos directamente nomeados pelo papa, e empossados sem opposição dos reys (*). D. João V

(*) Meli Fr., Inst. Jur. Eccl., l. 1, t. 5, § 3. — Hist. Eccl. de Port., t. 4, seculo 13, cap. 1, § 10, de D. Thomaz da Encarnação.

ao principio não acquiesceu á sua lembrança; reflectindo porém, deixou-se convencer, e no fim de alguns annos de negociações, em que se desenvolveu admiravelmente o variado talento de Alexandre de Gusmão, collocando-se á frente da pretensão, redigindo por si mesmo as principaes notas, e cuidadosamente dirigindo-lhes a marcha e andamento, conseguiu El-Rey de Portugal o grande direito, de que estava esbulhado, revertendo assim o serviço do sabio e distincto Brasileiro em mais uma attribuição da corôa fidelissima, que nas mesmas bullas fez declarar pertencente ao seu real padroado.

Seu nome ganhou vasta e valiosa reputação, já pela erudição e talentos, que possuia em gráu tão elevado, e que manifestava em seus officios, e escriptos diversos, já pela direcção firme, egual, e illustrada, que imprimia nas negociações, que pendiam entre Portugal e as côrtes estrangeiras. Não ha negociação d'aquella época, em que Alexandre de Gusmão não tivesse tido parte; ligado em estreita amizade com D. Luiz da Cunha, um dos primeiros diplomatas do seu tempo, e que representára seu soberano tanto em França, como em Hespanha, nas complicadas crises por que passára, Alexandre de Gusmão e D. Luiz da Cunha escreviam-se cartas de tanta importancia politica, que são ellas os monumentos das luzes, e das elevadas visitas dos dous habéis diplomatas (*). Podessem ambas ser livres

(*) O periodico portuguez *Panorama* tem publicado alguma

na direcção dos publicos negocios, que Portugal teria então representado mais subido papel! Nem

d'essas interessantes cartas: entre ellas publicamos as duas seguintes, que denunciam o juizo d'estes varões abalisados, e o que elles faziam, apesar do seu tempo.

Carta de D. Luiz da Cunha á Alexandre de Gusmão.

« Eu cõvindo a El-Rey nosso amo para figurar muito na Europa sem ter parte nas desgraças d'ella. Os príncipes belligerantes se acham cansados da guerra, e todos desejam a paz. Esta pretendo eu se faça em Lisboa, e que nosso amo seja arbitro d'ella; mas não posso entrar n'este empenho, sem que V. S. tome parte n'elle, porque conheço as difficuldades, que hei de encontrar em El-Rey e nos seus ministros d'estado. Ajude-me V. S. a vencer este negocio, pois que só V. S. é capaz de faze-lo persuadir. Espero dever-lhe este favor, segurando-lhe que responderei pela condescendencia dos contrahentes, e tambem pelas inquietações e prejuizos, que El-Rey possa receiar ou sentir. Sirva-se V. S. dar-me resposta, e occasiões de servir a V. S. como desejo, e Portugal ha de mister. Pariz, 6 de Dezembro de 1746. »

Resposta de Alexandre de Gusmão.

« Ainda que eu já sabia, quando recebi a carta de V. Ex., que não havia de vencer o negocio, em que V. Ex. se empenhou, contudo, por obedecer e servir a V. Ex., sempre fallei á S. M. e aos ministros actuaes do governo.

« Primeiramente o cardeal da Motta me respondeu que a opinião de V. Ex. era inadmissivel, em rasão de poder resultar d'ella ficar El-Rey obrigado ao cumprimento do tratado, o que não era conveniente. Enquanto fallamos na materia, se entreteve o secretario d'estado seu irmão, na mesma casa, em alporcar uns craveiros, que até isto fazem ali fóra do logar e tempo.

« Procurei fallar á S. Rev.^{ma} mais de tres vezes, primeiro que me ouvisse; e o achei contando a apparição de Sancho a seu amo, que traz o padre Causino na sua cõrte Sama, cuja historia ouviram com grande attenção o duque de Lafões, Fernão Freyre, e outros. Respon teu-me que Deus nos tinha conservado em paz, e que V. Ex. queria metter-nos em arengas, o que era tentar a Deus.

« Finalmente fallei a El-Rey (seja pelo amor de Deus!) que

sempre porém El-Rey, ou o cardeal da Motta se prestavam a tão elevadas vistas!

O acto talvez mais importante da sua vida politica foi o tratado de 13 de Janeiro de 1750 entre as corôas Portugueza e Hespanhola. Tanto Hespanha como Portugal possuíam immensos terrenos na America Meridional; seus limites eram porém ainda indecisos; uma linha divisoria se não tinha lançado, que extremasse os domínios de uma e de outra corôa; sertões immensuraveis e não percorridos, rios de origens desconhecidas, serras não tocadas, creavam serias difficuldades para a limitação e divisão: muitos tratados de limites se entabolaram em épocas differentes, que não tiveram solução: por fim celebrou-se, e ratificou-se o de 13 de Janeiro de 1750, feitura só de Alexandre de Gusmão, que para elle mais que nem-um outro estadista habilitado se achava, pelos profundos estudos, a que se dêra, das cousas do Brazil, já percorrendo

estava perguntando ao prior da freguezia, por quanto rendiam as esmolas pelas almas, e as missas, que se diziam por ellas. Disse-me que a proposição de V. Ex. era muito propria das maximas francezas, com as quaes V. Ex. se tinha connaturalizado, e que não proseguisse mais.

• Si V. Ex. cahisse na materialidade (do que está muito livre) de querer instituir algumas irmandades, e me mandasse fallar nellas, haviamos de conseguir o empenho, e ainda merecer alguns premios.

• A pessoa de V. Ex. guarde Deus, como desejo, para a defeza e credito de Portugal. Lisboa, 2 de Fevereiro de 1747. — *Alexandre de Gusmão.*

todos os documentos, que em Portugal haviam, já mandando buscar a São Paulo as relações de todas as derrotas, e descobrimentos, que os aventureiros paulistas e taubatenos apprehenderam e conseguiram, como que milagrosamente, através — os sumidos desertos, — os gigantescos sertões, — e as longínquas serranias, em procura do ouro e das metaes preciosos, cuja ambição os arrastava e animava.

Pelo tratado fixaram-se, e marcaram-se os pontos capitaes da linha divisoria: tornou-se elle o primeiro gisamento geral das raías do Brazil: e Portugal lucrou extraordinariamente, e tanto, que a voz geral, proclamando a celebração d'elle, como o fructo mais primoroso da politica e diplomacia de Alexandre de Gusmão, attribuiu á rainha catholica influencia na sua concessão por parte da Hespanha, como amor, que consagrava ella a Portugal, aonde nascera. Alexandre de Gusmão collocou-se á frente de toda a negociação, acompanhou-a cuidadosamente, e vo coroadas suas fadigas com o resultado o mais vantajoso: ultimou ainda sua obra, e mostrou o maior desinteresse, recusando o brinde de um anel, que, segundo os estilos diplomaticos, se offerrece aos negociadores (*).

Este tratado, tão proficuo a Portugal, foi

(*) Nas *Memorias Secretas* de Nuno da Silva Telles, embaixador portuguez, tomo 2.º, leem-se as correspondencias havidas a semelhante respeito.

infelizmente nullificado pelo de 12 de Fevereiro de 1761, em que se cedeu a Hespanha pontos já obtidos e vencidos; para explicar porém sua importancia, suas grandes vantagens para Portugal, e a immensa habilidade e pericia pratica de Alexandre de Gusmão, basta ler-se a defeza, que seu auctor escreveu e publicou em Lisboa sob o titulo de—Impugnação—, em resposta ás censuras, que lhe fizera o brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos (*), governador da praça da Colonia do Sacramento.

Esta defeza do tratado (***) é uma obra primorosa, já pelo acabado e elegancia do estylo, já pela logica, e raciocinio, que no seu desenvolvimento se emprega, já enfim pela copiosa erudição que seu auctor patenteia: prova o illustre Brasileiro que Portugal ganhou primeiramente em dividir seus dominios, e em regular os limites d'elles de uma maneira definitiva; em segundo logar, no reconhecimento, que fez o governo hespanhol, de pertencerem á corôa portugueza as margens orientaes do rio Guaporé, retirando d'alli suas aldeias, que já começavam a

(*) O n.º 4.º da *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — 1840 — Rio de Janeiro — pag. 322 — transereve um extracto desta impugnação de Alexandre de Gusmão, que publicára anteriormente o *Panorama*.

(**) D'este tratado de 1750 ha um exemplar impresso em 1750 na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro, e outro no Instituto Historico e Geographico Brasileiro: são os dous unicos, de cuja existencia sabemos.

penetrar no interior do paiz, encontrando-se com os mineiros do sertão de Cuyabá, e pretendendo prohibir aos Portuguezes a navegação do rio: em terceiro lugar, na aquisição de mais 60 leguas, que se concedeu a Portugal, em toda a extensão do paiz, que medeia entre os rios Paraná, e Paraguay, correndo a nova fronteira pelos rios Iguarey e Correntes: e em quarto lugar, na obtenção para a corôa portugueza de todo o terreno do rio Madeira para o Oriente até o mar, partindo do mesmo rio por um parallelo até o rio Javary, com mais de 100 leguas: e que serviço maior poderia ser feito a Portugal?

Em 1742 foi Alexandre de Gusmão nomeado ministro do conselho Ultramarino, e n'este novo e tão importante emprego, deu ainda provas sobejas do seu zelo, instrucção, pericia, e talentos: o sabio litterato, Visconde de São Leopoldo, affirma que fora proposição de Alexandre de Gusmão o mandar-se por conta do governo uma porção de casás de Açorianos que viviam miseraveis nas suas ilhas, para cultivarem o Rio Grande do Sul, e Santa Catharina; e que cabe-lhe tambem a ideia da substituição do imposto do quinto do ouro na capitania de Minas Geraes, pela nova imposição denominada — Capitacão. — (*)

(*) Visconde de São Leopoldo — *Annaes da Provincia de São Pedro* — O conselheiro José Antonio da Silva Maia — Memoria da origem, progressos, e decadencia do quinto do ouro na provincia de Minas Geraes. Rio de Janeiro 1827.

Foi vida de trabalhos, e de fadigas a de Alexandre de Gusmão; mas foi vida honrada e gloriosa; — com seus escriptos litterarios, alguns discursos academicos, bastantes versos lindos, tocantes e saudosos, que compoz, em momentos de folga, em que lhe vinha brincar a Musa alegre com o espirito dormitando, obteve merecida reputação litteraria, e mereceu entrar para diversas academias estrangeiras, e ser do numero dos cincoenta membros da Academia Real de Historia Portugueza, installada em 1720, e honrada com privilegios, que lhe concedeu El-Rey D. João V: com seus avisos, memorias politicas, notas diplomaticas, e cartas particulares, patenteou a vastidão de seus talentos praticos, e profunda erudição em todos os ramos precisos ao varão politico, e ao estadista abalisado; com seus actos importantes, e os proficuos resultados de seus trabalhos, servio a seu paiz de uma maneira, que lhe é escasso e mesquinho todo o elogio, que se lhe possa fazer.

Animo forte demonstrou ainda quando, fallecendo em 1550 El-Rey D. João V, e sendo substituido por D. José I.º, perdeu Alexandre de Gusmão o seu valimento, e apóz logo, em um incendio, que devorou sua casa, e seus bens, finaram-se-lhe dous filhos, penhores estimados do seu consorcio, e cuja educação cuidadosamente promovia! (*)

(*) O já citado elogio academico por Miguel Martius de Araujo :

A estas domesticas dôres não sobreviveu todavia muito tempo, ainda que parecesse exteriormente resistir-lhes; no anno de 1553, e no ultimo dia de Dezembro, falleceu Alexandre de Gusmão em Lisboa, e foi sepultado no convento de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas descalços.

ignoramos que escriptos lemos, em que se affirma que no terremoto de Lisboa perdera Alexandre de Gusmão sua mulher e dous fillos; mas o terremoto foi em 1555, e a essa época não chegou a vida de Gusmão.

VIII

CLAUDIO MANUEL DA COSTA.

§ 1.º

À margem direita do ribeirão do Carmo, na provincia de Minas Geraes, e em um terreno declivoso, está situada a cidade de Marianna; nasceu pequeno arraial do Carmo; em 1711, subiu á dignidade de Villa, por foral d'El-Rey D. João V: em 1745 mereceu as honras de cidade episcopal, que lhe deu o mesmo Monarcha, appellidando-a Marianopolis, por ser esse o nome da rainha reinante (*).

Corria o anno de 1729, quando, ahi, aos seis dias do mez de Junho nasceu Claudio Manuel da Costa, oriundo de honrada familia de Paulistas, que haviam deixado os amenos campos de Piratinga, atravessado desertos immensuraveis, e

(*) Estas particularidades acham-se descriptas na Corographia Brazilica de Manuel Ayres de Casal, e nos Annaes do mousenhor José de Souza de Azevedo Araujo Pizarro.

descoberto as riquissimas minas de oiro, e pedras preciosas dos reconditos sertões, e distantes terras, que se consideraram até 1720 como porções interiores da capitania de S. Paulo, formando d'esta época em diante territorio e jurisdicção de uma nova capitania, com o nome de Minas Geraes; — como todos os de mais Paulistas, ou Piratiniganos, que eram assim conhecidos, os ascendentes de Claudio Manuel da Costa, depois das luctas e contendas tormentosas, que entretiveram com os industriosos Taubatenos, que como elles, internavam-se no novo territorio das Minas, rasgavam florestas, dobravam rios caudalosos, cavavam serras altanadas, e fendiam profundas terras, em procura de riquezas, que as entranhas do solo escondiam a seus avidos olhos, — estabeleceram-se nas visinhanças do ribeirão, que desce mansa e pacificamente suas aguas por espaço de cinco leguas até o arraial do Forquim, precipitando-as então em uma extraordinaria escada de viva rocha até cahir no rio Gualaxo, e seguir com elle, — juntos em um só leite, — recebendo pelo seu caminho outros ribeiros — a encontrar-se com o rio Piranga, que confunde suas aguas com as do famoso rio Doce, que o Oceano abraça, absorve e devora.

Em tenra idade, veio Claudio Manuel da Costa para a cidade do Rio de Janeiro receber litteraria educação. As melhores escolas eram as dos jesuitas; os mais affamados mestres pertenciam á Companhia: Claudio Manuel da Costa cursou

portanto as aulas dos jesuitas; aprendeu latim, grego, rhetorica, philosophia, rudimentos de mathematicas, prolegomenos de theologia, e todos os de mais preparatorios, que ensinavam os padres, e cujo complemento trazia para o estudante o titulo, e diploma de Mestre em artes, que a Companhia outorgava: logo que chegou aos 17 annos de idade, partio Claudio Manuel da Costa para Portugal, a fim de formar-se na universidade de Coimbra, e tomar gráu academico, manifestando-se desde logo sua vocação para o estudo das leys e da litteratura.

Seus estudos em Coimbra foram de proveito para seu desenvolvimento scientifico, e para seu nome, de reputação e de gloria: estudante, dava-se, nas horas de descanso, á inspiração poetica, e escrevia versos, que, em manuscritos, passavam das mãos dos companheiros ás mãos dos lentes, e geralmente grangeavam louvores, e admiração: apenas terminou seus estudos, e obteve diploma de bacharel formado em leys, publicou, no anno de 1751, em Coimbra, uma collecção das suas poesias, da primeira quadra da sua vida; a mais bella época da idade humana, em que tudo são — amores, prazeres, alegrias, e feitiços; — em que se affigura a razão sonhando; e só alvoroça, e folgueia divertido o coração, que chama delicias, e abraça o espaço, que lhe parece de flôres cheirosas, e de aprimoradas galas. — Época feliz, que, uma vez passada, não volta; e que, na avançada idade,

batte ao ouvido quebrado como hospede maligno, que só vem avivar saudades! — Época feliz, que a memoria não póde esquecer, por mais tratos, que se lhe dê para faze-la desaparecer, e sumirse! — Época unica da verdadeira liberdade, da alegria vivaz, dos sinceros prazeres, e dos folguedos divertidos!

Claudio Manuel da Costa não se demorou muito tempo em Portugal; em 1765 regressou para o Brazil; estabeleceu sua residencia em Villa-Rica, capital da capitania de Minas, e na distancia de duas leguas da villa, em que nascera, e já então galardoada com o titulo de cidade: não desejou seguir a magistratura, que era carreira custosa e demorada, vegetando-se longos annos em cargos de juiz de fóra, ou de ouvidor, e mudando-se de tempos a tempos de termos e comarcas, como soldado de guarnição; abraçou de preferencia a profissão de advogado.

A capitania de Minas, comquanto em 1720, segregada da de São Paulo, continuou a fazer parte da jurisdicção do governo do Rio de Janeiro, recebendo no entretanto uma administração especial; foi seu primeiro governador D. Lourenço de Almeida, substituindo ao capitão general de São Paulo conde de Assumar, sob cuja administração tantas desordens e descontentamentos se levantaram em Minas, que tornou-se necessaria providencia constituir este territorio capitania independente d'aquella. Á D. Lourenço de Almeida succedera em 1732 o conde das Galveias,

que foi substituído por Gomes Freire de Andrade em 1735.

Foi este governador, que abolindo as casas de fundição e de moeda, mudou a natureza do imposto do quinto do ouro, admittindo o systema da capitação, que se começou a arrecadar no 1.º de Julho de 1735. Regressando de Minas a tomar conta do governo do Rio de Janeiro, interinamente governaram algumas juntas de pessoas gradas, até que Luiz Diogo Lobo da Silva em 1763 entrou para o cargo de governador e capitão general de Minas, havendo já sido elevados os governadores do Rio de Janeiro ao posto de vice-reys do Brazil; e ficando d'est'arte centralisada a administração de todo o estado.

Durante este tempo, Claudio Manuel da Costa conseguia immensa clientella, honrosa reputação, e influencia decidida, exercendo o seu officio de advogado: foi o primeiro, que na lingua portugueza escreveu sobre as doutrinas de Adão Smith, acerca da nova sciencia de economia politica, que este celebre Escossez acabava de apresentar á Europa: Claudio Manuel da Costa commentou o *Tratado da origem das riquezas das nações*, publicado em Edimburgo, e remetteu seu manuscripto para Lisboa, aonde foram sua erudicção e engenho apreciados e admirados pelos mais illustrados espiritos da época: escreveu tambem diversas obras de litteratura antiga e moderna, que mereceram grandes elogios dos contemporaneos, e que provayam sua instrucção variada em tantas

e tão complicadas materias. Si bem que estas obras se não publicaram, já porque as despezas da impressão subiam então muito alto, e não tinham a necessaria extracção, já porque mesmo, tendo ellas, antes de serem dadas ao prelo, de sujeitarem-se á analyse e exame da commissão do Santo Officio, que tinha de incumbencia a censura litteraria, doutrinas novas não seriam facilmente aceitas, releva no entanto assegurar, que os manuscriptos corriam de um para outro leitor; muitas cópias d'elles se extrahiram que gyravam por toda a parte, e assim se conseguia uma especie de publicação, que não era a — da imprensa, mas que ao mundo illustrado não dava menos a conhecer o seu auctor, que por este modo adquiria fama e consideração.

E não se occupava menos Claudio Manuel da Costa com as sciencias, do que com a poesia; seu engenho que já a tantas bellas producções dêra origem na mocidade, — na vida folgazona de estudante de Coimbra, inspirando-se com as melancholicas reminiscencias, que pairam sobre esta cidade celebrisada, e que a historia não poderá jamais olvidar; — desdobrou vôos mais altivos, e mais sonoros, no descanso e paz do advogado, na idade da rasão, na terra da adorada patria; mais felizes e poeticas lhe não pareceram as margens decantadas do Mondego, ainda que mais antigas, e mais saudadas por todos os poetas, do que as ribas frondosas do Carmo, que banha os pés de Marianna, e cujas limpidas aguas

tanto enthusiasmavam o espirito de Claudio Manuel da Costa.

E quem foi pela Providencia dotado d'esse celeste espirito, que anima e engrandece a existencia, que doura os sonhos da vida, e habita continuamente em um mundo de fantasia, pôde suster-lhe os vôos, agrilhoar-lhe as azas, e gritar-lhe — pára?—

A imaginação humana é a imagem mais perfeita do Creator: felizes aquelles que a recebem com profusão! A poucos toca em herança tão bella partilha; o escolhido porém não é dono da força, que recebeu; ardente chamma, irresistivel poder o devora e o arrasta, que — em si lhe não é permittido guardar os sentimentos, e imagens, que lhe borbulham na mente. Ha quem diga que não ha no mundo talento superior, sem um gráu de loucura; tal loucura, sem duvida, como a da cruz, é a parte divina da rasão.

Além de muitas obras poeticas, que compoz Claudio Manuel da Costa, escreveu um poema historico intitulado — Villa-Rica —, e outro, sob o especioso nome de allegoria, dedicado ao ribeirão do Carmo, os quaes ambos grangearam immensa popularidade para seu auctor.

O conde de Valladares, que em 1768 succedêra no governo da capitania a Luiz Diogo Lobo da Silva, foi substituido em 1775 por D. Antonio de Noronha: a reputação e credito de Claudio Manuel da Costa estavam tão solidamente firmados, que era pelos governadores procurado,

e consultado nas mais espinhosas providencias da administração; e entrando para o governo em 1780, D. Rodrigo José de Menezes, o chamou para o logar de segundo secretario d'estado, a fim de se coadjuvar com as suas luzes, e com a sua influencia.

Durante a administração d'este capitão general, é que a diminuição da extracção do oiro começou a tornar-se sensivel, e a arrecadação do imposto da capitação difficullosa para o governo, e pesada ao povo: as terras já estavam lavradas ha muitos annos, e não podiam produzir a mesma quantidade de oiro; os novos descobrimentos que então se fizeram de algumas faisqueiras para as margens do rio do Peixe, e dos ribeirões dos Arripiados, de Santa Anna, de S. Lourenço, de Santo Antonio, e Alvarenga, comquanto promettessem colheita abundante no futuro, não podiam de prompto satisfazer a importancia do imposto annuo, e menos liquidar os computos atrasados, e que se iam accumulando.

Este estado de cousas, que produzia mais ou menos irritação nos animos, e causava temores no futuro, continuou, e cresceu durante a administração de Luiz da Cunha Menezes, que em 1783 succedeu a D. Rodrigo José de Menezes. Claudio Manuel da Costa, conhecendo perfeitamente pela sua posição a natureza das ordens, que do governo portuguez vinham para o capitão general de Minas, acerca d'este imposto, com que tanto se affligiam os povos mineiros, e se

abasteciam os cofres da metropole, abandonou o seu logar de segundo secretario d'estado, logo que Luiz da Cunha Menezes entregou em 1788 a administração da capitania ao seu substituto visconde de Barbacena, e retirou-se á vida pacifica de advogado.

No emtanto foi-se formando a tentativa de revolução, — á testa da qual se collocára o alferes Joaquim José da Silva Xavier, e com que sympathisaram os espiritos mais elevados da capitania de Minas. Nada menos se pretendia do que a declaração de independencia da capitania, e o estabelecimento de uma republica. Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa, e Ignacio José de Alvarenga Peixoto, todos tres poetas distinctos, todos tres superiores intelligencias, amigos intimos todos tres, entraram no plano dos revolucionarios, uniram seus desejos e esforços aos desejos e esforços d'aquelles, que anhelavam saccudir o pesado jugo, que tanto os mortificava.

Na vida de Thomaz Antonio Gonzaga descrevemos minuciosamente a historia d'esses graves acontecimentos. Para ella enviamos o leitor, que ambicione conhece-los mais de perto. O plano foi descoberto; e presos todos os seus auctores e participantes.

A idade de Claudio Manuel da Costa tocava a sessenta annos; não era mais seu corpo capaz de resistir ao peso dos ferros, á humidade da prisão, á ausencia de ar, e a todos os encommo-

dos, que acompanham o desgraçado réo de crime d'estado; não era sua alma resignada, seu espirito paciente; as impressões, que o assaltaram, logo que foi preso, e lançado na immunda masmorra, de mistura com assassinos e salteadores, de renegados de Deus e da sociedade, foram tão graves e tão profundas, que seu animo se acovardou inteiramente, e perdeu toda a esperança de salvação.

Homens ha, que nas criticas circumstancias da vida chamam em seu soccorro todas as suas forças, e se tornam tão poderosos, que é a sua época de coragem, e de grandeza: sua alma se engrandece, eleva-se seu espirito, alarga-se seu coração; são seu mesmo e mais nutriente alimento as gloriosas reminiscencias, que lhes apparecem a todo o dia, — a toda a noite, — a toda a hora, — a todo o instante; nos sonhos, vagueiando-lhes na phantasia, como douradas esperanças; nos dias, susurrando-lhes ao ouvido, como anjos companheiros: a imaginação tange as cordas da harpa suave, que reveste de mil côres melancholicas todas as scenas que vão os olhos presenciando: o vento, que murmura pelos tectos da triste prisão, — o gemido do moxo agoureiro, que esvoaça em torno, — os quebrados raios do sol, que rompem as frestas das ennegrecidas paredes, como amigos, que vem saudar o amigo, — os mesmos insectos, que praticando suas industrias, alli acoitam seus ninhos, desenrolam seus delicados fios, e iguaros da vida, passam-na tranquillamente

na carregada e sombria atmosphera, que os rodeia; — todos estes objectos, ao passo que entretêm a vista e a imaginação, os olhos do presente, do passado, e do futuro, — consolam os desgraçados, e amparam-nos contra a desesperação.

Claudio Manuel da Costa não pertencia porém á classe d'estes homens robustos e corajosos de espirito: conhecedor da legislação do seu paiz, não achou remedio a seus males: como Chatterton, preferiu por si mesmo deixar o mundo, a n'elle soffrer dôres e martyrios — suicidou-se na sua prisão, poucos dias depois de haver para ella entrado, cerrando o pescoço com uma liga, e comprimindo a communicação de ar para os pulmões. —

Começava o anno de 1789.

Si vigorassem então os principios de legislação criminal, que actualmente são acceitos por todos os jurisconsultos, e codigos das modernas nações, para Claudio Manuel da Costa estaria findo o processo: a legislação portugueza não abraçava porém essas ideias, e no accordam de 18 de Abril de 1792, assim se exprimiram os desembargadores, a respeito de Claudio Manuel da Costa.

— « Mostra-se quanto ao réo Claudio Manuel da Costa, que supposto não assistisse, nem figu-

rasse nos conventiculos, que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, e em casa do réo Domingos de Abreu, comtudo soube, e teve individual noticia, e certeza, que estava ajustado entre os chefes da conjuração fazer-se um molim e levante, e estabelecer-se uma republica independente n'aquella capitania de Minas; proferindo o seu voto n'esta materia, nas torpes e execrandas conferencias, que teve com o réo Alvarenga, e o padre Carlos Correia de Toledo, tanto na sua propria casa, como na do réo Thomaz Antonio Gonzaga; consta do appenso n.º 5.º a fl. 7 da devassa d'esta cidade, e o confessou o réo no appenso n.º 4.º da devassa de Minas; em cujas conferencias se tratava do modo de executar a sedição e levante, e dos meios do estabelecimento da republica, chegando ao ponto do réo votar sobre a bandeira e armas de que se devia usar, consta do appenso n.º 4.º a fl. 11, e do appenso n.º 5.º a fl. 7; constituindo-se pelas ditas infames conferencias tambem chefe da conjuração, para quem os mais chefes destinavam a factura das leys para a nova republica, consta a fl. 2 do appenso n.º 23, e testemunhas de fl. 98 da devassa de Minas; e tão bem se reconheceu este réo criminoso de lesa magestade da primeira cabeça, que horrorisado com o temor do castigo, que merecia pela qualidade do delicto, que logo depois das primeiras perguntas, que lhe foram feitas, foi achado morto affogado no carcere com uma liga; consta do appenso n.º 4.º »

— « Ao réo Claudio Manuel da Costa pois, que se matou no carcere, declaram infame a sua memoria, e infames seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens por confiscados para o fisco e Camara Real. » —

§ 2.º

Claudio Manuel da Costa, em grande parte das suas composições, parece mais poeta da eschola italiana, do que vate Brasileiro ou Portuguez: nos seus sonetos admiraveis de dicção primorosa, de bellissima rima, e de pensamentos poeticos, ha inspirações intimas e rasgos altivos de Francisco Petrarca: nas suas cançonetas voluptuosas, nos seus delicados idyllios, como que se espraia o estro aperfeiçoado de João Baptista Guarini, ou a doçura phantastica do abbade Pedro Metastasio: nas suas lyras de amor, e nas suas eglogas pastoris, dir-se-ia o vôo harmonioso de Luiz Ariosto, e a elegancia sonora de João Boccacio.

Verdade é que o proprio Claudio Manuel da Costa folgava de manifestar o enthusiasmo que sentia pela litteratura italiana, cujos escriptores tanto estudava, apreciava, e citava, que compoz muitos sonetos, idyllios, e cantatas, na lingua italiana, ousando escrever em idioma afóra o paterno; verdade é tambem, que a litteratura italiana de quando em quando faz erupção nas letras

portuguezas, e mais ou menos tem gosado dos foros de influir sobre ellas, e de influir poderosamente. Quasi que não ha poeta bucolico da lingua portugueza, a quem não tenham sido muito familiares os escriptos dos auctores italianos.

Em sonetos, n'estas rapidas e curtas composições de quatorze versos heroicos, que todo o mundo compõe e escreve na nossa lingua, mas que muito poucos tem a fortuna de obter por elles immortalidade; em sonetos, que, por sua mesma facilidade de construcção, tornam-se difficultosos para conseguirem ser perfectos e verdadeiramente bellos; em sonetos, nem-um poeta excede a Claudio Manuel da Costa. Manuel Maria Barbosa de Bocage, Francisco Petrarca, Boscan, e Garcilaso de la Vega, não se arreciam de que os sonetos de Claudio Manuel da Costa lhes fossem attribuidos. Não é só o pensamento verdadeiramente poetico; não são sómente as imagens pittorescas, e appropriadas; não são sómente as phrases cadentes, sonoras, ligadas e encadeiadas com toda a perfeição; não é unicamente a rima harmoniosa, pura, limpida e completa, com que acaba cada um verso, e com que todos se assemelham, formando como que uma musica suave e sentimental, cuja toada deixa commovido o espirito, arrebatado o coração, e a alma curvada sob a impressão doce e duradoura de suas melodias.

As linguas portugueza, castelhãna e italiana,

são as unicas, que descendendo directamente da lingua latina, conhecem o rythmo musical do verso, e as palavras sonoras e caprichosas, como os sons melodiosos da orchestra: a lingua franceza apprimora pela clareza e limpidez da expressão, pela simplicidade da palavra; o metro e a rima são forçados, não tem cadencia, não tem harmonia; o verso como que é prosa seguida, terminando apenas por uma palavra consoante, mas consoante sem brilho, sem fulgor, sem melodia: a lingua franceza é exclusivamente prosaica, embora a nação Franceza tenha produzido poetas da primeira ordem, e os mais subidos engenhos: por esta rasão, os Francezes não podem conhecer a belleza de um soneto, ou de qualquer d'essas composições, em que a rima, a consonancia e a musica se dão braços para aperfeiçoa-las: alguns poetas francezes antigos, e modernos, tentaram acclimatar em França a poesia dos sonetos; a lingua, porém, pelo avesso da musica e da harmonia, lhes faltou a inspiração e bons desejos, e caducou portanto a tentativa: nas linguas allemãs, e ainda menos na ingleza, não tem sido tambem possivel admitir-se este genero; — n'aquella, porque as palavras tornam-se longas pela sua composição e organização, e a collocação dos termos destróe a consonancia e o desenvolvimento da poesia do soneto; — n'esta, porque, e si bem que a habilidade de Lord Byron, e o engenho de Thomaz Moore apuraram sua melodia, e lhe deram visos de poetica, em o

Corsario, em Giaour, em Childe Harold, em Parisina, no Prisoneiro de Chillon, e em Lala Rook, comtudo, a especialidade do soneto não é compativel com a existencia de notas barbarisadas, que difficultam a pronunciação, e enfeiam a linguagem.

A poesia do soneto não pôde ser sublime; mas pôde ser deliciosa e melancolica, como o ruido da cascata, — doce, branda e agradavel como a aura da madrugada, — triste e sombria como o aspecto do cypreste: para se conseguir porém esse resultado, releva que a lingua se appropriate ao genero, a musica das palavras o acompanhe, a consonancia do verso o ampare, e a rima da ultima syllaba o áperfeioe: é de facil composiçãõ, e por essa mesma rasão, de perfeiçãõ difficultosa.

Claudio Manuel da Costa conseguiu aperfeioar o soneto portuguez, de modo a si não exceder, ao menos rivalisar com os de Francisco Petrarca: Manuel Maria Barboza de Bocage é talvez mais harmonioso na phrase, menos porém completo na poesia, e no sentimento.

Leiam-se os sonetos de Claudio Manuel da Costa, e julgue-se seu merecimento com justiça e imparcialidade.

— « Nize, Nize, aonde estás! — Aonde espera
Achar-te uma alma, que por ti suspira,
Si quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! Si ao menos teu nome ouvir pudera
 Entre esta aura suave, que respira!
 Nize, cuido que diz... — mas é mentira!
 Nize, cuidei que ouvia... — e tal não era?

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
 Si o meu bem, si a minha alma em vós se esconde,
 Mostrai, mostrai-me a sua formosura!

Nem ao menos o echo me responde!
 Ah! Como é certo a minha desventura!
 Nize, Nize, onde estás? — Aonde, aonde? —

— « Onde estou? — Este sitio desconheço :
 Quem fez tão diferente aquelle prado?
 Tudo outra natureza tem tomado;
 E em contempla-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve: eu não me esqueço
 De estar a ella um dia reclinado:
 Alli em valle o monte está mudado:
 Quanto pôde dos annos o progresso!

Arvores aqui vi tão florescentes,
 Que faz am perpetua a primavera:
 Nem troncos vejo agora decadentes!

Eu me engano: a região esta não era:
 Mas que venho a estranhas, si estão presentes!
 Meus males, com que tudo degenera! —

— « Apressa-se a tocar o caminhante
 O pouso, que lhe marca a luz do dia;
 E da sua esperança se confia,
 Que chegue a entrar no porto o navegante.

Nem aquelle sem termo passa avante
 Na longa, duvidosa, e incerta via;
 Nem este atravessando a região fria,
 Vai levando sem rumo o curso errante.

Depois que um breve tempo houver passado,
 Um se verá sobre a segura areia,
 Chegará o outro ao sitio desejado.

Eu só, tendo de penas a alma cheia,
 Não tenho, que esperar; que o meu cuidado
 Faz: que gyre sem norte a minha ideia. » —

— « Este é o rio, a montanha é esta,
 Estes os troncos, estes os rochedos;
 São estes inda os mesmos arvoredos;
 Esta é a mesma rustica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,
 Rio, montanha, troncos e penedos;
 Que de amor nos suavissimos enredos
 Foi scena alegre, e urna é já funesta.

Oh! quão lembrado estou de haver subido
 Aquelle monte, e as vezes que baixando
 Deixei do pranto o valle humedecido!

Tudo me está a memoria retratando;
 Que da mesma saudade o infame ruido
 Vem as mortas especies despertando. » —

— « Aquelle, que enfermou de desgraçado,
 Não espere encontrar ventura alguma;
 Que o Céu ninguem consente que presuma,
 Que possa dominar seu duro fado.

Por mais, que gyre o espirito cansado
Atraz de algum prazer, por mais em summa,
Que porfie, trabalhe, e se consuma,
Mudança não verá do triste estado.

Não basta algum valor, arte, ou engenho
A suspender o ardor, com que se move
A infausta roda do fatal despenho.

E bem que o peito humano as forças prove,
Que ha de fazer o temerario empenho,
Onde o raio é do Céu, a mão de Jove? —

— « Breves horas, Amor, ha que eu gozava
A gloria, que miuha alma apetezia;
E sem desconfiar da aleivosia,
Teu ligeiro obsequio acreditava.

Eu só á minha dita me equalava;
Pois assim avultava, assim crescia,
Que nas scenas, que então me offerecia,
O maior gosto, e o maior bem gozava.

Fugio, faltou-me o bem; já descomposta
Da vaidade a brilhante architectura,
Vê-se a ruina ao desengano exposta:

Que ligeira acabou! Que mal segura!
Mas que venho a estranhar, si estava posta
Minha esperauça em mãos da formosura! » —

Nas canções ou cantatas, que escreveu Claudio Manuel da Costa, mais agrada ainda, e mais electriza o leitor; ha d'essas cantatas algumas, que rivalisam com as mais melodiosas de Pedro Metastasio: Nize é sempre a sombra, que fagueira

e bella o inspira, e enthusiasma; Nize é a divindade, que creou sua poetica phantasia, para dedicar-lhe seus sonhos d'ouro, e seus suspiros de amor; Nze é sua nimpha, que — de noite, á sua cabeceira, lhe exalta a imaginação, que — de dia, como anjo puro, que o ampara e sustenta na vida, o chama ao trabalho, o arrasta á poesia: convém dizer que muitas d'estas cantatas são exageradas na expressão, excessivas no desenvolvimento, e açucaradas na linguagem; outras porém são o tudo o que em semelhante genero tem produzido a imaginação humana de mais perfeito e animado.

— « Não vejas, Nize amada,

A tua gentileza

No cristal d'essa fonte. Ella te engana;

Pois retrata o suave

E encobre o rigoroso: os olhos bellos

Volta, volta a meu peito:

Verás, tyranna, em mil pedaços feito,

Gemer um coração; verás uma alma

Anciosa suspirar; verás um rosto

Cheio de pena, cheio de desgosto.

Observa bem, contempla

Toda a misera estampa: retratada

Em uma copia viva

Verás distincta, e pura,

Nize cruel, a tua formosura.

Não te engane, ó bella Nize,

O cristal da fonte amena;

Que essa fonte é mui serena,

É mui brando esse cristal.

Si assim como vês teu rosto,

Viras, Nize, os seus effeitos;

Póde ser, que em nossos peitos
O tormento fosse igual! —

O que contém as composições de Guarini, as cansonetas de Metastasio, as poesias de Sannazaro, de Boscan, e de Garcilazzo, de mais bello, e de mais original? — N'esta linda canção todos os generos se confundem, e brilham; os vãos lyricos de Patrarca ou Gonzaga, a simplicidade bucolica de Reis Quita, Diogo Bernardes, ou Rodrigues Lobo, a harmonia do Pastor Fido, os melancolicos suspiros da Aminta, e a delicadeza elegante e phantastica do Ariosto: si em uma ou em outra das suas canções, a eschola de Luiz Gongora exaggerou a expressão dos sentimentos, e a verdade da natureza, — n'essa, que acabamos de citar, e em algumas outras, póde-se dizer affoitamente que tudo é bello, bem appropriado, e artisticamente acabado.

Nas eglogas propriamente ditas não foi tão feliz Claudio Manuel da Costa; não que lhe faltassem engenho, ou aprimoradas descrições; mas por que suas eglogas são puras imitações das eglogas de Virgilio, sem que á copia assista o merito do poeta de Mantua; desgraça é que em Portugal se tenha tanto usado d'este genero de poesia, que não passa de publica fôrma da poesia latina; poucas, muito poucas eglogas modernas encerram bellezas, que lhes dêem vida e immortalidade: exceptuem-se algumas eglogas de Bernardim Ribeiro, de Luiz de Camões, e de Diogo Bernardes, e nas linguas estrangeiras, de Gessner,

de Sannazaro, e de Garcilazzo, e conhecer-se-ha o acerto de nossas opiniões: é um verdadeiro genero bastardo, em que a imaginação se desespera, e a poesia perde o seu halito perfumado, e o seu roseo colorido: pastores e pastoras, que em continuado dialogo recitam versos, ora galantes e enamorados, e ora cheios de pensamentos avessos a seus costumes, superiores á sua condição, fora da verdade, fora da natureza: tudo, desde as personagens, que nas eglogas figuram, até os sentimentos, e ideias, que n'ellas se encerram, — tudo é facticio e anomalo.

Felizmente, que para se desferrar, Claudio Manuel da Costa nos appresenta uma collecção de cantatas lyricas, em as quaes se eleva e se purifica seu talento, e brilha de novo fulgor o poetico e primoroso engenho, com que o premiára a natureza.

Em uma cantata o poeta exprime admiravelmente seu desesperar pela lyra, que fôra seus amores de outra idade; a lyra tinha-lhe sido ingrata, elle a abandona, e quebra; o cantico perdeu para elle toda a sua harmonia; como que um adeus lhe escapa dos labios para o objecto de seu desprezar; em seguimento a esta cantata, o poeta escreveu outra, acabando os versos pelas mesmas palavras, mas em sentido inteiramente opposto, porque pinta o arrependimento do seu acto, implora seu perdão a lyra, e exclama:

— « Vem, adorada lyra,
Inspira-me o teu canto,

Só tu, a impulso tanto,
Todo o prazer me dás.

Já a alma não suspira;
Pois chega a escutar-te:
De todo, ou já em parte
Vai-se auzentando o mal.

Não cuides, que te nego
Tributos de outra idade:
A tua suavidade
Eu sei inda adorar;

D'esse perdido emprego
Eu busco o eucauto amado;
Amado o meu cuidado,
Jamais te hei de deixar.

Vê de meu fogo ardente
Qual é o activo imperio;
Que em todo este hemispherio
Se attende respirar.

O coração, que sente
Aquelle incendio antigo,
No mesmo mal, que sigo,
Todo o favor me dá.

Si tanto bem confesso,
Ou seja noite, ou dia,
Jamais tua harmonia
Espero abandonar.

Não ha de a tanto excesso,
Nao ha de, não, minha alma,
D'esta amorosa calma
Meus olhos serenar.

Ah! Quantas ancias, quantas
Agora despertando,
A teu impulso brando,
Eu venho a temperar!

No gosto que me encantas;

Suavissimo instrumento,
Em ti só busco alento,
Que eterno me serás,

Comtigo partir quero
As magoas de meu peito,
Quanto diverso effeito
Do que provaste já!

Não me cuides tu ingrato,
Por que já eu quiz quebrar-te;
No meu delirio em parte
Desculpa tem meu mal.

Si tu só de minha alma
O caro amor sabias,
Contigo só meus dias
Eterno hei de alentar.

Bem que ameaça a calma,
Fatal tormenta escura,
Na minha desventura
Jamais naufragarás.

Clamar, a cada instante,
O nome, que me ouvia,
Ou seja noite, ou dia,
O bosque me ouvirá.

Bem que a meu culto amante
Resista o desengano,
O voto soberano
Te espero tributar.

Não temas, que deixada
Te ocupe este arvoredor,
Onde o meu triste euredo
O fado tecerá;
Conhece, ó lyra amada,
O affecto, que me inspiras;
Na mesma paz, que tiras,
Me dás a melhor paz. —

Na cantata dos adeuses, o poeta sustenta a sua força, e a sua pureza; ha em quasi todas as composições de Claudio Manuel da Costa um colorido melancolico e saudoso, que agrada e encanta: seus adeuses desenham-se langorosamente, e a consonancia do metro imprime dentro n'alma doce e profunda emoção.

— « Adeus idolo amado,
Adeus; que o meu destino
Me leva peregrino
A não te ver já mais.

Sei, que é tormento ingrato
Deixar teu fino trato;
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar?

Tu ficas; eu me auzento;
E n'esta despedida
Si não se acaba a vida,
É só por mais penar.

De tanto mal, e tanto
Alivio é só o pranto:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar?

Quantas memorias, quantas,
Agora despertando,

Me vem acompanhando
Por mais me atormentar!

Faria o esquecimento
Menor o meu tormento:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar?

Gyrando esta montanha,
 Os sitios estou vendo,
 Aonde amor tecendo
 Seu doce enredo está.

Aqui me occorre a fonte,

Alli me lembra o monte :

Mas quando é. que tu viste,

Um triste

Respirar? » —

O poema de Villa-Rica é digno de leitura, já pelas admiraveis descripções que appresenta, figurando como que uma historia da capitania de Minas, já pelas bellezas da versificação, e o sentimentalismo que o inspira; mas não merece as honras de poema-romance, e principalmente na lingua portugueza, em que brilham o *Cerco de Diu*, o *Caramurú*, o *Naufragio de Sepulveda*, *Malacca Conquistada*, o *Uruguay*, *Affonso Africano*, a *Elegiada*, *Ulissea* e *Donna Branca*.

Mas linda e perfeita é então a sua allegoria do — Ribeirão do Carmo —, toda cheia de imagens delicadas, faceira e fermosa como uma Brasileira; é o genio Brasileiro, que obrigou o poeta a abandonar suas inspirações da litteratura italiana, e a applicar seus pinceis e suas doiradas tintas aos riquissimos paineis, que offerece por toda a parte a magestade do Brazil; Claudio Manuel da Costa rivalisa n'esta allegoria com Antonio Diniz da Cruz e Silva, que tendo vindo ao Brazil para ser juiz, tendo sido um dos desembargadores, que condemnaram sua memoria, e conservando-se no Rio de Janeiro chanceler da Relação,

inspirou-se tambem das tantas, tão bellas, tão variadas scenas de natureza tão esplendida, e escreveu diversas fabulas, com o titulo de *Metamorphoses Brazileiras*, que, com o seu poema do *Hyssope*, constituem os mais bellos florões de sua poetica corôa.

Descreve o poeta o nascimento do Ribeirão, sua alegre infancia, seus risos juvenis; passa depois à historia de seus desgraçados amores pela ingrata Eulina, que lhe roubára Apollo; pinta a desesperação, que o arrasta a amaldiçoar o Deus, que em vingança insinua os homens a romperem-lhe as entranhas, e a procurarem dentro no seu seio o oiro delicado, e as preciosas pedras que tanto ambicionam; as dôres que soffre o rio, que mistura de sangue suas aguas, despeja-as pelas verdes planicies, das proximidades da cidade de Mariana, e por fim, enlouquecido, despenha-se da altura immensuravel, e morre precipitado nos rochedos: embora uma ou outra veste ou imagem da mythologia grega substitua a expressão candida, singela e pura da linguagem portugueza, esta allegoria é um verdadeiro titulo de poesia para o seu engenhoso auctor.

Claudio Manuel da Costa escreveu tantas composições poeticas, que a analyse de cada uma tornar-se-ia fastidiosa, e sem interesse; pelas que acabámos de examinar, podemos firmar opinião dos meritos do poeta, admirar sua brilhante imaginação, e sua doirada phantasia; é sem duvida um dos primeiros poetas da litteratura

portugueza, aquelle, que á sua lyra suave e sonora,
dedicou estes admiraveis e ultimos versos :

— « Aqui d'este salgueiro
Pendente ficarás, ó lyra minha!
Tu, que foste primeiro,
Emquanto amor convinha,
Alivio de meus males,
Ferindo os montes, abalando os valles,
De todo já deixada,

Nem siquer nas imagens da memoria
Viverás retratada;
De tanta antiga gloria
Si consultada fores,
As delicias aponta nos horrores.

Será lingua eloquente
A mesma face macilenta : o rosto
Do meu mal inclemente,
Pela voz do desgosto,
Com a muda harmonia
Poderá declarar minha agonia.

De Arachne o enredo escuro,
Em ti as debeis linhas estendendo,
Cubra teu centro impuro,
Que acorde respondendo
Do verso as consonancias,
Tantas vezes ouviu as minhas ancias.

Genio funesto inspire
Sempre em teu damno, por maior tristeza;
De ti não se retire
A funebre aspereza
D'aquelle horror malino,
Que os passos acompanha a meu destino. » —



IX

ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

§ 1.º

O anno de 1705 vio nascer Antonio José da Silva, na cidade do Rio de Janeiro : os chronistas seus contemporaneos não mencionam nem os nomes, e nem as qualidades de seus progenitores : acerca dos successos de sua infancia e de sua mocidade, dizem-nos apenas que foi em tenra idade do Brazil para Portugal, que tomou o grau de bacharel em canones na Universidade de Coimbra, e que, logo depois, chegando á idade de vinte um annos, se dirigira para a cidade de Lisboa, e ahi se estabelecera como advogado (*).

Foi longo o reynado de D. João V de Portugal; governou desde 1706 até 1750; nas vespervas d'elle veio ao mundo Antonio José da Silva, e quasi que lhe não passou do meio!

Sua vida em Lisboa parecia feliz; ganhou riquezas como advogado, cercado sempre de numerosos clientes, que apreciavam seus conhe-

(*) O abbade Diogo Barboza Machado. — Bibliotheca Lusitana. —

cimentos juridicos, e sua pratica forense; adquiriu fama com a publicação de algumas fabulas, e faceiras, e engenhosas poesias, que lhe inspirava a vida, nos momentos de repouso e de folguedo; obteve gloria com a representação de muitas comedias, que attrahiam o povo em bando ao theatro publico do Bairro Alto; chamou a si copia de amigos, e de admiradores, que o animavam com repetidos elogios a seus elevados talentos.

Mas curto e bem curto foi esse tempo de venturas e prazeres; apenas doze annos durou; e em doze annos adquiriu, e gozou de riquezas, fama, gloria, e amigos; e depois... — mudou-se a scena inteiramente! — Pôde-se dizer que este espaço intercalado na sua vida foi como o lucido intervallo, que favoneia o demente! — Seu destino fôra em negras letras marcado, apenas tocou o limiar da vida; havia de ter seu curso regular, e seu cumprimento infallivel!

Entre os amigos que o procuravam, e que o intitulavam — Plauto Portuguez — tres unicos até o fim o não abandonaram; um foi seu compatriota, João Mendes da Silva (*), como elle advo-

(*) João Mendes da Silva nasceu no Rio de Janeiro em 1682; estudára com os jezuitas, e na sua patria d'elles recebera o gráu de Mestre em artes; em Coimbra tomou o gráu de bacharel em canoens; advogou e viveu em Lisboa, aonde falleceu em 1736, deixando impressas muitas fabulas, hymnos, e um poema a Jesus Christo. Sua viuva, Lourença Coutinho, natural do Rio de Janeiro, morreu nos carceres do Santo Officio, condemnada em 1739 como christã noya. — Vide o Excerpto das listas dos condemnados pela inquisição

gado em Lisboa, como elle poeta, e querido das Musas; o outro foi Mathias Ayres Ramos da Silva Eça, provedor da casa de moeda de Lisboa, e varão de estudos litterarios (*); o terceiro foi um varão illustre por sangue, distincto por talentos, reputado pelas riquezas, D. Francisco Xavier de Menezes, conde de Ericeira (**).

Preciso é não confundir este conde de Ericeira D. Francisco, com seu pai, D. Luiz, tambem conde de Ericeira; ambos foram poetas de nomeada, litteratos de distincção; o conde D. Luiz, fallecido em 1690, atirando-se sobre o pateo de uma janella de seu palacio, perdida a cabeça de negra melancolia, que o minava, é o auctor de — Portugal Restaurado —; dedicando-se ás letras, depois de cansado das fadigas militares, aonde bastantes louros colhêra; foi o conde D. Francisco Xavier o protector de muitas academias litterarias de Portugal, e o auctor do poema — Henriqueida — e de muitas orações na Academia Real de Historia Portugueza, para cuja creação influiu poderosamente, e que com denodo sustentava na qualidade de secretario e protector (**).

de Lisboa, publicado no 7.º vol. da Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

(*) Nasceu em 1705 em São Paulo, de familia nobre; formado em leys em Coimbra; litterato de fama, e que deixou varias obras de controversia, e bom mathematico; falleceu em Lisboa.

(**) D. Francisco Xavier de Menezes, conde de Ericeira, nasceu em Lisboa, em 1673.

(***) O conde D. Francisco Xavier falleceu em 1743: o distincto litterato francez, o Sr. Fernando Diniz, confunde estes dous condes

Com o conde D. Francisco Xavier de Menezes entreteve Antonio José da Silva relações estreitas; o litterato portuguez admirava seu engenho comico, e seus talentos preciosos; aconselhava-o nas composições de suas comedias, e procurava que Antonio José da Silva admittisse mais regularidade nas scenas, e mais elevação no estylo, enraizado como estava na leitura de Molière, e mais auctores comicos francezes, cujo estudo lhe recommendava tanto de Pariz o seu amigo Boileau.

Poucos auctores tem gozado na sua vida triumphos maiores do que Antonio José da Silva: o theatro portuguez estava como que abandonado; os Hespanhóes usavam representar as comedias de Pedro Calderon, e de Lope de Vega, mesmo em lingua castelhana, perante o publico de Lisboa, que não tendo comedias proprias portuguezas, se não muito poucas, e estas mesmas sendo mais litterarias, do que interessantes na representação, folgava ao menos de applaudir os engenhos de seus visinhos, que tão alto haviam elevado a gloria do theatro hespanhol, que na

em um só, tanto que a um só designadamente na sua bella — *Histoire de la Littérature Portugaise* — attribue a — Henriqueida, e — Portugal Restaurado: o erudito Sr. João Baptista de Almeida Garrett, no seu brilhante resumo da Historia da Lingua e Litteratura Portugueza, que precede a selecção do — *Parnaso Portuguez* — publicado em Pariz — em 1826 — falla de um só Ericceira, a quem attribue grande copia de composições sem especificação alguma: o Sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, no seu *Bosquejo historico da litteratura portugueza*, cahê na mesma confusão.

França, na Inglaterra, na Allemanha e na Italia, levantavam proselytos, e causavam geral admiração.

Com as comedias, ou operas, que assim se intitulavam, de Antonio José da Silva, recomeçou o theatro portuguez sua existencia; tomou galas, enfeitou-se de primorosas vestes, e ergueu-se facciro e poderoso; o povo corria apressado ás representações das novas operas, admirava como que extasiado, e applaudia com estrondo: pouco lhe durou porém o gosto!

Em 1738 foi Antonio José da Silva preso repentinamente por ordem do tribunal do Santo Officio, e recolhido aos carceres da inquisição: tinha trinta e tres annos de idade!

A inquisição existia em todas as nações catholicas da Europa, antes de em 1585 revestir Sixto V a thiára romana; creada para ser empregada contra os Albigenses, era exercida a inquisição por ecclesiasticos nomeados pelo Summo Pontifice, que pesquisando e indagando as heresias, levavam aos tribunaes ordinarios dos paizes as provas, que obtinham; os tribunaes julgavam e decidiam; Sixto V de accordo com D. Fernando e D. Isabel, soberanos da Hespanha, deu nova fôrma á inquisição, creou o tribunal privativo do Santo Officio, para os seus julgamentos; a Hespanha admittiu-o; foi Thomaz Torquemada eleito inquisidor geral; victimas immensas regaram logo com seu sangue os carceres da inquisição, e as praças publicas; Thomaz Torquemada gloriou-se

de no espaço de dezaseis annos ter feito morrer em — autos de fé — para mais de nove mil pessoas de todos os sexos, edades e condições (*).

Da Hespanha passou a Portugal o terrivel tribunal com todas as suas vastas attribuições, durante o reynado de D. João III, no anno de 1536, e a instancias do papa Paulo III. E como o crime de heresia não era, pela mór parte das vezes, do numero d'aquelles, que se manifestam por actos exteriores, e materiaes, e principalmente quando elle procede de geração, que tantos mouros e judeus residiam nas Hespanhas, e que, perseguidos, mudavam de trajas e de nomes, e apresentavam-se christãos, e frequentadores dos templos, com o intuito de salvarem as vidas, e obterem descanso, succedia que sem a confissão dos accusados nada se podia conseguir provar contra elles; a infernal inquisição usou dos instrumentos de dôr, dos ferros de torturas, e atrozes tormentos, das solitarias prisões, aonde nem o ar, nem a claridade do dia, abriam entrada, e applicando-os com inaudita barbaridade, o Santo Officio pretendia obrigar as infelizes victimas a uma confissão do seu crime; que falsas confissões recebeu o tribunal, no meio dos horrorosos soffrimentos dos desgraçados!

E a inquisição andava por toda a parte: mesclava-se com o ar, que se respirava; entrava pe-

(*) Leonard Gallois — Histoire de l'Inquisition — Llorente, les Inquisitions en Europe — Dictionnaire de la Conversation, tome 33.

los escuros corredores das casas, que se habitava; fallava pela voz do criado, do amigo, da amante; dormia á cabeceira, — ouvia os soliloquios, — comprehendia os sonhos — a inquisição nas Hespanhas aceitava a denuncia do inimigo, o mais miseravel indicio, a presumpção a mais futil, a palavra a mais varia de sentido! — E quando o Santo Officio reunia muitos condemnados, levantava nas praças a fogueira voraz, e em espectaculo publico, fazia, no meio de pompa, e multidão de povo, queimarem-se alli as victimas, vestidas de longos escapularios de baeta amarella, borrifados de chammas ardentes; e dava a este espectaculo o nome de — autos de fé!

Portugal e Hespanha perderam mais de cinco milhões de pessoas nas fogueiras da inquisição! (*)

Antonio José da Silva comprehendeu sem duvida o destino infeliz que o esperava; o conde de Ericeira empregou esforços vãos para o salvar. Os processos da inquisição não eram publicos; nem-uma correspondencia de qualquer natureza havia entre os presos, e as pessoas livres: lançado no carcere, o infeliz podia dizer adeus ao mundo; só respiraria ainda ar, si tivesse de morrer nas fogueiras, por que então teria de seguir nos — autos de fé —, e findar seus dias em publico espectaculo.

Não tardou muito tempo o julgamento de An-

(*) Geddes — Account of the Inquisition in Portugal.

tonio José da Silva; como Thomaz Chatterton (*), André Chénier (**), Ricardo Savage (***), Nicolau Gilbert (****), ou Carlos Millevoye (*****), tinha de ser curta sua existencia terrestre; mas sua morte, em crueldade e injustiça, teria de exceder á morte de qualquer d'elles, por mais angustiada e barbara que fosse.

Antonio José da Silva figurou, e morreu queimado, no auto de fé de 18 de Outubro de 1739, na praça publica de Lisboa.

Conferindo-se as listas dos condemnados pelo Santo Officio, acha-se a seguinte declaração a seu respeito.

— « Antonio José da Silva, 34 annos, christão novo, advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e morador na de Lisboa; convicto, negativo e relapso: foi relaxado em carne. » —

(*) Thomaz Chatterton, nascido em Bristol em 1752, auctor de diversos poemas, que por algum tempo se attribuiram ao Monge Rowley, e muito estimados em Inglaterra, suicidou-se na idade de 17 annos.

(**) André Chénier, nascido em Constantinopla, distincto poeta francez, foi guilhotinado em 1794, em Pariz, durante a revolução franceza, na idade de 31 annos.

(***) Ricardo Savage, nascido em Londres em 1697, auctor dos poemas — *The Bastard* — e — *The Wanderer* — morreu na prisão de Bristol, em 1743.

(****) Nicolau Gilbert, poeta francez celebre, nascido em 1761, morreu de 29 annos no hospital — *Hotel Dieu* em Pariz, louco.

(*****) Carlos Millevoye, outro poeta francez, morreu em 1816 de 34 annos de idade.

§ 2.º

O theatro portuguez é anterior ao castelhano; Gil Vicente vindo ao mundo alguns vinte annos antes que se terminasse o seculo xv, dotado de engenho comico, de espirito sagaz, e de talentos poeticos, escreveu seus autos, e suas comedias, procurando seguir sua inspiração livre nos primeiros, e imitar o theatro de Plauto e de Terencio nas segundas: foi por isso mais feliz nos autos, que contém mais originalidade e bellezas maiores; seguiram-se Francisco Sá de Miranda, Antonio Prestes, Antonio Pereira, e Luiz de Camões; mas todas estas comedias eram mais ensaios de infancia, sem sufficiente interesse para deleitar e prender o espectador, sem os precisos elementos para o palco e scenario, do que verdadeiras comedias. O theatro castelhano, com quanto procedente do portuguez, subio mais alto, com Miguel Cervantes, com Lope de Vega, e com Pedro Calderon; sua gloria echoou por toda a parte, e os auctores dramaticos portuguezes ficaram esquecidos inteiramente.

Tal era o estado da litteratura dramatica portugueza, quando appareceram as comedias, ou operas de Antonio José da Silva.

Imitou elle algum auctor seu predecessor? — Estudou os modelos das outras litteraturas? Se

guio as regras, que os criticos estabeleceram desde Aristoteles e Quintiliano, até Boileau e Alexandre Pope?

Não se pôde negar, lendo as operas de Antonio José da Silva, que elle tem instrucção litteraria, conhecimentos da historia, e estudos das linguas latina e grega: impossivel é que nas suas relações com o conde D. Francisco de Eri-ceira lhe não fossem presentes as comedias mais regulares, que appresentavam então os theatros francez e italiano; em suas comedias porém preferiu livremente folgar e divertir-se.

Ninguem pôde duvidar que estas operas ou comedias contém peccados contra as regras classicas, que por algum tempo se tiveram como a ultima rasão da intelligencia humana; que ellas nem seguem as formulas severas de Terencio, e Plauto, e menos as regras inabalaveis de Molière, e dos seus contemporaneos francezes e seguidores italianos; que se differençam mesmo das composições de Gil Vicente, de Sá de Miranda, de Antonio Ferreira, e de Camões, predecessores na arte dramatica portugueza.

Mas haverão unicamente bellezas comicas nas comedias rigorosamente comprehendidas no circulo das formulas classicas, que se estabeleceram? — Em tal hypothese não contém bellezas Aristophanes; nada merecem Lope de Vega, e Cervantes Saavedra, e menos ainda o primeiro, o mais admiravel poeta dramatico, D. Pedro Calderon: que regras, que formulas seguiram estes poetas,

e mais o portentoso Shakespeare, que extasiou a côrte da Rainha Isabel de Inglaterra, e ainda electriza hoje os amantes da litteratura?

Antonio José da Silva escreveu para mais de doze comedias; todas em prosa, mas intermeiadas de versos, como as operas-comicas francezas; procurou objectos conhecidos, quer na historia antiga, quer na fabula, como as Aventúras de Esôpo, os Amores de Jupiter, e de Alcmene, e os Encantos de Medéa; inventou com estas bases um desenvolvimento sempre pittoresco, inesperado, engraçado, alegre; não se importou que nação representava, em que época viveram seus heroes, quaes os usos e costumes d'ella; para elle chamar-se Esôpo, D. Quichote, Medéa, Jupiter, Mercurio, ou Amphytrião, equivale á mesma cousa; está em Portugal, e os costumes, e os usos, e as vestes devem de ser portuguezas; o emprestimo nas suas comedias é o nome das personagens; tão espirituosas e interessantes seriam ellas assim designadas. como com os nomes de Fernando, Maria, Antonio, ou Pacheco; nem um mal soffreriam, si em vez de Creta, Grecia, ou Thebas, a scena se collocasse em Lisboa: o fundo, ou base de suas comedias, nada envolve ou affiança; é como que um titulo, que não representa o que é.

O desenvolvimento das aventuras, a posição das scenas, a collocação ou mudança das personagens, formam a verdadeira comedia de Antonio José da Silva: não vos importeis com o titulo

d'ellas, e nem chameis a historia em vosso apoio para acompanhar as personagens que tem nomes historicos.

De unidades classicas não usa Antonio José da Silva; o logar segue as scenas, muda com ellas, passa de uma a outra nação no mesmo acto; o tempo corre naturalmente, não se encerra nas estrictas vinte quatro horas, que tanto recommendam os rhetoricos: diante dos seus olhos appareciam o theatro castelhano e o theatro inglez, brilhantes de galas, resplandecentes de gloria, e cheios de bellezas; e por ventura Calderon, Shakespeare, e Lope prenderam sua imaginação no circulo das unidades?

Antonio José da Silva colloca na boca de suas personagens linguagem usual, commum, popular, clara, quando ellas representam o povo; todas as vezes que o poeta tem que pintar reys, soberanos, fidalgos, acha-se descolocado, sem natureza, usa de linguagem figurada, cheia de trocadilhos, e conceitos, ás mais das vezes ridiculos: conhece-se logo quando desenha livre e naturalmente, e quando descreve sem convicção; é um poeta do povo, como deve de ser o poeta comico; é um inspirador de Aristophanes, um irmão de Carlos Gozzi, um sectario de Molière, quando Molière escreve — Doentes Imaginarios — O povo folga, e ri-se com seu sarcastico espirito, com os faceiros ditos, que deslisam suas personagens, com as alegres situações, que sua comedia apresenta.

No desenvolvimento dos caracteres não se procure o typo historico do nome, que toma a personagem; indague-se antes, em Lisboa, no reynado de D. João V, no meio d'essa capital, que vive sómente dos navios, que chegam das colonias, carregados de oiro e prata, — no scio d'essa desmoralisação, que resultou do jugo hespanhol, da decadencia, — em que se vai escondendo Portugal: os caracteres das praças serão os das personagens da comedia; os criados de Lisboa serão os Sanchos, os Mercurios, os Esfuziotes, os Sacatrapos, que entram em todas as suas operas, e n'ellas representam grandes partes: os casquilhos da côrte são os namorados heróes, que cortejam a Medéa, a Alcmena, a Circe, e a Ariadne: as damas são bellas filhas de Tejo, que, sem duvida por divertimento, tomam nomes do polyteismo ou da historia antiga.

Convém accrescentar que todas as peças se assemelham; todas tem quasi que os mesmos amores, e quasi que as mesmas personagens; ainda que revestidos de differentes appellidos, e dizendo-se moradores em outros logares; ha um eterno criado espirituoso, vivo, velhaco, mas fiel a seu amo, mas contribuindo para felicidade d'elle; ha sempre uma criada, que entretem relações alegres com o criado, desenfada o espectador com sainetes graciosos, e ditos picantes; n'esta parte, as comedias de Antonio José da Silva assemelham-se ás tragedias de João Racine, de Pedro Corneille, e de Voltaire, nas quaes um

confidente conversa continuamente com o heróe, parecendo sem esta personagem não poder existir a tragedia; assemelham-se tambem ás comedias de Molière, de Regnard, e de Goldoni, em que um criado é parte essencial d'ellas, e sem o criado não podem desenvolver-se.

O que é diverso, variado, encantador nas comedias de Antonio José da Silva é o curso dos acontecimentos; seguem-se as scenas da maneira a mais engraçada e inesperada; os successos cahem em cima de espectadores, quando elles menos os esperam; as intrigas complicam-se, quando parecem dever acabar; e umas sobre outras, aventuras novas, ás vezes extravagantes, mas sempre causando riso, sempre patenteando verdadeiro e profundo talento comico, se soto-põem e se encadeiam.

É no desenvolvimento dos successos da comedia; é na invenção das aventuras; é no choque das paixões e das intrigas, que se serram, se ligam, se separam, se dissolvem, com a rapidez do raio, e a facilidade do vento; que o poeta espanta, electriza, arrasta, e vence os seus espectadores.

Qualquer comedia de Antonio José da Silva é uma estampa perfeita de espirito, graça e sal comico; o riso deve estar sempre nos labios; a curiosidade avivada continuamente; as scenas mudam, e o espectador guarda a memoria de seus passados prazeres, e fica sequioso de novos, com que já conta, pela precedencia, e que,

comquanto lhe tragam sempre delicias, quasi que lhe sahem de ordinario pelo avesso do resultado, que espera.

E quanta originalidade! Quantos ditos populares portuguezes, que, pela primeira vez viu o povo repetir-se, e que elle applaude sempre, porque é a sua imagem, que alli anda, é seu sangue que alli corre, é sua boca que alli falla, são suas praticas, suas phrases, suas palavras, que alli se dizem!—Porque é que Aristophanes fazia correr os Athenienses ás suas comedias informes, mas bellas e espirituosas?—Porque elles n'ellas se conheciam, como o povo de Portugal se vê retratado nas personagens das operas de Antonio José da Silva.

Lendo-as e examinando-as, ficámos perplexos sobre a preferencia; qual é a mais bella?—Todas se revestem das mesmas côres graciosas, das mesmas scenas engraçadas, das mesmas galas e enfeites!—O que ha de mais alegre do que os Encantos de Medéa, ou o Labyrintho de Creta, ou o precipicio de Phaetonte, ou os dois Amphitriões?—O que causa mais prazer, a vida de D. Quichote, a vida de Esôpo, ou as Guerras do Alecrim e da Mangerona?

Antonio José da Silva se não importava tambem que suas comedias moralisassem ou não o povo, corrigissem ou não seus defeitos; o que queria era divertir-se; o que ambicionava era inventar engraçadas aventuras, suspender a attenção publica, alegrar, fazer rir; não que a menor

immoralidade ressumbre em qualquer de suas comedias; não que uma só scena, uma só phrase, uma unica palavra offenda o caracter mais susceptivel, o ouvido o mais casto dos seus espectadores; todo o seu cuidado é guardar completa e perfeita decencia; todo o seu desejo é folgar, nunca satyrisar; n'esta parte ganha o poeta comico de valor, e realça de merecimento; mas acima de tudo colloca o poeta o seu gosto, espalha suas graças, derrama seu espirito, e suas facecias; e as graças, e o espirito, e as facecias são seus encantos e sua ambição.

Entretanto preferimos as — Guerras do Alecrim e da Mangerona, como a mais original, e a mais nacional de suas comedias, não como a que maior somma de bellezas contenha, ou graça mais subida e fina appresente; realça porém, porque o espectador está livre, ouve personagens com nomes portuguezes; assiste á scena em Lisboa; e tudo quanto vê e ouve, conhece, e entende; para melhor fazemo-la apreciar do leitor, dar-lhe-hemos folga de uma analyse, que a merece justamente.

§ 2.º

Dois cavalheiros portuguezes, de boa familia, e fina educação, trazem as algibeiras vasias, como fidalgos de tempera e costumes nobres: um D.

Fuas se chama; o outro tem nome de D. Gilvaz; o primeiro nem criado tem; mas ao segundo acompanha um Semicupio, esperto e vivo como azongue; é um dos typos de Antonio José da Silva este criado, typo, que se reproduz em todas as comedias; Walter Scott não tem sempre tambem um mordomo para os seus fidalgos Escossezes? Qual o auctor, que não tem uma ideia fixa, que á tudo, e em tudo appresenta, e amostra?

Os dous cavalheiros passeando encontram duas lindas moças, seguidas de uma criada; as moças cobrem-se de veus, mas atravez d'elles patenteam seus encantos; os cavalheiros procuram praticar com ellas, e obrigam-nas, por meio de finezas, a dar cada uma a um d'elles um ramo de alecrim uma, e a outra um ramo de mangerona. As moças partem, e os cavalheiros, depois de mil trabalhos, descobrem serem ellas sobrinhas de um Lanserote, velho avarento, que trouxera minas de oiro do Brazil, e que as guarda como fechados thesouros, occultos a todos os olhos: é quanto basta para inflammar-lhes o amor; cada um procura vêr e fallar á sua bella, provar-lhe maior paixão; d'ahi resultam as guerras do Alecrim e da Mangerona.

D. Gilvaz tem o seu criado, serve-se d'elle, emprega-o; D. Fuas indaga, e encontra uma velha interesseira da casa, que lhe leva as correspondencias, e alimenta o amor dos dois namorados. É impossivel acompanhar, e menos

descrever os meios engraçados, pelos quaes conseguem os dous amantes introduzir-se em casa de D. Lanserote, a quem tinha chegado um sobrinho de Traz-os-Montes para cazar-se com uma das moças, que elle escolhesse, devendo a outra entrar para o convento. O peor é que D. Fuas e D. Gilvaz estão dentro da casa, a escada, por onde subiram, cahira, não acham meios para sahir, pois que a chave da porta guarda-a o dono, e é o proprio a abrir, e o dia está a raiar: a creada, as moças, a velha, os fidalgos, tudo está a tremer, e o velho ahi accorda, e vem. Salva-os o engenho de Semicupio, que percebendo o angustiado transe, grita — fogo — das ruas, arromba com gallegos a porta de D. Lanserote, com o pretexto de que em casa está o incendio, e apresenta-se ao velho attonito, introduzindo-lhe de repente tanta gente em casa, que com ellas se misturam D. Fuas e D. Gilvaz, que assim parecem ter vindo tambem em soccorro da casa.

Estas peripecias rematam admiravelmente um acto; verdade é que são perfeitamente desenvolvidas; a pintura é completa; os caracteres obram todos na esphera de suas qualidades; o espectador applaude a todas as personagens, por que todas satisfazem, todas cumprem seu dever; e sendo bem representada e comprehendida esta comedia, é impossivel que não produza effeito extraordinario.

Os dois enamorados encontram ainda outra

ocasião, e ocasião menos perigosa, para verem as moças: D. Tiburcio, que ainda não escolheu noiva, adocece; chama-se um medico, e apparecem tres; são D. Fuas, D. Gilvaz, e Semicupio; é uma scena igual em graça ás melhores de Molière; o criado parece o mais erudito, por isso que mais loquaz; o doente é quem soffre com os remedios, que lhe receitam. Seguem-se novos empenhos de voltarem á casa de D. Lanserote; combinam por fim encontrar-se no jardim, e ahi tratarem os amantes dos meios de levarem a effeito seus designios de casamento: Semicupio é o primeiro, que chega ao jardim, e é preso por D. Lanserote, que o fecha em uma capoeira de gallinhas, e vai chamar o alcaide; a criada salva Semicupio, e em seu logar introduz a D. Tiburcio, que a requesta, por que diz que quanto existe na casa de seu tio lhe faz conta: emquanto a justiça prende o infeliz sobrinho, e se lamenta D. Lanserote, os amantes aproveitam seu tempo; por fim, por tal sorte intrigado fica D. Tiburcio com seu tio, que o velho avarento o abandona, e os dous fidalgos chegam ao céu ou ao seu dinheiro, casando-se com as duas moças.

Uma comedia cumpre, para ser bem comprehendida, e devidamente apreciada, representar-se, no meio das luzes, sobre o palco, através da optica, e com as illusões do scenario; com a leitura perde, e muito; e que valor se lhe pôde dar, por effeito apenas de sua analyse ainda que succinta e minuciosa? — A belleza está no enredo,

no lance das aventuras, e tambem no espirituoso do dialogo, na viveza da pratica, na graça das palavras; são atavios necessarios, que enfeitam e embellesam; e todos estes atavios, todos estes necessarios elementos para agradar, alegrar, e interessar, tem a bella comedia das — Guerras do Alecrim e da Mangerona.

E não ella só mereceria as honras da analyse, da leitura e da representação; a gloria, que adquiriu Antonio José da Silva dos seus contemporaneos, tem de vingar, firmar-se, e mais solidificar-se, á proporção que forem decorrendo os annos, e que se vão formulando os julgamentos dos posteros; antes d'elle, si bem que na lingua portugueza comedias haviam, que a litteratura guardava com cuidado, a ellas faltava o interesse, faltava a animação, faltavam o espirito, e os usos e costumes nacionaes, para enthusiasmar o povo na sua representação; as comedias de Antonio José da Silva foram paineis da sociedade, em que elle vivia, animados de fina graça, de espirituosos lances, e de alegres e variadas scenas; e não são precisos muito engenho poetico, muito talento comico, para conseguir estes resultados? Para reunir o complexo de todos os quisitos, que formam uma bella comedia, e comedia toda verdadeira, toda nacional, toda engraçada, não se tornam necessarias muito subidas qualidades?

E posteriormente a Antonio José da Silva, qual o poeta comico, que tem sido tão estimado do publico portuguez? Ainda a musa tragica

inspirou a um ou outro poeta portuguez, e lhe arrançou da lyra suaves sons e bellas harmonias; mas a musa comica tem sido escassa em Portugal; não abre seus thesouros com facilidade; um auctor unico appareceu, depois de Antonio José da Silva, que compoz duas comedias, que encerram algumas bellezas; foi Pedro Antonio Correia Garção; por ventura porém o — Theatro Novo — e a Assembléa ou partida — são para se comparar como comedias com as — Guerras do Alecrim e da Mangerona? — Uma monotona e pallida intriga fórma a base de qualquer das duas comedias de Correia Garção; as situações não são comicas; não ha interesse constante, regular, successivo; e por que repetem-se bons versos, dizem-se pensamentos elevados, e mais ou menos ressumbra pelas scenas faccira poesia, segue-se que são taes composições verdadeiras e boas comedias? Quão longe estão d'aquelle talento especial, d'aquellas côres luxuriosas de graça, e espirito, d'aquelle circulo, ou serie de scenas, que se reúnem, se agglomeram, se dissolvem, e se ligam, d'aquella curiosidade, que o espectador sente, quando presencía a marcha dos acontecimentos, a complicação dos successos, os riscos e perigos das personagens, a quem ama, segue, e — accompanha com todo o interesse, — circumstancias todas estas precisas infallivelmente em uma comedia, e que em gráu eminente possuíam as operas de Antonio José da Silva!

E que perda para a litteratura a morte cruel

d'este poeta, no fogo do talento, na flôr da idade? — Quando, tantas comedias admiraveis já compuzera, quando fiados n'ellas Portugal e o Brazil tinham mais direito e estavam mais garantidos, para exigirem que no futuro enriquecesse elle o seu theatro, e lhe dêsse o renome e gloria de um theatro nacional, o terrivel tribunal do Sancto Officio rouba existencia tão preciosa, corta os fios d'oiro de vida tão cheia de esperanças, tão prehe de futuro, e cobre o theatro de um lucto, que ainda até hoje reveste!

Apezar porém dos defeitos, que notam os criticos, nas suas composições dramaticas, foi Antonio José da Silva considerado com razão o — Plauto portuguez —, e o será, enquanto rival não appareça, na lingua portugueza, que lhe roube a palma e a gloria.

X

GREGORIO DE MATTOS.

§ 1.º

Governava a Bahia o pacifico Conde de Miranda, successor de D. Francisco de Moura Rollim (*), quando a 7 de Abril de 1633 nasceu, de honrada ascendencia, o poeta Gregorio de Mattos.

Recebeu excellente educação; as escholas dos Jesuitas possuíam talentos elevados, e solidos engenhos: n'ellas cursava e estudava a flôr da mocidade do Brazil, que ambicionava beber instrucção, e adquirir conhecimentos: foram companheiros nas aulas primarias Gregorio de Mattos, Gonsalo Soares da Franca (**), Domingos Barbo-

(*) D. Francisco de Moura Rollim nasceu em Olinda em 1580; foi general illustre, distincto administrador, e guerreiro provado em todas as guerras contemporaneas, quer em Flandres, quer na India, e quer no Brazil contra os Hollandezes; foi governador geral do Brazil, e obteve nome glorioso em seu paiz, e fóra d'elle: falleceu em 1657, senhor da Ilha Graciosa, e coberto de honras.

(**) Gonsalo Soares da Franca nasceu na Bahia em 1632; foi poeta illustre, e compôz, além de outras cousas, um poema heroico sobre o descobrimento do Brazil, na lingua latina.

za (*), Manuel Botelho de Oliveira (**), Martinho de Mesquita (***), Salvador de Mesquita (****), e Gonsalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque (*****), jovens engenhos Brasileiros, que começavam sua carreira litteraria, e já no limiar dos estudos solfejavam canticos agoiradores de porvir brilhante.

Na idade de quatorze annos foi Gregorio de

(*) Domingos Barboza nasceu na Bahia em 1632, foi Jesuita, e lente de theologia: representou como Procurador Geral a Companhia de Jesus em Roma; escreveu em versos latinos a vida de Jesus Christo; falleceu na Bahia em 1685.

(**) Manuel Botelho de Oliveira nasceu em 1639 na Bahia; estudou em Coimbra, e formou-se em leis; foi advogado e capitão mór na Bahia, litterato illustre, e poeta de merecimento; publicou em 1705 em Lisboa a — Musica do Parnaso —, ou Collecção de varias poesias em quatro linguas, portugueza, hespanhola, latina, e italiana; morreu em 1711.

(***) Martinho de Mesquita nasceu em 1633 no Rio de Janeiro, estudou com os Jesuitas na Bahia; foi depois para Roma, aonde cursou as aulas do collegio da Sapiencia, e doutourou-se em theologia; em Roma foi secretario do cardeal Barberini, lá viveu e morreu; deixou diversas obras sobre religião, e muitas poesias latinas.

(****) Salvador de Mesquita nasceu em 1636 no Rio de Janeiro, irmão do antecedente; com o qual estudou, viajou, e doutourou-se em Roma em canones; foi poeta latino muito estimado na Italia e em Portugal; publicou diversas obras, entre ellas um drama latino — *Sacrificium Jeptæ*. — Falleceu em 1690, deixando muitos manuscriptos, e as tragedias — *Demetrius* — *Perseus* — *Prusias Bithinia*, &c.

(*****) Gonsalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque nasceu na Bahia em 1639, filho do poeta Bernardo Vieira Ravasco, tambem Bahiano, sobrinho do celebre prégador Jesuita Antonio Vieira, alcaide mór de Cabo Frio, secretario d estado e guerra, e commendador de Christo: Gonsalo Ravasco foi poeta illustre, e deixou tres autos sacramentaes; morreu em 1725.

Mattos mandado para Coimbra a seguir os estudos superiores.

Acabava Portugal de sacudir o jugo hespanhol; a aclamação de D. João IV deu ao throno um rey Portuguez, e á nação uma dynastia nobre e illustrada; a victoria coroára os heroicos esforços dos defensores da independencia lusitana; os Hespanhões foram por toda a parte derrotados; e nas colonias, que pela Africa, Asia, e America demoravam, e aonde a lingua portugueza não fôra esquecida e trocada pela castelhana, reproduziu-se movimento unisono; e á uma voz, e sem emprego de grandes meios, a bandeira portugueza de novo desdobrou-se sobre as torres, e as fortalezas, e de novo sorriu ao murmurio dos ventos.

Gregorio de Mattos começou, na universidade, a dar provas do seu engenho poetico: mas a poesia para elle não appresentava em delicados quadros scenas sublimadas;—para elle não era a poesia de côres celestes, de fôrma angelica, toda de imaginação e de sentimento;—para elle não murmuravam os rios, não descantavam os pastores, não sonhava a natureza, e não meneiavam as arvores;—para elle as flôres não tinham aroma, os campos se não matisavam de verdura, e o vento são soía ser mensageiro de amores;—para elle não faceiravam as brandas auras, e nem as creações da terra elevavam seus hymnos de louvor, de entusiasmo, e de gratidão para aquelle Eterno Ser. que as havia produzido;—para elle não tinha asas o engenho, vozes sonoras a religião, écho

eterno e immortal o espirito divino: — a poesia para elle era sim a terrivel Nemesis armada de instrumentos de castigo, e açoitando a todos, que com desagrado avistavam seus olhos, ou a quem queria applicar o fogo de sua raiva, ou de seus caprichos: não via no Céu estrellas, nos homens bondade, na natureza magnificencia; só o que era máu lhe convinha, lhe fallava, lhe merecia attenção; e quando mal não houvesse, a imaginação lhe servia então para phantasia-lo.

Gregorio de Mattos folgava de encontrar defeitos nos homens ou nas cousas, de censura-los, e exagera-los; alegria viva, burlesca, e facciosa, salpicava todas as suas composições; o espirito, mas o espirito de mal, que sómente anhella reprovar, e que nunca encontra elogios, esse espirito era que o dominava em todas as suas obras; versos, ás vezes perfectos, mas distillando sempre fel, mas pintando sempre scenas risiveis e ridiculas do mundo, eram os que produzia sua musa.

A reputação, que lhe creou seu engenho, achase perfectamente estabelecida em uma carta, que o desembargador Belchior da Cunha Brochado, seu contemporaneo, dirigiu a um amigo de Lisboa: — « Anda aqui um Brasileiro, tão refinado na satyra que, com suas imagens, e seus tropos, parece que baila Momio as cançonetas de Appollo. »

Apenas tomou o gráu de bacharel em leis, deixou Coimbra, dirigiu-se a Lisboa, e ahi estabeleceu-se no emprego de advogado. Serviu tão bem,

e por alguns annos, os logares de juiz do crime de um bairro da cidade, e de juiz de orphãos e ausentes da comarca, que o celebre jurisconsulto Pegas, nas suas notas ás Ordenações do Reyno, cita suas sentenças como modelos de sciencia, e de talentos juridicos.

No emtanto, D. Affonso VI, em 1656, succedêra a seu pai El-Rey D. João IV: a somma de injustiças praticadas, um governo de ignorancia e de validismo, uma reunião de individuos sem titulo ou importancia, que dominava o animo d'El-Rey, a perda de todas as esperanças enfim de melhoramento com um monarcha impassivel, mudavel, e ao mesmo tempo de pessimo character, levaram o infante D. Pedro, a nobreza, e o povo, a conjurarem a quêda do soberano: Gregorio de Mattos abriu relações com o infante, ligou-se a seus projectos, e animou-o na empresa. O infante venceu; El-Rey deixou o palacio por uma prisão, e D. Pedro recebeu o titulo de regente de Portugal.

O regente mostrou-se sempre amigo de Gregorio de Mattos: prometteu-lhe logar na Casa da Supplicação, apenas apparecesse a primeira vaga: exigiu no entretanto d'elle, que fosse em commissão ao Rio de Janeiro devassar dos actos do governo de Salvador Correia de Sá e Benavides, que em 1661 largára a sua administração, e se recolhera a Lisboa.

Si bem que era uso e práxe de então mandar-se syndicar dos actos de um governador, apenas findava seu tempo, conheceu todavia Gregorio

de Mattos quantos desejos existiam no coração do Principe Regente, e dos seus ministros, de encontrar quaesquer motivos, para dirigirem perseguições a Salvador Correia de Sá e Benavides: não se ligára este illustre general (*) ao partido triumphante; antes acompanhára o infeliz Affonso VI, e se lhe conservara fiel, emquanto se arrastava nos carceres a existencia desgraçada do monarcha.

Ainda que Gregorio de Mattos seguira opposta vereda de Salvador Correia de Sá e Benavides, sabia contudo fazer justiça ás suas grandes qualidades, e a seus leaes e prestimosos serviços, quer ao Brazil, quer a Portugal: havia no coração de Gregorio de Mattos um fundo de bondade, que lhe não permittia fazer mal a pessoa alguma, embora seu espirito, e sua musa promptos estivessem sempre para censurar e ridicularisar cousas e homens: e já bem alto haviam chegado as perseguições do governo contra Salvador Correia de Sá e Benavides, encerrado em uma prisão, haviam já annos, e sem ainda se lhe haver formado processo!

O Principe mostrou-se descontente com a recusa de Gregorio de Mattos; suas relações findáram; seus serviços cahiram no olvido: Gregorio de Mattos perdeu então as esperanças, que nutrira, e cujo resultado lhe fora affiançado;

(*) Salvador Correia de Sá e Benavides, da celebre e illustre familia dos Sás, nascêra no Rio de Janeiro, em 1594.

deliberou-se a abandonar Lisboa, a cõrte, e Portugal, e a recolher-se á sua patria: poz emfim pé na Bahia, no anno de 1679, depois de uma auzencia de 35 annos.

Governava a Bahia o capitão general Roque da Costa Barreto, que recebeu a Gregorio de Mattos com todas as provas de distincção: querendo provar-lhe sua estima, obteve do primeiro arcebispo da Bahia, D. Gaspar Barata de Mendonça, que tomando posse por procuração em 1677, se conservava em Portugal, por causa de suas molestias, que nomeasse a Gregorio de Mattos thesoureiro mór da Sé, e vigario geral: ambos estes logares elle occupou e serviu, enquanto a mitra archiepiscopal ornava a fronte de D. Gaspar Barata de Mendonça; obrigado porém o arcebispo a renunciar um cargo, que só por delegados exercia, em 1683 foi nomeado, e tomou posse o seu successor D. João da Madre de Deus: Gregorio de Mattos exonerou-se então d'estes cargos, por trajar habito secular, e recusar ás instancias do segundo arcebispo, tomar ordens sacras; julgou mais proprio e honroso para sua posição, e mais conveniente e appropriado a seus estudos, dedicar-se á vida de advogado.

O poeta satyrico se não esqueceu de empregar suas armas na feitura dos arrasoados e dos libellos; as partes se encommodavam com os epigrammas; os juizes consideravam-se offendidos pela critica mordaz, e violentos sarcasmos, que empregava o advogado; os escrivães, procura-

dores, e toda a gente do fôro guardavam-lhe má vontade, por que a ninguém poupava, e pessoas, e defeitos e obras, tudo exagerava, tudo ridicularisava.

Sua fama voou entretanto por toda a parte; o clero, o cabido, o governo, tudo d'elle se arreceiava, porque os epigrammas continuados, as furiosas satyras, corriam de mão em mão, repetiam-se em todas as bocas, eram sabidas em todas as casas: dos governadores, á fôra o seu protector Roque da Costa Barretto, que em 1682 se retirou para Portugal deixando a publica administração a Antonio de Souza Menezes, conhecido pelo nome de — braço de prata —, com que substituiu o natural, que perdêra nas guerras de Pernambuco, e que na Bahia encontrára a morte nas mãos de um assassino, nem o marquez das Minas, successor de Antonio de Souza Menezes, nem D. Mathias da Cunha, que substituiu ao marquez das Minas, e nem Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho, que tomára posse em 1690, escaparam ás settas ferinas do seu espirito.

Ainda mais se patenteou a furia de seus sarcasmos com sua propria mulher, uma bella viuva, que elle desposára em 1684; que lhe importava denunciar defeitos, escandalisar caracteres, offender susceptibilidades, comtanto que seu genio se espriaiasse livremente, e uma satyra bella resvalasse da inspiração maligna! — Sua mulher foi por elle motejada em versos, como o

eram as principaes personagens da Bahia; não lhe valeu o privilegio de esposa! Anedoctas contam os chronistas as mais extravagantes, e que affirmam ter-se passado na sua vida domestica, vida incomprehensivel sem duvida, e sobre a qual releva, como mais prudente, abaixar esse véo.

Por fim, o numero de seus inimigos foi tão crescido, o governador Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho se mostrava tão exasperado contra suas satyras, que Gregorio de Mattos tomou a deliberação de deixar a cidade, e de retirar-se para uma das villas do reconcavo, até que em 1694 tomando conta do governo D. João de Alencastre, voltou de novo Gregorio de Mattos para a Bahia.

Si preferisse abandonar a veia poetica, que o arrastava, e que tantos inimigos lhe attrahia, com a estima, que por seus talentos lhe patenteou D. João de Alencastre, e sendo, como já era, bastante para sua gloria a copia de admiraveis obras, que produzira, risonha lhe seria de certo a vida pelo saldo, que lhe restava, tendo-lhe já decorrido mais de sessenta Janceiros: podia porém elle reter as redeas do seu engenho? — Estava em suas mãos ordenar-lhe que parasse na precipitada, e imprudente carreira? — Bastava sua vontade para lhe impôr silencio?

O certo é que se não emendou, e então desgraça maior o perseguiu no termo da sua existencia, nos paroxismos quasi da sua vida: D. João

de Alencastre mandou-o prender, embarcar em um navio, e remetter para Angola.

Felizmente que em Angola governava Pedro Jacques de Magalhães, que, no fim de alguns mezes de residencia, condoído da sua misera sorte, entusiasmado por seus elevados talentos, e obrigado mesmo por alguns serviços, que Gregorio de Mattos lhe prestára, permittiu-lhe que voltasse para sua patria, em um navio que seguia para Pernambuco.

A capitania de Pernambuco acabava de sahir da administração do marquez de Monte Bello, substituido por Caetano de Mello e Castro: Gregorio de Mattos alli desembarcou, velho, quebrado do corpo, mortificado do espirito, na mais extrema penuria e miseria, esmolando para poder sustentar-se!

O governador o conhecêra rico, poderoso, respeitado em Lisboa; e o destino o precipitára de tão alto, para o collocar ao pé dos mendigos! Caetano de Mello e Castro fê-lo recolher a uma casa de caridade, e deu-lhe uma pensão pecuniaria para subsistir.

Tarde porém já era! A vida como que se lhe tinha evaporado n'esse exilio, que, na idade sexagenaria, o arrancou precipitadamente dos braços da familia, e dos lares saudaveis e saudosos da patria, para o atirar nas ressicadas areias, e pestilentas plagas africanas; poucos mezes se lhe conservou a existencia em Pernambuco; no mesmo anno de 1696 expirou, e foi enterrado no

hospício de Nossa Senhora da Penha dos Capu-
xinhos francezes.

§ 2.º

Dante Alighieri dividia toda a poesia em dous campos — o da tragedia — e o da comedia: a questão de forma nem um valor tinha na predita divisão; cantico, dialogo, descripção, não são mais que formas exteriores; o campo tragico não era sómente o genero litterario, appellidado geralmente drama; o campo comico nada de commum tinha com o theatro: Dante considerava todas as composições, não como especies litterarias, sim como obras philosophicas, e sob pontos de vista philosophicos devendo ser unicamente encaradas: — « ha duas forças na sociedade — dizia elle — o enthusiasmo e a zombaria; tudo o que idealisa e prevê, é — tragedia; tudo o que censura, açoita —, e castiga —, é — comedia. — »

A aceitar-se este principio, Gregorio de Mattos é poeta comico; mas como ha ainda discriminações em especies, a Gregorio de Mattos cabe melhor o titulo de satyrico: como ainda, e tambem muitas e distinctas classes ha de poetas satyricos, o nome que mais appropriatedamente lhe cabe, é o de popular.

Que modificações, ou antes especies não tem

tido a satyra? Aristophanes misturava com o pó a imagem do proprio Jupiter, e foi o satyrico mais popular da Grecia; Ennio, Nevio, Pacuvio, Marcial e Lucilio escreveram satyras em estylo baixo e grotesco, e em linguagem ás vezes obscena; Horacio Flacco aperfeçoou, e idealisou a satyra; homem de gosto aristocratico, e puro, ao passo que primou na critica fina, assisada e espi-rituosa dos costumes do seu tempo, elevou a satyra á dicção digna e bella das mais sublimadas poesias. Juvenal, e Persio, mergulhavam em fel sua inspiração, e requeimavam desesperados os crimes, que censuravam: mas conservavam estylo nobre e altivo. Apuleo creou outro genero, com semelhanças de historia ou chronica de cousas ridiculas: mas que tambem é satyra.

A satyra, na media idade, reproduz, como em perfeito espelho, o character, e a imagem da época; e não foi unicamente satyra a poesia, tornou-se satyra a architectura e a pintura; esta nas medonhas caricaturas, que espalhava por entre o povo; e a architectura nos relevos, com que adornava as casas e as igrejas, nas retorcidas figuras, e diabolicos quadros, que folgava de cravar na pedra ou no páu, que lhe servia de tela: a poesia appresentava versos extravagantes e maliciosos, dialogos e autos grotescos, que nem pouparam o governo despotico, nem o feudal, e menos o sacerdotal.

Dante Alighieri foi poeta satyrico: a — Divina Comedia — é uma satyra perfeita; mas que gran-

deza de genio, que ao lado da critica collocou a maior sublimidade lyrica, e a mais deliciosa poesia sentimental, que se pôde imaginar! Essa é que é satyra inimitavel: discipulos mais ou menos aperfeiçoados de Horacio são Pope, Boileau, Diniz da Cruz, Regnier, Voltaire, Nicoláu Tolentino e Francisco Berni; de Aristophanes são Carlos Gozzi, Molière, Antonio José da Silva, Dryden e Gil Vicente; de Apuleo, e superior ao mestre, é Miguel Cervantes Saavedra; e apoz Rabelais, Butley, Swift e Lesage; todas estas differentes especies de satyras mais ou menos foram usadas na época moderna: mas quem ousou imitar a Dante Alighieri?

Gregorio de Mattos pertence á classe, especie, ou eschola de Lucilio e Martial, que os Trouveros, os Guyots, e outros poetas da media idade imitaram: seu estylo é popular; suas phrases na linguagem vulgar, e ás vezes obscena; suas imagens, sempre exageradas; seus pensamentos taes, que o leitor conhece-os logo em toda a extensão de sua enormidade; para elle não ha objecto nobre, elevado, sancto; tudo pôde ser motejado, tudo merece o ridiculo: seus desenhos são verdadeiras caricaturas, — das mais horrendas, e mais monstruosas, porém que denunciam, através das ridiculas côres, com que se ataviam, o objecto, que tenta pintar o poeta; seus versos porém são cadentes e sonoros, sua metrificacão bella e perfeita.

Satyras escreveu Gregorio de Mattos, que se

não podem ler, tanta é a copia de obscenidades, que elle n'ellas espargue com profusa mão; outras porém ha, que lhe tem sobrevivido, que tem conservado seu nome e sua memoria, e que sem duvida, ainda, aos futuros seculos levarãõ sua lembrança, e seu engenhoso talento: apparecem mesmo algumas de estylo agradavel, e parecendo excepção no meio de suas outras composições.

Não merece especial menção, e não é digna a todos os respeitoos de nossa admiração, a satyra aos namorados?

— « O namorado todo almíscarado

Já de amor obrigado,

Faz á dama um poema em um bilhete,

Covarde o faz, e tímido o remette:

Si lhe responde branda, alegre o gosta,

E si tyranna, estima-lhe a resposta.

Vai n'outro dia passeiar a dama,

Por quem se inflamma,

E sendo o intento ver a dama bella,

Passa-lhe a rua, não lhe vê a janella,

Que está prínceiro, em um galã composto,

O credito da dama, que o seu gosto.

Depois de muitos annos de suspiros,

De desdens e retiros,

Despresos, desapegos, desenganos,

Constancia de Jacob, serviços de annos,

Fazem com que da dama idolatrada

Lhe vem recado, em que lhe dá entrada.

Com tal recado alvoraçado o moço,

Quer morrer de alvoroço:

Entregue todo a um subito desvello,

Enfeita a cara, penteando o pêllo ;
Galá em cheiros, em vestir flammante,
Parece um cravo de Arochella andante.

Á rua sáe, e junto ao aposento
Do adorado portento,
Onde cuidou gozar da dama bella,
Se lhe manda fazer pé de janella ;
Accita elle, e, livre de desmaio,
De amorosos conceitos faz ensaio.

Querido idolo meu, anjo adorado,
— Lhe diz, com voz turbada —
Si para um longo amor é curta a vida,
Meu amor vos escusa de homicida ;
De que serve matar-me rigorosa
Que tantas settas tira de formosa ?

Dai-me essa bella mão, nympha prestante,
E n'esse rutilante
Oiro em madeixas de cabello undoso,
Prendei o vosso escravo, o vosso esposo :
Não peço muito, mas si muito peço,
Amor, minha Senhora, é todo excesso.

É modo amor, que nunca teve modo ?
Amor é excesso todo ;
E n'essa mão de neve transparente,
Pouco pede quem ama firmemente,
Dai-ma por mais fineza, que os favores
São leite, e alimento dos amores. —

Responde-lhe ella, com um brando sorriso,
E no mesmo improviso —
— Ai! — lhe diz — que accordou meu pai agora !
Amanhã nos iremos, ide embora ! —
Fecha a janella, e o moço mudo e quedo,
Fica sobre um penedo outro penedo ! —

Compare-se o estylo corrente e facciro d'esta satyra com o da que Gregorio de Mattos dirigia a Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho, e que o poeta appellidou retrato d'este governador.

— « Vá de retrato
 Por consoantes,
 Que eu vou timantes
 De um nariz de tucano, cõr de pato,

Pelo cabello
 Começa a obra,
 Que o tempo sobra
 Para pintar a giba do camello.

Causa-me engulho
 O pêllo untado,
 Que de molhado
 Parece que sãe sempre de mergulho.

Não pinto as faltas
 Dos olhos baixos,
 Que versos baixos
 Nunca ferem senão em cousas altas.

Mas a fachada
 Da sobranceilha
 Se me assemelha
 A uma negra vassoira esparramada.

Nariz de embóno
 Com tal saecada,
 Que entra na escada
 Duas horas primeiro que seu dono.

Nariz, que falla
 Longe do rosto

Pois na Sé posto
Na praça manda pôr a guarda em ala.

Membros de olphato,
Mas tão quadrado,
Que nm rey coroado
O pôde ter por copa de cem pratos.

Tão temerario
É o tal nariz
Que por um triz
Não ficou cantureira de um armario.

Vossê perdoe
Nariz nefando,
Que eu vou cortando,
E ainda fica nariz, em que se assóe.

Ao pé da altura
Do náso outeiro
Tem o sendeiro,
O que, boca nasceu, e é rasgadura.

Na gargantona,
Membro do gosto,
Está composto
O orgão mui subtil da voz fanhosa.

Vamos á giba...
Porém que intento?
Si eu não sou vento
Para poder subir lá tanto á riba?

Sempre eu insisto
Que no horisonte
D'esse alto monte
Foi tentar o diabo a Jesu Christo.

Chamam-me autores
 Dorsum burlesco,
 Por fallar fresco,
 No qual fabricaverunt peccatores.

Havendo apostas
 Si é gente ou fera,
 Si assentou que era
 Um caracol, que traz a casa ás costas.

De grande arriba
 Tanto se entona,
 Que já blasona,
 Que engeitou ser canastra por ser giba.

O' pico alçado,
 Quem lá subira,
 Para que vira
 Si é Ethna abrasador, si Alpe nevado!

Dos Sanctos Passos
 Na bruta cinta
 Uma cruz piuta;
 A espada é o pé da cruz, e elle os braços.

Vamos voltando
 Á dianteira,
 Que na trazeira
 Vejo o assento agoitado por nefando.

Si bem se infero
 Outro fracaso,
 Que em tal caso,
 Não se agoita quem toma o miserere.

Pois que seria
 Que eu vi vergões?
 Serão chupões,
 Que o bruxo do muxaço lhe daria?

Seguem-se as pernas,
 Sigam-se embora,
 Porque eu, por ora,
 Não me quero embarcar em taes cavernas.

Si bem assento
 Nos meus miolos,
 Que são dous rolos
 De tabaco já padre e fedorento.

Os pés são figas
 A' mor grandeza,
 Por cuja empreza
 Tomaram tanto pé, tantas catingas.

Velha coitada,
 Cuja figura
 Na architectura
 Da pôpa da náu nova está entalhada.

Boa viagem,
 Senhor Tucano,
 Que para o anno
 Vos espera a Bahia entre a bagagem. » —

Ninguem deixa de reconhecer n'esta satyra a mais extravagante exaggeração, e a pintura mais caricaturada que é possível; mas quanta originalidade se nota n'ella? Quanto talento alli se espalha?

A satyra aos costumes da Bahia tem tambem pinturas delicadas, e versos elegantes; cada um dos costumes é pintado separadamente, e sempre com graça e critica:

— « De quem, com secretas letras,
 Tudo o que alcança é por tretas,

Bascolejando sem pejo,
 Por matar o seu desejo,
 Desde a manhã até a tarde,
 Deus me guarde!

Quem passeia tão farfante,
 Todo preso de amante,
 Por fóra luvas, botões,
 Insignias, armas, galões,
 Por dentro pão bulorento,
 Anjo bento!

D'estes beatos fingidos,
 Cabisbaixos, encolhidos,
 Por dentro fataes maganos,
 Sendo na cara uns Janos,
 Fazem dos vícios alarde,
 Deus me guarde! —

A que se intitula — *Marinícolas* —, em versos decasyllabos inteiros e quebrados, e que ignoramos a quem applicára, encerra algumas bellezas dignas de estimação; ha strophes delicadas, e sarcasticas, que muito delectam e agradam, como por exemplo:

— « *Marinícolas* todos os dias
 O vejo na sege
 Passar por aqui,
 Cavalheiro de tão lindas partes,
 Como, verbi gratia,
 Londres e Pariz.

Mais fidalgo, que as mesmas estrellas,
 Que as doze do dia
 Viu sempre luzir,

Que seu pai, por não sei que desastre,
Tudo o que comia,
Vinha pelo giz.

Avistando este novo hemispherio
Collou pela barra
Em um bergantim;
Poz em terra os maiores joanetes
Que viram meus olhos,
Desde que nasci.

Pretendendo com recanauilhas
Roubar as guaritas
De um salto subtil,
Embolsava com alma de gato
A risco de sape
Dinheiro de mez.

Entre gabos o triste idiota
Tão pago se mostra
De seus gorjotiz,
Que nascendo sendeiro de gemma,
Quer á fina força
Metter-se a rociim :

Deu agora em famoso arbitrista,
E quer por arbitrios
O triste malsim,
Que o vejamos subir á excellencia,
Como diz que vimos
Montalyáo subir.

Sempre foi de moeda privado;
Mas vendo-se agora
Senhor e juiz,
Condeinuando em portaes a moeda
Abriu a unbudas
Portos para si.

Muito mais lhe rendeu cada palmo
 D'aquella portada,
 Que dous Potossi.

Muito mais lhe valeu cada pedra,
 Que vale um oclávo
 De Valhadolid.

Marinicolás é finalmente
 Sujeito de prendas
 De tanto matiz,
 Que está hoje batendo moeda,
 Sendo ainda hontem
 Um villão ruim. » —

Muitas e variadas satyras escreveu ainda, algumas de primorosa graça, outras de linguagem obscena e cynica, e que a moral, e os bons costumes reprovam; todas porém alegres, espi-rituosas e elegantes; todas revelando o seu bello estro, e o seu talento admiravel; umas improvisadas repentinamente, que foi tambem grande improvisador; outras de trabalho, de raciocinio, de pausa: foi Gregorio de Mattos poeta de veia inexgotavel para pintar e exagerar defeitos, e mesmo para phantasia-los; a musa maligna lhe offerencia sempre appropriadas côres, quer para suas caricaturas pessoases, quer para os quadros mais largos, e vastos, que desenhou; o seu pincel foi de fel, o seu estro de continua ironia, as suas imagens sempre motejos, e as suas obras painel admiravel de vicios ridiculos, e de risiveis caricaturas.

XI

JOSÉ DE SANTA RITTA DURÃO.

§ 1.º

Na distancia de quatro leguas da cidade episcopal de Marianna, e pertencente ao seu mesmo municipio, está situada a freguezia do Inficionado; é o lugar, em que, no anno de 1737, nasceu José de Sancta Ritta Durão, sendo seus ascendentes honestos, e abastados mineiros.

Passou sua infancia no Rio de Janeiro, aonde cursou as aulas primarias e secundarias da Companhia de Jesus: apenas completou seus estudos preparatorios, seguiu para Portugal. Na universidade de Coimbra tomou o grau de doutor em theologia.

No anno de 1758, conhecendo que sua vocação o chamava ao claustro, e que sua natureza harmonisava com a solidão do estudo, professou na ordem dos Eremitas de Santo Agostinho: na sociedade civil não havia carreira livre, — ao menos a religião appresentava o retiro das com-

muidades monasticas, e n'ella a alma se expandia, e se nutria com esse amor puro, ideal, e sublime, que substitue a patria, e a liberdade.

Começou a popularisar-se o nome de José de Sancta Ritta Durão pelo pulpito; seus sermões attrahiam-lhe sympathias, chamavam-lhe admiradores, creavam-lhe amigos: suas opiniões porém, em prol da Companhia de Jesus, e avéssas ás ideias geraes e correntes do seculo, e do povo, trouxeram-lhe algumas indisposições, bastantes intrigas, e immensos dissabores.

Para livrar-se de semelhantes contratemplos, deliberou seguir viagem para a Hespanha, e para a Italia, e conservar-se por alguns annos ausente de Portugal: nos principios do anno de 1762 levou sua deliberação a effeito.

Governava Portugal D. José I, ou antes seu ministro, o Marquez de Pombal: no anno de 1759 tinham sido, por decreto real, desnaturalizados, e expulsos do territorio Portuguez, todos os Jesuitas membros da Companhia de Jesus: no anno de 1761 presenciára o povo de Lisboa o espectáculo do garroteamento, e queima do celebre Jesuita Gabriel de Malagrida.

Dirigia os destinos da Hespanha Carlos III, successor de Fernando VI: predominava El-Rey Luiz XV de França com decidida influencia sobre o gabinete de Sancto Ildefonso; arrastou-o á guerra contra a Inglaterra, formando o celebre pacto da familia Bourbon; e como Portugal não assentisse ás propostas de mutuo concurso, entre

D. Carlos III e D. José I, o primeiro dirigido por seus ministros, Marquezes de Aranda e de Florida Bianca, e o segundo pelo seu ministro, o Marquez de Pombal, declarou-se também a guerra; o Marquez de Sarria e o Conde de O'Reilly entraram com o exercito hespanhol em terras de Portugal; chegou então em soccorro de D. José I o Conde de Lippe para reorganisar o exercito portuguez, e collocar-se á sua frente, em defesa do territorio Lusitano.

José de Sancta Ritta Durão, que se achava na Hespanha, percorrendo alegremente as bellas cidades da Andalusia, e que, como peregrino, e descuidado, errava de um para outro lugar, admirando as gentilezas e obras dos cavalheirosos Arabes, que haviam imprimido por toda a parte d'aquella romantica terra monumentos indelevelis de sua gloria, e avançada civilisação, achou-se em solo inimigo, na occasião de se encetarem as hostilidades entre as duas visinhas corôas; suspeito de espia, foi preso, encarcerado, e habitou o castello de Segovia, até que, pelo tratado de 10 de Fevereiro de 1763, assignado em Pariz, se terminou a guerra fatal e assoladôra, que tantos estragos causara por mar e por terra a todas aquellas nações, que n'ella haviam tomado parte.

Abandonou a Hespanha, apenas restituído á liberdade, e chegou a terras da Italia: para um religioso era paiz de paz, de segurança, e de estudo; para um litterato era um solo de delicias. Em Roma passou José de Sancta Ritta Durão

dozes annos de sua vida; assistiu á morte do papa Clemente XIII, e á exaltação do seu successor, João Vicente Ganganelli, sob o nome de Clemente XIV: viu e admirou todas estas bellezas de Roma, que não tem mais nome, e toda a pompa das modernas bellezas, que não podem offuscar as antigas: relacionou se com Victor Alfieri, com João Pindemonti, com Melxior Cesarotti, e Francisco Soave; entreteve intimidade com João Baptista Casti, José Parini, Pedro Verri, Cesar Beccaria, e Caetano Filangieri; foi amigo do prégador dominicano Antonino Vallecchi, e de muitas celebridades italianas da sua época: a Italia, e Roma especialmente, fallavam-lhe sempre á memoria, em toda a carreira de sua vida; susurravam-lhe amorosamente em seus sonhos, e, ainda na avançada idade, lhe traziam á imaginação reminiscencias poderosas, e sublimes, que elle confessava serem os mais puros e bellos prazeres, que poderia obter.

Em 1771 regressou para Portugal: estava em toda a apothecose de seu poderio e de sua grandeza o Marquez de Pombal; seus inimigos vencêra; e seus desejos todos realisára: artes, commercio, industria, agricultura, sciencias, letras, de tudo se occupou o animo elevado do grande ministro.

A universidade de Coimbra, em 1772, encetou a pratica de novas reformas, que lhe dera o Marquez de Pombal; foi nomeado seu rector D. Francisco de Lemos de Azeredo Coutinho,

natural do Rio de Janeiro, e varão de eminentes virtudes, e abalisados conhecimentos (*); José de Santa Ritta Durão propoz-se ao concurso de oppositor em theologia; e foi a quem coube recitar a oração de sapiencia na abertura dos cursos de 1778: esta oração, escripta em latim (**), segundo a formula usada, contém importantes noções de historia e de litteratura; matisa-se com flôres de poesia, e adorna-se de eloquentes descrições, e pinturas delicadas: passa, no seu genero, entre os professores da universidade, por uma das mais bellas e melhores orações de sapiencia, que se tem pronunciado.

Quando concebeu elle a ideia do seu poema — Caramurú —, quando o começou, e quando o terminou ignora-se inteiramente; o que passa por certo é que pelos annos de 1780 e 1781 andava José de Santa Ritta Durão occupado na sua composição: e, comquanto, como é de supôr, muitas outras poesias escrevesse, si bem que se perderam inteiramente, porque nem-uma, á excepção do mencionado poema, chegou a ser publicada, parece incontestavel todavia, que era n'elle que trabalhava o poeta, porque logo depois o fez imprimir, e sahir á luz.

Não sobreviveu muito tempo José de Santa Ritta Durão á publicação d'este importante mo-

(*) Nasceu no Rio de Janeiro, e na freguezia de N. S. de Marapicú, termo hoje da villa de Igua sú.

(**) Josephi Duram, Theologi Conimbriensis O. E. S. A. pro annua studiorum instauratione oratio.

numento litterario, que levantou a seu amor de patria; quasi ao terminar o anno de 1783 acabou José de Sancta Ritta Durão sua terrestre existencia, expirando na cidade de Lisboa, no Hospicio do Colleginho, pertencente á Graça, e alli mesmo, proximo aos degrãos da capella mór, se lhe abriu a sepultura, para receber o deposito do seu corpo.

§ 2.º

Antes de analysarmos as bellezas do poema — Caramurú —, convem profundamente pesquisar, e estudar a existencia historica de Diogo Alvares, conhecido por esse nome, e que é o heróe do poema.

O padre Simão de Vasconcellos (*), sem minuciar data alguma, falla de um Diogo Alvares, que seguindo viagem para a India, em uma náu portugueza, e soffrendo desgraçado naufragio nas costas da Bahia de todos os Sanctos, fôra o unico Europeu, que se salvára de ser comido pelos gentios Tupinambás, mettendo-lhes sustos com o estrondo do tiro de uma espingarda, que de bordo trouxera: accrescenta, que depois de alguns annos de residencia entre os gentios, avistando um navio francez, para elle se fugira Diogo Alvares, e o acompanhára uma gentia, com

(*) Chronica da Companhia de Jesus, 1663.

quem se casára na cõrte de Pariz, servindo-lhes de testemunhas ao consorcio, e de padrinhos ao baptismo da bella indiana, os proprios reys francezes: falla no regresso dos dous esposos para a Bahia, fretando occultamente navio francez, em trôco de carregamento de páu-brazil.

Francisco de Britto Freire (*) assevera tambem a existencia d'este Europeu entre os gentios da Bahia, escapo de naufragio tormentoso em uma viagem para S. Vicente; reconta seus amores com uma indigena das mais fermosas, sua viagem com ella á França; e acompanha a tradiçãõ do seu baptismo, do seu casamento em Pariz, e do seu regresso á Bahia, declarando por fim, que sabendo El-Rey D. João III, por intermedio de Pedro Fernandes Sardinha, que estudava em Pariz na occasiãõ em que lá chegaram Diogo Alvares e sua mulher, dos successos, que alli se passaram, nomeara a Francisco Pereira Coutinho donatario da Bahia, e lhe ordenára partisse incontinente a tomar posse da capitania.

Sebastião da Rocha Pitta (**) menciona os nomes de Henrique II de Valois, e de Catherina de Medicis, que haviam sido padrinhos de Diogo Alvares e de sua mulher, quando estiveram em França; e das mesmas fontes, que os chronistas seus antecessores, extrahe os materiaes historicos de tão importante acontecimento.

(*) Guerra Brasilica, 1670.

(**) America Portugueza — 1730.

Antonio de Sancta Maria de Jaboaão (*), depois de seguir as mesmas pisadas de Simão de Vasconcellos, de Francisco de Britto Freyre, e de Sebastião da Rocha Pitta, na generalidade da historia, appresenta o anno de 1516 como a época do naufragio de Diogo Alvares na Bahia, e o de 1524 como aquella, em que elle fôra á França em uma náu franceza, que apparecêra navegando por aquelles mares: conta tambem que em occasião, em que Martim Affonso de Souza apportára na Bahia, seguindo viagem para a India, Diogo Alvares baptisára muitos filhos, e casára duas filhas: os mesmos acontecimentos são referidos por Bernardo Pereira Berredo (**), e por Frey Vicente de Salvador (***).

Será verdadeira toda a historia? Será tambem toda phantastica? Ou ha n'essas circumstancias minuciadas pelos auctores, como em muitas lendas de outras nações, um fundo verdadeiro, com ornatos de imaginação, um ponto real da historia revestido de poeticas côres de romancistas?

É a nossa esta terceira opinião; como nos primeiros tempos de todas as nações, ha acontecimentos, que a tradição guarda, e passa de pais a filhos, e que com o andar dos tempos, vão calando no animo do povo, doirados pelo mara-

(*) Orbe Seraphico — 1758.

(**) Annaes historicos do Estado do Maranhão — 1749.

(***) Santuario Marianno — 1735.

vilhoso espirito da época, e desenvolvidos pela phantasia dos homens; tal tem sido a marcha da historia de Diogo Alvares, appellidado pelos indigenas — Caramurú —; a ficção tomou posse d'elle, a poesia creou-lhe aventuras romanescas; mas Diogo Alvares existiu, como existiu Carlos Magno, como existiu Rodrigo de Bivar, e como existiu Romulo.

Comprovemos sua existencia com documentos irrecusaveis.

Pero Lopes de Souza (*) descrevendo a viagem que fizera seu irmão Martim Affonso de Souza á Bahia de Todos os Sanctos, no anno de 1531, declara que havia alli encontrado a um Portuguez vivendo ha 22 annos, e em paz, com os indigenas, o qual dava razão larga de tudo o que havia na terra.

Gabriel Soares, na sua muito importante obra intitulada — Roteiro do Brazil — (**), falla de Diogo Alvares, Caramurú, que o donatario Francisco Pereira Coutinho achára na Bahia, e que muitos e valiosos serviços lhe prestára, durante as luctas, que teve de supportar contra os Tupinambás, e que ainda vivia, em companhia de numerosa familia, quando em 1549 chegou, e tomou conta da capitania, Thomé de Souza, o primeiro governador nomeado, servindo então Diogo Alvares de interprete, e de conciliador entre os Portuguezes e os gentios.

(*) Roteiro de Pero Lopes de Souza.

(**) Roteiro do Brazil, ou Descripção Geographica da America Portugueza — 1587.

Antonio Herrera (*) assevera que a João Mori appareceu em 1535 na Bahia um Portuguez, que alli residia ha 25 annos.

O padre Balthasar Telles (**) sustenta que depois da morte do donatario Francisco Pereira Coutinho, foram Diogo Alvares e seus genros os povoadores da Bahia.

Como negar-se a testemunhos tão diversos, e ao mesmo tempo tão concordes? Que existiu Diogo Alvares entre os Tupinambás, é facto incontestavel; que a época da sua chegada á Bahia regula pelo anno de 1510, parece muito provavel; mas que conceito se deve dar á apregoada viagem, que fizera á França, e ás aventuras da sua querida esposa, que apóz elle se atirou ao mar, para o acompanhar?

Teria logar esta viagem antes do anno de 1515? Reinou até esta época em França Luiz XII, casado em 1499 com Anna de Bretanha. Seria do anno de 1515 até o de 1537? Reinou em França Francisco I, e a rainha era filha de Luiz XII. E não temos as declarações uniformes de Antonio Herrera, de Pero Lopes de Souza, para nos certificarmos que elle vivia desde 1510, pouco mais ou menos, entre os Tupinambás, e que não falam de semelhante viagem, que de certo teriam mencionado, si se tivesse realisado? E para maior prova emfim contra a veracidade d'ella nem dos

(*) Decada 5.^a, liv. 8, cap. 8 — Annaes.

(**) Chronica da Companhia de Jesus, liv. 3.

fastos da França, nem das mais circumstanciadas chronicas francezas, se colhe a minima noticia d'este successo, que aliás, n'aquella época e occurrencia, de certo teria merecido as honras de menção, e de menção muito especial: a França ambicionava as novas terras, que os Portuguezes e Hespanhóes haviam descoberto e conquistado; copia immensa de navios francezes atiravam-se sobre as costas do Brazil, commerciavam com os gentios, animavam-nos contra os Portuguezes, carregavam o páu-brazil, e isto logo alguns annos apóz o descobrimento: Christovam Jacques, Luiz de Mello da Silva, Pedro Lopes de Souza, e Martim Affonso de Souza, batteram e apprisionaram muitos navios francezes: como um acontecimento tão prehe de consequencias vantajosas para a corôa franceza, tal como a viagem á França de Diogo Alvares e de sua mulher, personagens a quem attribue a tradição a honra de terem por padrinhos os monarchas reynantes da França, não seria aproveitado pelo seu governo, e o que é mais, passaria desaperecebido nas chronicas francezas?

A tradição e a poesia dos chronistas portuguezes dão ainda como reys de França, na época da tão romanesca viagem de Diogo Alvares áquelle reyno, a Henrique II e sua mulher Catherina de Medicis, quando Henrique II subiu ao throno, por morte de Francisco I, em 1547, e d'esta época em diante sôra impossivel a viagem de Diogo Alvares, porque desde os annos de 1531 começou

o Brazil a ser systematicamente povoado pelos Portuguezes, e de 1537 em diante, com mais ou menos fortuna, fundou o donatario da Bahia, Francisco Pereira Coutinho, suas povoações e estabelecimentos, e na sua morte, tomando El-Rey posse da capitania, a mandou governar por Thomé de Souza, estando authenticamente demonstrado que, em todo este tempo, Diogo Alvares e sua familia coadjuvaram os Portuguezes, serviram-lhes de interprete para com os gentios, e procuraram sempre harmonisar os Portuguezes com os seus hospedes antigos.

É para nós portanto evidente que Diogo Alvares, dés-que naufragou na Bahia, no correr do anno de 1510, ahi residiu, adoptou muitos costumes dos indigenas, ahi muito se prestou aos Portuguezes, quando começaram a fundar seus estabelecimentos; ahi muito serviu aos Jesuitas, quando encetaram a cathequização dos gentios, e ahi morreu, deixando extensa prole, e em avançada idade.

Mas tambem temos por fabulosa a sua apregoada viagem á França, seus successos e casamento n'este reyno, e seu regresso glorioso á terra da bella Paraguassú, que trocára o nome pelo de Catherina, sinão de lembrança particular de Diogo Alvares, ao menos, e talvez como rasão plausivel, em attenção á raynha de Portugal D. Catherina, mulher de D. João III, que governou desde 1521 até 1557.

Mas quem era, e de onde provinha Diogo

Alvares?—Eis uma questão indecisa, e que nem-uma das chronicas, e nem-um dos documentos impressos ou manuscriptos, que temos examinado, resolvem cabalmente.

Para Sebastião da Rocha Pitta era Diogo Alves filho da cidade de Vianna de Portugal, e descendia de nobre linhagem: para os padres Simão de Vasconcellos, e Balthasar Telles, Diogo Alves nascera em Portugal, e de desconhecida origem; o padre Antonio de Santa Maria Jaboatão, Francisco de Brito Freyre, Frey Vicente do Salvador, e Bernardo Pereira Berredo não se deram a averiguações sobre este ponto: mas uma carta, que Pero do Campo Tourinho, donatario da capitania do Forto Seguro, em dacta de 18 de Julho de 1846, escreveu a El-Rey de Portugal, a qual existe no archivo da Torre do Tombo (*), falla de serviços importantes prestados aos Portuguezes da Bahia por Diogo Alvares, o gallego: outras cartas dos primeiros Jesuitas, que vieram ao Brazil, tratam tambem a Diogo Alvares como gallego: como porém esta denominação não tivesse em Portugal sentido tão restricto, e fosse uso geral intitular-se gallegos quer os naturaes da Gallisa, provincia da Hespanha, quer os mesmos Portuguezes das provincias do Minho, e limitrophes da Gallisa, presumivel é que nascesse elle em Vianna do

(*) O Sr. Francisco Antonio de Varnhagen, laborioso litterato Brasileiro, foi quem descobriu, e publicou esta importante carta.

Minho. O que no entretanto continúa inteiramente coberto de trevas, é o destino da viagem, que elle seguia, e qual o navio em que ia embarcado, quando, pouco mais ou menos no anno de 1510, naufragou na Bahia de Todos os Santos.

É este Diogo Alvares, o Caramurú, que fórma episodio brilhante e romanesco na historia do Brazil; é este Diogo Alvares, cuja existencia tanto tem enthusiasmado os poetas, e foi o heróe do bellissimo poema, que escreveu José de Santa Ritta Durão; tornou-se para as chronicas brasileiras tão celebre personagem, como o rey Arthur para as chronicas inglezas, o Cid de Andaluzia para as hespanholas, e Carlos Magno e seus paladinos para as francezas.

§ 3.º

As formulas do poema — Caramurú — são imitativas da epopea antiga; Homero escreveu a sua Iliada e a sua Odisséa; Aristoteles extasiou-se diante d'esta ordem admiravel, e d'este perfeito systema de composiçãõ: ficou portanto servindo de typo, e de fundamento: Virgilio seguiu-lhe as pizadas, e imitou a Iliada com a sua Eneida: Quintiliano sanccionou taes formulas, traçou-lhes o circulo, e prohibiu toda a marcha, que tentasse ultrapassa-lo: nos tempos mais appro-

ximados á nossa época, dous genios, eguaes aos auctores da Odisséa e da Encida, Luiz de Camões e Torquato Tasso, obedeceram ás regras estabelecidas e aceitas, e subordinaram-se aos dictames de seus predecessores.

Ainda que sejam bem differentes os assumptos d'estes poemas epicos, devidos aos quatro engenhos de que fallamos, dos objectos de que na Hespanha e em Portugal trataram outros poetas, como Jeronymo Corte-Real, Alonzo de Ercilla, José de Santa Ritta Durão, Hyppolito Sanz, Mouzinho de Albuquerque, Lourenço Zamora, José Basilio da Gama, e Francisco de Mosquera, porque os *Lusiadas*, a *Jerusalém libertada*, a *Encida*, a *Iliada*, e a *Odisséa* são verdadeiros objectos da epopea, e do poema heroico e geral; e o *Caramurú*, o *Affonso Africano*, a *Numantina*, o *Uruguay*, o *Araucana*, a *Mathea*, a *Saguntina*, e o *Naufragio de Sepulveda*, são assumptos de ordem secundaria, não geral, mas especial, não heroicos, antes cavalheirosos; formando perfeita harmonia com os romances, na sua feitura e desenvolvimento intrinseco, e só differençando-se pelas vestes exteriores, e pelo estylo da prosa ou do verso; todavia as formulas da epopeia antiga, tão preconizadas por todos os censores, foram admittidas nas modernas litteraturas, para toda a especie de narração, historia, chronica, romance ou poema escripto em verso; o mesmo Luiz Ariosto, que elevou á maior altura o genero phantastico, seguiu no seu poema o sys-

tema da epopea grega; Dante Alighieri foi o unico poeta, que quiz levar a originalidade do seu engenho á materia intrinseca de sua obra, e ás suas formulas exteriores.

O poema do Caramurú é a historia de Diogo Alvares, começando o poeta pelo naufragio, em que sossobrou a náu, em que se embarcára; segue a tradição, quanto ao meio de que u-ou para salvar-se, dando tiros de espingarda, e aterrorisando os gentios Tupinambás; conta seus amores com a bella Paraguassú, por quem despresára muitas outras indigenas, que o procuravam; pinta o apparecimento de um navio francez por aquelles mares tão pouco trilhados, as emoções, que sente Diogo Alvares palpitar, quando o avista de terra; e a deliberação que toma de abandonar os gentios, e voltar com Paraguassú á Europa; Moema e outras indigenas, que o amavam, atiram-se ao mar apoz elle; Moema morre no seio das ondas; as outras volvem sentidas e lacrymosas; a náu franceza leva á França o ditoso par, que na côrte de Pariz, reynando Henrique II e Catherina de Medicis, é acolhido com toda a pompa; o rey e a rainha fazem baptisar Paraguassú, que toma o nome da sua real madrinha, e servem-lhe de testemunhas ao consorcio; não querendo Henrique II consentir em que se dir ja Diogo Alvares para Portugal, elle freta occultamente um navio, e regressa com sua esposa Bahia, aonde desembarcam no meio do alvoroço e regozijo, que causa entre os gentios volta tão

inesperada: descreve então o poeta um sonho, que teve Paraguassú, e que lhe patenteou a historia do Brazil nos tempos futuros, a expulsão dos Francezes, a edificação da cidade do Rio de Janeiro, o exterminio dos Hollandezes, e as victorias de Pernambuco: termina o seu poema com a chegada do governador Thomé de Souza, a quem se sujeitam todos os gentios.

O plano geral pois não tem grandes bellezas; os acontecimentos não são subitos, inesperados, originaes; José de Santa Ritta Durão não teve trabalho de concebe-lo, e de largamente organisa-lo; achou-o feito nas tradições, encontrou-o escripto nas chronicas do seu tempo, dividiu-o em partes, encerrou cada uma parte em seu canto, e ornou cada canto com certo numero de oitavas em versos rimados.

Na concepção pois, e belleza do plano geral do seu poema não primou José de Santa Ritta Durão; sua imaginação era brilhante e bella, appropriava-se porém mais aos detalhes; aperfeiçoava melhor, e mais delicadamente desenvolvia um episodio, do que uma obra completa.

Quanto não seria superior o seu poema, si elle alargasse o campo, que escolhera, e nos pintasse as primeiras guerras do donatario Francisco Pereira Coutinho com os gentios Tupinambás? Que bellezas não encontraria no contraste das povoações indianas com as dos Europêos, n'essas pazes, que celebravam, e que eram guerras, e n'essas guerras que sustentavam, e que devoravam o

valor de tantos briosos cavalheiros, que haviam conquistado nome honroso nos combates com os Malabares?

Nos episodios porém, e nos detalhes, com quantas descripções admiraveis nos mimoseia José de Santa Ritta Durão! Que bellos versos, que elegancia de estilo, que sentimento de linguagem, que pincel delicado! Como nos apparecem reaes e vivos os barbaros costumes das nações de gentios, guardando e tratando com todo o cuidado a seus prisioneiros de guerra, engordando-os com bons manjares, felicitando-os com todos os delcites da vida, e quando é vinda a occasião, reunindo-se os indigenas, trazido o prisioneiro para o logar do sacrificio, atacado por aquelle, que teve missão de mata-lo, e ali mesmo, divididos e repartidos seus restos por entre todos os que concorreram á festa! Como o terrivel Gupeva reconta tão fielmente as crenças e leys dos povos indigenas! Como se batem os guerreiros gentios com suas tacápes, ao enthusiasmo das inubias, animados pelas vozes dos Pagès! Como quasi todas as nações dos indigenas do Brazil são descriptas, apresentadas e analysadas, formando um vasto e animado quadro! Como as terras, os animaes e as plantas merecem do poeta embellezadas pinturas e amorosas endeixas!

Que importa que no desenvolvimento da sua historia appareçam anachronismos? Que importa que a geral concepção não agrade aos avidos e

curiosos desejos de emoções, de aventuras romanescas e continuadas, de peripecias imprevistas e inesperadas? O poema — Caramurú — encerra episodios verdadeiramente bellos e admiraveis, descripções originaes e poeticas; e revela, com toda a luz da verdade, o entusiasmo patriotico, que animava o poeta que o escreveu.

§ 4.º

Para nos convenceremos melhor das bellezas do poema — Caramurú —, é de necessidade fazer-se citações de alguns trexos; o que ha de mais original, e de mais perfeito do que esta descripção da morte do prisioneiro?

— « Qual si da Lybia pelo campo estende
O mouro caçador um leão vasto,
Em longa nuvem devora-lo emprende
O sagaz coryo sempre attento ao pasto,
Negro parece o chão, negra, onde pende
A planta, em que do sangue explora o rasto;
Até que avista a prêsa, e em chusma vòta,
Nem deixa parte que voraz não rôta,

Tal do caboclo foi a furia infanda,
E o fanatismo, que na mente o cega,
Faz, que tendo esta acção por veneranda,
Invoque o grão Tupá, que o raio emprega:
No meio vê-se, que mil voltas anda,
O eleito matador, como quem préga,
A brandos, exhortando o povo insano
A ensopar toda a mão no sangue humano.

Á roda, á roda a multidão fremente
 Com gritos corresponde á infame ideia;
 Enquanto o fero, em gesto de valente,
 Bate o pé, fere o ar, e um páu maneia:
 Ergue-se um e outro lenho, onde o paciente
 Entre prisões de embira se encadeia;
 Fogo se accende nos profundos fossos
 Em que se torrem com a carne os ossos.

Dentro de uma estacada extensa, e vasta,
 Que a numerosa plebe em torno borda,
 Entram os principaes de cada casta
 Com bellas plumas, onde a côr discorda:
 Outros, que a greuha tem com feral pasta
 Do sangue humano, que aõ matar, transborda,
 Os negromantes, são; que envão conjuro
 Chamam as sombras desde o Averno escuro.

Companheiras de officio tão nefando
 Seguem de um cabo a turma, e de outro cabo
 Seis turpissimas velhas, aparando
 O sangue seu um leve menoscabo:
 Tão feias são, que a face está pintando
 A imagem propriissima do Diabo;
 Tinto o corpo, em verniz todo amarello,
 Rosto tal, que a Medusa o faz ter bello.

Tem no collo as crucis sacerdotisas,
 Por conta dos funestos sacrificios,
 Fios de dentes, que lhes são divisas
 De mais ou menos tempo em taes officios:
 Gratas ao Céu se crêem, de que indivisas
 Se inculcam por tartareos maleficios;
 E em testemunho do mister nefando
 Nos seus côcos com faças vem tocando. » —

Um dos mais lindos episodios é a historia da

estatua, que o joven Fernando reconta a seus companheiros, accompanhando-a com seus harmoniosos da cithara, e obrigando-os assim a esquecer os perigos, que os rodeiam: um religioso naufrago no Brazil caminhava por entre brenhas desertas, quando encontra em lucta de derradeira agonía a um desgraçado indigena; o religioso anima-o, chama para Deus esta alma, que se vai separar do corpo, — baptisa-o, como a religião o permite em apertados transes, — ouve-o, que se confessa, e que denuncia puro e leal coração, vida inteira de paz, e de bondade; a benção celeste desce sobre o misero agonisante, que, nos ultimos suspiros agradecidos, se transforma em estatua de pedra, que se assenta na ilha do Corvo, d'onde mostra o Brazil ao curioso Europeu. Quanta poesia, quanta imaginação não prova este brilhante episodio?

E inferior lhe não é entretanto outro episodio pittoresco do poema, quando narra a historia da bella Moema, que morrendo de amores por Diogo Alvares, e vendo-o abandonar a terra, e embarcar-se na náu franceza, que o deve levar á Europa, atira-se ás ondas irritadas do oceano, em demanda da náu, e do amante que lhe foge; chega a agarrar-se-lhe ao leme, a arrastar-se-lhe apóz a feira de espuma, que a accompanha, mas:

— « Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
 Pallida a côr, o aspecto moribundo,
 Com mão já sem vigor, soltando o leme,
 Entre as salsas espumas desce ao fundo. » —

Muitos outros diversos e magníficos episodios appresenta o poeta, tão verdadeiros e energicos, como aquelles, de que temos fallado, e que manifestam variedade de pinturas, e diversidade de descripções; os da estatua, e de Moema, são doces, melancolicas, tocantes, fallam ao coração, e deixam-lhe emoções gratas e suaves; a pintura da Sanctissima Virgem, que em visão apparece á bella Paraguassú, fôrma com as duas descripções antecedentes um trio admiravel; os episodios de guerras, de combates, de luctas sanguinarias, que sustentam os gentios uns contra os outros, encerram bellezas imitativas de Dante Alighieri, e alvoroçam o animo, e o enthusiasmo.

— « Mas quando tudo com terror fugia,
 O bravo Jacaré se lhe pôe diante;
 Jacaré, que si os tigres combatia,
 Tigre não ha, que lhe estivera avante:
 Treme de Jararaca a companhia,
 Vendo a forma do barbaro arrogante,
 Que com pelle coberto de panthera,
 Ruge com mais furor, que a propria fera.

Avista-se um com outro: a massa ardente
 Deixam cahir com barbaro alarido;
 Corresponde o clamor da bruta gente,
 E treme a terra em roda do mugido:
 Aparou Jacaré no escudo ingente
 Um duro golpe que o deixou partido;
 E enquanto Jararaca se desvia,
 Quebra a massa no chão, com que o batia.

Nem mais espera o Gaché furioso,
 E qual onça no ar, quando destaca
 Arroja-se ao contrario impetuoso,
 E um sobre outro co'as mãos peleja ataca:
 Não pôde discernir-se o mais forçoso;
 E sem mover-se em torno a gente fraca,
 Olham, luctando os dous, no fero abraço,
 Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

Porém enquanto a lucta persistia,
 No sangue em terra lubrico escorrega
 O infeliz Jacaré; mas na porfia
 Nem assim do adversario se despega:
 Sobre o chão um com o outro às voltas ia;
 E qual o dente, qual o punho emprega,
 Até que Jararaca um golpe atira,
 Com que, rota a cabeça, o triste expira.»

A marcha das nações gentias, que vem combater os Tupinambás, por haverem acolhido Diogo Alvares, é desenhada com côres elevadas, e características.

— « Dez mil a negra côr trazem no aspecto
 Tinta de escura noite a fronte impura;
 Negreja-lhes na testa um ciato preto,
 Negras as armas são, negra a figura:
 São os feros Margates, em que Alecto
 O averno pinta sobre a sombra escura;
 Por timbre nacional cada pessoa
 Rapa no meio do cabello a corda.

Cupaiba, que empunha a feral maça,
 Guia o bruto esquadrão da crua gente,
 Cupaiba, que os míseros, que abraça,
 Devora vivos na batalha ardente;
 À roda do pescoço um fio enlaça,

Onde, de quantos come, enfia um dente;
Cordão, que em tantas voltas traz cingido,
Que é já mais que cordão longo vestido.

Sambambaia outra turma conduzia,
Que as aves no frexar tão certa véxa,
Que nem voando pela etherea via,
Lhe erravam tiro da volante fréxa:
Era de pluma o manto, que o cobria;
De pluma um cinto, que ao redor se féxa:
E até grudando as plumas pela cara,
Nova especie de monstro excogitára.

O bom Sergipe aos mais confederado
Comsigo conduzia os Pittaguares,
Que havendo pouco d'antes triumphado,
Tem do dente inimigo amplos collares;
Seguem seu nome em guerras decantado
De gentes valorosas dez milhares
Que do ferreo madeiro usando o estoque,
Disparavam com balas o bodoque.

Nem tu faltaste alli, grão Peciáva,
Guiando Carijó das aureas terras;
Tú, que as folhetas de oiro, que te ornava,
Nas margens do teu rio desenterras;
Torrão, que do seu oiro se nomeava,
Por crear do mais fino ao pé das serras;
Mas que feito emfim baixo e mal presado
O nome teve de oiro inficionado.

Em guerreiras columnas, feroz gente,
Que no horror da figura assombra tudo,
Trazem por armas uma massa ingente,
Tendo de duro lenho um forte escudo:
Frexas e arco no braço omnipotente,
Nas mãos um dardo de pau-sancto agudo;

Sobre os hombros a rêde, á cinta as cuyas;
Tal era a imagem dos crueis Tapuyas. »

Nem-um espectáculo ha mais bem desenhado,
mais vivo, mais animado; é um exercito de di-
versas nações, que o leitor vê marchar, diante
de si, — cada uma com suas armas, suas vestes,
e seus usos; — é um quadro perfeito, colorido, e
real: apóz esta pintura dos gentios, a descripção
de uma aldeia dos Tupinambás deleita a vista, e
agrada o ouvido.

— « No Reconavo ameno um posto houve
De troncos immortaes cercado á roda,
Trincheira natural, com que impedia
A quem quer penetra-lo a entrada toda:
Um plano vasto no seu centro abria,
Aonde edificando á patria moda,
De troncos, vasos, ramos, vimes, canas,
Formavam, como em quadro, oito cabanas.

Qualquer d'ellas com môle volumosa
Corre direita em linhas paralellas;
E mais comprida aos lados, que espaçosa,
Não tem paredes, ou columnas belias:
Um angulo no cume a faz vistosa,
E coberta de palmas amarellas
Sobre arvores se estriba altas, e boas,
De seiscentos cipaz, ou mil pessoas.

Qual o velho Noé na immensa barca,
Que a barbara cabana em tudo imita,
Ferozes animaes provido embarca,
Onde a turba brutal tranquilla habita:
Tal o rude Tapuya na grande arca,
Ali dorme, ali come, e ali medita;

Ali se faz de humano, e de amor mole,
Alimenta a mulher, e affaga a prole. »

E supposto que muita poesia espalhe José de Santa Ritta Durão no seu poema, as scenas, que desenha, e as descripções, que pinta, são tão verdadeiras, que a sua obra é a mais completa, e a mais bella chronica dos usos, leys, religião, e costumes dos povos indigenas do Brazil: o amor da patria o moveu à empresa, como ingenuamente o declarou no prefacio; o seu ingenho a embellesou por tal arte, que é uma das melhores môdernas composições, que possui a lingua portugueza; a patria e a lingua lhe pagam, guardando indelevel e gloriosa a sua memoria.

XII

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO.

§ 1.º

O general Gomes Freyre de Andrade administrava com o título de governador e capitão general a capitania do Rio de Janeiro, as capitanias do sul do Brazil, e as duas novas de Goyaz, e de Matto-Grosso e Cuyabá, que, por provisão de 9 de Maio de 1748, haviam sido creadas, desmembrando-se o seu territorio da capitania de São Paulo, quando nasceu, na cidade do Rio de Janeiro, procedente de uma das melhores familias, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, quasi ao acabar do anno de 1748.

Encetou seus estudos no collegio dos Jesuitas, como quasi que toda a mocidade da época; tomou no Rio de Janeiro o gráu de mestre em artes, que elles davam aos seus alumnos examinados, e approvados em todos aquelles ramos, que constituem actualmente os estudos secundarios, ou preparatorios da instrucção superior: dirigiu-se

depois para Coimbra, e cursou as aulas da faculdade de Canones.

Foi seu amigo e protector, um Jesuita celebre, o padre Manuel de Macedo, que, com a desnaturalisação da companhia, se passára para a congregação de São Felippe Nery, de Lisboa (*); a elle deve Ignacio José de Alvarenga Peixoto lições uteis, coadjuvação leal, e sincera e particular amizade.

Bacharel formado em canones, obteve immediatamente Ignacio José de Alvarenga Peixoto, pelo empenho do seu protector e compatriota, ser despachado juiz de fóra de Cintra, e serviu este logar pelo espaço de tres annos, tempo, que cabia aos juizes de fóra de então: desejando regressar á sua patria, aonde deixára familia, parentes e amigos, que tanto presava e eslimava, recebeu nomeação de ouvidor para a comarca do Rio das Mortes, na capitania de Minas Geraes.

Foi o anno de 1776 aquelle, em que chegou ao Rio de Janeiro Ignacio José de Alvarenga Peixoto; administrava o Brazil o Vice-rey marquez do Lavradio, com o qual se travou de amizade, e que tanto venerou, que lhe offereceu uma

(*) O padre Manuel de Macedo nasceu no Rio Grande do Sul, para as bandas da colonia do Sacramento, em 1726: doutorou-se em canones em Coimbra, ensinou theologia em Lisboa, e foi poeta, literato, e prégador de fama, e varão muito respeitado; publicou poesias, elogios historicos, e diversos sermões: falleceu em Lisboa.

traducção sua da tragedia — Merope — de Scipião Maffei, que tanta fama gozava em toda a Italia: o Vice-rey, que era apaixonado de poesia, folgou de achar tanto engenho em Ignacio José de Alvarenga Peixoto, appreciou sua bella traducção, e animou-o a desenvolver seu talento em composições originaes e novas.

Ignacio José de Alvarenga Peixoto seguiu para sua comarca: foi magistrado integro e illustrado; a justiça não tinha para elle duas faces; a ley não se prestava a diversas interpretações; ao pobre, ao rico, ao poderoso, e ao infeliz encarcerado, ouvia, deferia com egual rectidão, e nem para com um mais do que para com outro prescendia do rigor da legislação; nos momentos, em que repousava de suas obrigações, entregava-se á poesia, e passava alegremente os dias da existencia: a poesia é um balsamo consolador, que doira a vida. — mitiga as dôres, — e rodeia o pensamento de um sem-numero de illusões, que o arrancam da realidade: de São João d'El-Rey enviou Ignacio José de Alvarenga Peixoto ao seu amigo, marquez do Lavradio, entre diversas composições poeticas, um drama em verso, original, e muito gabado pelos litteratos da época, com o titulo de — Eneas no Lacio —, o qual desgraçadamente se perdeu.

Minas teve encantos para Ignacio José de Alvarenga Peixoto; findou seu tempo de ouvidor da comarca, renunciou a carreira da magistratura, e conservou-se em São João d'El-Rey: casou-se por fim, e se dedicou todo á paz dos prazeres

domesticos, retirando-se para uma fazenda, e lavras, que lhe couberam em dote, e occupando-se exclusivamente nos trabalhos da mineração.

Foi nomeado pela sua reputação, e pelas suas riquezas, coronel de cavalleria de milicias da campanha do Rio Verde, e como este emprego lhe não roubava o tempo dos seus affazeres particulares, accitou-o, e dignamente o exerceu.

Mas a tranquillidade e a alegria de sua vida deviam desaparecer: o mundo é theatro de variadas scenas; e o expectador tem de passar infalivelmente pelas suas diversas mutações; quando Joaquim José da Silva Xavier, José Alves Maciel, Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Domingos Vidal Barboza, e o tenente coronel Francisco de Paula Freyre de Andrade, combinaram separar a capitania de Minas do governo portuguez, formar d'ella uma republica independente, e proclamar a liberdade, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, com elles ligado de ha muito tempo em estreita amizade, não duvidou acquiescer a seus intentos: tornou-se logo um dos principaes chefes, e participou de todos os planos para levar a effeito a revolução premeditada (*).

Preso entretanto com seus amigos, recolhido primeiramente á cadeia de Villa-Rica, e logo depois enviado para o Rio de Janeiro, ninguem

(*) Na vida de Thomaz Antonio Gonzaga acharão os leitores a historia minuciosa d esta premeditada revolução.

guem mais do que elle devia lamentar seu destino fatal, e as grandes perdas, que soffrêra.

Era excellente consorte, pai carinhoso; e abandonava esposa e quatro filhinhos, todos innocentes, de tenra idade; e — de seus braços queridos se via arrebatado para respirar o habito empestado dos carceres, para povoar, com os malfciteiros e assassinos, o malfadado logar, que se reserva aos crimes.

O accordam de 18 de Abril de 1792 da Relação em alçada assim se exprimiu a seu respeito.

— « Mostra-se quanto ao réo Ignacio José de Alvarenga Peixoto, coronel do 1.º regimento auxiliar da campanha do Rio Verde, ser um dos chefes da conjuração, assistente em todos os conventiculos, que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, nos quaes insistia que se cortasse a cabeça do governador de Minas, e se encarregou de apromptar para o levante gente da campanha do Rio Verde, como consta da devassa de Minas, e confessa o réo a fl. 10 do appenso n.º 4, que quando em um dos conventiculos se lhe encarregou que apromptasse gente da campanha, elle recommendava aos mais socios fossem bons cavalleiros. Mostra-se mais que tendo o réo conferido com o réo Claudio Manuel da Costa sobre a fôrma da bandeira e armas, que devia ter

a nova republica, expoz seu voto em um conventiculo, dizendo que devia ser — um genio quebrando as cadeias, e a letra — *libertas qua scro tamen* —, como consta do appenso n.º 1.º, e o confessa o réo a fl. 11 do appenso n.º 4.º, dizendo que elle e todos os que se achavam presentes acharam a letra muito bonita; sendo este réo um dos que mostravam mais empenho, e interesse, em que tivesse effeito a rebellião, resolvendo as duvidas, que se propunham, como fez a José Alves Maciel e ao conego Luiz Vieira, que dizia que havia pouca gente para a defeza da nova republica, e o réo respondeu-lhes que bastava metter-se em Minas polvora, sal e ferro para dous annos, animando assim o réo aos conjurados..... E condemnam o réo Ignacio José de Alvarenga Peixoto, a que com barazo e pregão seja conduzido pelas ruas publicas ao logar da forca, en'ella morra morte natural para sempre, e depois de morto lhe seja a sua cabeça pregada em posto alto no logar mais publico da villa de São João d'El-Rêy, até que o tempo a consuma; declaram a este réo infame, e infames seus filhos e netos, e os seus bens por confiscados para o fisco e camara real. » —

Felizmente que o segundo accordam de 2 de Maio de 1792 demorou-lhe ainda o termo da

vida, commutando-lhe a pena de morte pela de degredo perpetuo para o presidio de Ambáca, nos sertões de Angola.

Tinha então Ignacio José de Alvarenga Peixoto quarenta e quatro annos de idade: e era-lhe preciso deixar em miseria sua mulher, e seus filhinhos, e curvados sob o peso de infames, pelo accordam fatal, que se devia executar! De que lhe servira salvar a vida, si a vida tanto perderia elle no cadafalso, como nos torridos arcões, e nas pestilentas selvas, para onde o remettiam, e para onde não podia levar nem mulher, e nem os miseros e innocentes filhos! — Melhor fôra mesmo para elle morrer, como morreu Joaquim José da Silva Xavier.

O presidio de Ambáca o recebeu, não o mesmo Ignacio José de Alvarenga Peixoto, na força varonil, de presença alegre, de rosto sereno e bello, de olhos vivos, e perspicazes; mas — um velho carregado de cãs, — curvado de dôres, e soffrimentos, e — mais proprio do sepulchro, do que da vida; como a Ludovico Sforza de Milão (*), como a Maria Antonietta, rainha de França (**), em uma só noite, n'aquella que se seguiu ao dia da sentença cruel, os cabellos se lhe mudaram de côr, e de castanhos, que eram, tornaram-se

(*) Ludovico Sforza perdeu seus estados em 1499, e foi prisioneiro de Luiz XII de França.

(**) Maria Antonietta, mulher de Luiz XVI de França, como elle guillotizada.

repentinamente brancos; as grandes dôres metamorphoseam repentinamente tudo, semblante, cabellos, intelligencia (*); e não de susto, que animoso era elle, — que tudo declarou perante seus juizes, e jamais declinou a responsabilidade de seus actos; mas — de sentimento forte, profundo, interno, que lhe acabrunhou corpo, alma e entendimento!

E não bastava ainda o seu misero estado no presidio; lançado nos sertões incultivados, e nos immensuraveis desertos, o governador de Angola temeu ainda d'elle, e as dôres, que ja soffria, e as perseguições, de que foi ainda rodeiado, — lhe foram desatando os laços da existencia, quebrando-lhe as prisões da terra, e — levando-o á mansão celeste dos justos.... Poucos mezes supportou de degredo; a morte o terminou, quando raiava o anno de 1793!

§ 2.º

Ignacio José de Alvarenga Peixoto escreveu odes, sonetos e poesias; suas odes não são alta-

(*) Diz Lord Byron, no bello poema do — Prisioneiro de Chillon —

My hair is gray, but not with years,
Nor grew it white
In a single night,
As men's have grown from sudden fears.

nadas e atrevidas como o vôo d'aguia, ou grandiloquas e soberbas como as inspirações de Antonio Pereira de Souza Caldas; seus sonetos não tem o delicado pensamento, e o matiz primoroso dos sonetos de Claudio Manuel da Costa; suas poesias ligeiras não correm musicalmente, como a harmonia suave e tocante dos versos de Thomaz Antonio Gonzaga; mas nas suas poesias ligeiras, nos seus sonetos, e nas suas odes ressumbra o estro doirado de uma ditosa e candida imaginação; revelam-se as qualidades de um vate de vida tranquilla, e de inspirações melodiosas; apparece uma ryma facil, corrente e sonora; Ignacio José de Alvarenga Peixoto não se assemelha com o saudoso Bernardim Ribeiro, e menos com o doce Diogo Bernardes; mas tem parecenças de irmão com Antonio Ferreira, e com Antonio Ribeiro dos Santos.

Entre as suas odes primam a que dirigiu á rainha D. Maria I.^a, a que dedicou ao Marquez de Pombal, e a que compoz em honra e gloria da universidade de Coimbra, aonde bebera instrucção, e á qual pagava seu tributo de agradecimento: qualquer d'ellas contém linguagem pura, corrente e facil; — metrificacção feliz, e perfeita; — pensamentos dignos e elevados; — ideias copiosas de verdadeira e poetica inspiração.

Assim se dirige o poeta a D. Maria I.^a

— « Invisiveis vapores

Da baixa terra, contra os Céos erguidos,

Não offuseam do sol os resplendores.

Os padrões erigidos
 Á Fé Real nos peitos Lusitanos
 São do primeiro Affonso conhecidos.
 A nós, Americanos,
 Tocca levar, pela rasão mais justa,
 Do throno a Fé aos derradeiros annos.
 Fidelissima Augusta,
 Desentranhe riquissimo thesouro
 Do cofre Americano a mão robusta ;
 Si o Tejo ao Minho, e ao Douro,
 Lhe aponta um Rey em bronze eternisado,
 Mostre-lhe a Filha eternisada em ouro.
 Do throno os resplendores
 Façam a nossa gloria, e vestiremos
 Barbaras pennas de vistosas côres.
 Para nós só queremos
 Os pobres dons da simples natureza,
 E seja vosso tudo quanto temos.
 Sirva á Real Grandeza
 A prata, o oiro, a fina pedraria,
 Que esconde d'estas serras a riqueza.
 Ah! Chegue o feliz dia,
 Em que do novo mundo a parte inteira
 Acclame o nome Augusto de Maria.
 Real! Real Primeira!
 Só esta voz na America se escute;
 Veja-se tremular sua bandeira!

Rompa o iustavel sulco
 Do pacifico mar na face plana
 Os galeões pesados de Acapulco.
 Das serras da Araucána
 Desçam nações confusas, differentes.

.
 Si o Rio de Jaueiro
 Só a gloria de ver-vos merecesse,

Já era vosso o mundo novo inteiro!

.....
 Póle a Tartarea Grega
 A luz gozar da Russiana Aurora;
 E a nós esta fortuna não nos chega?
 Vinde, Real Senhora!

.....
 Vai, ardente desejo,
 Entra humilhado na Real Lisboa,
 Sem ser sentido do invejoso Tejo;
 Aos pés Augustos vòa,
 Chora, e faz que a mãe compadecida
 Dos saudosos filhos se condõa.

.....
 O Principe sagrado
 Do pão de pedra, que domina a barra,
 Em colossal estatua levantado;
 Veja a triforme garra
 Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,
 Que o irritado sudoeste esbarra:
 E veja glorioso
 Vastíssima extensão de immensos mares,
 Que cerca o seu imperio magestoso;
 Honrando nos altares
 A mão, que o faz ver de tanta altura
 Ambos os mundos seus, ambos os mares:
 E a fé mais sancta e pura
 Espalhada nos barbaros desertos,
 Conservada por vós firme e segura! —

De certo que grandes bellezas encerra esta ode, bellezas de dicção, e bellezas de pensamento, que o bom gosto aprecia, e a memoria guarda. Não lhe é inferior a outra ode que Ignacio José de Alvarenga Peixoto dirigiu ao marquez de Pombal:

depois de pintar a fama dos guerreiros, que avassallam povos, incendiam cidades, acabam com nações poderosas, e por onde passam — só deixam estragos, destroços, sangue e cadáveres, o poeta exclama para o marquez de Pombal :

— « Grande Marquez, os satyros saltando
 Por entre as verdes parras,
 Defendidas por ti de estranhas garras;
 Os trigos ondeiando
 Nas fecundas seáras;
 Os incensos fumando sobre as aras;
 A nascente cidade;
 Mostram a verdadeira heroicidade.
 Os altos cedros, os copados pinhos,
 Vão romper pelo mar novos caminhos:
 E em vez de sustos, mortes e desmaios,
 Damnos da natureza,
 Vão produzir e transportar riqueza.
 O curvo arádo rasga os campos nossos,
 Sem turbar o descanso eterno aos ossos:
 Fructos do teu suor, do teu trabalho,
 São todas as empresas;
 Unicamente á sombra de Carvalho
 Descansam hoje as quinas portuguezas,
 Que importam os exercitos armados,
 Si sendo por mão dextra manejada
 Vence mais a politica que a espada?
 Que importam tribunaes e magistrados,
 Asylos da innocencia,
 Si podessem temer-se, declarados
 Patronos da insolencia?
 De que serviram tantas
 Tão saudaveis leys, sabias e sanelas,
 Si em vez de executadas

Forem por mãos sacrilegas frustradas?
Mas vives tu, que para o bem do mundo
Sobre tudo vigias,
Cansando o teu espirito profundo
As noites, e os dias:
Ah! quantas vezes, sem descanso uma hora,
Vês recostar-se o sol, erguer-se a aurora,
Em quanto voves, com cansado estudo,
As leys, e a guerra, e o negocio, e tudo!
Vale mais do que um reyuo um tal vassallo!
Graças ao grande Rey, que soube acha-lo! —

E quantas poesias eroticas exquisitas, delicadas e primorosas escreveu Ignacio José de Alvarenga Peixoto! As odes, que analysámos, bastariam para guardar seu nome, e firmar sua reputação de poeta; outros generos porém cultivou com o mesmo esmero, cuidado e felicidade; não obteve unicamente saborosos fructos de arvores frondosas; colheu tambem em bellos jardins flôres perfumadas e multicôres: quanto é lindo o retrato, que pintou de Anarda, da sua adorada? — Tem as graças de Marilia de Thomaz Antonio Gonzaga, os olhos de Laura de Francisco Petrarca, os ademans gentis da Angelica de Luiz Ariosto, e o porte esbelto e faceiro de Nice do abbade Metastasio — tem o colorido de Raphael d'Urbino, o sentimentalismo de Antonio Corregio, e alguma cousa de candido e puro, como as composições de Bartholomeu Murillo, e de Paulo Veronezo, ou de alegre e doce como a Psyché de Antonio Canova.

— « A minha Anarda
Vou retratar,

Si a tanto a arte
Puder chegar,
Trazei-me, Amores,
Quanto vos peço;
Tudo careço,
Para a pintar.

Nos longos fios
Dos seus cabellos
Ternos disvelos
Vão-se enredar,
Trazei-me, Amores,
Das minas d'ouro
Rico thesouro
Para os pintar.

No rosto a idade
Da primavera,
Na sua esphera,
Se vê brilhar,
Trazei-me, Amores,
As mais viçosas
Flôres vistosas
Para o pintar.

Quem ha, que a testa
Não aine, e tema,
De um diadema
Digno logar?
Trazei-me, Amores,
Da selva Idalia
Jasmins d'Italia
Para a pintar.

A frente adornam
Arcos perfeitos,

Que de mil peitos
Soem triumphar.
 Trazei-me, Amores,
 Justos niveis,
 Subtis pinceis
 Para a pintar.

A um doce aceuo
Settas a molhos
Dos brandos olhos
Se vêem voar.
 Trazei-me, Amores,
 Do sol os raios,
 Fieis ensaios,
 Para os pintar.

Nas lisas faces
Se vê a aurora,
Quando colora
A terra e o mar.
 Trazei-me, Amores,
 As mais mimosas
 Pudicas rosas
 Para as pintar.

Os meigos risos
Com graças novas,
Nas lindas covas,
Vão-se ajuntar.
 Trazei-me, Amores,
 Os pinceis leves,
 As sombras breves.
 Para os pintar.

Vagos desejos
Da boca as brazas
As frageis azas
Deixam queimar.

Trazei-me, Amores,
 Coraes subidos,
 Rubins polidos
 Para a pintar.

Entre alvos dentes
 Postos em ala
 Suave fala
 Perfuma o ar.

Trazei-me, Amores,
 Nas conxas claras
 Perolas raras
 Para os pintar.

O collo, Atlante,
 De taes assombros
 Airosos hombros
 Corre a formar.

Trazei-me, Amores,
 Jaspe a mãos cheias,
 De finas veias
 Para o pintar.

Do peito as ondas
 São tempestades,
 Onde as vontades
 Vão naufragar.

Trazei-me, Amores,
 Globos gelados,
 Limões nevados,
 Para o pintar.

Mãos crystallinas,
 Roligos braços,
 Que doces laços
 Promettem dar!

Trazei-me, Amores,

As assucenas,
Das mais pequenas
Para as pintar.

A delicada,
Gentil cintura,
Toda se apura
Em se estreitar.

Trazei-me, Amores,
Ancias, que fervem,
Só ellas servem
Para a pintar.

Como esta poesia diversas outras compoz Ignacio José de Alvarenga Peixoto, gentis, e enamoradas, bellas e cheias de ternura; seu talento é modesto, delicado, limpido, e fa- ceiro; seus versos revelam o fundo de sua alma candida, pura e amorosa; seus sentimentos são do homem de bem, e suas composições do homem de engenho.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

En el día de hoy se ha continuado con el trabajo de
 limpieza y saneamiento de las bóvedas de la nave
 central, así como de las capillas laterales. Se ha
 procedido a la eliminación de las manchas de
 humedad y a la restauración de los frescos que
 se encuentran en las zonas afectadas.

Dado en Sevilla a los 15 días del mes de Mayo de 1925.

INDICE.

Prefacio.	vij
I. Jorge de Albuquerque Coelho.	1
II. Padre José de Anchieta. § 1.º	17
» » » § 2.º	27
» » » § 3.º	39
» » » § 4.º	52
» » » § 5.º	61
III. Antonio Pereira de Souza Caldas. § 1.º	69
» » » » § 2.º	83
» » » » § 3.º	96
» » » » § 4.º	103
IV. Frey Francisco de São Carlos. § 1.º	110
» » » » § 2.º	115
» » » » § 3.º	126
V. José Basilio da Gama. § 1.º	137
» » » » § 2.º	150
VI. Thomaz Antonio Gonzaga. § 1.º	167
» » » » § 2.º	175
» » » » § 3.º	185
» » » » § 4.º	195
VII. Alexandre de Gusmão.	207
VIII. Claudio Manuel da Costa. § 1.º	225
» » » » § 2.º	287

IX. Antonio José da Silva, § 1.º	253
" " " § 2.º	261
" " " § 3.º	268
X. Gregorio de Mattos, § 1.º	275
" " " § 2.º	285
XI. José de Sancta Ritta Durão, § 1.º	297
" " " " § 2.º	302
" " " " § 3.º	310
" " " " § 4.º	315
XII. Ignacio José de Alvarenga Peixoto, § 1.º	323
" " " " " § 2.º	330

FIM DO INDICE.

EMENDAS.

Pagin.	Linhas.	Erros.	Emendas.
3	4	Salvador, em seu manuscrito	Salvador, em um manuscrito
3	4 da nota	com outro Portuguez	com outro Portuguez, chamado João Ramalho.
6	3 da nota (*)	1560	1550
6	4	depois da palavra prosa	Este poeta é auctor de varias obras de merito, como — Dialogos das Grandezas do Brazil — com noções corographicas e scientificas, e de um Poema — Prosopoeia — que em 1601 publicou.
10	27	que vai calando	que vão calando
15	3	augmentava	augmentasse
15	4	moralisava	moralisasse
15	28	desde que	des que
22	15	absoluta e illustrada	absoluta e illimitada
24	11	Marrocos e Tunis	Marrocos e Tangere
34	20	o unico	que o unico
46	25	consequiu	consequiu dos altivos Tamoyos, que jamais se cathequisaram.
55	1 da nota	Igreja dos Jesuitas	Igreja de S. Sebastião.
55	2 da nota	Na mesma Igreja	Na Igreja visinha dos Jesuitas
59	6 da nota	Antonio	Adolpho.

61	20	procurára	procurava
63	17	4712	4812
63	18	essa	esta
64	24	á ella	para ella
101	7	tenra	terna
108	6	engenho	patriotismo
110	10	novamente creada	novamente creada Pro- vincia
170	6	do interior, o meio	do interior, e que era o meio
173	18	a quem o terror	a quem o temor
182	ultima	occupava	occupára
190	1	ainda, foi	ainda foi,
195	21	pena	penna
200	4	perigos, que alegravam;	perigos, que anteveja,
228	9	muito tempo	por muito tempo
241	23	estranhas, si estão pre- sentes!	extranhar, si estão pre- sentes
242	10	Faz: que gyre	Faz, que gyre
246	25	despresar	despreso
255	17	colhera; foi	colhera. Foi
259	7	varia de sentido	vasia de sentido
263	9	Alcmene	Alcmena
270	19	com ellas	com ella
276	9 da nota	hespanhola	castelhana
279	3	commarca	termo
281	15	ornava	ornou
287	16	Martial	Marcial
289	31	iremos	veremos
291	3	olphato	olphatos
291	20	fanhosa	fanhona
295	10	recanilhas	recanilhas
309	5	Alves	Alvares
311	8	"	"
311	12	Mousinho de Albuquerque que	Mousinho Quevedo.
312	29	'esposa	espôsa a
336	ult.	poesias	poesias ligeiras

